

Università
Ca' Foscari
Venezia

Facoltà
di Lingue
e Letterature
Straniere

Corso di Laurea Magistrale
In Scienze del Linguaggio

Prova finale di Laurea

RAMUSIO E ULLOA TRADUTORES DAS *DÉCADAS*
DA ÁSIA (1552 - 1563) DE JOÃO DE BARROS

Relatore

Ch. Prof. Eugenio Burgio

Laureando

Dott. Francesco Gelati
Matricola 812644

Anno Accademico
2010 / 2011

SUMÁRIO

NOTA PRÉVIA	5
PRIMEIRA PARTE. Barros, Ramusio e Ulloa: as suas vidas e as suas obras	
I. João de Barros	11
II. <i>As Décadas da Ásia</i>	23
III. Giovanni Battista Ramusio e as <i>Navigazioni e Viaggi</i>	32
III.1 Nota biográfica	32
III.2 <i>As Navigazioni e Viaggi</i>	36
IV. <i>As Wahlverwandtschaften</i> entre Barros e Ramusio	39
V. Ramusio, as <i>Navigazioni e Viaggi</i> e Portugal	46
VI. Alfonso de Ulloa	62
SEGUNDA PARTE. Ramusio e Ulloa tradutores das <i>Décadas da Ásia</i>	
VII. Ramusio tradutor das <i>Décadas da Ásia</i>	71
VIII. Análise tipológica da tradução de Ramusio	80
VIII.1. Intervenções ao nível glotológico e lexical	80
VIII.2. Intervenções ao nível diegético	94
VIII.3. Intervenções técnicas	99
VIII.4. Escolhas gráfico-fonéticas	102
VIII.5. Conclusões	108
IX. Comparação entre as traduções de Ramusio e Ulloa	109
CONCLUSÕES	134

APÊNDICE. Análise da tradução ramusiana	137
1. Capítulo VIII.4	139
2. Capítulo IX.1	158
3. Capítulo IX.2	192
4. Capítulo X.1	201
NOTA BIBLIOGRÁFICA	221
Fontes	221
Abreviações utilizadas	224
Bibliografia	226

NOTA PRÉVIA

Neste trabalho pretendemos estudar a recepção na Veneza do século XVI das *Décadas da Ásia* de João de Barros (Viseu, 1496 (?) - Ribeira de Alitém, 1570). As únicas duas traduções existentes em italiano desta obra-prima da historiografia renascentista foram compostas na metade de Quinhentos por Giovanni Battista Ramusio (Treviso, 1485 - Pádua, 1557) e por Alfonso de Ulloa (Toro (?), 1530 ou pouco antes - Veneza, 1570).

Barros foi um humanista de interesses poliédricos, e aproveitou os conhecimentos adquiridos durante o seu serviço na Casa da Índia de Lisboa para descrever circunstanciadamente as navegações portuguesas. A *Ásia* consta de três décadas de completa autoria barrosiana, e duma quarta e última década que foi deixada por ele inacabada, e foi terminada só no século XVII por Diogo do Couto e por João Baptista Lavanha. A *Década primeira* saiu em Lisboa em 1552, a segunda saiu no ano seguinte, e a terceira em 1563. Cada década compreende dez livros, e cada livro um número variável de capítulos, que narram os «fectos que os Portugueses fizeram no descobrimento e conquista dos mares e terras do Oriente».

O interesse pelos descobrimentos, não só portugueses, foi intenso e constante em Ramusio, um humanista veneziano que dedicou a sua vida à redacção duma colectânea de textos diversíssimos (entre os quais: epístolas, tratados, derroteiros e autobiografias) que no seu conjunto descrevessem detalhadamente todas as terras recém-descobertas. Os três volumes das suas *Navigazioni e Viaggi* impuseram-se como o manual de referência: o primeiro, dedicado à zona de acção portuguesa, foi publicado em 1550; o terceiro, concernente o Novo Mundo, em 1556; o segundo, que tratava a Ásia continental, apareceu póstumo em 1559. Ramusio escreveu ele mesmo uns breves comentários e algumas, mais consistentes, dissertações, e traduziu para o toscano todos os textos que reperiu noutras línguas. Acrescentou ao primeiro volume, na ocasião da sua segunda edição de 1554, a secção que mais nos interessa: a *Dall'Asia del signor Giovan de Barros*, que, depois duma breve introdução, apresenta seis capítulos extraídos da *Ásia*. Trata-se

dos capítulos III.8¹, IV.7, VIII.4, IX.1, IX.2 e X.1 da primeira década, nos quais as façanhas bélicas deixam o lugar à descrição geográfica. Neste trabalho decidimos limitar o nosso interesse, entre os seis capítulos, aos últimos quatro, ou seja a partir do VIII.4.

Oriundo de Castela, e portanto de língua mãe espanhola, Ulloa estabeleceu-se em 1546 em Veneza, onde começou mais tarde a traduzir freneticamente do espanhol para o italiano e vice-versa, e a organizar edições para ambas as línguas. Publicou unicamente duas traduções do português para o italiano, e uma destas é a tradução integral de 1562 das *Décadas* primeira e segunda.

Não dedicámos, porém, o mesmo espaço a Ramusio e Ulloa: concentrámo-nos na tradução de Ramusio por a sua figura ter voltado recentemente a suscitar interesse no âmbito da filologia românica, principalmente graças a Fabio Romanini, cujo volume «*Se fussero più ordinate, e meglio scritte...*». *Giovanni Battista Ramusio correttore ed editore delle Navigazioni et viaggi* (Romanini 2007) constitui o ponto de partida das nossas reflexões. Romanini examina minuciosamente o Ramusio editor na III parte do volume (*Lessico e sintassi delle Navigazioni et Viaggi*), descrevendo os métodos de edição de textos italianos nos capítulos IV e V; concentra-se depois na edição dum texto traduzido pelo mesmo Ramusio do francês no capítulo VI (*Modalità traduttive francese-italiano*), capítulo que nos foi de fundamental importância pelas analogias existentes com o tópico que escolhemos. De grande ajuda foi-nos também o capítulo conclusivo *La lingua di Ramusio*.

Na primeira parte da obra, ou seja nos primeiros três capítulos, tentamos fornecer as noções biográficas indispensáveis: dispomos então em dois capítulos distintos Barros e as suas obras à luz da sua fértil produção literária, e pelo contrário tratamos num único capítulo Ramusio e as *Navigazioni* por serem dois tópicos extremamente interconexos. Nos capítulos quarto e quinto indagámos a relação existente entre as figuras de Ramusio e Barros, e as modalidades com as quais Portugal é referido nas *Navigazioni*. No capítulo sexto coloca-se por fim uma abordagem sintética a Alfonso de Ulloa.

A segunda parte abriga uma pesquisa filológica original que constitui o cerne do nosso trabalho. Tentámos de facto organizar proficuamente os dados obtidos na análise período por período de

¹ Este é o formato com o qual nos referimos aos vários capítulos neste escrito, onde III significa livro terceiro, e 8 indica o capítulo oitavo. Aproveitamos desta ocasião para precisar que numa formulação como III.8.15, o último número se refere à numeração progressiva dos períodos dum mesmo capítulo.

quatro dos seis capítulos traduzidos por Ramusio, ou seja dos capítulos VIII.4, IX.1, IX.2 e X.1. No capítulo sétimo demonstramos que estamos perante a uma tradução muito fiel, e no seguinte elaborámos uma análise tipológica das alterações introduzidas por Ramusio. Fornecemos depois o capítulo VIII.4 nas traduções de Ramusio e Ulloa, e demonstramos que Ulloa não se baseou na tradução de Ramusio, mas sim traduziu *ex novo*. O leitor pode por fim encontrar no apêndice a já referida comparação entre o texto barroso e a tradução ramusiana, limitadamente aos quatro capítulos referidos.

O nosso trabalho foi facilitado por as obras de Barros e Ramusio estarem disponíveis em suporte electrónico: o primeiro no CD² publicado pela Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, o qual repropõe o texto estabelecido por Hernâni Cidade³; o segundo está disponibilizado no web-site www.liberliber.it⁴. No que concerne a Ulloa, copiamos o capítulo VIII.4 da *Década I* a partir do exemplar C 137 C 103 SIN conservado na Biblioteca Nazionale Marciana de Veneza; a fim de facilitar a comparação entre Ulloa e Ramusio, transcrevemos Ulloa seguindo os mesmos cânones adoptados por Milanesi na sua edição⁵ de Ramusio.

² BARROS, João de, *Décadas da Ásia*, edição por Anabela Mourato, Nuno Camarinhas e Rita Garnel, Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1998.

³ BARROS, João de, *Ásia de João de Barros: dos feitos que os portugueses fizeram no descobrimento e conquista dos mares e terras do Oriente*, 6ª edição, actualizada na ortografia e anotada por Hernâni Cidade e com notas históricas finais por Manuel Múrias, Lisboa: Agência Geral das Colónias, 1945-1946.

⁴ Última consulta: 18/09/2011.

⁵ RAMUSIO, Giovanni Battista, *Navigazioni e viaggi*, edição por Marica Milanesi, Torino, 1978-88. Citado como *Navigazioni*.

PRIMEIRA PARTE.

BARROS, RAMUSIO E ULLOA: AS SUAS VIDAS E AS SUAS OBRAS

CAPÍTULO PRIMEIRO.

JOÃO DE BARROS

As fontes

Para reconstruirmos a vida do Lívio português, o melhor ponto de partida não deixa de ser, apesar dos séculos passados, Manuel Severim de Faria, erudito e bibliófilo de grande fama e de vasta cultura, talvez o mais douto português do seu tempo¹. De Faria interessam-nos sobretudo os *Discursos vários políticos*², uma colectânea publicada em 1624 que aborda vários temas: além das questões de grande actualidade como a transferência da sede da corte de Madrid para Lisboa, ou a defesa da integridade da justa Fé contra o (cripto-)Judaísmo, o autor insere também várias biografias de Cardeais e de literatos portugueses³. Nela presenciam seja Camões, seja Barros. A *Vida de João de Barros* aqui contida tem sempre sido o texto de referência, pois foi retomada inalterada no primeiro tomo da *Crónica do Imperador Clarimundo donde os Reis de Portugal descendem*⁴ de 1742 e no volume de introdução às *Décadas da Ásia*⁵ de 1778, onde se acha também um rico índice temático.

Manuel nasceu em Lisboa em 1584, filho de Gaspar Gil Severim, Escrivão da fazenda e Executor-Mor do Reino, mas cresceu em Évora, onde recebeu uma sólida educação pelo tio Baltasar, cónego e chantre da Sé. As suas origens nobres, a disponibilidade financeira da família e a alta consideração que esta tinha pelas humanidades facilitaram-lhe o acesso à universidade local, onde cursou até obter o título mais prestigioso, quer dizer o doutoramento em teologia. Em 1609 herdou do tio Baltasar, repentinamente passado a altos cargos na Cartuxa eborense, um

¹ Silva 2003, passim.

² FARIA, Manuel Severim de, *Discursos varios politicos por Manoel Severim de Faria Chantre, & Conego na Santa Sê de Euora*, Euora: impressos por Manoel Carvalho, impressor da Vniversidade, 1624.

³ Sousa et alii 2007, p. 170.

⁴ BARROS, João de, *Chronica do Emperador Clarimundo, donde os Reys de Portugal descendem, tirada de linguagem ungara por João de Barros*: e agora novamente accrescentada com a vida deste Escriitor por Manuel Severim de Faria, Lisboa: Na Officina de Francisco da Sylva, 1742. Reprodução fotográfica disponível no web ao endereço <http://purl.pt/6277/4>. Citada como *Crónica*. Edição moderna de referência: BARROS, João de, *Crónica do Imperador Clarimundo*, com prefácio e notas do Prof. Marques Braga, Lisboa, 1953.

⁵ BARROS, João de, *Da Asia de João de Barros, dos feitos que os Portuguezes fizeram no descubrimento, e conquista dos mares, e terras do Oriente*, Lisboa: Regia Officina Typografica, 1777-88 [Inclui também a *Década IV* de Diogo do Couto e João Baptista Lavanha]. Citado como *Décadas*.

banco no cabido arquiépiscopal, e as consequentes abundantes verbas, que destinou principalmente à construção duma das melhores bibliotecas da altura⁶. Em 1655 publicou a sua mais célebre obra, as *Notícias de Portugal*⁷ onde encontramos discursos sobre os mais variados temas, como a nobreza, as Universidades, a Evangelização, a carreira das naus e a peregrinação.

Como Baião propõe no seu prefácio⁸, é necessário confrontar as notícias de Faria com as informações contidas nos *Documentos inéditos sobre João de Barros : Sobre o escritor seu homónimo contemporâneo, sobre a família do historiador e sobre os continuadores das suas Décadas*⁹ publicados por Baião em 1917.

Juventude e o ingresso na Casa da Índia

João de Barros nasceu nos últimos anos do século XVI: Faria afirma em 1496, mas sem fornecer mais referências¹⁰. Muito provavelmente é de naturalidade viseense, pois Viseu é apresentada no *Panegírico da mui alta e esclarecida Infante Dona Maria Nossa Senhora*¹¹ como “a mãe que me gerou”¹². Embora a Infante fosse senhora e duquesa de Viseu, e não esquecendo a forte ligação que existia entre ela e o historiador, a expressão em causa não deixa de ser uma orgulhosa reivindicação das suas origens beirãs. Esta localização é confirmada pela presença em Viseu, na altura do nascimento, de Lopo de Barros, com grandes probabilidades o seu pai natural, vereador da cidade e, a partir do ano de 1499, corregedor da comarca de Entre-Tejo-e-Odiana e

⁶ Sousa et alii 2007, p. 169.

⁷ FARIA, Manuel Severim de, *Noticias de Portugal : ofrecidas a El Rey N.S. Dom João o IV. Por Manoel Severim de Faria : declaase as grandes commodidades que tem para crescer em gente, industria, comercio, riquezas, & forças militares por már, e terra : as origens de todos os appellidos, & as armas das familias nobres do Reyno : as Moedas que corrẽão nesta Provincia do tempo dos Romanos atè o presente : e se referem varios Elogios de Principes, & Varoens Illustres Portugueses*, Lisboa: na Officina Craesbeeckiana, 1655. Citada como *Nócias*.

⁸ Baião 1945.

⁹ Baião 1917.

¹⁰ Cfr. Faria in *Décadas*, vol. I, p. V.

¹¹ Editio princeps: BARROS, João de, *Panegírico da mui alta e esclarecida Infante Dona Maria Nossa Senhora*, in FARIA, Manuel Severim de, *Nócias*. Edição moderna de referência: Idem, *Panegíricos: panegírico de D. João III e da Infanta D. Maria*. Com prefácio e notas de Manuel Rodrigues Lapa, Lisboa: Sá da Costa, 1943. Citado como *Panegíricos*.

¹² *Panegírico da Infante Dona Maria* in *Panegíricos*, citado por Baião 1945, p. XX.

Alemdodiana¹³. Claro que, ao longo dos séculos, muitas outras cidades reivindicaram tão ilustre autor como seu filho: Faria nota como

Uns afirmam que é de Braga, confundindo (pode ser) seu nome com o do doutor João de Barros, autor da Descrição dentre Douro e Minho, que dela foi natural; outros o fazem de Viseu, onde seu pai foi morador, e ainda tem parentes, e alguns de Vila Real, e finalmente muitos o têm por natural de Pombal, porque aí teve sua fazenda e ali se retirou muitas vezes a uma quinta sua, e esta escolheu por vivenda na última velhice, que é o tempo em que os homens tornam com natural desejo a buscar a pátria para acabar, parece, o círculo da vida no ponto donde a começaram¹⁴.

Baião nota¹⁵ como a naturalidade pombalense seria inadmissível, dado que a quinta citada era de propriedade da sua mulher, e Vila Real também parece não ter grandes fundamentos¹⁶.

Nascendo numa família da média nobreza funcionária, teve acesso facilitado ao paço, onde começou a servir “da idade do jogo do pião”¹⁷. Ainda muito jovem, Barros foi escolhido por el-Rei D. Manuel para ser moço da guarda-roupa do delfim D. João, quase coetâneo do primeiro e filho do segundo. Barros escreve de facto na *Crónica do Emperador Clarimundo* que

por cima das arcas da vossa guarda-roupa, publicamente, como muitos sabem, sem outro repouso, sem mais recolhimento onde o juízo quieto pudesse escolher as cousas que a fantasia lhe representava, fiz o que o meu amor e o vosso favor ordenaram¹⁸.

Durante a sua juventude, teve a oportunidade de frequentar os Estudos Gerais de Lisboa, onde foi aluno do Bispo de Viseu, D. Diogo de Ortiz de Vilhegas, que lhe ensinou a gramática (ou seja os rudimentos do Latim) e o introduziu às Sagradas Escrituras. Após a morte do Bispo, é Luís Teixeira quem lecciona a língua grega; Barros recebeu de qualquer forma, segundo quanto afirma na *Ropica Pnefma*¹⁹, uma instrução sólida e completa, quer dizer abrangendo as sete disciplinas

¹³ Cfr. o documento arquivístico Lisboa, Arquivo da Torre do Tombo, Chancelaria de D. Manuel, livro 14, folio 19, ilustrado por Andrade 1980, p. 33

¹⁴ Faria in *Décadas*, vol. I, p. V.

¹⁵ Baião 1945, p. XIII.

¹⁶ Ibi.

¹⁷ Faria in *Décadas*, vol. I, p. VII.

¹⁸ “Prólogo feito depois desta obra impressa” in *Crónica*, p. I.

¹⁹ Editio princeps: BARROS, João de, *Ropicapnefma*, Lyxboa: por Germão Galharde, 1532. Edição moderna de referência: Idem, *Ropica Pnefma*. Leitura modernizada, notas e estudo de I. S. Révah, Lisboa: Instituto de Alta cultura, 1952-55. Citado como *Ropicapnefma*.

canónicas²⁰. Porém, nenhum dos seus filhos experimentou o ensino académico²¹: deste pequeno detalhe podemos compreender as principais características do seu pensamento: a mentalidade aberta e curiosa, a predileção pela experiência directa mais do que a especulação e uma incorregível abordagem poiética.

“De pouco mais de vinte anos de idade,”²² escreveu a *Crónica do Emperador Clarimundo* “pera servir vossa Alteza”²³ e leu a sua primeira obra a el-Rei D. Manuel em Évora em 1520²⁴. Trata-se duma composição multifacetada, que combina a novela de cavalaria com a crónica historiográfica e a narração encomiástica, duma experimentação literária na qual o autor tenta “afinar o estilo e assegurar a protecção régia para a futura escrita dos feitos dos portugueses na África, na América e na Ásia.”²⁵ A impressão do poema em 1522 foi o primeiro triunfo da sua rica produção literária e marcou a sua primeira afirmação como homem de letras. No mesmo ano, segundo Borges Coelho²⁶, Barros acompanhou o recém-nominado capitão de S. Jorge da Mina Brás de Albuquerque para a Guiné; Faria²⁷ afirma, pelo contrário, que a capitania tinha sido entregue ao futuro Lívio português, mas Baião²⁸ falsifica esta afirmação através da evidência documental, apresentando a unidade arquivística²⁹ da Nomeação de D. Afonso Brás de Albuquerque para a capitania de S. Jorge da Mina, datada 1522. Ali Barros permaneceu até 1525, ano em que regressou à capital, onde “lhe deu el-Rei em Maio de 1525 o ofício de tesoureiro da Casa da Índia, Mina e Ceuta, o qual serviu até Dezembro de 1528”³⁰. A Casa da Índia forneceu-lhe a bagagem de conhecimentos económicos, financeiros e mercantis que se reencontram na *Ásia*, obra que obviamente não seria imaginável sem esta fructífera estadia.

A Casa da Índia era a empresa régia, fundada em 1503 e situada no Paço da ribeira, que garantia o desembarque e a venda de mercadorias ultramarinas e que geria a navegação e o

²⁰ Lembra-se aqui *en passant* a articulação das artes liberais em Trivium: Gramática, Retórica, Lógica, e Quadrivium: Aritmética, Geometria, Astronomia, Música.

²¹ Coelho 1992, p. 23.

²² Faria no prefácio da *Crónica*, p. IV.

²³ “Prólogo sobre a trasladação” in *Crónica*, p. I.

²⁴ Baião 1945, p. XIV.

²⁵ Coelho 1992, p. 24.

²⁶ Coelho 1992, p. 26.

²⁷ Baião 1945, p. XV.

²⁸ Baião 1945, p. XVI.

²⁹ Lisboa, Arquivo da Torre do Tombo, Chancelaria de D. Manuel, livro 51, fólho 184 v., citado por Baião 1917.

³⁰ Faria no prefácio da *Crónica*, p. V.

comércio com o Além-Mar. Foi, desde a sua criação, a principal fonte de recursos régios e, na primeira metade do século, representava uma das mais surpreendentes concentrações de bens de alto valor monetário. Tinha inúmeras incumbências, desempenhando, entre outras, as funções de alfândega de Lisboa, e as de escritório central de contabilidade para as várias feitorias no exterior. O coração das actividades era obviamente representado pelas especiarias vindas do Oriente, que garantiam 76,6% das entradas pecuniárias³¹; mais, a Guiné abastecia-a de milhares de escravos, de ouro, de pedras preciosas e de outros metais, como estanho, latão e prata: a Casa da Índia, contendo também toneladas de trigo e cúmulos de pedras preciosas, era porventura o armazém mais cobiçado da Europa. Nos três anos e sete meses de actividade, Barros manejou mais de 800 milhões de réis³². Coelho nota, com franqueza e sinceridade, como “não era fácil dar conta destes montes de dinheiro, [...] sacos e sacos cuja contagem demorava por vezes mais de um dia”³³. O pessoal também era numeroso, contando: “um feitor, um tesoureiro do dinheiro, outro tesoureiro de especiaria, um juiz de balança, oito escrivães, vinte e nove guardas, um guarda dos livros, um apontador, um porteiro da porta, oito trabalhadores, e outros, que orçavam por setenta, que andavam a carga de urcas”³⁴.

A *Ropica Pnema* e a profundidade da sua mensagem

Ao abandonar o cargo de tesoureiro, Barros dedicou-se principalmente à sua Quinta da Ribeira de Alitém, perto de Pombal: note-se que nos seguintes cinco anos, pelos registos que hoje possuímos, efectuou 27 translações de compra de terra³⁵. Borges Coelho nota como Barros não foi “o único que investia na agricultura. O desenvolvimento do comércio marítimo e fluvial, o aumento da população de Lisboa e de outros centros urbanos, as massas urbanas embarcadas nas frotas permanentes favoreciam a agricultura, mesmo no Portugal interior, voltando-a para os mercados urbanos e internacionais”³⁶. A região pombalense era neste caso exemplar, pois já tinha

³¹Coelho 1992, p. 29.

³² Ibi.

³³ Ibi.

³⁴RODRIGUES DE OLIVEIRA, Cristóvão, *Lisboa em 1551 : sumário : em que brevemente se contêm algumas coisas assim eclesiásticas como seculares que há na Cidade de Lisboa*, Lisboa, 1987, p. 40 (Impressão anastática da *editio princeps* de 1551).

³⁵Coelho 1992, p. 30.

³⁶ Ibidem, p. 31.

abastecido nos séculos anteriores e continuava a abastecer com grande cópia os mercados olisiponenses de frutas, legumes e cereais. O latifundismo, além disso, garantia recursos económicos seguros e, sobretudo, em aumento constante: ao longo do século XVI, os preços das messes nunca pararam de crescer, por causa do défice alimentar, e sobretudo cerealífero, do qual sofria o Portugal continental.

Durante a estadia agreste, provavelmente em 1531, Barros escreveu a *Ropica Pnefma*, impressa por Germão Galhardo em 1532. Naquela altura, Lisboa mostrava as pragas do terrível terremoto que a assolou no dia 26 de Janeiro de 1531, que arrastou igrejas, palácios, milhares de prédios, e que causou uma terrível pestilência, tanto que a corte não demorou muito tempo para transferir-se para Évora. É de facto provável que a demorada permanência pombalina deva ser conectada com este flagelo, que desviou o debate religioso para posições mais marcadamente integralistas. Não sabemos se o terremoto chocou a sensibilidade do autor, aliás nem sabemos se o surpreendeu na capital ou se, dado que nunca fala do desastre, o colheu em forma edulcorada na sua quinta. Borges Coelho sublinha, em outro ponto, a atmosfera muito particular da altura: era ainda forte “o eco da pilhagem de Roma. As obras de Erasmo e Morus abalavam os edifícios do poder. As pregações de Lutero e Melanchton anunciavam uma Igreja nova.”³⁷

Como a *Crónica do Emperator Clarimundo* marca o (precoz) interesse de Barros pela história, a *Ropica* contém o outro grande tema que recorre constantemente na *Ásia*: a ortodoxia. A Mercadoria Espiritual, este o título se for traduzido do grego para o português, apresenta as prosopopeias do Entendimento, da Vontade e do Tempo que discutem contra a Razão. A Vontade e o Entendimento juntam-se ao Tempo para venderem a Mercadoria Espiritual sob a forma dos sete pecados mortais, vícios que foram adquiridos quando a Vontade e o Entendimento deixaram de seguir a Razão. O Tempo tem o papel de moderador, e então parece apresentar o ponto de vista do autor. O diálogo é uma obra de grande poder metafórico, e por isso pode ser considerada um dos vértices intelectuais do humanismo português; apesar disto, teve escassa circulação na altura, e foi só a partir do século XX que tem sido revalorizada, sobretudo graças à reedição organizada por I. S. Révah. Este foi primeiro a propor uma nova leitura: a *Ropica* é para ele um pamphlet destinado aos cristãos novos que procura afastar deles as suas crenças cripto-judaicas.

³⁷Coelho 1992, p. 35.

Talmage³⁸ precisa como “what is to be found is a sharp social criticism of the New Christians who are portrayed as otiose and predatory, despoiling the people and acting in collusion with the nobility and the clergy”³⁹. O futuro Lívio português, de facto, revela um tom sarcástico e moralizador, e, tanto na formulação quanto nas temáticas, inspira-se na sátira de Erasmo de Roterdão, o qual, aliás, foi sempre um modelo para Barros. O texto não se inspira somente em Erasmo e Morus, pois “mergulha mais profundamente no humanismo italiano do século XV”⁴⁰.

O autor não poupa as acusações, que, apesar da conclusiva apologia da doutrina cristã, atingem a Igreja também: “a hipocrisia está com a cabeça cheia de mitras e capelos que ganhou com o seu metido até aos olhos”⁴¹. A forte sátira social torna-se ainda mais evidente na denúncia do nicolaísmo, da simonia e do nepotismo, e na crítica de fidalgos e cortesãos que perseguem os monarcas à busca dum cargo lucrativo; Borges Coelho chega a afirmar que “aos trinta e cinco anos, algumas ideias heterodoxas fervilhavam[-lhe] na cabeça, entre elas a negação de qualquer Lei”⁴²: não nos surpreende o facto que a obra foi condenada pela inquisição e incluída no *Index* das obras proibidas no ano de 1581.

A definitiva afirmação artística e profissional

No Verão de 1533, no âmbito das celebrações para a inauguração do aqueduto eborense, Barros leu ao monarca o *Panegírico do Rei D. João III*⁴³. Trata-se duma obra de mediação, na qual o autor deixa na sombra as suas posições mais virulentas; as críticas à Igreja então desaparecem, e, pelo contrário, elogia o cuidado que el-Rei punha na “reformação das ordens, na veneração do culto divino e conservação da fé cristã”⁴⁴. Na obra “divisam-se duas partes distintas: breves pinceladas sobre cada rei, de D. Afonso Henriques a D. Manuel, e rápidos apontamentos sobre

³⁸Talmage 1981, pp. 265-285.

³⁹Ibidem, p. 276.

⁴⁰Coelho 1992, p. 76: Coelho refere-se à tratadística italiana, exemplificada por L.B. Alberti.

⁴¹*Ropicapnefma*, citada por Coelho 1992, p. 35.

⁴²Coelho 1992, p. 38.

⁴³ Editio princeps: BARROS, João de, *Panegírico d’el Rey D. Joam III* in FARIA, Manuel Severim de, *Noticias de Portugal escritas por Manoel Severim de Faria*, 2ª edição, acrescentada pelo Padre D. José Barbosa, Lisboa Occidental: na Off. de Antonio Isidoro da Fonseca, 1740. Edição moderna de referência: BARROS, João de, *Panegíricos: panegírico de D. João III e da Infanta D. Maria*. Com prefácio e notas de Manuel Rodrigues Lapa, Lisboa: Sá da Costa, 1943. Citado como *Panegíricos*.

⁴⁴ *Panegírico d’el-Rey D. João III* in *Panegíricos*, citado por Coelho 1992, p. 39.

terras e gentes de África e Oriente, que mostram à sociedade que, já antes de 1520, ele conhecia a história dos feitos nessas paragens”⁴⁵. O autor, além dos elogios paradigmáticos, aconselha ao seu amo uma linha de moderação e de responsabilidade, “uma linha que diríamos de sistema de governo [...]; neste sistema as leis boas devem zelar para que vassallos e cidadãos sejam respeitados e vivam sem perigo [...]; o ofício do rei obriga-o a cumprir as leis que ele próprio ordena, e a ouvir e despachar as partes”⁴⁶.

Este louvor não foi alheio de consequências, pois já em Dezembro el-Rei o nomeou feitor da Casa da Índia; Barros torna-se no “administrador principal da empresa de importação/exportação que controlava todo o comércio ultramarino,”⁴⁷ quer dizer todos os negócios da Mina e da Índia, de S. Tomé e Guiné⁴⁸. Entre as consequências mais imediatas, o nosso historiógrafo passou a ter um salário considerável, embora inferior ao dos seus homólogos predecessores, e então decidiu diversificar os seus investimentos. Comprou casas em Lisboa e quintas nos subúrbios de Lisboa, Coimbra e do Porto, mas sobretudo, graças à doação régia de duas capitanias no Norte brasileiro, fundou com Aires da Cunha, fidalgo recém-regressado do Oriente, e Fernão Álvares de Andrade, tesoureiro-mor d’el-Rei, uma sociedade para a colonização do Brasil. Estes “financiaram então a maior esquadra privada que deste reino para tão longe navegava. Constituíram-na 9 navios com cerca de 900 homens, dos quais 113 de cavalo. O objectivo de expedição era alcançar as fontes do ouro sul-americano. O seu modelo, as expedições espanholas de Cortez e Pizarro”⁴⁹. A expedição revelou-se um desastre, a armada dispersando-se pelas Antilhas. Em 1556, provavelmente sob insistência régia, enviou ao Brasil uma nova armada, capitaneada pelo seu filho Jerónimo: “se a primeira expedição foi desastrosa, a segunda também não surtiu o efeito desejado”⁵⁰ e, desta vez, “o feitor não conseguiu mais libertar-se das dívidas”⁵¹.

Os escritos gramaticais

⁴⁵ Andrade 1980, p. 57.

⁴⁶ Coelho 1992, p. 39.

⁴⁷ Coelho 1992, p. 41.

⁴⁸ Para uma descrição detalhada dos cargos do feitor da Casa da Índia, Coelho 1992, p. 42 e segg.

⁴⁹ Coelho 1992, p. 45.

⁵⁰ Baião 1945, p. XXXVIII.

⁵¹ Coelho 1992, p. 46.

A quarta década do século comporta importantes alterações sócio-culturais: o estabelecimento definitivo da Inquisição portuguesa e a chegada dos Jesuítas a Portugal contribuiram para a definição dum ambiente culturalmente mais rigoroso. Barros tem então que ter em conta o nascente espírito da Contra-reforma, e as obras destes anos abandonam a liberdade intelectual que vimos na *Ropica* a favor duma busca marcada de clareza, normatização e moderação. Publica então em 1539 a *Cartinha para aprender a ler com os preceitos da Santa Madre Igreja e os mistérios da Missa*⁵² e, no ano seguinte, o *Diálogo da viciosa Vergonha*⁵³ e a *Gramática da Língua Portuguesa*⁵⁴, que inclui o *Diálogo em louvor da nossa linguagem*⁵⁵. As quatro obras mencionadas constituem um único e compacto *corpus*, e fazem de Barros o segundo autor duma gramática do português e o “primeiro pedagogo interessado no ensino da língua portuguesa”⁵⁶; “mesmo não sendo gramático de formação, sua contribuição foi de grande valia para a imposição da Língua Portuguesa como identidade política e cultural de uma nação”⁵⁷.

Olhando de mais perto este *corpus*, vemos como: “a *Cartinha*, primeira parte do livro, tem como intenção a escolaridade, instaurando-se assim como primeiro livro didáctico; a *Gramática* apresenta-se como segundo livro, que articula as normas da língua portuguesa; os *Diálogos*, como exemplares de conclusão e de leitura, têm por intenção ‘doutrinar’ os alunos na fé e na moral vigentes na época.”⁵⁸ Note-se a invulgaríssima amplidão do projecto, que começa com a instrução de moços metropolitas e indígenas ultramarinos, cresce com um manual destinado às academias e termina com disputações eruditas de valor moral. De particular interesse é o *Diálogo em louvor da nossa linguagem*, editado por Stegagno Picchio, em virtude dos seus numerosos elementos classicizantes: a arquitectura tipicamente humanística, inspirada nos exemplos italianos (Bembo, Castiglione) mas sobretudo aos *Colloquia* erasmianos, “[a]l ciceronanesimo del suo autore [...],

⁵² BARROS, João de, *Cartinha para aprender a ler com os preceitos da Santa Madre Igreja e os mistérios da Missa*, Lisboa: per Luiz Rodriguez, 1539.

⁵³ BARROS, João de, *Dialogo da Viciosa Vergonha*, Olyssipone: apud Lodouicum Rotorigiu[m], 1540.

⁵⁴ BARROS, João de, *Grammatica da Lingua Portuguesa*, Olyssipone: apud Lodouicum Rotorigiu[m], Typographum, 1540.

⁵⁵ Edição moderna de referência: BARROS, João de, *Diálogo em louvor da nossa linguagem. Lettura critica dell'edizione del 1540 con una introduzione sulla questione della lingua in Portogallo di Luciana Stegagno Picchio*, Modena: Società Tipografica Modenese, 1959. Citado como *Diálogo*.

⁵⁶ Bastos et Casagrande 2006, p. 99.

⁵⁷ *Ibidem*, p. 104.

⁵⁸ *Ibidem*, p. 99 e seg.

[al]lo schema socratico del dialogo didascalico”⁵⁹. Vemos colocar um Pai, ou seja Barros mesmo, e um filho, “quell’Antonio già più volte nominato nella Grammatica e interlocutore pure degli altri dialoghi barrosiani”⁶⁰, os quais são contrapostos “non [...] dialeticamente ma gerarchicamente, in modo che la verità non abbia a generarsi dal contrasto fra i due, ma discenda infusa e senza possibilità di alternativa dal primo al secondo”⁶¹.

Se na *Ropica* tinha louvado a simplicidade e a antiguidade do Judaísmo, o *Diálogo Evangélico sobre os artigos da fé contra o Talmude dos Judeus*⁶² apresenta um Barros bastante diferente, preocupado em demonstrar, após os (passageiros) elogios ao Judaísmo, a sua ortodoxia: mudança provocada talvez também pelo novo *Zeitgeist*. Barros,

by depicting the two protagonists as Gospel and Talmud, has evidently tried to give his polemical work the structure of a dispute between two religions, rather than between two individuals or two races. [...] This is certainly not such a violent and sweeping attack on the Jewish values on the Old Testament as there was in *Ropica Pnema*. In this *Evangelical Dialogue*, Barros tries to prove the superiority of Christianity over Judaism by arguments drawn from the Old and the New Testament, from the Apocalypse and from various post-Biblical Jewish texts and Rabbinical writings. However, as Révah has conclusively shown, João de Barros’ knowledge of the Talmud was both fragmentary and inaccurate, apart from being at second or third hand⁶³.

O diálogo era significativamente destinado ao Infante D. Henrique, inquisidor-geral do reino, o qual porém não autorizou a publicação, e manteve-se então inédito até ao século XX. A recusa é provocada, ainda uma vez, pela abordagem personalíssima do autor, que foi um “daqueles poucos que ousaram advogar uma linha de diálogo e persuasão e não uma linha de repressão ao conversos”⁶⁴.

Em 1547 tinha ultimado o *Panegírico da Infante D. Maria*, da qual aprecia a vida frugal, exemplificada nos frequentes jejuns e orações, mas também a prática da música (paixão constante

⁵⁹ Stegagno Picchio in *Diálogo*, p. 91 e seg.

⁶⁰ Stegagno Picchio in *Ibidem*, p. 92.

⁶¹ Stegagno Picchio in *Ibi*.

⁶² Única edição: BARROS, João de, *Diálogo evangélico sobre os artigos da fé contra talmud dos judeus*. Manuscrito Inédito de João de Barros. Introdução e Notas de I. S. Révah, Lisboa: Livraria Studium Editora, 1950.

⁶³ Boxer 1980, p. 75.

⁶⁴ Coelho 1992, p. 50.

da casa real ao longo das várias dinastias portuguesas). A passagem mais interessante desta obra é, porém, o intenso, e até passional, elógio do saber:

Como navegaríamos as terras ignotas, que comércio, que notícia uma gente afastada por tantos intervalos de mar e de terra teria das outras, sem a ciência da Astronomia? Que comunicação ou que prestação das mercadorias haveria sem navegação? Como se edificariam navios, casas, templos e fortalezas, com suas máquinas, tão necessárias à vida e polícia dos homens, sem Arquitectura? Como se governariam as cidades, reinos e repúblicas sem a Filosofia moral? Como sem a Natural se exercitaria o uso da Agricultura, tão necessária à mantença dos homens? [...] E descendo ao particular das Artes Mecânicas, como nos aproveitaríamos delas, se não fosse por meio das Matemáticas? Como tivéramos a Música Prática sem a Especulativa? [...] Enfim, por que meio os homens comunicariam estas Ciências com os presentes e os futuros, sem as Letras⁶⁵?

Os últimos anos, entre orgulho e desilusões

A partir da sexta década do século, Barros torna-se o Tito Lívio português: em virtude dos vínculos de amizade e admiração recíproca que os ligavam, D. João III incumbiu-o em 1551 de escrever uma Crónica de D. Manuel. Se bem que Barros aceitou num primeiro momento, depois “veio a desempenhar-se por lhe não responderem com as mercês que um tamanho serviço merecia”⁶⁶. Foi então o seu amigo Damião de Góis que recebeu o cargo pelo Rei-Cardenal D. Henrique, e que levou ao cabo a composição da *Crónica do Felicíssimo Rei D. Manuel*⁶⁷. Barros, pelo contrário, não tinha qualquer compromisso régio com as *Décadas da Ásia* que, mesmo assim, se afirmariam como a obra prima da historiografia renascentista. A *Década I da Ásia*⁶⁸ saiu por Germão Galharde no dia 28 de Junho de 1552, e a segunda⁶⁹ foi acabada em 24 de Março do ano seguinte. A *Década III*⁷⁰ no entanto foi publicada por João de Barreira em 1563. Ao mesmo tempo,

⁶⁵ Panegírico da Infante Dona Maria in *Panegíricos*, p. 112.

⁶⁶ Andrade 1980, p. 72.

⁶⁷ GÓIS, Damião de, *Chronica do felicissimo Rey Dom Emanuel da gloriosa memoria, a qual por mandado do serenissimo Principe, o Infante Dom Henrique seu Filho, o Cardeal de Portugal, do Titulo dos Santos Quatro Coroados*, Lisboa: em casa de Francisco Correa, 1566-1567.

⁶⁸ BARROS, João de, *Asia de Joam de Barros, dos factos que os Portugueses fizeram no descobrimento e conquista dos mares e terras do Oriente*, Lyxboa: por Germão Galharde, 1552.

⁶⁹ BARROS, João de, *Segunda Decada da Asia de João de Barros, dos factos que os Portugueses fizeram no descobrimento e conquista dos mares e terras do Oriente*, Lyxboa: por Germão Galharde, 1553.

⁷⁰ BARROS, João de, *Terceira Decada da Asia de loam de Barros: Dos feytos que os Portugueses fizeram no descobrimento e conquista dos mares e terras do Oriente*, Lisboa: por loam de Barreira, 1563.

Barros continuava na Casa da Índia, onde exerceu o lugar de feitor até 12 de Agosto de 1567⁷¹, quando se reformou a seu pedido, por causa duma trombose que lhe afectou a boca. Retirou-se na sua quinta predilecta onde se dedicou à *Geografia*, talvez aos *Livros de Comércio*, até agora ambos perdidos, e à *Década IV da Ásia*, não ultimada.

Os últimos anos são caracterizados por forte desgosto e desilusão, que transparecem também no prólogo da *Década IV* (o prólogo é de facto a única parte do volume inteiramente atribuível a sua autoria). Não é difícil imaginarmos um Barros perseguido por críticas e credores, fraco e cansado, sofrente pelas repetidos ataques pessoais (era acusado, por exemplo, de “utilizar, na redacção da crónica, o tempo que pertencia à função do cargo público”⁷²) e pela derrota das suas actividades financeiras. Morreu na mais completa miséria no dia 21 de Outubro de 1570, com sintomas de apoplexia, e foi sepultado na capela da sua quinta. É interessante notar como no testamento, comoventemente, escreveu: “todos os meus papéis o tudo o que tenho escrito e composto deixo a ... lhe peço que trabalhe para vir à luz e istime tudo segundo o trabalho que me tem custado”⁷³. Barros “duvida[va], com boas razões, que o filho Jerónimo, filho certamente dedicado, pudesse lançar ombros à tarefa que se lhe pedia de dar luz aos seus escritos”⁷⁴. De qualquer forma, Jerónimo, filho predilecto após a morte de António, ficou a dirigir a casa paterna, mas, como veremos, não soube garantir nem a imediata publicação do espólio nem sequer a sua completa preservação. O tempo edace salvou a *Década IV*, último tomo duma obra que já tinha eco, como veremos, até ao nível internacional, mas desperdeu os outros autografos, tanto que não podemos saber com certeza que obras, e em qual estado, continham. Stegagno Picchio enumera “un *Tratado de Causas*, citato nel *Diálogo da Viciosa Vergonha*; un poema intitolato *Exclamação contra os Vícios*, composto nel 1561 e ricordato, come dedicato alle *abusões* del tempo, nell’Apologia che precede la quarta Decade e una *Esfera da Enstrutura das Cousas*, citato nella seconda Decade”⁷⁵.

⁷¹ Baião 1945, p. XXX.

⁷² Andrade 1980, p. 18.

⁷³ Citado por Coelho 1992, p. 65.

⁷⁴ Coelho 1992, p. 65.

⁷⁵ Stegagno Picchio in *Diálogo*, p. 63.

CAPÍTULO SEGUNDO.

AS DÉCADAS DA ÁSIA

Os modelos

As *Décadas* são, e têm sido unanimemente consideradas, a obra-prima da historiografia renascentista portuguesa. Achamos útil começar esta breve contextualização com o tópico dos modelos: “quando se fala das *Décadas*, imediatamente vem à pena o nome de Tito Lívio. A estrutura formal na qual prende os acontecimentos filia-se indiscutivelmente nos *Ab urbe condita libri*”¹. Lívio é o *exemplum*, o “modelo latino a imitar para assegurar a perfeição da sua própria obra”²; perfeição que reside desde logo na filiação dos clássicos grego-romanos. Barros assume dele não só o modelo analítico, baseado no *ordo naturalis*, ou seja na disposição cronológica da diegese, mas também a articulação da obra: tanto os *Ab urbe condita* quanto a *Ásia* articulam-se em volumes denominados décadas. Cada década contém dez livros, e a cada livro corresponde, regra geral, um ano. Os autores limitam-se em cada livro a descrever os acontecimentos daquele ano, e, se necessário, dividem a narração numa expedição ou numa guerra em mais livros. Tito Lívio teve que enfrentar pelo menos oito séculos de história romana, portanto as primeiras décadas, tanto pelo escasso interesse dos leitores para uma altura remota, quanto pela escassez documental, concernem a arcos temporais extremamente amplos, que se reduzem ao chegar aos anos mais próximos. Barros, rejeitando a hipótese de redigir uma história de Portugal, concentra-se num espaço temporal muito mais pequeno, que lhe permite transportar o modelo analítico às suas consequências extremas: se de facto exceptuarmos os primeiros quatro livros da *Década I*, que resumem as explorações do século XV, a cada livro corresponde um ano, e a cada década dez anos (I: 1497 -1505; II: 1505 - 1515; III: 1516 - 1526)³.

Barros inspira-se também na concepção que o mundo romano tinha das obras historiográficas, concepção que obviamente se situa nos alicerces dos *Ab urbe condita*: eram por eles escritos nos quais o cuidado retórico e a qualidade estilística eram tanto importantes quanto a verdade dos

¹ Coelho 1992, p. 110.

² Dos Santos 1996, p. 8.

³ Cfr Serrão 1979-1980, vol. III, p. 188.

factos descritos. Barros, coerentemente com os seus modelos, redige portanto uma “história elegante e agradavelmente composta”⁴, onde o constante sentido do monumental leva à rejeção do “particularismo pitoresco e anedótico dos cronistas”⁵ anteriores. Por isto, Barros consegue escrever uma obra que é ao mesmo tempo uma história do período de máxima pujança portuguesa e uma epopeia que tem como protagonista o povo português e os seus heróis (muitas vezes plebeus: a grandeza da Nação é um fenómeno necessariamente totalizante e portanto interclassista). Há também consonâncias narratológicas, entre as quais desejamos salientar a comum tendência para a dramatização das cenas e a capacidade de inspirar a empatia e a comoção do leitores. Barros retoma do seu mestre a constante elaboração de retratos de heróis, que se configuram como *exempla virtutis*, ou seja como figuras para serem imitadas, ou, pelo menos, que querem ser fonte de inspiração. Barros inspira-se por fim no Paduano no que concerne à cifra estilística: constrói períodos longos e complexos, “agrupando, por subordinação, múltiplas circunstâncias à volta da acção principal. Embora quase sempre bem jerarquizados, os seus períodos afastam-se excessivamente da língua oral e sente-se-lhes o artifício literário”⁶, causando em vários casos sérias dificuldades na compreensão.

O plano da obra

Não podemos esquecer que a *Ásia* fazia parte dum projecto mais amplo, “de manifesta megalomania”⁷: como podemos aprender no começo da *Década I*, Barros aspirava a dedicar uma obra a cada um destes três grandes temas: a conquista (façanhas bélicas), a navegação (descrição geográfica), e o comércio. No âmbito do primeiro item, Barros tencionava escrever quatro obras correspondentes às partes da terra onde os portugueses tinham realizado as suas conquistas: Europa, Ásia, África e Santa Cruz, quer dizer o Brasil. Barros de facto explica como

para se melhor entender o fundamento desta nossa Ásia convém que saibamos como no título da real coroa destes reinos se compreendem três cousas dinstintas uma da outra, posto que entre si sejam correlativas que uma nao pode ser sem adjutório da outra, comunicando-se para sua conservação. A

⁴ Saraiva e Lopes 1966, p. 258.

⁵ Ibidem, p. 260.

⁶ Ibi.

⁷ Ibidem, p. 7.

primeira é Conquista, a qual trata de milícia; a segunda, a navegação, a que corresponde a Geografia; e a terceira Comércio, que convém à mercadoria: das quais partes, querendo nós escrever sucessivamente, com elas se foram adquirindo e ajuntando à coroa deste reino - em lugar e tempo, por não confundir os meritos de cada uma das matérias. [...] Quanto à parte da Conquista, que é própria da milícia, este, porque foi em todas as partes da terra, faremos dela quatro partes da escritura (posto que em seis em a nossa Geografia dividimos todo o Universo). A primeira parte desta milícia chamamos Europa, começando do tempo em que os Romanos conquistaram Espanha [...]; e de aí viremos fazendo discurso per os tempos té o Conde D. Henrique, e per el-Rei D. Afonso Henriques e seus sucessores. À segunda parte chamamos África, cujo principio é a tomada de Ceuta. A terceira, que é esta que temos entre as mãos, o seu nome é Ásia, por tratar do descobrimento e conquista das terras e mares do Oriente, começando do tempo do Infante D. Henrique, que foi o primeiro inventor da milícia austral e oriental. E a quarta, porque assim chamamos em a nossa Geografia, à terra do Brasil, haverá nome Santa Cruz, nome proprio posto por Pedro Álvares Cabral, quando o ano de mil quinhentos, indo para a Índia, a descobriu; e aqui terá seu principio. E de todas estas quatro partes da milícia, esta oriental fenece ao presente, no ano de mil e quinhentos e trinta e nove, onde acabamos de cerrar o numero de quarenta livros, que compõem estas quatro Décadas⁸.

Não é de estranharmos que este projecto imenso não tenha sido integralmente executado: Barros teve o tempo, e as forças, de tratar um só continente, e este não podia não ser a Ásia, ou seja a porção do globo na qual Portugal estava ardida e orgulhosamente a obter a atenção do mundo, e a merecer os encómios da Europa toda.

Os tempos da escrita

Se a primeira tentativa barrosiana de narração das façanhas portuguesas no Ultramar é constituída pela juvenil *Crónica do Imperador Clarimundo*, foi em 1539 que Barros “ ‘cerrou os quarenta cadernos das Quatro *Décadas*’, isto é, só então terminou a montagem do plano e com muita probabilidade a escrita de algumas estruturas do edifício”⁹. Muito provavelmente, o historiador compôs as duas primeiras *Décadas* contemporaneamente: desde logo, é a maneira mais eficaz para explicar a saída extremamente aproximada dos dois volumes, publicados respectivamente em 1552 e 1553. As *Décadas* foram então um verdadeiro *work-in-progress*, no qual o autor não se dispensa de operar alterações nos últimos instantes úteis, uma vez que até “na

⁸ *Décadas*, década I, capítulo I.1, citado por Serrão 1962, pp. 95 e seg.

⁹ Coelho 1992, p. 122.

véspera das edições, ainda acrescentava ou apurava os acabamentos da informação e do estilo”¹⁰. Temos de facto a prova que Barros trabalhava na *Década III* “no próprio ano da sua publicação: a propósito dos erros do feitor André Dias na compra da pimenta, lembra: ‘tenho experiência de trinta e oito anos de oficial’ ”¹¹. Barros entrou na Casa da Índia, como vimos, em Maio de 1525, ou seja 38 anos antes do ano de 1563 em que esta glosa tem que ser colocada.

As infrutuosas peregrinações dos autógrafos

Se o *Livro do Comércio* provavelmente nunca foi escrito, mais complexa é a questão ligada ao da *Geografia*, colocável com certeza, se bem que incompleto, no espólio do letrado. Como vimos, foi Jerónimo de Barros que herdou a quinta e os outros haveres, papéis incluídos; apesar das repetidas súplicas¹² dirigidas a el-Rei Filipe I (Filipe II de Espanha), Jerónimo nunca recebeu as verbas necessárias para a edição e a impressão. Faleceu em 20 de Agosto de 1586 e cinco anos mais tarde, em 22 de Outubro de 1591¹³, a sua viuva vendia por 500 000 reais alguns livros e cadernos. Esses papéis “foram parar às mãos de D. Fernando de Castro, falecido pouco depois, e por isso o secretário de estado propunha a Filipe I que os referentes à *Geografia* fossem confiados aos Jesuítas¹⁴, e a parte das *Décadas* ao Dr. Duarte Nunes de Leão”¹⁵. Este foi incumbido de reformar a quarta *Década* de Barros, que ele deixou em borrão, o que efectivamente fez, “mas com sua grande surpresa apareceu entretanto outra versão da *Década quarta*”¹⁶. Filipe I incumbira de facto Diogo do Couto em 28 de Fevereiro de 1595 da continuação das *Décadas* e, em 10 de Fevereiro de 1602 acusava a recepção de quanto pedido. Em 1605, o novo Rei Filipe II mandava entregar-lhe os autógrafos de Barros que estavam nas mãos de Duarte Nunes e na posse dos Jesuítas; embora as *Tábuas* tivessem sido entregue por ordem de Filipe I a João Baptista Lavanha, ambas as obras estavam nas mãos do secretário de Estado¹⁷. Esta é, infelizmente, a última vez em que temos notícias sobre a *Geografia*. O autógrafo de Couto chegou à posse de

¹⁰ Baião 1945, p. LXIV.

¹¹ Ibi.

¹² Cfr. ibidem, p. LXIII e seg.

¹³ Ibi.

¹⁴ Do convento de S. Roque de Lisboa.

¹⁵ Ibidem, p. LXVI.

¹⁶ Ibi.

¹⁷ Ibidem, p. LXVIII.

Lavanha o qual, como demonstrou Boxer¹⁸, o reviu e até reescreveu¹⁹: no fim, o trabalho a seis mãos, não-obstante a duradoura contenção com a Câmara municipal de Lisboa²⁰, foi publicado por Lavanha em Madrid em 1615.

Edições sucessivas

As quatro *Décadas* foram editadas de novo em 1628²¹, em Lisboa, por Jorge Rodrigues, “à custa de António Gonçalves mercador de livros”, sob autorização da Inquisição e do bispo Inquisidor Geral D. Jorge Cabral, e com breve dedicatória ao Senado da Câmara de Lisboa. É porém em 1777 que começa a sair uma imponente coleção de 24 volumes²², que funde as quatro *Décadas* barrosiana com as nove de Diogo do Couto, e que inclui índice temático e biografia do historiador de autoria de Severim de Faria. O último volume saiu da Régia Oficina Tipográfica de Lisboa, também com Licença da Real Mesa Censória, e Privilégio Real, só em 1788.

As fontes

Embora “a *Ásia* pretendia[esse] erguer uma epopeia e não uma história crítica”²³, as *Décadas* assentam-se em solidíssimas bases documentais: neste caso também, Barros foi facilitado pelas ótimas relações que o ligavam com o monarca; ainda por cima, o guarda-mor da Torre do Tombo, Lourenço de Cáceres, era o seu tio. O historiador teve então acesso ilimitado aos arquivos régios da Torre do Tombo e à Livraria Real; el-Rei disponibilizou-lhe também documentos “confidenciais”, como o regimento de Nuno da Cunha, governador da Índia. Não faltam outros

¹⁸ Boxer 1981, p. 111.

¹⁹ Baião 1945, p. LXVIII.

²⁰ Cfr. *Ibidem*, p. LXX.

²¹ BARROS, João de, *Primeira [sed etiam Segunda e Terceira] Década da Asia de João de Barros, dos feitos que os Portugueses fizeram no descobrimento e conquista dos mares e terras do Oriente*, Lisboa: per Jorge Rodriguez aa custa de Antonio Gonçalvez mercador de livros, 1628. [Inclui também a *Década IV* de Diogo do Couto e João Baptista Lavanha].

²² BARROS, João de, *Da Asia de João de Barros, dos feitos que os Portuguezes fizeram no descobrimento, e conquista dos mares, e terras do Oriente*, Lisboa: Regia Officina Typografica, 1777-88 [Inclui também a *Década IV* de Diogo do Couto e João Baptista Lavanha]. Citadas como *Décadas*.

²³ Serrão 1979-1980, vol. III, p. 189.

gêneros documentais, como bulas papais, cartas régias dirigidas aos navegantes, inquirimentos, cadernos de rendimentos e despesas²⁴.

A obra tira igualmente proveito da grande abundância de fontes narrativas que Barros consultou: desde logo, a *Cronica do descobrimento e conquista da Guiné*²⁵ de Gomes Eanes de Zurara, pelo qual não esconde a sua admiração; desta obra “nós tomamos quase todo o processo de descobrimento da Guiné”²⁶. São também citados “António de Nebrissa e a sua *Crónica del-rei D. Fernando de Castela*²⁷; Francisco Álvares e a sua *Verdadeira informação sobre a Terra do Prestes João*²⁸; [...] Damião de Góis e o seu *Fides Religio moresque Aethioporum*²⁹; João de Castro e o seu *Roteiro do Mar Roxo*³⁰; [...] o *Novus Orbis*³¹, colectânea latina sobre os Descobrimentos. [...] Ptolomeu e Marco Polo são citados e muitas vezes refutados”³². Tanto Francisco Álvares quanto o *Novus Orbis*, para não falarmos de Marco Polo, são também antologizados por Ramusio nas suas *Navigazioni e Viaggi*³³.

Temos finalmente que evidenciar que Barros teve, segundo Boxer³⁴, uma abordagem pioneirística ao Oriente, em virtude da inclusão na obra de numerosas fontes asiáticas³⁵, demonstrando assim um cuidado que o “revela como um verdadeiro humanista”³⁶. A sua ímpar sensibilidade etnográfica revela-se também na atenção que dedica a objectos e outros elementos concretos, fontes preterintencionais que hoje definiremos testemunhos culturais e etno-

²⁴ Para uma mais completa examinação, cfr. Coelho 1992, p. 123.

²⁵ Editio princeps: ZURARA, Gomes Eanes de, *Chronica do descobrimento e conquista de Guiné*, Pariz : J.P. Ailland, 1841. Edição moderna de referência: Idem, *Crónica do descobrimento e conquista de Guiné*, S.l. : Livraria civilização, 1937.

²⁶ *Décadas*, citadas por Coelho 1992, p. 123.

²⁷ NEBRIJA, Antonio de, *Habes in hoc volumine amice lector Aelii Antonii Nebrissensis Rerum a Fernando & Elisabe Hispaniarū foelicissimis Regibus gesta[rum] Decades duas*, Apud inclytam Granatam, 1545.

²⁸ ÁLVARES, Francisco, *Ho preste loam das Indias, verdadeira informacam das terras do preste Joam*, Lisboa: em casa de Francisco Correa, 1545.

²⁹ GÓIS, Damião de, *Fides, religio, moresque Aethiopum sub Imperio Preciosi Joannis*, Lovanii: Ex officina Rurgeri Rescii, 1540.

³⁰ Editio princeps: CASTRO, João de, *Roteiro em que se contem a viagem que fizeram os portuguezes no anno de 1541*, Paris: vende-se em casa de Baudry e Theoph. Barrois, 1833.

³¹ GRYNÆUS, Simon, *Regionum ac Insularum incognitarum*, Basileae: apud Io. Hervaguim, 1532.

³² Coelho 1992, p. 124.

³³ Edição moderna de referência: RAMUSIO, Giovanni Battista, *Navigazioni e viaggi*, edição por Marica Milanesi, Torino, 1978-88. Citado como *Navigazioni*.

³⁴ Boxer 1981, p. 105.

³⁵ Cfr. Coelho 1992, p. 124.

³⁶ Coelho 1992, p. 125.

antropológicos: por exemplo, ao jogo do xadrez, à pedra que na cidade de Coulão assinala martírio de S. Tomé, às habitações e às técnicas construtivas tradicionais.

A estrutura

Achamos interessante agora olhar mais de perto o conteúdo das *Décadas*, focalizando-nos na *Década I*, pois foi a única à qual Ramusio recorreu para as suas *Navigazioni*.

Os primeiros três livros ilustram as primeiras viagens na costa da África ocidental: mais precisamente, o primeiro dedica-se aos descobrimentos henriquinos, o segundo e o terceiro às navegações no tempo dos reis D. Afonso V e D. João II. No Livro III achamos também ricas informações sobre a geografia humana de Guiné e do Congo. Depois encontramos as duas viagens mais historicamente relevantes da época dos Descobrimentos: o Livro IV narra a abertura da rota do Cabo e a celeberrima chegada às Índias de Vasco da Gama, o Livro V o descobrimento do Brasil de Pedro Álvares Cabral. No Livro VI, o historiador “detém-se na segunda expedição de Vasco da Gama e no estabelecimento de relações comerciais duradouras com Cochim e Cananor. [...] O Livro VII segue os Albuquerque na sua viagem e acompanha António de Saldanha na subida à terra da Mesa que domina o cabo de Boa Esperança”³⁷, embora o protagonista do livro seja Duarte Pacheco Pereira na guerra entre Cochim e Calecute. Os últimos livros da década têm por heróis D. Francisco de Almeida, vice-Rei das Índias, e o filho Lourenço: o Livro VIII celebra o primeiro e a sua conquista de Quíloa, o Livro X é centrado na figura do segundo, que derrota a armada do Samori, rei de Calecute. Finalmente, o Livro IX caracteriza-se por um conteúdo prevalentemente etnográfico (e é de facto o único livro que fornece dois, e não um, capítulos às *Navigazioni*).

Guerra e mercantilismo

³⁷Coelho 1992, p. 127.

Nas *Décadas* há “um elogio claro do comércio e do dinheiro”³⁸. Desde logo, é preciso lembrarmos que o comércio na época, ao nível internacional, era principalmente comutação de produtos. Requeria “duas vontades contraentes e pressupunha paz, amizade e obediência. É ‘um uso comum das gentes que concilia amor entre todos’. Procede das necessidades dos homens e fica em vínculo de fraternidade: o comércio aglutina a paz universal”³⁹. Paralelamente a quanto salientado no parágrafo precedente acerca da Geografia, desejamos evidenciar que os *Livros do Comércio* estão já presente, embora *in nuce*, nas *Décadas*, e que de facto não teriam sido outra coisa que a reorganização das copiosas informações aí contidas. Se a *Ásia* nasceu, como vimos, como parte dum projecto mais amplo, chegou a ser a *suma* do pensamento, da sabedoria, dos conhecimentos e da *Weltanschauung* do autor.

Contudo, as *Décadas* não aspiram à descrição dos laços comerciais ou dos fluxos económicos, mas sim a “narrar os episódios fundamentais da cruenta guerra comercial marítima pelo controlo do comércio da *Ásia*”⁴⁰. A sua verdadeira protagonista, que paradigmaticamente aparece pouco depois do começo e fica constantemente no centro da acção, é a armada anual portuguesa, que teve obviamente o papel central nas guerras, mas também na construção de fortalezas e presídios, na manutenção da rota do Cabo, no relacionamento com as várias autoridades. Cada ano partia de Lisboa uma esquadra: “uma parte dos navios grosso destinava-se à carga de pimenta e doutras mercadorias; ou outros à guerra do mar”. Se a esquadra permitia a produção de produção de lucros e a acumulação de capitais, dependia igualmente do dinheiro, que “ajunta naus, homens, artilharia e toda outra munição”⁴¹. Barros de facto sabe muito bem, também por causa dos seus infrutuosos investimentos, que o dinheiro é “o nervo que sustém os Estados”⁴²: também por isso, e à luz das referências que apresentámos, as *Décadas* inscrevem-se cabalmente no pensamento mercantilista.

O conteúdo de interesse geográfico

³⁸ Ibidem, p. 142.

³⁹ Ibi.

⁴⁰ Ibidem, p. 144.

⁴¹ Ibi.

⁴² Ibi.

Como eficazmente nota Borges Coelho, “a originalidade maior das *Décadas* consiste nas relações estreitas que estabelecem entre a História e a Geografia. Esta ‘dá razão da História’. Antes de animar a acção, o autor descreve-nos o seu teatro, as gentes que o habitam e por vezes um pouco da sua história”⁴³. A *Década I* contém numerosas descrições geográficas, entre as quais salientamos a dos rios Senegal e Gâmbia e do Congo para a África ocidental. No âmbito da costa oriental, Quíloa goza duma introdução minuciosa, que inclui a sucessão dos seus reis e a descrição das ruas e das moradas; igualmente precisa é a contextualização do reino de Sofala, onde são descritas a cidade capital, a sua região, as célebres minas e os costumes das populações indígenas. As costas da Índia dentro do Ganges e do Malabar merecem também digressões detalhadas. Como mencionámos, Barros cita constantemente Ptolomeu e não tem medo de salientar os seus erros, por causa dos quais as Tábuas ptolemaicas se revelam obsoletas. O nosso Tito Lívio expressa desta maneira a obrigação moral que o levava à redacção duma sua Geografia, que se baseasse (também) nas informações que aparecem ao longo das *Décadas*. Borges Coelho nota justamente que, se todos lamentamos a perda da sua Geografia, é também “preciso lembrar que as *Décadas* conservam pelo menos uma parte significativa desse monumento”⁴⁴.

⁴³ Ibidem, p. 133.

⁴⁴ Ibi.

CAPÍTULO TERCEIRO.

GIOVANNI BATTISTA RAMUSIO E AS *NAVIGAZIONI E VIAGGI*

1. NOTA BIOGRÁFICA

As fontes

Apesar da existência de várias obras antigas concernentes à vida de Ramusio, como a *Cronaca Ramusia*¹ de Girolamo Il Ramusio do começo do século XVII, são poucas as notícias biográficas certas que temos. Giovanni Battista de facto nunca fala da sua vida nas *Navigazioni*, nas quais aliás manteve o anonimato que o galateu social de República sugeria. Uma grande perda é constituída pelo epistolário, pois se conservam unicamente as epístolas escritas a, e não por, ele². O ponto de partida para a reconstrução da sua vida continua a ser, após um século da sua redacção, a biografia exhaustiva de Antonio del Piero (Del Piero 1902), que inevitavelmente se caracteriza por uma abordagem retórico-celebrativa e idealizada. É de facto necessário historicizar as suas posições para compreender quanto “egli progettasse sul lavoro di Ramusio l’alta concezione della ricerca scientifica maturata dal positivismo”³. George B. Parks tentou de facto mais recentemente reconstruir a sua vida mantendo-se mais aderente às evidências documentais, e por isso vamos basear-nos no seu artigo para este sumário.

Os anos da formação e os amigos

Giovanni Battista Ramusio nasceu em 1485 em Treviso, filho primogénito de Paolo, o qual exercia na cidade o cargo de *vice-giudice al maleficio*. Embora a sua família fosse “una delle più ragguardevoli della città di Rimini”⁴, Paolo decidira em 1458 trocar Rimini por Veneza, onde entrou na função pública. Depois do ensino primário, recebido entre a cidade natal e a Dominante, “he is

¹ Inédita: Veneza, Biblioteca Marciana, Ital. VII, 325 (8839).

² Parks 1955a, p. 133.

³ Veneri no prelo, p. 2.

⁴ Del Piero 1904, p. 8.

said to to have studied at Padua, where both his father and his uncle Girolamo had taken degrees after leaving their home”.⁵ Como “he entered government service at the age of twenty, he probably gave up the degree”⁶, do qual de qualquer forma não existe testemunho. Se é difícil compreender como e quando nasceu o seu amor pelas letras, é certo que “he was all his life devoted to arts, that is to literature and classical learning”⁷. Humanista que era, interessou-se principalmente pelos Antigos, pois as “letters of Navagero to Ramusio show that the latter was reading Columella, Caesar, Lucretius; [...] in 1531 he got from Germany the edition of newly found books of Livy.”⁸ Mas Ramusio não foi somente um leitor voraz, mas também “an active scholar. In 1514 he came to the aid of his friend Navagero, then editing for Aldus both Quintilian’s *Institutio* and the rhetorical works of Cicero; [...] Ramusio took over the *Quintilian* and saw it through the press”⁹.

Estreitos vínculos de amizade ligavam-no à elite intelectual veneziana, quer dizer ao cardeal Pietro Bembo, aos já citados Andrea Navagero e Aldo Manuzio, a Francesco Contarini, e a eminentes eruditos dos territórios de S. Marco, como por exemplo ao veronês Girolamo Fracastoro: foram provavelmente estes que lhe transmitiram o interesse pelas recentes notícias histórico-geográficas, pois “quello per le scoperte geografiche e per il contributo che esse danno a una nuova conoscenza della terra, nonchè per la natura e i suoi fenomeni, é un interesse comune a tutti i suoi amici”¹⁰. Olhando para o seu epistolário, aprendemos que o interesse de Ramusio pela geografia surge “in 1519¹¹ and again in 1520¹²; but not until 1534 does it become a major item in the letters”¹³. De parecer oposto é Del Piero, pelo qual “prima del 1520 il nostro geografo aveva posto mano all’opera”¹⁴: tese rejeitada hoje-em-dia pela ausência de claras provas documentais, que pelo contrário nos descrevem um Ramusio “non solo interessato a questo

⁵ Parks 1955a, p. 128.

⁶ Ibidem, p. 131.

⁷ Ibidem, p. 130.

⁸ Ibidem, p. 131.

⁹ Ibidem, p. 132.

¹⁰ Milanesi in *Navigazioni*, vol. I, p. XVI.

¹¹ Trata-se do atravessamento das Alpes de Haníbal: tema de geografia mais histórico-literária, do que descritiva

¹² Ramusio pede (e recebe) notícias ao legado veneziano de Buda Francesco Masser sobre aquelas terras: emerge aqui o seu interesse constante à Europa Oriental.

¹³ Parks 1955a, p. 133.

¹⁴ Del Piero 1904, p. 85.

genere di testimonianze, ma anche versato in esse”¹⁵ só a partir de 1530, quando foi incumbido pelos *Pregadi*¹⁶ de examinar o judeu David¹⁷: “e questo in una città nella quale non mancano buoni conoscitori del Vicino Oriente.”¹⁸

Os cargos públicos e os compromissos editoriais

Ramusio começou o seu *cursus honorum* aos 20 vinte anos, ou seja em 1505, e por dez anos foi notário extraordinário na Chancelaria ducal; depois foi promovido a secretário do Senado, cargo que manteve até ao ano 1553. Nos primeiros anos passados a servir a República, “partecipa a missioni diplomatiche in Francia (1505-07), a Roma e nei Cantoni svizzeri”¹⁹. Foram provavelmente ainda mais importantes para a sua formação as viagens realizadas pelos seus amigos: a de Francesco Contarini nas Flandres em 1541, mas sobretudo a embaixada de Gasparo Contarini e Andrea Navagero (1525-28) a Espanha, à qual temos de atribuir “l’arrivo a Venezia di relazioni impubblicabili in Portogallo come quelle sull’Oriente di Tomé Pires, Tomé Lopez e Duarte Barbosa.”²⁰ Na Espanha Navagero “fa amicizia col primo storico del nuovo mondo, Pietro d’Anghiera, e con vari membri del consiglio delle Indie”²¹: ele é o primeiro contacto entre Ramusio e “il mondo iberico interessato alla politica ultramarina”²².

Visto que os materiais espanhóis só foram publicados por Ramusio em 1550, toma consistência e tese de Milanesi segundo a qual Navagero os trouxera da Espanha para dedicar-se ele mesmo a uma vasta obra historiográfica, para a qual, morrendo um ano depois, não teve tempo. Foi então Ramusio a recolher esta importante herdade “con, parrebbe, qualche esitazione”²³: de facto “ci si può domandare se il progetto di un’operazione storiografica (e non soltanto tale) di vasto respiro come le *Navigazioni* non nasca in un erudito non particolarmente creativo né autonomo nelle

¹⁵ Stegagno Picchio 1993, p. 484.

¹⁶ Ou seja pelo Senado da República.

¹⁷ Milanesi in *Navigazioni*, vol. I, p. XV.

¹⁸ Cfr. Milanesi in Ibi.

¹⁹ Milanesi in Ibidem p. XIV.

²⁰ Milanesi in Ibidem, p. XX.

²¹ Milanesi in Ibidem, p. XXI.

²² Milanesi in Ibi.

²³ Milanesi in Ibi.

scelte, come ci apparrebbe, almeno fino agli anni '30, il Ramusio"²⁴. Mas a partir então da quarta década do século,

il segretario di Stato concentra i suoi interessi sulla cosmografia, sulla geografia, sulla storia. [...] Nel 1534 vengono stampate per sua cura in un volume le traduzioni che l'amico Navagero, morto nel 1529, ha fatto delle *De novo orbe decades* di Pietro Martire d'Anghiera e del *Sumario dela natural y general istoria de las Indias* dell'Oviedo; nonchè la traduzione, dello stesso Ramusio della Relazione sulla conquista del Perù, di un anonimo seguace di Pizarro, integrata con un'altra di Francisco Xeres [...] Negli anni seguenti e fino al 1553, egli si dedica alla raccolta, alla selezione, alla traduzione, alla critica e al commento di quei materiali che usciranno [...], tra il 1550 e 1559 nei tre volumi delle *Navigazioni*²⁵.

Os últimos anos

No dia 7 de Julho de 1553, Ramusio foi nomeado secretário do Conselho dos X; a mesma datação se encontra na *Di messer Giovanni Battista Ramusio prefazione sopra il principio del libro del magnifico messer Marco Polo*²⁶, "l'ultima data a noi nota per la composizione delle *Navigazioni* da parte del loro primo autore. Dopo di allora, l'impegno crescente di un uomo pubblico avrebbe impedito a quest'ultimo di dedicarsi come prima all'opera"²⁷. Nos seus últimos anos escreve um tratado sobre as marés, inacabado e perdido, e colabora com um dos mais famosos cartógrafos do seu tempo, Jacopo Gastaldi, "nell'approntamento delle quattro carte geografiche (Asia maggiore, Asia minore, Africa ed Europa) che sotto il ducato di Francesco Dandolo (1545-53) vanno a decorare le pareti della sala dello Scudo di Palazzo Ducale"²⁸.

Morreu em Pádua no dia 10 de Julho de 1557, "nella casa di mirabile eleganza, dove s'era ritirato gli ultimi giorni della sua vita"²⁹; foi sepultado em Veneza, no sepulcro da família, ou seja na igreja de S. Cristóvão, dita Madonna dell'Orto.

²⁴ Milanesi in Ibi.

²⁵ Ibidem, p. XVII.

²⁶ *Navigazioni*, vol. III, p. 35.

²⁷ Stegagno Picchio 1993, p. 488.

²⁸ Milanesi in *Navigazioni*, vol. I, p. XVIII.

²⁹ Del Piero 1902, p. 101.

2. AS NAVIGAZIONI E VIAGGI

Introdução

A antologia ramusiana goza de numerosos primados, pois é

the first large published collection of historical documents other than collections of laws and dectretals; the first large and planned collection of travel documents, and therefore the first approach to the concept of the documental history of travel and geography; and if not the first book, the second (after the *Novus Orbis* collection published at Basel in 1532) to imply the concept of a separate literary genre for which we have still no better name than travel narrative³⁰.

A obra teve uma incalcolável importância divulgativa, pois “porta per primo[a] sugli scaffali dei librai veneziani, e in italiano, i risultati più autorevoli della storiografia ufficiale spagnola, ma anche i resoconti della più spettacolare e impressionante fra le navigazioni mai condotte, la circumnavigazione del globo”³¹. As *Navigazioni* nascem de facto para explicar ao grande público os descobrimentos africanos e asiáticos, e só depois americanos; constam de três volumes organizados “non per masse continentali, ma per aree omogenee di occupazione umana”³². No primeiro volume há “racconti dell’Africa e dell’India, di Goa, conquistata dai sudditi del re di Portogallo, ma anche del Brasile”³³; o segundo trata de “un Oriente di terra, o meglio, di cammini terrestri dall’Europa all’Asia [...], con una struttura anche qui più spaziale che temporale, più economica che storiografica”³⁴. O último volume abrange, “senza preclusioni e nazionalismi”³⁵, as Índias Ocidentais, mas também Madagascar e Sumatra. Nesta obra de tamanho monumental acham-se escritos diversíssimos por finalidades; por qualidade literária e dimensões do texto; por extracção sócio-cultural, naturalidade e língua mãe do autor; por época e língua da composição; e por fiabilidade das informações. Passa-se de Hipócrates a Tomé Pires, de Marco Polo a Francisco Xavier, de Antonio Pigafetta a Leone Africano, incluindo vários anónimos e não esquecendo os comentários e os diálogos do próprio autor e dos seus prezados amigos. As *Navigazioni* são de facto uma obra colectiva, pois “a Venezia, a metà del Cinquecento, la cultura era riguardata quasi

³⁰ Parks 1955a, p. 127.

³¹ Veneri no prelo, p. 7.

³² Milanesi in *Navigazioni*, vol. I, p. XXVI.

³³ Stegagno Picchio 1993, p. 493.

³⁴ Ibidem, p. 494.

³⁵ Ibidem, p. 495.

come un fatto privato, appannaggio di elette congreghe di amici”³⁶; o pivô do círculo ramusiano era Girolamo Fracastoro, médico de grande fama interessado em astrologia e astronomia, que foi também o dedicatário de todos os três volumes. Ramusio tinha instaurado uma relação profícua com o celeberrimo cardeal Pietro Bembo: as suas *Prose della volgar lingua* constituem os alicerces das escolhas linguísticas das *Navigazioni*; além disso, Bembo foi um dos seus interlocutores privilegiados, chegando a disponibilizar-lhe um texto³⁷ para o terceiro volume e, quiçá, também a fundamental *Descrizione dell’Africa*³⁸ de Leone Africano. Finalmente, não se esqueçam os já mencionados Andrea Navagero e Gasparo Contarini.

A publicação

O primeiro volume das *Navigazioni* saiu, anónimo, pelos herdeiros de Luc’Antonio Giunti em Veneza, em 1550, e foi reeditado em 1554; é nesta edição que aparecem os seis capítulos extraídos das *Décadas*, obra publicada, como vimos, em 1552. Segue-se o terceiro volume, publicado, também anónimo, em 1556. O segundo volume saiu, mútilo e póstumo, em 1559; no prefácio, o editor Tommaso Giunti atribui pela primeira vez a paternidade ao falecido Ramusio, cujo nome de qualquer forma ainda não aparece no frontispício. No prefácio, Giunti explica as razões da antecipação do terceiro volume e do atraso do segundo: o terceiro volume achava-se já pronto, argumenta ele, mas com certeza influenciou também a consciência de que o volume que se referia às terras recém-descobertas, portador de informações mais esperadas, ia receber uma mais lucrosa recepção. O segundo pelo contrário apareceu só em 1559 por causa de “due gravissimi accidenti [...] l’uno dei quali é stata la morte di messer Gio. Battista Ramusio, che morì in Padova il mese di luglio nel 1557, e l’altro l’incendio della mia stamperia, il quale quattro mesi dopo avvenne”³⁹. As *Navigazioni* foram depois constantemente reeditadas “ad opera degli eredi spirituali del Ramusio, del figlio Paolo, del cartografo Gastaldi oltrechè dell’editore Tommaso Giunti, che intervengono con le loro integrazioni e correzioni ad alterare parzialmente il piano primitivo e la struttura stessa dell’opera [...]; da questo momento il ‘Ramusio’ non é più un autore,

³⁶ Ibidem, p. 492.

³⁷ A “Navigazione del grandissimo fiume Maragnon”.

³⁸ Parks 1955b, p. 282, nota n. 1.

³⁹ *Navigazioni*, vol. III, p. 3.

ma un'opera, un *Ramusio* che cresce senza il controllo del suo primo ideatore"⁴⁰. A obra porém chegou à sua

stabilità testuale già a partire dalla terza edizione del I volume nel 1563, del II volume nel 1583 e del III volume nel 1606, [...] anche perché essi erano ormai saldamenti connessi in frontespizio colla persona del loro primo collettore e quindi a rigore non più suscettibili di aggiunte che andassero al di là della competenza a lui attribuibile. Su queste edizioni, considerate "definitive", sarà pertanto effettuata la ristampa anastatica moderna⁴¹ [...], ed é su questa riproduzione che verrà condotta la nuova edizione ramusiana di Einaudi⁴².

⁴⁰ Stegagno Picchio 1993, p. 488.

⁴¹ RAMUSIO, Giovanni Battista, *Navigazioni et viaggi: Venice 1563-1606*. With an introduction by Ramusio A. Skelton and an analysis of the contents by George Barros Parks, Amsterdam: Theatrum orbis terrarum, 1967-1970.

⁴² Stegagno Picchio 1993, p. 488.

CAPÍTULO QUARTO.

AS WAHLVERWANDTSCHAFTEN ENTRE BARROS E RAMUSIO

Introdução

Ramusio teve sem dúvida nenhuma em alta consideração Barros e as suas *Décadas da Ásia*, que aliás, segundo Borges Coelho, “eram mais bem recebida pelos estrangeiros que aprovadas e agradecidas pelos naturais”¹. Se o primeiro volume das *Navigazioni* foi impresso em 1550, quatro anos mais tarde foi reeditado com duas adições, já anunciadas no frontispício: cinco *avvisi* de Jesuítas sobre o Extremo Oriente e seis capítulos da *Ásia*.

Como vimos, a *Primeira década da Ásia* foi publicada em 1552, quer dizer antes da primeira edição do primeiro volume das *Navigazioni*. Ramusio, graças às suas não recentes relações privilegiadas com a península ibérica, não teve problemas em obter rapidamente uma cópia, e temos poucas dúvidas sobre as suas reacções. Aliás, o próprio Ramusio, seja no comentário anteposto à *Informazione dell’isola novamente scoperta nella parte di settentrione, chiamata Giapan*, seja na breve introdução à *Ásia* nomeada *Alli lettori*, não poupa os louvores. No primeiro caso, Barros é definido “primario gentiluomo di Lisbona”², no segundo “magnifico gentiluomo scrittore diligentissimo”³. Além das formalidades, eram muitas as afinidades que existiam entre os dois, afinidades que queremos aqui salientar, para que o nosso título *Wahlverwandtschaften* seja justificado, e para provar a sinceridade dos elogios aqui referidos.

O patriotismo

A literatura crítica italiana⁴, pelo contrário, tem salientado sobretudo a repreensão que Ramusio dirige a Barros, pois ele “del magnifico messer Alvise da Ca’ da Mosto, gentiluomo veneziano, non ha voluto far alcuna menzione, il quale, (si come per la lettura del suo libro si

¹Coelho 1992, p. 63.

²*Navigazioni*, vol. II, p. 1009.

³ *Ibidem* p. 1043.

⁴ Cfr. Veneri no prelo, p. 15.

cognosce ed é noto a tutto il mondo) già cento anni, per ordine del suddetto illustrissimo infante [don Enrico] navigando, ne scoperse parte, e massime l'isole di Capo Verde"⁵. Esta é com certeza a principal noção contida na introdução, e com este *vulnus* queremos começar a nossa análise. Trata-se, desde logo, duma reprimenda que Ramusio não podia não avançar: embora a *Primeira Década* concerna oficialmente aos anos 1506-16, o primeiro livro não renuncia a começar a narração com a descrição etiológica dos descobrimentos henriquinos. Ramusio evidencia então a presença duma lacuna não propriamente preterintencional: Ca' da Mosto foi esquecido ou, uma vez que "é noto a tutto il mondo", foi omitido? A posição de Ramusio é clara; ele, não-obstante o seu *venezianocentrismo*, compreendia muito bem como o autor duma obra tão detalhada 'não podia não saber'. Barros de facto omite-o, coerentemente com a sua aspiração de "dimostrare l'esclusivo diritto dei Portoghesi al controllo dell'Oriente"⁶: a façanha dum estrangeiro numa fase tão precoce dos descobrimentos podia comprometer a reivindicação da primogenitura e do consequente direito de exclusividade.

Esse mesmo direito de primogenitura nas rotas orientais é reivindicado por Ramusio para a sua Nação na *Prefazione sopra il principio del libro del magnifico messer Marco Polo*,

il libro del quale, per causa de infinite scorrezioni ed errori, è stato molte decine d'anni riputato favola, e che i nomi delle città e provincie fussero tutte fizioni e immaginazioni senza fondamento alcuno, e per dir meglio sogni. Ma da cento anni in qua si è cominciato, da quelli che han praticato nella Persia, pur a riconoscere la provincia del Cataio; poi la navigazione de' Portoghesi, oltra l'Aurea Chersoneso, verso greco han discoperto prima molte città e provincie dell'India e molte isole, con i medesimi nomi che 'l detto autor gli chiama; poi, avendo passata la regione della China, sono venuti in cognizione (come narra il signor Giovan di Barros, gentiluomo portoghese, nella sua Geografia, avuta da' popoli della China) che la città di Cantone, una delle principali del regno della China, è in gradi trenta e due terzi di latitudine, e corre la costa greco garbino⁷.

Desde logo, evidenciamos como a menção de Barros nesta passagem não é casual, pois "o seu nome passou a valer [na Itália] como o de oráculo da historia portuguesa"⁸. Além disso, Ramusio insinua como as viagens portuguesas para as Índias Orientais não foram descobrimentos absolutos, mas sim uma adesão a caminhos já percorridos, uma perlustração de zonas já

⁵ *Navigazioni*, vol. II, p. 1043 e seg.

⁶ Milanesi in *Navigazioni*, vol. II, p. 1041.

⁷ *Navigazioni*, vol. III, p. 22.

⁸ Andrade 1980, p. 73.

parcialmente desbravadas, uma examinação de áreas já descritas. O primeiro explorador do Oriente, lembra-nos Ramusio, foi Marco Polo, até àquela altura injustamente considerado um fabulista, e portanto o direito de exclusividade primigénia cabia a Veneza, e não a Portugal.

Vemos então uma dicotomia de escolhas: para afirmar o mesmo direito, Ramusio antologia (aliás numa posição de claro sobressalto, quer dizer no começo do segundo volume) uma obra escrita mais de dois séculos antes a fim de apresentar o autor como o númen tutelar das rotas asiáticas, enquanto que Barros omite o nome dum estrangeiro para demonstrar como foram unicamente os Portugueses a descobrir as ditas rotas, rotas que agora lhe pertencem, *de iure* e *de facto*. Sinteticamente, um acrescenta, e o outro subtrai. Mesmo tratando-se duma dicotomia, os dois homens de letras formulam as suas teses partindo das mesmas considerações, e avançam as mesmas pretensões. Esta divergência é também visível na arquitectura das obras: se o primeiro inclui na sua colectânea tudo o que pôde alcançar, o segundo afirma que “em todo o discurso desta nossa Ásia mais trabalhamos no substancial da história que no ampliar as meudezas que enfadam e não deleitam”⁹. Por outras palavras, Barros propõe-se não narrar os acontecimentos que poderiam afectar ou comprometer a grandeza da sua pátria: este objectivo concretiza-se portanto não só na ausência de descrições de derrotas bélicas, mas também na remoção das máculas, sobretudo se fontes de consequências nefastas.

Em razão das posições que ilustrámos, torna-se evidente que ambos os autores eram orgulhosamente patrióticos, mas de um patriotismo consciente e responsável, que os leva a dispôr os acontecimentos duma maneira favorável para as suas próprias ideias, mas não a deformar a realidade factual: se as *Navigazioni* são unanimemente consideradas um monumento das ciências humanas, Barros também “fu fedele alla realtà storica, e informatissimo, [...] e raccolse grandissima quantità di testimonianze”¹⁰. Ambos de facto sabem que para ilustrar dignamente a história são necessários solidíssimos alicerces documentais, que aliás sustentam ambas as obras. Os dois, graças aos próprios altos cargos administrativos, tiveram acesso livre a bibliotecas, arquivos, *trésors de chartes* e outros lugares reservados.

⁹ *Décadas*, citadas por Coelho 1993, p. 113.

¹⁰ Milanesi in *Navigazioni*, vol. II, p. 1041.

estrangeiras: não se trata duma falha, mas sim duma posição consciente. Crescido numa corte completamente bilingue (português e castelhano), ou seja na qual se compunham e liam obras em ambas as línguas, Barros decerto falava as duas, mas sempre se opôs à dominante moda castelhanófila para defender a autonomia da sua língua mãe. Barros então limitava-se às letras antigas, hebreu incluído. Os dois nutriam, note-se de passagem, um grande interesse pela cultura judaica, feito extremamente invulgar entre os leigos da altura: se Ramusio “dà l’impressione di essersi trattenuto in lunghe conversazioni”¹⁴ com o já citado judeu David, a *Ropica* de Barros é uma pedra miliar no diálogo interreligioso. Registam-se também várias similitudes nas suas biografias, sobretudo em relação às condições de trabalho. Como vários outros humanistas, as letras foram para eles um *otium* praticado contemporaneamente ao *negotium*, exercido com surpreendente continuidade (37 anos o novo Tito Lívio, mais de meio século Ramusio) pelas respectivas senhorias.

História e historiografia

João de Barros e Fernão Lopes de Castanheda são os historiógrafos que toda a comunidade intelectual internacional esperava: os que divulgaram, mesmo se com imenso atraso, as navegações portuguesas, quebrando um silêncio duradouro que era a directa consequência duma severíssima censura. Seja as *Décadas da Ásia* do primeiro seja a *História do descobrimento e conquista da Índia pelos portugueses*¹⁵ do segundo saíram a partir de 1552. Ambas conseguiram o mesmo objectivo de Ramusio, ou seja o de explicar à comunidade internacional as façanhas portuguesas, embora com modalidades diferentes: Barros e Castanheda elaboraram duas Histórias com (legítimas) pretensões retórico-estilísticas, e portanto duas obras literárias, enquanto Ramusio redigiu uma colectânea que narra a história mediante a juxtaposição de documentos.

Ramusio e Barros são, finalmente, filhos de dois contextos não muito dissímeis: seja Portugal, seja a República Véneta estavam naqueles anos a entrar na parábola decrescente das suas

¹⁴Milanesi in ibidem, p. XV.

¹⁵CASTANHEDA, Fernão Lopes de, *História do descobrimento & conquista da Índia pelos portugueses*, Lisboa: por Ioam de Barreira, 1552-61.

existências. Portugal terminava o período de expansão económica e territorial, ou, por outras palavras, a era dos descobrimentos portugueses; contemporaneamente, começava a experimentar a concorrência holandesa, e faltavam poucos anos à União ibérica. *Se Atene piange, Sparta non ride*: Veneza, apesar da celeberrima vitória na batalha de Lepanto, ia perder em 1573 Chipre; as intensíssimas trocas comerciais e as conseqüentes abundantes entradas económicas diminuían constantemente, e a República encontrava-se cada vez mais marginalizada ao nível político. A rivalidade entre Lisboa e Veneza, eternizada no começo do século por Gil Vicente nos seus versos

Perguntai ora a Veneza

Como lhe vai o seu jogo (Auto da Fama, 1510)

ia transformando-se numa comum condição de decadência. Nos anos em que Barros e Ramusio compunham as suas obras concluía-se lentamente a era das Grandes Navegações, e temos a certeza que os dois se apercebiam disso: estavam conscientes de que a sua época estava a terminar, e que, ao mesmo tempo, existia uma messe de informações e acontecimentos que ainda não tinham recebido uma colocação orgânica. Os dois recorreram à mesma fonte e, coerentemente com a sua posição, instrução, sensibilidade e aspiração, puseram-se ao serviço de Clío: o fidalgo português quis enaltecer a sua Nação mediante a narração das suas façanhas recentes, o secretário veneziano, em virtude duma abordagem mais cosmopolita e enciclopédica, mas não alheia de patriotismo, redigiu a antologia de referência do seu género. Se este último chegou muito perto do acabamento da sua obra, Barros elaborou um projecto imenso e irrealizável, do qual compôs unicamente as *Décadas*. Contudo, ficamos da ideia que a maior similitude entre os dois homens de letras é hoje não verificável, pois a perdida *Geografia* barrosiana era provavelmente, *mutatis mutandis*, o paralelo visual das *Navigazioni*.

Considerações finais

Ilustrámos as inúmeras consonâncias que ligam entre si Ramusio e Barros, e repetimos aqui que tanta afinidade não podia não significar uma recíproca estimacão. Se as afinidades se encontram em vários detalhes das biografias e dos contextos sócio-culturais, houve um momento no qual

Ramusio confirmou o estreito vínculo que os ligava: quando decidiu inserir uma pequena escolha de capítulos da *Ásia* nas *Navigazioni*, quer dizer quando eligiu Barros como mestre da historiografia portuguesa, tornando as afinidades numas *Wahlverwandtschaften*.

CAPÍTULO QUINTO.

RAMUSIO, AS NAVIGAZIONI E VIAGGI E PORTUGAL

Introdução

Ramusio saiu raramente do Véneto: deslocou-se no âmbito de várias embaixadas até à França, à Suíça e a Roma, mas nunca visitou a península ibérica. Mesmo assim, os vínculos que o ligavam a Espanha e Portugal eram estreitíssimos: correspondia com humanistas que tinham os seus mesmos interesses, desde logo com historiógrafos do calibre do espanhol Gonzalo Fernández de Oviedo y Valdés e do português Damião de Góis, os quais lhe disponibilizaram várias obras (no caso de Oviedo, também da sua mesma autoria) que depois antologiou. As *Navigazioni* contribuíram sem dúvidas, “por meados de Quinhentos, para oferecer à Itália e ao mundo uma nova e mais actualizada visão de Portugal”¹. Portugal protagonizou a época dos Grandes Descobrimentos, e como consequência é ele o protagonista do primeiro volume, onde se concentram todos os textos das *Navigazioni* concernentes às terras e às rotas portuguesas.

Portugal no primeiro volume das *Navigazioni*

As *Navigazioni* abrem-se com a imensa *Descrizione dell’Africa* de Leone Africano, e sugerimos para vê-la como um consistente prómio, ou uma circunstanciada introdução ao tema; desta maneira, o prómio resulta precedido pelo prefácio do autor e, a partir da terceira edição, pela nota prévia do editor.

A *Navigazione* de Alvise da Ca' da Mosto pode ser então considerada o verdadeiro *incipit* do primeiro volume, em que começa um conjunto notável de capítulos lusitanos: o livro, a partir de agora e até ao diálogo *Sopra il crescer del fiume Nilo*, é inteiramente dedicado às façanhas portuguesas, se exceptuarmos o itinerário de Diodoro Sículo. Alvise da Ca' da Mosto é um navegador veneziano dos meados do século XV que, chegado casualmente às costas algarvias em

¹ Stegagno Picchio 1985, p. 11.

1454, partiu no ano seguinte à volta da costa atlântica africana sob as insígnias do Infante D. Henrique. O seu relato narra a exploração da costa de Cabo Verde, ocorrida em 1455, e a viagem feita no ano seguinte, durante a qual subiu o rio Gâmbia e descobriu o arquipélago de Cabo Verde. A colocação do texto de Cadamosto logo depois do monumental ensaio de Leone Africano é ditada por razões de coerência cronológica e sobretudo de continuidade geográfica, em virtude da qual o autor se atreve a sugerir um novo itinerário: "percioché, avendosi l'uomo informato per la lettura di quello delli regni de' Negri ricchissimi di oro posti sopra il fiume Niger, e delle carovane de' mercatanti che al presente di continuo di molti paesi di Barberia vi vanno [...], possa leggendo queste *Navigazioni* veder e toccar con mano come si potria aprir un nuovo viaggio a detti regni de' Negri per mare". Mas um posicionamento tão enfático é com certeza o fruto duma consideração de valor etiológico: Ramusio quer de facto demonstrar como os descobrimentos portugueses assentam em alicerces venezianos.

Cadamosto é apresentado por Ramusio com todas as honras no *Discorso* que precede o relato, e Veneri nota justamente que "orgoglio e patriottismo gonfiano la rivendicazione di cittadinanza per il patrizio Alvise da Mosto [...]. Il I volume delle *Navigazioni*, dopo i deserti islamici di Leone Africano, che costituisce quasi un capitolo autonomo, inaugura con questa 'venezianissima' relazione l'epopea marittima portoghese"². Propusemos considerar o relato de Cadamosto como o autêntico início do I volume por causa do paralelismo existente com o segundo volum, que se abre com o *Discorso sui viaggi di Marco Polo*: este contém a mesma reivindicação, desta vez *apertis verbis*, duma origem veneziana dos descobrimentos, como ilustrámos *supra*.

Segue-se a brevíssima *Navigazione* de Pedro de Sintra, escrita pelo mesmo autor e concernente ao mesmo intervalo de costa africana. Encontramos depois a *Navigazione di Annone*, da autoria do grego Flávio Arrião, seguida por um breve comentário intitulado *Discorso sopra la navigazione di Annone cartaginese, fatto per un pilota portoghese*. O mesmo piloto compôs também a seguinte *Navigazione da Lisbona all'Isola di San Tomé [...], scritta per un pilota portoghese [...]*. Trata-se duma "pregevole ed esauriente relazione su S. Tomé e sulla rotta che vi conduce"³, escrita por um navegador "autorevole per esperienza e dottrina"⁴, sob encargo do próprio

² Veneri no prelo, p. 9.

³ Milanesi in *Navigazioni*, vol. I, p. 566.

⁴ Milanesi in *Ibidem*, vol. I, p. 551, nota n. 1.

Ramusio que, “come altrove, attribuisce modestamente la propria richiesta all’illustre amico Fracastoro, e ne fa destinatario il conte Raimondo Della Torre, presso cui il mercante soggiorna; per sé sembra riservarsi solo la responsabilità della traduzione”⁵.

Sucessivamente abre-se o ciclo de relatos sobre as Índias, que inclui as navegações dos dois mais famosos capitães do começo do século, quer dizer de Vasco da Gama e de Pedro Álvares Cabral. A célebre viagem que abriu a Portugal as portas das Índias, e permitiu o futuro acumular de imensas riquezas, é relatada pelo mercador Girolamo Sernigi, “gentiluomo fiorentino che si trovò al tornare della detta armata in Lisbona”⁶. A viagem de descobrimento da terra da Vera Cruz, hoje em dia Brasil, e o massacre de Calecute são relatados por um anónimo escrivão da esquadra: não sabemos nem em qual navio tinha embarcado, nem sequer em qual língua escreveu esta “concisa ma esauriente relazione”⁷.

A terra recém-descoberta é abordada também nos sucessivos três escritos atribuídos a Amerigo Vespúcio; o primeiro são as *Di Amerigo Vespucci fiorentino lettera prima e seconda, drizzata al magnifico M. Pietro Soderini, gonfaloniere perpetuo della magnifica ed excelsa signoria di Firenze, di due viaggi fatti per il serenissimo Re di Portogallo*. A primeira viagem narra a expedição de 1501-02, guiada por Gaspar de Lemos, que levou o cartógrafo às costas do Brasil. A segunda descreve uma viagem totalmente inventada, mas que se pretende ter sido realizada sempre sob as insígnias de D. Manuel, no ano 1503, até à futura baía de Todos os Santos. O *corpus* vespuciano termina com um breve sumário, que contém informações astronómicas, antropológicas, zoológicas e climáticas; na verdade, todos os três textos são apócrifos⁸: estamos perante uma falsificação originada pelo “successo e il mito che accompagnava le memorie vespucciane”⁹.

Situa-se agora um ciclo de escritos dedicados às Índias, que compreende a *Navigazione verso le Indie orientali di Tomé Lopez*, o *Viaggio nell’India di Giovanni da Empoli* e, por fim, o *Itinerario di Lodovico Barthea*. O primeiro texto, sintético mas detalhado, narra a expedição de 19 navios portugueses, chefiada por Vasco da Gama, partida de Lisboa em 1502, encarregada de entrelaçar o comércio de especiarias com a Índia e de ouro com o Moçambique, e sobretudo de criar as

⁵ Veneri no prelo, p. 22.

⁶ Milanesi in *Navigazioni*, vol. I, p. 607.

⁷ Milanesi in *Ibidem*, p. 621.

⁸ Cfr. Peloso 1985.

⁹ Veneri no prelo, p. 22.

bases da supremacia portuguesa no oceano Indiano. O autor era o escrivão do navio comandado por Estêvão da Gama, primo do capitão-mor. O texto seguinte descreve brevemente a esquadra portuguesa enviada às Índias no ano seguinte, chefeada por Afonso de Albuquerque: trata-se duma carta enviada por Giovanni da Empoli ao seu regresso a Portugal ao seu pai. Activo em Lisboa sob encargo da família florentina dos Marchionni, tinha participado na viagem na companhia de vários outros mercadores italianos. Lodovico di Varthema, bolonhês, passou oito anos, a partir de 1500, no Médio e Extremo Oriente: esta longa permanência lhe permitiu escrever, após o seu regresso à Itália, este riquíssimo *Itinerario*, que entrelaça informações geográfico-antropológicas com detalhes autobiográficos e acontecimentos históricos. Os Portugueses aparecem na última parte do escrito, intitulado *Libro terzo dell'India*, que concerne à vitoriosa guerra de Cananor de 1507, depois da qual regressou na armada chefiada por Francisco de Almeida.

Após o intervalo constituído pela *Navigazione di Iambolo*, extraído da *Biblioteca histórica* de Diodoro Sículo e composto no I século antes da nossa era, abre-se a secção etiópica com as *Due lettere* de Andrea Corsali: ele, encarregado pelo papa Leão X de entregar uma epístola ao Prete João, ou seja ao monarca da Etiópia, juntou-se à embaixada portuguesa de Duarte Galvão, incumbido de assinar uma aliança político-militar entre os dois estados. Partiu de Lisboa em 1515 na esquadra de Lopo Soares de Albergaria, e escreveu a primeira carta no ano seguinte, e acabou a segunda em Janeiro de 1518, quando a epístola partiu à volta do Ocidente num navio da frota portuguesa, pois Corsali decidiu permanecer no Oriente. O texto descreve os principais portos e fortalezas de Moçambique, península Arábica e Malabar, e contém passagens zoológicas, históricas, políticas e etnográficas. As *Due lettere* podem ser consideradas ao mesmo tempo um breve proémio¹⁰ e sobretudo um uma útil fonte de informações que integra o texto sucessivo. O *Viaggio nella Etiopia al Prete Ianni fatto per don Francesco Alvarez portughese* é de facto a tradução para o italiano da *Verdadeira informação sobre a Terra do Prestes João*, a qual resumia um original tratado, hoje perdido, que Francisco Álvares escreveu em português, a sua língua mãe, de volta da Etiópia, após ter morado ali de 1520 a 1526. Pode ser considerada uma súpula do mundo etiópico, sendo extremamente detalhada na descrição do ambiente, da natureza, dos recursos alimentares, da flora e da fauna, dos costumes e tradições, com grande atenção às

¹⁰ Biscetti 1985, p. 82.

práticas devocionais cristãs, pois o autor era “prete di messa”¹¹. Sobretudo a primeira parte é rica em informações históricas, onde ele faz “un riassunto rapido e conciso delle scoperte e dei viaggi portoghesi”¹²; descreve detalhadamente, em outro, a acção do embaixador Duarte Galvão e do seu homólogo etíope, no âmbito da mesma embaixada mencionada por Andrea Corsali.

Achamos depois o diálogo entre Ramusio e Fracastoro *Sopra il crescer del fiume Nilo*, tema pelo qual ambos os intelectuais tinham grande interesse. *La navigazione di Nearco, capitano di Alessando Magno, la quale scrisse Arriano greco* e *A navigazione del mar Rosso fino alle Indie orientali, scritta per Arriano in lingua greca* são ambas obras de Arrião¹³, ou seja um general grego que viveu na Anatólia no II século da nossa era. A primeira passagem descreve o marítimo do oceano Indiano, com breves notas antropológicas; a segunda põe em relação as costas da Etiópia com as terras limítrofes. As duas contribuições constituem o terceiro (após Hanão e Iambolo) e último interlúdio clássico numa colectânea dedicada principalmente às notícias recentes. Note-se que os dois textos são separados pelo *Viaggio scritto per un comito veneziano, che fu condotto prigione dalla città de Alessandria fino a Diu nella India*, o qual marca a definitiva chegada da colectânea ao Levante. Nele, o veneziano anónimo descreve a expedição turca do paxá Suleiman de 1538, finalizada a subtrair a Portugal o porto, riquíssimo e recentemente conquistado, de Diu. O autor assistiu ao combate dum navio turco que, após a derrota, conseguiu regressar ao Cairo em Dezembro do mesmo ano.

O *Libro di Odoardo Barbosa portoghese* é o primeiro texto das *Navigazioni* dedicado exclusivamente às Índias, e “constituisce colla *Suma Oriental* di Tomé Pires la prima descrizione sistematica dei paesi dell’oceano Indiano noti ai Portoghesi”¹⁴. Foi escrito entre 1517 e 1518 em Sevilha, pouco antes de aderir à expedição espanhola chefiada pelo seu cunhado Fernão de Magalhães, quer dizer à celeberrima primeira viagem de circum-navegação do Mundo. Naquela altura, Barbosa já tinha conhecimentos sólidos sobre o Oriente, pois tinha sido escrivão e feitor durante dezasseis anos na Índia. Pôde então compor um tratado que descreve em pormenores todas as costas do oceano Indiano até à ilha de Timor; grande atenção é dedicada às especiarias,

¹¹ Álvares in *Navigazioni*, vol. II, p. 81.

¹² Cfr. Biscetti 1985, passim.

¹³ Embora o segundo texto seja hoje atribuído a um mercador grego anónimo; cfr. Milanesi in *Navigazioni*, vol. II, p. 499.

¹⁴ Milanesi in *Navigazioni*, vol. II, p. 539.

pois a cada uma é dedicado um parágrafo com informações sobre a proveniência, o custo, as variedades e os lugares de troca comercial.

No seguinte *Sommario di tutti li regni, città e popoli orientali, con li traffichi e mercanzia che ivi si trovano*, podemos observar várias analogias com o texto anterior: foi por exemplo composto na mesma altura, ou para sermos mais precisos um ou dois anos antes por Tomé Pires. O droguista d'el-Rei D. Manuel escreveu-o em Malaca antes de partir em 1516 como embaixador português para Pequim. Mas sobretudo a estrutura dos tratados é parecida, sendo a Suma também organizada em parágrafos sobre as várias regiões do Oriente. Pires, porém, evita construir uma minuciosa lista de todas as povoações, e limita-se aos grandes centros e aos reinos mais importantes; apesar da sua profissão, não é tão detalhado na descrição das especiarias como o seu compatriota, mas insere precisas informações históricas e etnográficas.

O chancelheiro pontifício Poggio Bracciolini é o autor do *Viaggio di Nicolò di Conti veneziano*¹⁵, um breve manual geográfico-etnográfico que fotografa o Oriente antes da chegada dos Portugueses. Bracciolini fundiu os seus conhecimentos clássicos com as experiências directas que o navegador lhe contou em 1439. A escolha desta fonte permite ao redactor demonstrar mais uma vez que “già tanti anni si sapeano li nomi di alcune città scoperte al presente dai Portoghesi”¹⁶: a mesma tese que será desenvolvida no discurso sobre Marco Polo. Segue-se o breve *Viaggio di Ieronimo da Santo Stefano genovese*, que aqui como nas colectâneas anteriores nas quais apareceu é considerado como um apêndice do texto precedente: além dos dados biográficos, não apresenta novas informações.

Os três textos sucessivos são dedicados à célebre circum-navegação do globo, financiada pelo imperador Carlos V¹⁷ mas chefiada por Fernão de Magalhães, cuja nacionalidade portuguesa levou, juntamente com o destino (as Molucas) que a viagem tinha, Ramusio a incluir esta viagem no volume dedicado a Portugal. A viagem é num primeiro momento resumida na *Epistola di Massimiliano Transilvano [...]*, o qual “incontrò a Valladolid i reduci della spedizione, e dai loro racconti trasse materiale per una relazione che venne pubblicata sotto forma di lettera indirizzata

¹⁵ Mais precisamente, oriundo de Chioggia.

¹⁶ Milanese in *Navigazioni*, vol. II, p. 785.

¹⁷ mas sobretudo pelo banqueiro Cristóbal de Haro: cfr. Milanese in *Navigazioni*, vol. II, p. 834.

al padre, cardinale e vescovo di Cartagena”¹⁸. Maximiliano Transilvano foi, entre os seus vários cargos, secretário particular de Carlos V; nascido em Bruxelas, morou provavelmente na Hungria. Homem de letras, não deixa de citar os geógrafos da Antiguidade no *incipit* do seu escrito.

A mesma viagem é descrita, com grande messe de pormenores, no *Viaggio attorno il mondo fatto e descritto per messer Antonio Pigafetta vicentino [...]*, o qual, juntamente com o autor da seguinte *Narrazione di un Portoghese compagno di Odoardo Barbosa*, foi um dos poucos sobreviventes da expedição. Este último texto, publicado só a partir de 1554, consta de umas brevíssimas notas, que se limitam a dar uns posicionamentos cartográficos com relativas distâncias.

O *Discorso sopra varii viaggi per li quali sono state condotte fino a’ tempi nostri le spezierie e altri nuovi che se potriano usare per condurle*, escrito pelo próprio Ramusio, quer fornecer uma síntese sobre um tema que despertava grande interesse: graças à sua sólida cultura humanística, põe em relação as fontes antigas com as notícias recentes, conseguindo assim dar respostas exaustivas aos seus leitores. Encontramos depois a *Relazione di Iuan Gaetan, piloto castigliano, del discoprimiento dell’isole Molucche per la via dell’Indie occidentali*, que contém uma breve descrição da primeira viagem, guiada por Ruy Lopez de Villalobos em 1542 em nome do imperador Carlos V, que partindo das Índias ocidentais chegou às Molucas. A frota teve ali que enfrentar as esquadras portuguesas, pois ambas as nações reivindicavam o controlo das Molucas orientais, na base do tratado de Tordesillas: esta relação apresenta várias colocações falsificadas¹⁹, a fim de resultar o arquipélago das especiarias na metade espanhola.

Aqui terminava a edição do I volume de 1550; quatro anos mais tarde, quando o livro foi reeditado, juntaram-se as *Cinque lettere sull’Isola del Giapan*, escritas por cinco diferentes evangelizadores jesuítas, os quais tinham começado a divulgar o verbo divino na extremidade oriental da Ásia em 1540. As epístolas apareceram só a partir da segunda edição, pois foram compostas entre 1549 e 1550.

A adição de 1554 conclui-se com uma antologia de capítulos extraídos *Dall’Asia del signor Giovan de Barros*, parte que analisaremos em pormenores num dos próximos parágrafos.

¹⁸ Milanese in *Navigazioni*, vol. II, p. 841.

¹⁹ Cfr. *ibidem* vol. II, p. 1001.

O Discorso sopra le spezierie

In questo luogo di Cafì adunque essendo andati a visitar detto eccellente messer Ieronimo²⁰, lo trovammo accompagnato con un gentiluomo, grandissimo filosofo e matematico, che allora gli mostrava uno instrumento fatto sopra un moto de' cieli trovato di nuovo, il nome del quale per suoi rispetti non si dice. E avendo tra loro disputato lungamente sopra questo nuovo moto, per ricrearsi alquanto l'animo fecero portare una balla grande molto particolare di tutto il mondo, sopra la quale questo gentiluomo cominciò a parlare, dicendo che tutti gli uomini studiosi erano grandemente obligati e tenuti alli serenissimi re di Portogallo stati da cento anni in qua, conciosiaché avevano spesi infiniti tesori non già in guerra alcuna contra cristiani, ma in discoprir nuovi paesi che già tanti secoli erano stati nascosti, e far in quelli esaltare la fede di nostro Signor Giesú Cristo; e ch'erano stati fortunatissimi nelli capitani e gentiluomini mandati a questa impresa, perché tutti si avevano diportato con grandissimo valore, e che non sapeva trovar una nazione generalmente di tanta virtù come la portoghese, e tanto desiderosa dell'onore ed esaltazione del suo re, pel quale non stimariano morir mille volte il giorno, né mai si è inteso che alcuno di loro sia mancato a sua Maestà della debita obediencia e fede, ancora che si siano trovati in lontani paesi e con infinito tesoro nelle mani. E lassando da parte molte notabili imprese nel conquistar molti luoghi nell'Indie, e infinite battaglie e terrestri e navali, le due oppugnationi fatte alla città del Diu, la prima del millecinquecentotrentaotto per una armata del gran Turco, scritta per il signor Damian Goes, e questa ultima del 1546 che scrive il signor Iacobo Tevio pel re di Cambaia, e difesa così valorosamente per Portoghesi, passavano di gran lunga tutte quelle accadute in Italia ai tempi nostri, sí per la moltitudine dell'artegliaria come per la ostinazione degli animi degl'Indiani, i quali aveano già imparate le ordinanze di guerra da' Turchi andati a stare in quelle parti, e sapevano manegiar l'artegliarie e archibusi così bene come sanno gl'Italiani, e ne hanno maggior quantità che non hanno forse li principi cristiani. E per concluder in due parole, chi non cognosce che l'andata di cinque o sei capitani portoghesi in Persia aveva fatto stare tutto il mondo sospeso e in aere²¹?

Nesta passagem do *Discorso sopra le spezierie*, Ramusio não poupa os louvores a Portugal: ao País, aos reis e à sua Nação. O primeiro é mencionado como um farol da sabedoria que iluminou “nuovi paesi che già tanti secoli erano stati nascosti”²², com a óptima consequência de “far in quelli esaltare la fede di nostro Signor Giesú Cristo”; por isso, “tutti gli uomini studiosi erano

²⁰ Girolamo Fracastoro.

²¹ *Navigazioni*, vol. II, p. 979-80.

²² Neste parágrafo citamos unicamente a passagem referida *supra*.

grandemente obligati e tenuti alli serenissimi re di Portogallo”. A Nação não tem pares pela sua “tanta virtù”, pois é “tanto desiderosa dell'onore ed esaltazione del suo re, pel quale non stimariano morir mille volte il giorno”; e tudo isto “lassando da parte molte notabili imprese nel conquistar molti luoghi nell'Indie, e infinite battaglie e terrestri e navali”. Prescindindo do problema se a conversação com fidalgo realmente aconteceu, é claro que este excerto ilustra com absoluta sinceridade a posição de Ramusio, cuja condição de entusiasmo não era, seja claro, nada marginal no meio dos “uomini studiosi” italianos. Lembramos, a título de exemplo, que o grande Angelo Poliziano se tinha oferecido a el-rei de Portugal D. Manuel para cantar a epopeia do povo português.

A secção Dall'Asia del signor Giovan de Barros

Ramusio extrai das *Décadas* seis capítulos: o primeiro é o capítulo oitavo do terceiro livro, dedicado à África do Noroeste, mais precisamente aos estuários dos rios Senegal e Gâmbia e às costas limítrofes, onde se situam também os Cabos Verde (ao largo do qual se coloca o arquipélago homónimo) e Branco: trata-se do actual Senegâmbia. Segue-se o capítulo sétimo do livro seguinte, que consiste numa brevíssima primeira abordagem ao subcontinente indiano. Ramusio insere depois o quarto capítulo do livro oitavo, que se concentra na região de Zanguebar, ou seja nas costas africanas banhadas pelo oceano Indiano, e que se concentra na sua cidade mais rica, Quíloa. Descreve-se ainda o marítimo compreendido entre o Cabo Guardafu e o Cabo das Correntes, onde ficam também, entre as outras, as cidades de Mombaça e Melinde: trata-se das costas dos actuais estados de Somália, Tanzânia e Moçambique. Ramusio escolhe depois os primeiros dois capítulos do livro nono: o primeiro propõe uma repartição das costas do oceano Indiano em nove partes, e para cada zona indica algumas noções fundamentais de geografia (promontórios, rios, ilhas, portos, cidades, distâncias) é o mais extenso entre os capítulos antologiadados. O segundo descreve brevemente a situação política, mencionando os reinos de Adem, Xael, Fartaque, Cambaia e Decão no que concerne à península arábica; os reinos de Bisnagar, Orixá e Bengala que se situam na Índia, e os reinos indo-chineses de Pegu e Sião. A selecção ramusiana conclui-se com o primeiro capítulo do décimo livro, que descreve a feitoria e fortaleza de Sofala, no actual Moçambique.

Esta lista abrange todos os capítulos monográficos da *Década I*: podemos de facto afirmar que Ramusio escolheu somente os capítulos inteiramente dedicados a questões geográficas, e não a acontecimentos históricos, se exceptuarmos o capítulo primeiro do livro oitavo, ou seja a célebre monografia sobre o "modo que se navegavam as especiarias té virem a estas partes da Europa, ante que descobrissemos e conquistássemos a Índia"²³.

Ramusio não o incluiu provavelmente porque continha informações decididamente ultrapassadas: descreve de facto de forma sintética a conhecida "rotas das especiarias" nas suas duas ramificações principais: a rota marítima que passava por Adem, e que prosseguia no mar Vermelho e no rio Nilo até chegar ao seu delta, e a rota continental, que atravessava a Pérsia, passava ao sul do mar Cáspio e podia terminar seja na península anatólica, seja nas costas do Líbano. Ramusio sabia muito bem que estes percursos eram decorados há gerações pelas famílias venezianas, nobres e plebeias: este capítulo continha unicamente noções extremamente óbvias para os seus leitores. O dito capítulo teria sido também redundante, porque o primeiro volume das *Navigazioni* já apresentava, desde a primeira edição, duas monografias detalhadas sobre as especiarias: desde logo o *Libro di Odoardo Barbosa*. Este livro contém um capítulo onde cada parágrafo é dedicado a uma especiaria, e não só explica a sua região de origem e as eventuais variedades, mas inclui uma tábua sinóptica com os preços das mesmas no mercado de Calecute. O seguinte *Sommario delle Indie orientali* é igualmente preciso no que concerne às especiarias. Finalmente, as rotas continentais da Ásia seriam amplamente tratadas pelo segundo volume, em princípio pelo livro de Marco Polo. Mas a principal razão pela qual Ramusio não insere o capítulo primeiro do livro oitavo na própria colectânea é porque ele mesmo já tinha redigido para as *Navigazioni* o *Discurso sobre o comércio das especiarias*: sintético mas detalhado e rico de citações das autoridades clássicas (Plínio o Velho e Estrabão), integrava dignamente as informações de Barbosa e Pires.

Como aludimos, Ramusio limita-se a capítulos de exclusivo interesse geográfico: por isso não insere nas *Navigazioni* capítulos como o cap. III do livro terceiro, onde se descreve a perluação por Diogo Cão das costas de Congo e Benim, mas em que as informações geográficas aparecem justapostas à narração da viagem. Podemos afirmar que os capítulos provenientes das *Décadas* abordam principalmente temas já presentes em outras obras da antologia: a costa da

²³ *Décadas*, vol. I, p. 260.

África norte-ocidental é por exemplo já minuciosamente descrita por Alvise da Ca' da Mosto, que fala das costas em correspondência dos rios Senegal²⁴ e Gâmbia²⁵, e descreve as peculiaridades morfológicas, antropológicas, zoológicas e botânicas. Acham-se breves informações sobre Quíloa e Sofala nas reportagens das expedições de Pedro Álvares Cabral²⁶ e de Tomé Lopes²⁷; Sofala é também abordada na primeira das *Due lettere dall'India di Andrea Corsali fiorentino*²⁸. Finalmente, as duas cidades são descritas em pormenor no *Libro di Odoardo Barbosa*²⁹.

A percepção de Portugal no primeiro volume das *Navigazioni*

Desejamos agora tecer algumas considerações sobre o papel atribuído a Portugal neste livro, desde logo inserindo uma passagem do fundamental artigo de Stegagno Picchio (1985), que individua três modalidades distintas com as quais os vários autores se referem a Portugal.

O primeiro grupo, provindo dos próprios portugueses ou de marinheiros ao seu serviço, tem, quanto ao nosso tema, conotação positiva. Entram aqui as navegações realizadas [...] pelo nobre veneziano Alvise Ca' da Mosto: apreciador da operosidade dos camponeses lusos, quer do continente, quer das ilhas, embora chocado pela autonomia de uma tripulação de marinheiros que «desiderosi di ritornare alle loro case» conseguem truncar a navegação planeada; mas sobretudo fascinado pela figura do Infante, vulto «di gran cuore e sublime ed elevato ingegno», guiado na sua empresa por altos ideais de conhecimento e evangelização. Entram as navegações de Pero de Sintra, escritas pelo próprio Ca' da Mosto. Entram as expedições à Índia de Vasco da Gama, de Pero Álvares Cabral e de Afonso de Albuquerque assim como a viagem à Etiópia de Francisco Álvares, o *Livro das índias Orientais* de Duarte Barbosa e o *Sumário dos Reinos* de Tomé Pires; e entram por fim os seis capítulos da *Ásia* de João de Barros [...].

O segundo grupo de textos, escritos por estrangeiros ocidentais, italianos na maioria, é por assim dizer imparcial no juízo histórico, embora ligado ao mundo português pela religião, a cultura europeia, às vezes os negócios. Podemos incluir aqui as duas navegações de Amerigo Vespucci, [...] em que colhemos, por exemplo, referências à rivalidade entre o soberano de Castela, no serviço do qual

²⁴ *Navigazioni*, vol. I, pp. 494 e seg.; pp. 505-510.

²⁵ *Ibidem*, p. 532.

²⁶ *Ibidem*, pp. 627 e seg.

²⁷ *Ibidem*, pp. 690-3.

²⁸ *Navigazioni*, vol. II, pp. 22-24.

²⁹ *Ibidem*, pp. 545-550.

Vespucci tinha realizado anteriormente duas viagens à América, e o rei D. Manuel de Portugal que, como já o seu modelo, o Infante D. Henrique, ia procurar directamente os seus almirantes «roubando-os» ao rival, mesmo quando eles, como Vespucci, morador de Sevilha, residiam «in terra aliena». E podemos com mais razão colocar neste grupo as duas cartas da Índia de Andrea Corsali [...].

Nem todas, porém, as Navegações recolhidas por Ramusio possuem esta conotação positiva, ou pelo menos de temeroso apreço, em relação a Portugal. Há um terceiro conjunto de textos que nos apresentam o português de forma francamente negativa. São, antes de mais nada, as crónicas e os relatos de viagens de autores pertencentes à outra hoste da Reconquista. Poucas na colectânea de Ramusio, baseada quase por inteiro em textos portugueses ou pelo menos de navegadores cristãos. Mas suficientes para nos colocar numa posição de equidistância relativamente aos acontecimentos narrados, para nos mostrar de cada acontecimento não só a versão oficial, mas também, e sobretudo, o seu reverso. Com efeito, o primeiro livro das *Navigazioni* abre com a Descrição da África de Leão Africano, [...] [o qual] vê Portugal e os Portugueses na óptica islâmica, e é para nós equilibradora e instrutiva esta imagem duma Europa devastadora de terras marroquinas³⁰.

O caso específico de Lodovico Bartheima

Stegagno Picchio menciona brevemente nesta categorização também o *Itinerario di Lodovico Bartheima*, e por isto tentamos aqui completar o discurso que a estudiosa, com certeza por questões de síntese, deixou inacabado. O *Itinerario* revela-se interessante e até divertido por o autor expressar-se numa “dupla perspectiva, islâmica e cristã”³¹ acerca dos Portugueses. No primeiro caso, Bartheima narra que

Un giorno, stando a mangiare col mio compagno, vennero duoi mercatanti persiani di Canonor, quali subito li chiamò a mangiare con lui. Risposero loro: “Noi non abbiamo voglia di mangiare, e portiamo una mala novella”. Li dimandò: “Che parole son queste che voi dite?” Dissero costoro: “Sono venute dodici navi di Portoghesi, le quali abbiamo vedute con gli occhi nostri”. Dimandò il mio compagno: “Che genti sono?” Risposero li Persiani: “Sono cristiani, e tutti sono armati d'arme bianche, e hanno cominciato a fare un fortissimo castello in Canonor”. Voltossi a me il mio compagno e dimandommi: “O

³⁰ Stegagno Picchio 1985, pp. 14-16.

³¹ Stegagno Picchio 1985, p. 19.

Lodovico, che genti sono questi Portoghesi?” Io gli risposi: “Non mi parlar di tal generazione, che tutti sono ladri e corsari di mare: io li vorrei veder tutti convertiti alla fede nostra maumettana”³².

Barthema pronuncia uma resposta sintética, mas que não deixa dúvidas: «sono ladri e corsari di mare»; talvez seja a consequência dum sentimento de inveja, ou dum antecedente não referido, mas não sabemos. Muito provavelmente se relaciona com o desejo de comprovar a firmeza da sua devoção muçulmana e com a condição de marcada inferioridade numérica que obviamente caracterizava os Cristãos no Oriente. Por fim, todos sabemos que dar uma resposta em sintonia com a sensibilidade do ouvinte não é uma ideia despicienda. Porém, a posição de Barthema muda profundamente poucas páginas mais adiante:

Il re di Canonor, veduta tutta questa battaglia, disse: “Questi cristiani sono molto animosi e valenti uomini”, e cominciò a volerne molto bene e averne cari. E veramente, per dir la verità, io mi sono trovato in qualche guerra alli miei giorni e ho veduto combattere terribilmente, ma non viddi mai li piú animosi di questi Portoghesi³³.

Barthema sabe de não poder negar a realidade: Portugal estava rapidamente a conquistar importantes cidades e a construir grandes fortalezas, e estes triunfos eram necessariamente a consequência directa da coragem e da animosidade do povo português. Em todos os casos, sé até o rei de Cananor, muçulmano, admitia o seu valor, por que razões Barthema não o podia reconhecer?

Análise quantitativa da presença de Portugal nas *Navigazioni*

A antologia compreende 27 autores³⁴, dos quais sete, ou seja quase 30%, são portugueses: Tomé Lopes, Francisco Álvares, Duarte Barbosa, Tomé Pires, dois navegantes anónimos e João de Barros provinham de Portugal e escreveram as suas experiências em português. Os mais numerosos são os onze italianos, sobretudo toscanos e vénetos; seguem-se os quatro autores espanhóis, os dois historiadores gregos, um berbere convertido ao Catolicismo, um humanista cosmopolita nascido em Bruxelas e um anónimo do qual não sabemos nem sequer a

³² Barthema in *Navigazioni*, vol. I, p. 875.

³³ Barthema in *Navigazioni*, vol. I, p. 883.

³⁴ São 28 se incluímos Ramusio.

nacionalidade. Se lembrarmos que o texto foi escrito em Veneza, ou seja na cidade rival por excelência de Portugal, essa distribuição cifra não pode ser fruto duma casualidade, mas sim dum projeto consciente.

Mais difícil é calcular o número (e a relativa percentagem) de textos protagonizados por Portugal, no âmbito dos 31 textos antologizados e dos dois textos compostos por Ramusio. Considerámos mais textos consecutivos escritos pelo mesmo autor como um texto único (as duas epístolas e o sumário de Amerigo Vespúcio são por exemplo considerados um único texto); pelo contrário, perante um conjunto de textos, mesmo se homogêneos, de mais autores, considerámos cada texto de forma independente (é o caso por exemplo das cinco epístolas do Japão, escritas por quatro padres diferentes). Podemos então afirmar que, além dos nove excertos cujo autor é de nacionalidade portuguesa, Portugal protagoniza:

- as navegações de Alvise Cadamosto e Pedro de Sintra, de Vasco da Gama, de Pedro Álvares Cabral e de Amerigo Vespúcio, por serem viagens encomendadas por el-Rei de Portugal;

- o *Viaggio nell'India di Giovanni da Empoli*, por relatar a expedição guiada por Afonso de Albuquerque de 1503;

- as *Due lettere* de Andrea Corsali, por descreverem a embaixada portuguesa à Etiópia de 1515;

- a *Epistola di Massimiliano Transilvano* e no *Viaggio attorno il mondo fatto e descritto per messer Antonio Pigafetta vicentino*, por tratarem uma exploração que, se bem que autorizada pelo Imperador e rei de Espanha, foi chefiada pelo cidadão português Magalhães.

Os Portugueses representam uma presença importante também:

- no capítulo *Libro terzo dell'India* do *Itinerario di Lodovico Barthema*, por concerner à guerra vitoriosa de Cananor de 1507;

- no *Viaggio scritto per un comito veneziano*, dado que o autor narra, na parte final, o ataque falhado com o qual, em 1538, os Turcos tentaram conquistar Diu;

- no *Discorso sul commercio delle spezie*, onde, embora Ramusio prefira adoptar um olhar cosmopolita, que o leva a incluir num breve texto referências ao globo inteiro, México e Moscóvia incluídos, Portugal recebe grandes louvores.

Portanto, Portugal é marginal unicamente:

- na *Descrizione dell’Africa* de Leão Africano, que alude às cidades do litoral de Marrocos conquistadas por Portugal;

- na *Relazione* de Juan Gaetán, onde a viagem descrita termina nas Molucas, controladas pelos Portugueses.

Está, por fim, totalmente ausente:

- no diálogo *Sopra il crescer del fiume Nilo*, por ser o único texto que concerne a uma área não atingida por Portugal;

- no *Viaggio di Nicolò di Conti veneziano* porque foi escrito antes da chegada de Portugal à Ásia;

- no *Viaggio di Ieronimo da Santo Stefano genovese*, principalmente por ser um texto extremamente breve;

- nas *Cinque lettere sull’Isola del Giapan*, pois o Japão se situava além do alcance das frotas portuguesas.

Dado que Portugal não é obviamente mencionado nos textos dos autores antigos, podemos portanto afirmar que esta nação desempenha um papel central em 16 dos 33 textos, ou seja em quase metade do total, e está presente, mesmo se marginalmente, em 21, mais ou menos os dois terços. Repare-se que os 12 textos nos quais o Império marítimo não aparece são, como já referimos, extremamente breves, e de facto no total não chegam a ocupar 10% das páginas³⁵. Podemos então afirmar que no primeiro volume a componente non-portuguesa é absolutamente marginal.

³⁵ Ocupam 128 de 1993 páginas na edição *Navigazioni*.

Considerações finais

O primeiro volume das *Navigazioni* celebra Portugal, e o mesmo faz Barros nas *Décadas*, embora esta sua tendência não apareça nos capítulos escolhidos, por serem estes rigorosamente descritivos. Ramusio tinha de facto reconstruído a história recente de Portugal para a edição de 1550, atingindo a inúmeras fontes de autores diferentes; as *Décadas* tinham chegado demasiado tarde e, além disso, descreviam os mesmos acontecimentos. Na edição sucessiva das *Navigazioni*, portanto, o máximo que Ramusio podia fazer era fornecer ao leitor uma detalhada adenda que abordasse tópicos ainda não bem desenvolvidos, como por exemplo a descrição geográfica dalgumas zonas do Oriente: informações que de facto tira da *Ásia*.

CAPÍTULO SEXTO.

ALFONSO DE ULLOA

A juventude

Desconhecem-se ano e localidade de nascimento de Alfonso de Ulloa, o literato espanhol que publicou a tradução integral das *Décadas* I e II em Veneza em 1562. Nasceu em Castela, talvez em Toro, onde o seu apelido era extremamente comum¹, provavelmente pouco antes de 1530. Veio para a Itália ainda jovem, por volta do ano 1545, deixando assim definitivamente a sua terra natal por razões não bem esclarecidas: “hay que imaginar que se enrolase como paje en el séquito de algun personaje español, militar o diplomático”². Arróniz sugere o nome de Juan de Mendoza, embaixador de Espanha em Veneza entre 1547 e 1552, pois “el único echo cierto, por su propia confesión es que en 1546 se afincaba en Venecia”³. A intimidade com Juan de Mendoza poderia também explicar o seu precoce interesse pelas letras; de facto, Juan tinha herdado de Diego Hurtado de Mendoza, tio e antecessor do cargo, a sua riquíssima biblioteca. Porém, “por pocos personajes muestra Ulloa una aversión y encono tan manifiestos como por su supuesto valedor don Diego Hurtado de Mendoza”⁴.

Em 1550 enrolou-se no exército imperial, nas tropas guiadas por Ferrante Gonzaga, príncipe de Molfetta, mas já em 1552 estava de volta a Veneza. Nestes dois anos pôde experimentar a vida militar que descreveu em várias suas obras historiográficas, desde logo na *Vita dell'invittissimo e sacratissimo imperatore Carlo Quinto*⁵, onde narra também a conquista de Colorno de 1551 na qual participou.

¹ Cfr. Gallina 1955, p. 5.

² Rumeu 1973, p. 36.

³ Ibi.

⁴ Ibidem, p. 38.

⁵ ULLOA, Alfonso de, *La vita dell'invittissimo imperator Carlo quinto; descritta da Alfonso Villoa, et nuouamente mandata in luce. Nella quale uengono comprese le cose piu notabili occorse al suo tempo; cominciando dall'anno 1500. infino al 1560. Con una copiosissima tauola delle cose principali, che nella opera si contengono*, Venetia: appresso Vincentio Valgrisi, 1560.

As diversas incumbências dum literato activíssimo

De regresso à Dominante, Alfonso tornou-se escrivão da embaixada veneziana em 1552; porém, poucos meses depois, Juan de Mendoza deixou o seu cargo, e o seu substituto Francisco de Vargas despediu-o. “Para liberarse de esta precaria situación el cacereño aguzó el ingenio y dio inicio a la fecunda actividad literaria que caracteriza la existencia del escritor. En efecto, en el acialgo año de 1552, en la imprenta de Gabriel Giolito de’ Ferrari, salió a la estampa la primera traducción debida a su pluma: *El duello del Mutio Iustinopolitano*”⁶. Nos quatro anos seguintes criou-se um sodalício profícuo entre o escritor espanhol e o editor veneziano, pois “ambos concebieron una especie de editorial, cuyo objetivo fue la publicación de obras españolas traducidas al italiano y textos italianos vertidos al italiano”⁷: uma actividade que tinha como único antecedente a, na verdade muito limitada, obra do editor veronês contemporâneo Stefano de Sabbio. Ferrari de facto “acaparó hasta 1556 toda la producción literaria de Alfonso de Ulloa, que alcanzaba por esta fecha la cifra de catorce títulos”⁸, entre os quais podemos destacar:

- a tradução do espanhol para o italiano do *Libro áureo de Marco Aurelio*⁹ de Antonio de Guevara em 1553, e do primeiro¹⁰ e segundo¹¹ volume do *Libro llamado Monte Caluario* em 1557-67 do mesmo;

⁶ Rumeu 1973, p. 43.

⁷ Ibidem, p. 46.

⁸ Ibidem, p. 49.

⁹ *Vita, gesti, costumi, discorsi, et lettere di Marco Aurelio imperatore, sapientissimo filosofo, & oratore eloquentissimo. Con la giunta di moltissime cose, che nello spagnuolo non erano, et delle cose spagnuole, che mancano, nella traduttione, italiana*, Vinegia: appresso Gabriel Giolito de Ferrari e fratelli, 1553. Tradução de GUEVARA, Antonio de, *Libro aureo de Marco Aurelio, emperador y eloquentissimo orador*, Vinecia: por Gabriel Giolito de Ferrariis y sus hermanos, 1553.

¹⁰ *La prima parte del Monte Caluario. Doue si trattano tutti i sacratissimi misterji auenuti in questo monte infino alla morte di Christo. Composto dall'illustre s. don Antonio di Gueuara. Tradotto di lingua spagnuola nell'italiana, dal signor Alfonso d'Vglia Hispano*, Vinegia: appresso Gabriel Giolito de' Ferrari, 1559. Tradução de: GUEVARA, Antonio de, *La primera parte del libro llamado Monte Caluario*, Villa de Valladolid: por industria del honrrado [sic] varon Juan de Villaquiran, 1545.

¹¹ *La prima [sed segunda] parte del Monte Caluario. Doue si trattano tutti i sacratissimi misterii auenuti in questo Monte infino alla morte di Christo. Composto dall'illustre s. don Antonio di Gueuara. Tradotto di lingua spagnuola nell'italiana, dal signor Alfonso di Vglia hispano*, Vinegia : appresso Gabriel Giolito de' Ferrari, 1559. Tradução de: GUEVARA, Antonio de, *La segunda parte del libro llamado Monte Caluario*, Villa de Valladolid: a costa y en casa de Sebastian Martinez, 1552. Tradução supostamente executada cerca de 1557, mas publicada só em 1567.

- a tradução do italiano para o espanhol do já referido *Il duello del Mutio iustinopolitano*¹² de Gerolamo Muzio em 1552, da *Esposizione dei luoghi difficili*¹³ de Ludovico Dolce e de *Le molte e diverse virtù delli savi antichi*¹⁴ de Niccolò Liburnio em 1553;

- a edição de textos espanhóis, entre os quais a *Ulixea*¹⁵ de Homero, a *Tragicomedia de Calisto y Melibea*¹⁶ de Fernando de Rojas e o *Libro áureo*¹⁷ de Guevara na original versão espanhola em 1553;

- a edição de textos italianos traduzidos para o espanhol por outrem, como o *Orlando Furioso*¹⁸ publicado em 1553.

Ulloa torna-se assim muito rapidamente no principal divulgador e «introduzidor de la cultura española en Italia». Logo aprende os métodos e os cargos do editor, que o levam a escrever introduções de vários géneros; particularmente rica dum ponto de vista filológico-editorial é a já

¹² *El duello de Mutio iustinopolitano tradvzido del vulgar toscano en romance Castellano por Alonso de Vlloa*, Venecia: Gabriel Giolito de Ferrari, 1552. Tradução de MUZIO, Girolamo, *Il duello del Mutio iustinopolitano*, Vinegia: appresso Gabriel Giolito de Ferrari e fratelli, 1550.

¹³ *Exposicion de todos los lugares difficultosos que en el presente libro se hallan. ... Recogidas por el S. Ludouico Dolce*. Tradução de: DOLCE, Ludovico, *Esposizione dei luoghi difficili* in ARIOSTO, Ludovico, *Orlando furioso di messer Lodouico Ariosto con la giunta, nouissimamente stampato e corretto. Con una apologia di Ludouico Dolcio contra ai detrattori dell'autore, & vm modo breuissimo di trouar le cose aggiunte; e tauola di tutto quello, ch'è contenuto nel libro. Aggiuntoui vna breue esposizione dei luoghi difficili*, Vinegia: appresso di Mapheo Pasini, & Francesco di Alessandro Bindoni, compagni, 1535.

¹⁴ *Sentencias y dichos de diuersos sabios y antiguos auctores, assi Griegos como Latinos; recogidos por M. Nicolas Liburnio, y agora nueuamente traduzidos en romance Castellano por el S. Alonso de Vlloa*, Venecia: en casa de Gabriel Giolito de Ferrariis y sus Hermanos, 1553. Tradução de LIBURNIO, Nicolò, *Le molte et diuerse virtu delli saui antichi da Greci, & latini auttori in uolgar sermone per M. Nicolo Liburnio tradotte. Motti elegantissimi de diuersi auttori. Tradotti di latino in volgare*, Vinegia: per maestro Bartholomeo Zanetti Casterzagenese, 1537.

¹⁵ *Ulixea de Homero, repartida em XIII libros. Traduzido de griego en romance castellano por el señor*, Venecia: por Gabriel Giolito de Ferrariis y sus hermanos, 1553. Tradução por Gonzalo Pérez da *Odisseia* de Homero.

¹⁶ ROJAS, Fernando de, *Tragicomedia de Calisto y Melibea, en la qual se contienen de mas de su agradable y dulce estilo, Muchas sententias philosophales y amisos muy necesarios para mancebos, mostrandoles los engaños que estan encerrados en diruientes y alcahuetas. Con summa diligentia corregida por el. S. Alonso de Vlloa; ... E nueuamente annadido el tractado de Centurio, con una exposition de muchos vocabolos castellanos en lengua ytaliana*, Venecia: en casa de Gabriel Giolito de Ferrariis y sus hermanos, 1553.

¹⁷ GUEVARA, Antonio de, *Libro aureo de Marco Aurelio, emperador y eloquentissimo orador*, Venecia: por Gabriel Giolito de Ferrariis y sus hermanos, 1553.

¹⁸ *Orlando furioso de m. Ludovico Ariosto ... Traduzido en romance castellano por el S. Don Hieronimo de Vrrea ... Assimismo se ha anadido vna breue introducion para saber e pronunciar la lengua Castellana, con vna exposicion enla Thoscana de todos los vocablos difficultosos contenidos enel presente libro*, Venecia: por Gabriel Giolito de Ferrariis y sus hermanos, 1553. Tradução por Jerónimo de Urrea de ARIOSTO, Ludovico, *Orlando Furioso* (primeira edição: Ferrara: per maestro Giouanni Mazocco dal Bondeno, 1516).

referida *Tragicomedia de Calisto y Melibea*. A rubrica da introdução é muito precisa: *Introdutione del Signor Alphonso de Uglia, nella quale si insegna a pronunciare la lingua spagnuola. Con una espositione da lui fatta nella italiana di parecchi vocaboli hispagnuoli difficili contenuti quasi tutti nella Tragicommedia di Calisto e Melibea*. Neste volume portanto Ulloa num primeiro momento ensina ao leitor os fundamentos da fonética espanhola e, de seguida, elabora na *Espositione in lingua Thoscana, di parecchi vocaboli hispagnuoli* o primeiro glossário espanhol - italiano.

O cuidado com a compreensão do texto é constante tanto nos textos espanhóis, como o precedente caso demonstra, como nas obras italianas traduzidas em espanhol. No *Orlando Furioso*, por exemplo, Ulloa insere uma *Exposicion de todos los lugares difficultosos que en el presente libro se hallan*, que não é outro senão a tradução por si mesmo redigida da *Espositione dei luoghi difficili* de Ludovico Dolce.

Um biógrafo de grande êxito

Ulloa passou em 1557 a trabalhar prevalentemente para outro impressor conceituado de Veneza, Vincenzo Valgrisi. Nesta editora continuou a actividade de editor de textos espanhóis e de tradutor em ambos os sentidos indicados, mas começou também a publicar obras da sua autoria. Ulloa torna-se então num

memorialista de sucesos - equivalente al periodista de hoy - atento a satisfacer la curiosidad despierta del público en torno a los grandes personajes e los acontecimientos notables, con auténtico sentido de anticipación. Para Ulloa el éxito de una obra radica en buena parte en salir la primera; y al servicio de esta verdad pone sus dotes de retórico e de facilidad de pluma¹⁹.

Estreou-se com a obra pela qual é hoje mais lembrado, ou seja com *La vita dell'invittissimo imperator Carlo quinto*, que apareceu no dia 1 de Março de 1560. “Si se tiene en cuenta que Carlos V falleció en Yuste el 1 de septiembre de 1558, se comprenderá fácilmente que dispuso de un año”²⁰ ou pouco mais. A obra teve um êxito extraordinário, pois foi reeditada em 1562 e em 1566; “después la morte del autor se imprimirá de nuevo [...] en 1575, 1581, 1589 y 1606”. A biografia

¹⁹ Rumeu 1973, p. 85.

²⁰ Ibi.

revela-se uma exaustiva síntese historiográfica, na verdade não isenta de erros²¹, apesar da rica bibliografia que o autor menciona no *incipit*. Mas a *Vita* fornece também detalhes da vida privada do imperador, e em grande quantidade, principalmente para satisfazer os desejos do leitor curioso: desde logo, é obviamente mencionada a amizade com Tiziano Vecellio, glória da Sereníssima. Um amplo espaço é também dedicado às complexas vicissitudes familiares, que incluíam a morte precoce, aos seus dezoito anos de idade, de D. Maria Manuela de Portugal, primeira esposa de D. Felipe II de Espanha.

A sua actividade de biógrafo prosseguiu com obras parecidas, no que concerne à predilecção para personagens de máxima importância política e de absoluta actualidade, a atenção para a vida privada, a vocação divulgativa, a escolha dum estilo agradável. Nada de mais natural, portanto, do que a publicação dum volume dedicado ao sucessor ao título de imperador romano-germânico e irmão de Carlos V: a *Vita del potentissimo e christianissimo imperatore Ferdinando primo*²², impressa em 1565 ou seja, neste caso também, um ano e poucos meses depois da sua morte.

As traduções do português

Desejamos agora deter-nos sobre os únicos dois textos traduzidos por Ulloa do português e para o italiano: as *Décadas da Ásia* de Barros e da *História do descobrimento e conquista da Índia* de Castanheda. Os interesses do público italiano pela actualidade política, e obviamente o desejo de Ulloa de satisfazer este pedido, levaram de facto o espanhol a traduzir as únicas duas tratadas exaustivas (impressas até então) dos descobrimentos portugueses. Ulloa publicou por primeira a tradução das *Décadas I e II*²³ por Vincenzo Valgrisi em 1562, ou seja um ano antes da saída da terceira década, a qual portanto ainda hoje tem que ser traduzida para o italiano. O espanhol traduziu em seguida todos os oito livros (e sete volumes) de Castanheda, cuja obra foi editada por

²¹ Cfr. Rumeu 1973, p. 94.

²² ULLOA, Alfonso de, *Vita del potentissimo, e christianiss. imperatore Ferdinando primo. Descritta dal sig. Alfonso Ulloa. Nella quale vengono comprese, e trattate con bellissimo ordine le guerre di Europa co i fatti de' principi christiani. Cominciando dall'anno 1520 fino al 1564*, Venetia: appresso Camillo, & Francesco Franceschini fratelli, 1565.

²³ BARROS, João de, *L' Asia del s. Giouanni di Barros, consigliere del christianissimo Re di Portogallo: de' fatti de' Portoghesi nello scoprimento, & conquista de' mari & terre di Oriente. Nella quale oltre le cose appartenenti alla militia, si ha piena cognitione di tutte le citta, monti e fiumi delle parti orientali, con la descrizione de' paesi et costumi di quei popoli. Nuovamente in lingua portoghese tradotta dal S. Alfonso Ulloa*, Venetia: Appresso Vincenzo Valgrisi, 1562.

inteiro só em 1561. Esta obra saiu, póstuma, por Giordano Ziletti só em 1577²⁴. Ambas as publicações não tiveram o sucesso que provavelmente Ulloa tinha esperado, pois nunca foram reeditadas; isto principalmente porque as *Navigazioni* de Ramusio satisfizeram (e continuavam, mediante as sucessivas edições, a satisfazer) abundantemente o apetite italiano para os detalhes geográficos das navegações portuguesas. Lembre-se também que nos finais do século Portugal já tinha ultrapassado o seu período áureo, e portanto não despertava o mesmo interesse dantes.

Os últimos anos

“Los últimos años de la existencia de Ulloa están marcados por un intenso dramatismo. A principios de 1568 el escritor fue detenido y encarcelado, y esta aflictiva situación va a permanecer durante el resto de su existencia”²⁵. Se Gallina tinha publicado em 1955 os documentos relativos ao processo e à condenação, conservados no Arquivo estadual de Veneza, é Rumeu de Armas que resolveu o mistério que até então permanecia acerca das causas: D. Felipe II, “en carta al dux de Venecia Pietro Loredan, puntualiza [...]: ‘aver ... hecho imprimir ... çierto libro en lengua hebrea, sin liçençia de la Señoría’ ”²⁶. O terrível Conselho dos X tinha decidido para a decapitação, mas Ulloa pensou “que la delación de los cómplices podría atraer sobre su persona la benevolencia del tribunal. [...] En efecto, presentó un escrito de confesión de la propia culpa e de revelación de la ajena. [...] Comprobada la vericidad de los hechos [referidos], el Consejo de los Diez revocó su anterior decisión e condenó al escritor, el 6 de febrero de 1568, a ‘pena di perpetua carcere, si che habbi a finir la vita soa in preson serrada’ ”²⁷. Num primeiro momento Ulloa soube apreciar o tratamento favorável que a cadeia veneziana garantia aos nobres e aos estrangeiros; porém, enviou desde logo numerosas e frequentes cartas tanto a D. Felipe II, quanto ao secretário de Estado Antonio Pérez, suplicando uma intervenção diplomática finalizada à sua amnistia, mas encontrando respostas descontínuas e vagas. Ulloa continuou a sua fértil produção literária também

²⁴ LOPES de CASTANHEDA, Fernão, *Historia dell'Indie orientali, scoperte, & conquistate da' Portoghesi, di commissione dell'inuittissimo re Don Manuello, di gloriosa memoria. Nella quale, oltre alle strane vsanze, maniere, riti e costumi di quelle genti; si uieneanco in notitia di molte guerre fatte in quei paesi; & di molte prouincie, isole, citta, castelli, fiumi ... Distinta in libri 7. Composti dal sig. Fernando Lopes di Castagneda. Et nuouamente di lingua portoghese in italiana tradotti dal signor'Alfonso Ulloa*, In Venetia: appresso Giordano Ziletti, 1577.

²⁵ Rumeu, p. 62.

²⁶ Ibidem, p. 63.

²⁷ Ibidem, p. 65.

na prisão, publicando vários comentários, principalmente sobre as façanhas bélicas espanholas, que obviamente não deixou de enviar ao seu monarca. Apesar disso, em pouco mais dum ano o feresim literário tournou-se num precário estado de saúde que o levou rapidamente à morte, ocorrida no dia 14 de Junho de 1570.

SEGUNDA PARTE.

RAMUSIO E ULLOA TRADUTORES DAS *DÉCADAS DA ÁSIA*

CAPÍTULO SÉTIMO.

RAMUSIO TRADUTOR DAS *DÉCADAS DA ÁSIA*

Nota sobre o método

Desejámos demonstrar neste capítulo que a tradução feita por Ramusio das *Décadas da Ásia* é uma tradução fiel. Para prová-lo mediante indução, propomos de comparar de forma descontínua mas prolongada o texto de origem e a tradução; seleccionámos então um conjunto de períodos de forma rigorosamente casual, pois apresentamos aqui todos os períodos (dos capítulos que estudámos) cujo numero ordinal é um múltiplo de 15: estes serão a amostra da nossa investigação.

Introdução

A esmagadora maioria dos textos antologiadados por Ramusio nas *Navigazioni* são traduções: pense-se que às vezes até os textos de autores italianos escritos em toscano são retroversões do francês, como no caso do *Viaggio attorno il mondo fatto e descritto per messer Antonio Pigafetta vicentino*¹, ou do espanhol, como no *Itinerario di Lodovico Barthema*². Como demonstrámos no capítulo quarto deste trabalho, o primeiro volume das *Navigazioni* é inteiramente dedicado a Portugal: não podiam faltar portanto textos originalmente escritos em português. Entre os sete autores portugueses, o anónimo autor da navegação a São Tomé, Tomé Lopes, Francisco Álvares, Tomé Pires e João de Barros são traduzidos directamente a partir da versão original; Duarte Barbosa é pelo contrário traduzido com base na tradução espanhola. Não temos nenhuma informação sobre o anónimo piloto português colega de Duarte Barbosa, cujo roteiro é conhecido unicamente graças às *Navigazioni*; é portanto impossível estabelecer em que língua Ramusio o lia, posto que é improvável que tivesse acesso do documento autógrafo. De qualquer forma, pelo menos cinco textos foram traduzidos por Ramusio mesmo do português ao italiano; a estes temos que acrescentar a *Viagem* de Nicolò di Conti e a de Girolamo da Santo Stefano, retroversões do

¹ Romanini 2007, p. 88.

² Cfr. Milanese in *Navigazioni*, vol. I, p. 758.

português a partir do texto contido no *Marco Paulo*³ publicado por Valentim Fernandes em 1502. Assinalamos *en passant* que ninguém conseguiu resolver o mistério ligado ao poliglotismo de Ramusio: exceptuando as línguas clássicas, simplesmente obrigatórias para um humanista de Quinhentos, Ramusio não tinha problemas nem com o espanhol, nem com o francês, e o apêndice deste volume ilustrará o seu óptimo nível de português. Podemos sinteticamente afirmar que Ramusio traduziu muito, e traduzia muitas línguas; sem esquecer que chegou a produzir traduções literárias de Quintiliano e Cícero. Ramusio era verdadeiramente um tradutor «de longo curso».

Comparação

Cap. VIII.4

[15] Ca ele o põe em seis graus de largura da parte do Sul e nós em nove da parte do Norte, o qual nasce em a terra do Rei dos Abexis, a que chamamos Preste João, em as serras a que eles chamam Graro e ao rio Obi, e, onde sai ao mar, Quilmance, pelos mouros que o vezinham, por causa de ua povoação assi chamada, que está em ua das principais bocas dele, junto do reino de Melinde.

percioché lui lo pone in latitudine di gradi sei dalla parte dell'ostro e noi in nove dalla parte della tramontana, il qual nasce nella terra del re degli Abissini che chiamano Prete Ianni, nelle montagne che loro chiamano Graro, e il fiume Obii, e dove sbocca in mare Quilmanci dalli Mori che con quello confinano, per causa di una popolazione così chiamata, che è posta in una delle principali bocche di quello, appresso il regno di Melinde.

Não há alterações.

[30] Estes são aqueles a que os mouros que vivem ao longo do mar chamam baduís, nome comum como cá entre nós chamamos alarves a gente campestre.

Questi sono quelli che li Mori che abitano al lungo del mare chiamano baduini, nome commune, come fra noi chiamiamo Arabi quella gente che sta alla campagna.

³ POLO, Marco, CONTI, Nicolò de' et SANTO STEFANO, Girolamo da, *Marco Paulo. Ho livro de Nicolao Veneto. O trallado da carta de huum genoues das ditas terras*, Lisboa: per Valentim Fernandez, 1502.

A tradução é completamente fiel.

[45] E de quam largos estes quintais são, tam estreitas as ruas, por assi acostumarem os mouros por se melhor defender, ca tem alguas tam estreitas por cima, que dos eirados podem saltar de um em outro.

E quanto sono larghi e grandi questi orti tanto sono piú strette le strade, perché cosí costumano li Mori per defendersi meglio, perché usano di far le strade cosí strette che di sopra per li terrazzi si può passar da una banda all'altra.

Ramusio muda *podem saltar de um em outro* em *si può passar da una banda all'altra*, passando duma sexta pessoa a uma construção impessoal introduzida por *si*; banaliza o verbo *saltar* em *passar*, e acrescenta o substantivo *banda*. Trata-se de alterações ligeiras que não alteram o fundo da diegese.

Cap. IX.1

[15] E daqui té Curiá Muriá, duas povoações onde se perdeu Vicente Sodré haverá setenta léguas; e fica neste meio a cidade Dofar, frol donde há o melhor e mais encenso de toda esta Arábia, e, adiante vinte duas léguas, Norbate.

E di qui fin a Curia Muria, che son due abitazioni, dove si perse Vincenzo Sodre, vi sono settanta leghe, e resta in questo mezzo la città Dualfar, dove si trova il miglior incenso e in maggior abbondanzia che in tutta detta Arabia; e piú oltra 22 leghe è Norbante.

Ramusio reelabora a formulação elíptica *melhor e mais encenso* em *miglior incenso e in maggior abbondanzia*, e não reproduz o substantivo *frol* (antiga variante de *flor*): pequenas alterações que tornam o texto mais acessível.

[30] Porém em nascimento deste grande rio chamado Nagundi ao do outro Ganga há esta diferença: não ter aquele a religião das águas; e mais nasce quási na paragem do Gate que está sobre Cananor e Calecute e vai correndo ao longo dele contra o Norte; e como é defronte do rio Aligá,

Però nel nascimento di questo gran fiume chiamato Nagundii al nascimento dell'altro Ganga ci è questa differenza, che non ha quella religione dell'acque, e di piú che nasce quasi nel contorno del Gate che sta sopra Cananor e Calicut e va correndo al lungo di quello verso la tramontana, e quando è

faz um cotovelo e toma outro curso pera Oriente, e passa per a metrópoli Bisnagá e per terras de Orixá t  sair na enseada de Bengala per duas bocas entre dezasseis e dezassete graus, onde est o duas cidades - Guadevari e Masulipat o, em que se faz muita roupa de algod o, que ora vem dela, que tem o mesmo nome.

per mezzo del fiume Aliga fa una volta e piglia un altro corso verso levante, e passa per la metropoli di Bisnagar e per le terre di Orix  e va ad uscir nel seno di Bengala con due bocche fra 16 e 17 gradi, dove stanno due citt , Guadevarii e Masulipatam, dove si fanno molti drappi di cotton, che al presente vengono condotti di l  e hanno il medesimo nome.

Regista-se unicamente a ligeira modifica o provocada pela substiuic o *cotovelo - volta*.

[45] E no lugar de Travancor, em que este reino de Coul o acaba, começa outro intitulado do mesmo Travancor, a que os nossos chamam o Rei grande, por ser maior em terra e majestade de seu serviço que estes passados do Malabar, o qual   súbdito a el-Rei de Narsinga.

E nel luogo di Travancor, dove questo regno di Coulam finisce, comincia un altro intitolato del medesimo Travancor, e questo li nostri chiamano il re grande, per esser di maggior paese e maestà di obediencia de' suoi sudditi che non son gli altri passati de Malabar, il qual   suddito al re di Narsinga.

Ramusio acrescenta a *maest  di obediencia* o detalhe *de' suoi sudditi*, que facilita a compreens o.

[60] E posto que no arco

E ancora che nell'arco

108v

desta enseada haja as quatrocentas e dez léguas de costa (que dissemos), per linha dereita do rumo a que os mareantes chamam Nordeste-Sudoeste, do Cabo Comori, onde começa esta quinta nossa divis o, a este porto de Chatig o, em que ela acaba, haverá trezentas e setenta.

di questo colfo vi siano quattrocentodieci leghe di costa (che abbiamo detto), per linea diritta del parizzo che li marinari chiamano greco garbin, dal capo Comori, dove comincia questa quinta nostra divisione, fin a questo porto di Chatigam, nel qual ella finisce, vi saran quattrocentosettanta leghe.

Encontramos aqui uma altera o das importâncias numéricas (*trezentas e setenta*>*quattrocentosettanta*); no léxico, pelo contrário, Ramusio fica fiel.

[75] Os curiosos da situação delas em Távoas da nossa Geografia a podem ver.

Li curiosi della situazione loro potranno veder nelle tavole della nostra geografia.

Ramusio não opera nenhuma alteração.

[90] Com o qual confina o reino a que os nossos chamam Cauchi-China e os naturais Cachó.

col quale confina il regno che li nostri chiamano Cauchii China, e li naturali Cachu.

Aqui também Ramusio se mantém fidelíssimo.

Cap. IX.2

[15] Assi que, recolhendo-nos a nosso propósito, toda nossa contenda na Índia, é com estes dous géneros de gente - mouros e gentios - a potência dos quais está repartida per esta maneira:

Or tornando al nostro proposito,

Este é o último capítulo que sofre do corte drástico que Ramusio decide perante uma longa digressão de temática devocional.

[30] Quanto a el-Rei da China, bem podemos afirmar que somente ele em terra, povo, potência, riqueza e polícia é mais que todos estes outros.

Quanto al re della China, potemo ben affermar che solamente lui in terra di popolo, potenza, ricchezza e civiltà è piú che tutti questi altri,

Ramusio não altera nada.

Cap. X.1

[15] Nestas minas de Manica, que serão de Sofala contra o Ponente até cinquenta léguas, por ser terra seca, tem os cafres algum trabalho, ca todo o ouro que se ali acha é em pó e convém que levem a terra que cavam a lugar onde achem água, pera o que fazem alguns cavoucos em que no inverno se recolhe água; e geralmente nenhum cava mais de seis, sete palmos de alto, e se chegam a vinte acham por lastro de toda aquela terra lájea.

In queste mine di Manica, che sono di Cefala verso il ponente da cinquanta leghe, per esser terra secca, tengono li Cafri alcun travaglio, percioché tutto l'oro che vi si trova è in polvere, e li bisogna portar la terra che cavano in qualche luogo dove trovino acqua: per il che fanno alcune fosse dove nell'inverno si raccoglie l'acqua, e generalmente niuno cava piú che sei o sette palmi d'alto, e se giungono a venti, trovano per tutta quella terra il fondo pieno di pietre.

Mais uma tradução extremamente fiel.

[30] E como naquele tempo de Ptolomeu, per via dos moradores desta terra Abássia, do Preste, a qual ele chama Etiópia-sobre-Egipto, esta terra de que falamos em alguma maneira era nota por razão deste ouro e o lugar teria nome, fez ele, Ptolomeu, aqui termo, e sua conta da distância austral.

E conciosiacosaché nel tempo di Ptolomeo, per via degli abitatori della terra di Abissini, quale lui chiama Etiopia sopra Egitto, questo paese di che parliamo in alcun modo non era noto per ragione di questo oro, perché il luogo averia nome, però fece esso Ptolomeo qui termine, e il suo computo della distanza australe.

Ramusio limita-se a suprimir a referência ao Preste João, pois menciona-o no período antecedente.

[45] E por acatamento seu, diante dele ninguém escarra, e todos hão-de estar assentados, e, se alguma pessoa lhe fala em pé, são portugueses e os mouros e alguns seus a que ele dá isto por honra, e é a primeira; a segunda, que em sua casa se possa assentar a tal pessoa sobre um pano; e a terceira que tenha portas nos portais de sua casa que é já

E per reverenzia, essendo avanti di lui, nessuno si chiarisce la voce, e tutti sono obligati di star a sedere: e se alcuno li parla stando in piedi, sono Portoghesi e Mori, e alcuni suoi alli quali lui concede questo per onorificenzia. E il primo over il secondo di dignità che sia in casa sua può sedere sopra un panno, e il terzo che possi aver porte nell'uscio di

dinidade de grandes senhores.

casa: e questa è dignità di gran signori,

Neste caso a tradução ramusiana é qualitativamente fraca: Ramusio de facto não respeita a escala de valores apresentada por Barros e confunde em *il primo over il secondo di dignità* dois graus que Ramusio mantém distintos. Ramusio comete nalguns casos uns erros que deformam, como aqui, as peculiaridades dos factos narrados.

[60] E a gente que traz mais junto de si são mais de duzentos cães, ca diz ele que estes são mui leais servidores, assi na caça como na guerra.

e la gente ch'egli tiene piú appresso di sé sono da ducento cani, percioché dice che questi sono fidelissimi servitori, cosí nella caccia come nella guerra.

Não há aqui modificações remarcáveis.

Uma tradução fiel

A tradução da porção de *Dall'Asia del signor Giovan de Barros* que estudámos mostra-nos um Ramusio muito fiel ao texto original, pois as continuidades prevalecem decerto sobre as alterações, que detalharemos no próximo capítulo. Precisamos já agora que muitas descontinuidades, olhando-as de perto, não modificam a mensagem, mas sim a amplificam, a esclarecem, a valorizam: trata-se por exemplo das intervenções finalizadas a uma maior clareza, da conversão de divisas, das ditologias sinonímicas. Mas há uma maioria esmagadora de passagens nas quais não há nenhuma modificação; trata-se pelo contrário do processo de tradução, que necessariamente leva a «*dire quasi la stessa cosa*»⁴, ou seja, no concreto, a umas ligeiras diferenças entre as potencialidades que os vários termos têm nas línguas respectivas. Estas diferenças são provocadas, antes de mais nada, pelas condições de trabalho daquela altura: lembre-se que os tradutores não gozavam do auxílio de qualquer tipo de dicionário. Mesmo assim, Ramusio produz uma tradução que na maioria dos casos não deixa de ser fidelíssima.

⁴ Cfr. introdução de Eco 2003.

Resultados

Nos quinze períodos propostos, tão-só em dois casos assistimos a alterações importantes: no per. IX.2.15, onde Ramusio realiza um corte de grandes dimensões, e no per. X.1.45, no qual Ramusio produz uma tradução incorrecta.

IX.2.15 **Assi que**, recolhendo-nos a nosso propósito, **toda nossa contenda na Índia, é com estes dous géneros de gente - mouros e gentios - a potência dos quais está repartida per esta maneira:**

Or tornando al nostro proposito,

X.1.45 E por acatamento seu, diante dele ninguém escarra, e todos hão-de estar assentados, e, **se alguma pessoa lhe fala em pé**, são portugueses e os mouros e alguns seus a que ele **dá istopor honra, e é a primeira; a segunda**, que em sua casa se possa assentar a tal pessoa sobre um pano; e a terceira que tenha portas nos portais de sua casa que é já dinidade de grandes senhores.

E per reverenzia, essendo avanti di lui, nessuno si chiarisce la voce, e tutti sono obligati di star a sedere: e se alcuno li parla stando in piedi, sono Portoghesi e Mori, e alcuni suoi alli quali lui concede questo per onorificenzia. **E il primo over il secondo di dignità** che sia in casa sua può sedere sopra un panno, e il terzo che possi aver porte nell'uscio di casa: e questa è dignità di gran signori,

Se quisermos ser severos, incluímos também o per. IX.1.60, onde Ramusio altera um número (*trezentas e setenta>quattrocentosettanta*). Em todos os outros casos, pelo tamanho reduzido das variações, achamos que não se pode falar de infidelidade. Há casos nos quais não se nota a mínima variação, seja porque o ST não apresenta grandes obstáculos, como no per. X.1.15, seja porque Ramusio é capaz de resolver perfeitamente os problemas eventuais, como no per. VIII.4.30: neste caso de facto sabe traduzir um vocábulo decerto invulgar como *alarves*.

VIII.4.30 Estes são aqueles a que os mouros que vivem ao longo do mar chamam baduís, nome comum como cá entre nós chamamos **alarves** a gente campestre.

Questi sono quelli che li Mori che abitano al lungo del mare chiamano baduini, nome commune, come fra noi chiamiamo **Arabi** quella gente che sta alla campagna.

X.1.15 Nestas minas de Manica, que serão de

In queste mine di Manica, che sono di Cefala

Sofala contra o Ponente até cinquenta léguas, por ser terra seca, tem os cafres algum trabalho, ca todo o ouro que se ali acha é em pó e convém que levem a terra que cavam a lugar onde achem água, pera o que fazem alguns cavoucos em que no inverno se recolhe água; e geralmente nenhum cava mais de seis, sete palmos de alto, e se chegam a vinte acham por lastro de toda aquela terra lájea.

verso il ponente da cinquanta leghe, per esser terra secca, tengono li Cafri alcun travaglio, percioché tutto l'oro che vi si trova è in polvere, e li bisogna portar la terra che cavano in qualche luogo dove trovino acqua: per il che fanno alcune fosse dove nell'inverno si raccoglie l'acqua, e generalmente niuno cava piú che sei o sette palmi d'alto, e se giungono a vinti, trovano per tutta quella terra il fondo pieno di pietre.

Considerações finais

A nossa amostra portanto indica-nos que em 12 dos 15 períodos, ou seja exactamente em 80% dos casos, Ramusio propõe uma tradução fiel. Afirmamos também que, nos restantes 20%, Ramusio nunca chega a reescrever o texto, mas actua alterações que, mesmo se importantes, nunca distorcem o período inteiro, mas sim uma parte limitada do mesmo.

CAPÍTULO OITAVO.

ANÁLISE TIPOLOGICA DA TRADUÇÃO DE RAMUSIO

Introdução

Como já aludimos, no apêndice deste volume situam-se quatro capítulos¹ da *Ásia* de Barros, e a cada período é justaposta a relativa tradução produzida por Ramusio; seguem-se as nossas considerações de carácter filológico concernentes às modalidades da tradução. Tentamos aqui organizar todos os dados que emergem do nosso trabalho de análise, dispondo-os em categorias coerentes, a fim de evidenciar a existência de algumas tendências constantes. O leitor poderá notar como no cap. IX.1 se concentram a maioria das supressões importantes: aqui por exemplo encontra-se o único caso em que o Ramusio suprime topónimos². Neste capítulo, por outras palavras, Ramusio age mais livremente, provavelmente porque o considerava o que continha o maior número de passagens inúteis: não por acaso é o capítulo mais extenso entre os traduzidos.

Apresentamos aqui todas as alterações que individuámos, e organizámo-las em três grupos: as que concernem ao léxico e à estrutura gramatical, as que deformam a continuidade da exposição, e as que modificam os detalhes técnicos. Colocámos em **negrito** as passagens às quais nos referimos.

1. INTERVENÇÕES AO NÍVEL GLOTOLÓGICO E LEXICAL

1.1. Intervenções finalizadas a uma maior fluidez e clareza

Ramusio intervém frequentemente na organização, e sobretudo na disposição, das informações, tentando tornar o texto mais imediato sem alterar os fundamentos da mensagem. Age sempre com grande liberdade, apagando, inserindo, interpolando e deslocando o que acha necessário: é portanto difícil construir uma tábua sinóptica que contenha todos estes processos, mas podemos afirmar que as intervenções constam principalmente da adição de novos

¹ O livro quarto do capítulo oitavo; os livros primeiro e segundo do capítulo nono; o livro primeiro do capítulo décimo.

² Veja-se o ponto 1.10.b deste capítulo

complementos indirectos partindo duns adjectivos (veja-se per. IX.1.15). No per. VIII.4.22, Ramusio toma a liberdade de reconstruir *ex novo* um período extremamente fragmentário, no qual se se entrevê o método de construção do período mediante justaposição de constituintes tão frequente no latim clássico. Ramusio então lhe confere uma mais clara divisão em orações (adição de duas relativas) e complementos (criação do complemento de exclusão).

Os per. VIII.4.8 e 17 evidenciam a preocupação por uma clara figuração dos sentidos das navegações; no per. X.1.1 resolve elegantemente o problema de identificação dos papéis temáticos presente no ST, por causa da posposição do sujeito. No per. X.1.40, confere a dois substantivos o mesmo adjectivo: intervenção que embeleza o texto mas que altera o significado. Esta alteração justifica-se se notarmos as anomalias da mensagem Barrosiana, o qual fala de gente nobre e mulheres: é difícil acreditarmos que todas as mulheres, mesmo as paupérrimas, possam vestir roupas luxuosas. É mais sensado imaginar que as possuíam *uomini e donne nobili*, ou eventualmente os nobres, e sobretudo as mulheres nobres (quer dizer, abastadas).

Ramusio no per. VIII.4.17 suprime um constituinte, mas recupera o seu conteúdo na aposição ao verbo: trata-se dum mecanismo ao qual Ramusio recorre frequentemente, às vezes causando alterações tão importantes que podem ser consideradas verdadeiros erros (veja-se o parágrafo sobre os erros de tradução). Não faltam as alterações de tamanho mais pequeno, como a supressão de alguns signos, considerados desnecessários, no per. VIII.4.7, ou a adição de detalhes implícitos no per. IX.1.15.

VIII.4.7 ua **maneira de** enseada > un seno

[8] quando vão **de cá** do Ponente > coloro che da ponente navigano **verso levante**

[17] toda aquela terra **e a mais ocidental** contra o Cabo de Boa Esperança > tutta quella terra **che corre ponente** verso il capo di Buona Speranza

[22] o agricultado fazem à enxada, e o mais é fructa agreste e carne montés, imundícias, leite dalgua criação que tem > **tutte le lor vittuarie che mangiano e quelle che lavorano** sono con la zappa, e per la maggior parte frutti salvatichi e carne di animali salvatichi e molte immondizie, **eccetto** qualche latte degli animali che allevano

[29] E veo **prevalecer** esta cidade Magadaxó em tanto poder e estado > E venne questa città Magadaxo in tanta grandezza, poter e stato

IX.1.15 donde há o melhor e mais encenso > dove si trova il miglior incenso e **in maggior abbondanza**

[53] crendo que no lavatório destas águas correntes de santidade deste rio lava seus pecados e vai salvo. > credendo che nel lavarsi con queste acque correnti, per la santità del fiume, lavino **anco** i suoi peccati e vadino salvi **in cielo**.

X.1.1 Toda a terra que contamos por reino de Sofala, é ua grande região **que senhorea** um príncipe gentio, chamado Benomotapa, a qual abraçam em modo de ilha dous braços de um rio > Tutta la terra che contammo del regno di Cefala è una grande regione **signoreggiata** da un príncipe gentile chiamato Benomotapa, la quale è abbracciata in modo d'isola da due braccia d'un fiume

[40] os tais veste **a gente nobre e as mulheres**> di queste non si vestono **se non gli uomini e donne nobili**.

[56] a qual moída lançam o pó dela na água que bebe; > la qual cosí sminuzzata gettano **in un vaso** d'acqua, **e il reo** la bee

1.2. Banalizações e simplificações

Ramusio é responsável de algumas banalizações, que interessam basicamente as duas categorias gramaticais mais importantes, quer dizer os verbos e os substantivos. O restrito conjunto de casos que detectámos individua mais uma vez um Ramusio preocupado pela intelegibilidade do texto, às custas da coesão textual e da qualidade retórico-estilística: uma construção perifrástica como *vennero verso* decerto não é muito elegante, mas revela-se fortemente comunicativa. Paralelamente, vemos o autor substituir vozes verbais de evidente eficácia narrativo-descritiva com outras marcadamente polissémicas: neste caso a tentativa de manter uma linguagem sóbria chega a impor-se sobre outras soluções mais semanticamente conservadoras (*saltar* > *passar*). Encontramos depois algumas inevitáveis simplificações, onde o sentido original sofre de formações ligeiras, que levam, mais uma vez, a vocábulos mais imediatos (paradigmático neste sentido é o caso *demanda* > *lite*).

VIII.4.36 alguas naus perdidas que **esgarraram** contra esta parte do Grande Oceano > alcune navi smarrite, che **vennero verso** questa parte del grande oceano

[45] dos eirados podem **saltar** de um em outro > di sopra per li terrazzi si può **passar** (saltare) da una banda all'altra

[46] um grã terreiro onde estava a varação de naus, e no rosto dela era o **pouso** que as nossas tinham tomado > un spazio grande di piazza dove si avaravano le navi, e nella faccia di quella era il **porto** (ormeggio) che le nostre navi avevano pigliato

XI.1.65 irmida > casa di orazione (romitaggio)

X.1.47 coruchéus > campanili (bastioni)

[57] não se procede mais na **demanda**> non si procede piú nella **lite** (causa)

1.3. Alterações do sentido

Decidimos analisar este caso separadamente porque consiste numa não pequena deformação arbitrária da mensagem original. Barros admite, tristemente, ter pouco tempo para conversar com as Musas, ao passo que Ramusio diz que o historiógrafo considera mais importante a escrita do que a riqueza: talvez Ramusio quisesse delinear ao público italo-fono um Tito Lívio mais orgulhoso e consciente da sua importância: consciência que Barros certamente tinha, mas que neste caso é substituída por esta constatação amarga. Barros insere aqui uma informação de escassa utilidade, uma vez que um humanista autêntico como Barros não podia não professar uma veneração absoluta pelas letras; a superioridade das humanidades ao pecúnia é, além disso, um tema frequentíssimo nos humanistas, desde logo no seu pai espiritual Erasmo de Roterdão.

IX.1.70 tive sorte de vida que tenho mais cabedal em desejo que faculdade e tempo pera este officio de escritura > della qual sorte di vita io faccio maggior capitale nell'animo mio che di facultà e ricchezze

1.4. Mudanças de registo

Ramusio é sem dúvida nenhuma extremamente ábil em aproveitar as potencialidades da recém-normalizada língua italiana: a sua antologia caracteriza-se por tentar constantemente conferir a textos de tipologias, níveis qualitativos e registos linguísticos diversíssimos uma *aurea medietas* homogénea. Como referimos, Ramusio exclui *a priori* abordagens unidireccionais e opera seguindo principalmente a sua sensibilidade; por isso, algumas vezes assistimos a elevações

de registo (*per derredor, per orla > nel circuito; capados > eununchi; furto > latrocinio*), outras vezes ao processo contrário (*necessidades > bisogni, crimes > peccati*).

VIII.4.23 necessidades > bisogni (necessità)

IX.1.66 per derredor, per orla > nel circuito (sul bordo di forma rotonda)

[78] capados > eununchi (castrati)

X.1.33 crimes > peccati (crimini)

[ibidem] furto > latrocinio (furto)

1.5. Conotação

Nos dois casos seguintes, sobreponíveis vista a comum raiz lexical, mais de banalização ou de alteração do registo, vemos a passagem dum termo neutral (*crente*) a um outro conotado negativamente (*credula*).

VIII.4.20 tam crente em agouros e feitiços > tanto credula in augurii e stregherie

IX.1.7 crença > credulità

1.6. Mediação cultural

Ramusio não se esquece de efectuar as alterações de perspectiva que o acto de traduzir comporta; aqui se lembra de precisar a identidade da língua mencionada. Em outro, como já dissemos, Ramusio tem grande cuidado em tornar o seu texto facilmente compreensível; por isso, substitui morgados por uma sintética explicação da dita figura; a segunda substituição está provavelmente ligada também a considerações estilísticas: Barros mantém-se indefinido, Ramusio prefere ser detalhado.

VIII.4.32 sabia também ler e escrever nossa linguagem > sapeva etiam legger e scriver nella lingua portoghese

X.1.34 morgados > primigeniti di Spagna

[42] do tamanho de um dos nossos reposteiros > di quattro braccia per quadro

1.7. Figuras retóricas

Ramusio é parco na introdução de figuras retóricas: o primeiro caso constitui uma metáfora extremamente imediata; as outras mudanças semânticas podem ser consideradas metonímias. No segundo e terceiro caso, temos a substituição causa-consequência, no último a recipiente-conteúdo. Essendo ambos os casos umas das figuras retóricas mais comuns, propendemos para não considerá-los como escolhas retóricas ponderadas, mas sim como consequências naturais do acto tradutivo.

VIII.4.19 E assi com a **espessura** dele [arvoreda parrado] > E cosí per la **fortezza** di quelli [boschetti a arbori piccoli]

[ibidem] faz ser mui **doentia** > vi si causa un **aere pessimo**

[44] assi pera **fresquidão** e deleitação > sí per la **verdura** e delectazione

X.1.61 arraial > esercito

1.8. Erros de tradução

a) Erros e incoerências

Os seguintes erros devem ser interpretados principalmente como quedas de atenção, inevitáveis dadas as dimensões das *Navigazioni*. No primeiro caso, Ramusio não escolhe um termo que apresente a acepção apropriada de *o mais*; achamos importante evidenciar como a mesma nuance será correctamente dada no per. IX.1.10. O exemplo sucessivo apresenta uma ligeira alteração lexical que provoca uma profunda mudança semântica: Barros personifica a cidade de Quíloa, ou de qualquer forma utiliza uma expressão elíptica para referir-se aos seus moradores; Quíloa é então descrita como a que descobriu mais cidades nas zonas limítrofes. Ramusio afirma

pelo contrário que se tratou do maior *discoprimento*: Ramusio transforma-a de agente-protagonista a experiente-objecto.

No caso seguinte, o Veneziano não presta a devida atenção ao advérbio de negação; depois, Ramusio esquece-se do operador relativo e considera *guarda* não como um verbo, mas como um substantivo. Nos últimos dois casos, Ramusio funde dois constituintes (e duas informações) distintos alterando assim o significado.

VIII.4.22 todo o mantimento que comem, o agricultado fazem à enxada, e **o mais** é fructa agreste e carne montés > tutte le lor vittuarie che mangiano e quelle che lavorano sono con la zappa, e **per la maggior parte** (per il resto) frutti salvatichi e carne di animali salvatichi

IX.1.37 Quíloa, que foi a maior **descobridor** de totalas cidades daquela costa > Quiloa, che fu il maggior **discoprimento** (scopritore) di tutte le città di quella costa

[52] Ganga, acerca deles e de todo o gentio oriental **tam** celebrado nome por a cópia de suas águas, como venerado por a religião de santidade > Ganga, appresso di loro e di tutte le genti orientali **non tanto** celebrato in nome per l'abbondanza e copia delle sue acque, quanto venerato per la religione e santità

X.1.28 a região que Ptolomeu chama Agisimba, onde faz sua computação meredional, porque o nome dela, e assi **do capitão que a guarda**, em alguma maneira se conformam > la regione chiamata da Ptolomeo Agysymba, dove fa sua computazione meridionale, perché il nome di essa e così del **capitano della guardia** (capitano che la governa) in alcun modo s'assimigliano

[36] Em duas cousas tem modo de religião: em **guardar dias, e acerca de seus defuntos**> In due cose hanno modo di religione, in **osservar alcuni giorni in li suoi morti** (nell'osservare alcuni giorni e in alcune pratiche riguardanti i propri defunti)

[45] se alguma pessoa lhe fala em pé, são portugueses e os mouros e alguns seus a que ele dá isto por honra, **e é a primeira; a segunda**, que em sua casa se possa assentar a tal pessoa sobre um pano; e a terceira que tenha portas nos portais > e se alguno li parla stando in piedi, sono Portoghesi e Mori, e alcuni suoi alli quali lui concede questo per onorificenzia. E **il primo over il secondo di dignità** che sia in casa sua può sedere sopra un panno, e il terzo che possi aver porte nell'uscio di casa: e questa è dignità di gran signori

b) O caso específico dos falsos amigos

Nestes três casos, Ramusio deixa-se enganar pelas consonâncias, e cai vítima destes falsos amigos, os quais não somente são símeis, mas têm também em comum o étimo remoto latim. Colocámos entre parênteses a tradução apropriada.

VIII.4.14 está ua angra mui estreita, a que mais propriamente podemos chamar **furna**> è posto un porto over seno tanto stretto che piú propriamente potrebbesi chiamar **forno** (grotta)

[43] a cidade estar situada ao longo da ribeira que faz o esteiro > la città situata al lungo del fiume, che fa una staria (la foce)

X.1.66 vai ao campo com elas, aproveitar sua **fazenda**> va al campo con l'altre donne a proveder a tutte le **faccende** (al suo podere)

1.9. Adições

a) Adições de termos ou de orações

Ramusio interpreta o acto da tradução como uma responsabilidade, mais do que uma incumbência. Sente-se responsável tanto perante o autor, quanto o público, e então busca constantemente um instável equilíbrio entre fidelidade e compreensibilidade. Acha-se portanto chamado a mudar, quando necessário, o texto mediante supressões e adições. Estas últimas desejam principalmente explicitar as informações implícitas e os detalhes subentendidos por Barros, na óptica da construção dum período claro e comunicativo. No per. 44 do primeiro capítulo tratado, Ramusio acrescenta uma oração, embora a coordenada da oração principal da qual depende tenha o verbo subentendido. De resto, temos intervenções menos invasivas, como por exemplo as interpolações de *molto pericolosa* e de *di elefanti*, até ao francamente desnecessário *molte*. Em outros casos, Ramusio decide ser o mais preciso possível: veja-se a adição de *di sotto il polo antartico*.

VIII.4

[22] imundícias > **molte** immondizie

[44] A maior parte das casas são de pedra e cal com seus eirados per cima, e nas costas quintais plantados de árvores de espinho e palmeiras, assi pera fresquidão e deleitação da vista, como pera La maggior parte delle case sono di pietra e calcina, con le sue terrazze di sopra, e di fuori orti e giardini di arbori di aranzi e palmerie, le quali, sí per la verdura e delettazione della vista, come per uso

uso do fructo que dão.

del frutto che producono, **aggradiscono la città.**

[47] Das quais, assi por a polícia das casas, eirados e alcorões, como com as palmeiras e arvoredos dos quintais, parecia a cidade mui fermosa, dando aos nossos grande desejo de sair nela por quebrar a soberba daquele bárbaro, que toda aquela noite gastou em meter dentro na ilha frecheiros da terra firme.

Per il che, cosí per la civiltà delle case, terrazze e torri, come **per la grandezza** delli luoghi che hanno palme e arbori delli giardini, pareva la città molto bella.

IX.1

[91] O qual acerca de nós é o menos sabido reino daquelas partes, por a sua costa ser de muitas tormentas e grandes baixos e a gente sem navegação; e os estrangeiros que pera lá navegam, que são siames e malaios, de quatro navios hão-de perder dous e às vezes três, e porém um que escapa se faz nele mais proveito que se todolos quatro navios fossem à China.

Il quale appresso di noi è il meno conosciuto regno di quelle bande, per esser la sua costa **molto pericolosa** di fortune e grandi secche, ghiarre, e la gente senza alcuna navigazione; e li forestieri che la navigano, che sono Syamini e Malachini, di quattro navi ne soglion perder le due e alcune volte tre, peroché con una che si scapoli si fa piú guadagno che se tutte quattro andassero alla China.

X.1

[9] mar gelado do Sul > mar gelato **di sotto il polo antartico**

[11] E não pode ser menos, porque geralmente se diz entre aqueles cafres que cada ano morrem quatro, cinco mil cabeças; e isto autoriza a grande quantidade de marfim que se dali leva pera a Índia.

e non può esser di manco, percioché generalmente si dice fra quelli Cafri che ogni anno muoiono quattro over cinquemila teste **di elefanti**, e questo si può credere vedendo la grande quantità di avorio che di là si porta all'India.

[14] Os quais, ainda que estão entre a linha e o trópico de capricórnio, é tanta a neve naquelas serras, que, no tempo do inverno, se alguns ficam no alto, morrem regelados; no cume das quais em tempo do verão é o ar tam puro e sereno, que alguns dos nossos que neste tempo se acharam ali, viram a Lua Nova, no de dia que se espedia da

li quali ancora che siano fra la linea dell'equinoziale e il tropico di Capricorno, è tanta la neve in quelle montagne che nel tempo del verno, se alcuno resta **nelle sommità di quelle**, muore agghiacciato. Ma nel tempo della estate in cima di quelle l'aere è cosí puro e sereno, che alcuni delli nostri, che in quella stagion vi si trovarono, hanno

conjunção.

veduto la luna nuova nel dí medesimo della congiunzione.

[19] Pera o haver dos quais, os mouros que andam entre eles neste trato ainda tem arteffício de os fazer cobiçosos, porque cobrem a eles e a suas mulheres de panos, contas e brincos com que eles folgam, e, depois que os tem contentes, fiam-lhe tudo, dizendo que vão cavar o ouro e, quando vier pera tal tempo, que lhe pagarão aquelas peças.

E per aver l'oro da detti negri, gli altri Mori che sono fra queste genti in questo traffico usano un artificio per farli desiderosi e cupidi, percioché vestono quelli con le moglieri di panni, e li danno paternostri di vetro **di diversi colori e altre** bagattelle delle quali loro si diletano, e dapoi che gli hanno contentati li dicono darli tutto in credenza, e che vadano a cavar l'oro, e che dapoi fra un certo termine li pagheranno quelle robbe che hanno avuto,

b) O caso específico dos substantivos colectivos

No âmbito dos numerosos substantivos colectivos que aparecem na *Ásia*, a maioria não comporta problemas tradutivos: pense-se em vocábulos inequívocos, e facilmente traduzíveis, como *população, exército, esquadra*; Ramusio, pelo contrário, altera os colectivos que se referem ao mundo animal e vegetal, os quais são constantemente substituídos por uma enumeração das espécies mais representativas.

VIII.4.41 totalas árvores de espinho > aranzi, cedri, limoni

[Ibidem] criação de gado grande e meúdo > pecore e buoi

X.1.31 gado vacuum > buoi e vacche

[61] gado > pecore o buoi

c) O caso específico das ditologias sinonímicas

Ramusio decide frequentemente de traduzir um signo com um casal sinonímico, onde um dos dois signos retoma o étimo da palavra portuguesa. Indicamos entre parênteses o étimo remoto latim.

VIII.4.23 et X.1.19 cobiça > desiderio e cupidità (cupiditia(m))

VIII.4.38 dela se povoou > da questa fu abitata e popolata (populu(m))

IX.1.61 enseada > seno o colfo (sinu(m))

X.1.16 depurado > netto e purificato (puru(m))

[ibidem] mergulhar > notare e sommergersi (mergere)

[18] cobiçosa > desiderosa e cupida (cupiditia(m))

[ibidem] preguiçosa > pigra e ignava (pigru(m))

[32] feitiços > stregherie e fatture (factu(m))

[55] oficiais > giudici e officiali (officiu(m))

[58] mercê > grazia o mercede (mercede(m))

1.10. Supressões

Decidimos dividir o conjunto das supressões, por ser numericamente muito consistente, em duas categorias: as que não alteram a diegese, que se situam neste parágrafo, e as que a modificam, às quais dedicámos o parágrafo nº 2 deste capítulo.

a) Supressões de detalhes implícitos

Se pensarmos às adições ilustradas *supra*, as supressões são marcadamente mais numerosas. Nalguns casos, como no per. VIII.4.17, nos per. X.1.6 e 31 e no per. IX.1.23, Ramusio se limita a apagar constituintes que contêm informações implicitamente já presentes no ST. Noutros casos, os cortes interessam noções externas às finalidades informativas, tanto da *Ásia*, quanto das *Navigazioni*: no per. IX.1.23 Ramusio apaga *homens doutos*: a mensagem notifica ao leitor que

ninguém soube ler aquele letreiro, Barros quis precisar que até os doutos não foram capazes, mas Ramusio achou desnecessária esta indicação.

VIII.4

[17] E das correntes deste Quilmance contra o Ponente, té o Cabo das Correntes, que os mouros daquela costa navegam, toda aquela terra e a mais ocidental contra o Cabo de Boa Esperança (como acima dissemos), os arábios e pársios **que a vezinham** lhe chamam Zanguebar, e aos moradores zanguí.

E dal sboccare di questo fiume Quilmanci verso il ponente, fin al capo chiamato delle Correnti, che li Mori di quella costa navigano, tutta quella terra che corre ponente verso il capo di Buona Speranza (come di sopra s'è detto) gli Arabi e Persiani la chiamano Zanguebar, e gli abitatori Zanguii.

IX.1

[6] O qual braço é muito mais poderoso em águas que o outro do Espírito Santo, por ser navegável mais de duzentas e cinquenta léguas, e nele se meterem estes seis notáveis rios: Panhames, Luanguoa, Arruia, Manjovo, Inadire, Ruenia, que todos regam a terra de Benomotapa, e a maior parte deles levam muito ouro **que nasce nela**.

Il qual braccio è molto piú potente in acque che l'altro dello Spirito Santo, per esser navigabile piú di ducentocinquanta leghe, e perché in lui si mettono questi sei notabili fiumi, cioè Panhames, Luanguoa, Arruya, Maniovo, Inadire, Ruenia, che tutti bagnano la terra di Benomotapa: in la maggior parte di loro si trova assai oro.

[13] E tornado à primeira parte ocidental desta repartição, leixando o interior dos dous estreitos do Mar Roxo e Párseo **pera seu tempo**, da garganta deste Roxo, que está em altura de doze graus e dous terços, até a cidade Adem, cabeça daquele reino, haverá quorenta léguas, e dela ao Cabo de Fartaque, que está em catorze graus e meio, serão cem léguas.

Or, per ritornar alla prima parte verso ponente di questa partizione, lassaremo le parti fra terra fra li duoi stretti del mar Rosso e Persico. Dalla bocca adunque del mare Rosso, ch'è in latitudine di 12 gradi e duoi terzi, fino alla città d'Adem, capo di quel regno, vi sono 40 leghe, e da essa fin al capo di Fartache, che è in 14 gradi e mezzo, cento leghe;

[23] E sobre a porta do qual edefício está um letreiro que alguns mouros que ali foram ter, **homens doutos**, não souberam ler nem dizer que letra era; e quási em torno deste edifício, em alguns outeiros, estão outros à maneira dele no lavramento de pedraria e sem cal, em que há ua torre de mais

Sopra la porta di quello edificio vi è una scrittura a modo di epitafio, che alcuni di quelli detti Mori né altri hanno saputo mai leggere, né dir che lettera fussi quella. E quasi intorno di questo edificio, in alcuni luoghi eminenti, sono altri alla similitudine di quello nel lavoro delle pietre e senza calcina, dove è

de doze braças.

una torre alta piú di dodici braccia.

[31] Toda a gente desta região, em geral é negra, de cabelo retorcido, e porém de mais entendimento que a outra, que corre contra Moçambique, Quíloa, Melinde; entre a qual há muita que come carne humana e que sangra o gado vacum, por lhe beber o sangue **com que se mantém**.

Tutta la gente di questa regione generalmente è negra, delli capelli ritorti; nondimeno ha piú intelletto che l'altra che corre verso Mozambique, Quiloa, Melinde, fra la quale è assai che mangiano carne umana, e che salassano li buoi e vacche per beberli il sangue.

IX.2

[23] Os mouros do reino de Malaca, Samatra e Maluco, ainda que o poder deles era no marítimo, por o sertão ser do gentio, que se acolhia às serranias, a concorrência das naus que iam a seus portos os tinha tam providos de artelharía e armas, que, quando a nossa lá chegou, **já per número de peças** tinham mais que nós.

Li Mori del regno di Malaccha, Sumatra e Maluco, ancora che il poter loro era nelle parti maritime, percióché quelle ch'erano dentro della terra ferma eran delli Gentili, che si ritiravano alle montagne, e il concorso delli navilii che andavano alli suoi porti li dava tanta provizione di artiglieria e armi che, quando giungemmo a quelli, ne avevan piú di noi.

b) Supressões de informações

Nestes três casos, Ramusio elimina conscientemente umas informações que não podem ser consideradas marginais: trata-se dos únicos casos nos quais Ramusio selecciona arbitrariamente algumas informações da messe documental barroiana. No primeiro caso, apaga a referência ao *cais*, no segundo suprime o complemento de matéria, e no último, partindo duma lista de oito topónimos, mantém só quatro deles.

VIII.4

[46] A ua parte da qual cidade tinha el-Rei suas casas feitas a maneira de fortaleza, com torres, cubelos e todo outro modo de defensão, com porta pera serventia do mar, **que vinha dar em um cais**, e

In una parte della qual città aveva il re fatto il suo palazzo a maniera di fortezza, con torri e bastioni e ogni altra sorte di difensione, con porte che servivano per andar al mare, e ad una gran

outra grande à ilhargá da fortaleza que fazia rosto contra a cidade, pera serventia dela; diante da qual se fazia um grã terreiro onde estava a varação de naus, e no rosto dela era o pouso que as nossas tinham tomado.

fondamenta al lato della fortezza che voltava il volto contra la città, per servizio della quale vi era un spazio grande di piazza dove si avaravano le navi, e nella faccia di quella era il porto che le nostre navi avevano pigliato.

[40] O geral vestido de todos são panos de algodão que fazem na terra e outros que lhe vem da Índia, em que há muitos **de seda** com vivos de ouro, que valem até vinte cruzados cada um; e porém os tais veste a gente nobre e as mulheres.

Le generali vesti di tutti sono di panni bambagini che si fanno nel paese, e di altri che vengono dall'India; e ne sono molte vesti tessute con fili d'oro, che vagliono fino a venti ducati d'oro l'una, ma di queste non si vestono se non gli uomini e donne nobili.

IX.2

[29] E contudo ainda hoje o seu estado passa de comprimento de trezentas léguas, no qual há estes sete reinos a ele súbditos, afora o próprio de **Sião, Camboja, Como, Lanchã, Chencrai**, Chencrão, Chiamai, Camburi, Chaipumo; e é príncipe que tem trinta mil elefantes de toda sorte, de que somente três mil são de guerra, e no tempo dela a cidade Udiá, cabeça do reino, lança cinquenta mil homens.

e con tutto ancora oggi il suo stato passa di lunghezza trecento leghe, nel quale sono questi: Cheneran, Chiamay, Camburii, Chiapumo, ed è príncipe che ha trentamillia elefanti, delli quali tremila solamente sono per la guerra, e nel tempo di guerra la città Udia, capo del regno, fa cinquantamillia uomini.

c) Cortes de partes non-informativas do discurso

As supressões ramusianas interessam só raramente os elementos que não contêm informações concretas: na maioria destes casos de facto, em vez de suprimir, Ramusio prefere reorganizar o inteiro período³.

VIII.4

³ Cfr. o ponto 1.1 deste capítulo

[22] **Geralmente** os mouros que habitam o marítimo, e **assi os** das ilhas adjacentes a ela, todo o mantimento que comem, o agricultado fazem à enxada, e o mais é fructa agreste e carne montés, imundícias, leite dalgua criação que tem, principalmente os mouros a que eles chamam baduís que andam no interior da terra e tem algua comunicação com os cafres, que acerca dos que habitam as cidades e povoações políticas são havidos por bárbaros.

Li Mori che abitano la costa maritima e quelli dell'isole vicine, tutte le lor vittuarie che mangiano e quelle che lavorano sono con la zappa, e per la maggior parte frutti salvatichi e carne di animali salvatichi e molte immondizie, eccetto qualche latte degli animali che allevano, principalmente li Mori che loro chiamano *baduini*, che abitano piú adentro del paese e hanno qualche commercio con quelli che si chiamano Cafri, che appresso degli abitanti le città e luoghi civili sono tenuti per barbari.

IX.2

[62] Quando caminha, onde houver de pousar lhe **hão-de** fazer de madeira ua casa nova, e nela há-de haver fogo sem ser apagado, ca dizem que na cinza lhe podem fazer alguns feitiços em dano de sua pessoa.

Quando cammina, dove dee alloggiar li fanno una casa nuova di legnami, e in quella vi debbe esser di continuo fuoco acceso, senza che sia estinto, perché dicono che nella cenere si possono fare alcuni maleficii in danno della sua persona.

2. INTERVENÇÕES AO NÍVEL DIEGÉTICO

2.1. Supressão de antecipações

Uma das alterações mais evidentes é a supressão sistemática das alusões a outras passagens da obra concernentes ao mesmo item. Trata-se na maioria dos casos de parentéticas verbais ou de relativas, ambas sempre bastante breves: Barros, em vez de propor uma clara e detalhada ligação intratextual, limita-se ao compromisso de uma tratção mais pormenorizada *em seu tempo* (cfr. per. IX.1.47 e IX.2.21). As relativas são frequentemente introduzidas por um operador oblíquo: *por as causas que* no per. VIII.4.6, *de que* nos dois exemplos seguintes; as parentéticas apresentam uma articulação muito comum, sendo introduzidas por preposições quais *segundo* nos per.s IX.1.1 e IX.1.27, e *como* nos per.s IX.2.20 e IX.2.21. É constante a ideia de antecipação: Barros nunca se refere a *loci* já existentes, mas promete de tratar os mesmos sujeitos mais adiante. Ramusio, elaborando uma selecção pontual de capítulos, vê-se obrigado a suprimir estes esclarecimentos tanto desnecessários quanto imprecisos.

VIII.4

[6] E porque em a nossa Geografia particularmente fazemos relação desta terra Zanguebar, aqui como de espassada daremos alguma notícia dela, **por as causas que no precedente capítulo apontámos.**

[25] A qual (segundo soubemos per ua crónica dos Reis de Quíloa, **de que adiante fazemos menção**) eles lhe chamam emozaidi;

[39] tendo quási tudo perdido ao tempo que nós descobrimos a Índia, com divisões que houve per morte dalguns reis dela, **de que adiante faremos menção.**

IX.1

[1] e depois, por causa do que Dom Francisco fez em Quíloa e Mombaça (**segundo neste livro precedente fica**), tratámos um pouco daquela terra Zanguebar onde elas estão situadas

[27] e tem que as suas águas são santas (**segundo adiante veremos**), assi a este outro de que falamos chamam Ganga, e dizem ter a mesma santidade;

[47] **E não somente deste cabo mas da sua Tapobrana a que nós chamamos Ceilão, que está defronte dele, em seu lugar faremos mais particular relação:** basta ao presente saber que neste cabo fenecem os reinos do Malabar

E perché nella nostra geografia particularmente facciamo relazione di questa terra Zanguebar, qui come per transito daremo alcuna notizia di lei.

li quali (secondo che abbiamo saputo per una cronica dalli re di Quiloo) loro li chiamano *emozaydii*:

la qual avevano perso nel tempo che noi discoprimmo la India per causa delle divisioni che avevano fra loro per la morte di alcuni re di quella.

E dipoi, per causa di quello che don Francesco Almeida fece in Quiloo e Mombaza, trattassemo un poco della terra di Zuanguebar, dove elle sono situate

e pensano che le sue acque siano sante come sono quelle del Gange,

e in esso finiscono li regni del Malabar

[83] Assi que com estas mudanças que o tempo fez e o mais **que relataremos adiante**, quando Afonso de Albuquerque tomou Malaca,

Adunque, con queste mutazioni che fece il tempo e altre cose, quando Alfonso di Albuquerque pigliò Malacca,

IX.2

[20] E se o Rei da Pérsia, que naquele tempo reinava, chamado Xequé Ismael, tomara posse dele, como tinha tentado, quando Afonso de Albuquerque o tomou, **como veremos**, nossa contenda fora com outro príncipe

E s'el re di Persia che allora regnava, chiamato *siech* Ismael, pigliava possessione di quello, come aveva tentato, quando Alfonso di Albuquerque lo pigliò, la nostra contenzione sarebbe stata con altro principe

[21] ao qual nem Xerxes nam Dário nem Poro chegaram em poder, estado e riqueza, e ânimo militar, **como em seu tempo se verá**.

al quale né Xerse né Dario né Poro giunsero in potenza, stato e facultà e animo militare.

2.2 Supressões de comentários pessoais

Ramusio suprime também umas breves passagens interlocutivas, que se diferenciam dos casos ilustrados *supra* por não conterem antecipações, mas comentários discursivos que nunca aludem a outras passagens da mesma obra ou a escritos do mesmo autor.

IX.1

[8] E começando a dividir todo o marítimo desta Ásia, **que ao presente faz ao propósito** pera relação de nossas navegações e conquista, podemos fazer esta divisão em nove partes, em que a natureza a repartiu, com sinais notáveis, sem lançarmos linhas imaginárias, os quais sinais são mares, cabos e rios, e onde acaba a primeira parte começa a segunda, e assi sucessivamente.

E cominciando a divider tutta la costa maritima dell'Asia, la divideremo, per relazione delle nostre navigazioni e conquiste, in nove parti, nelle quali essa dalla natura è stata divisa con segni notabili, senza metterli linee imaginative: li quali segni sono mari, promontorii e fiumi. E dove finisce la prima parte principia la seconda, e cosí successivamente.

IX.2

[20] E se o Rei da Pérsia, que naquele tempo reinava, chamado Xequé Ismael, tomara posse dele, como tinha tentado, quando Afonso de Albuquerque o tomou, como veremos, nossa contenda fora com outro príncipe maior em estado e potência que o grande Dário, **sob reverência de quanto os gregos escreveram dela, por dar maior glória ao seu Alexandre.**

E s'el re di Persia che allora regnava, chiamato *siech* Ismael, pigliava possessione di quello, come aveva tentato, quando Alfonso di Albuquerque lo pigliò, la nostra contenzione sarebbe stata con altro principe piú grande in stato e potenza che il grande Dario.

[22] Passado Cambaia, de Chaúl té Cintacorá, contendemos com o Izamaluco e Hidalcão, capitães do reino Decão, que representavam em poder, estado e riqueza dous poderosos reis, homens mui dados ao uso da guerra, cujos exércitos andavam cheos de mouros, arábios, pársios, turcos e rumes de toda nação levantisca, **animosa e de grande indústria pera aquele auto.**

Passando Cambaia, da Chaul fin a Sintacora abbiamo avuto guerra con lo Yzamaluco e Hidalcam, capitani del regno Decan, che rappresentavano in potenza, stato e facultà duoi potentissimi re, uomini dati all'uso della guerra; e li suoi eserciti erano ripieni di Mori, Arabi, Persiani, Turchi e Rumi di tutte le nazioni di levante.

2.3. Supressões nos períodos conclusivos

Nos períodos conclusivos de cada capítulo Barros coloca, coerentemente com a praxe textual, as inevitáveis antecipações sobre o capítulo seguinte, dando assim coesão e continuidade à sua obra. Ramusio corta em todos os quatro períodos, mas com modalidades divergentes. O exemplo n. 2 (cap. IX.1) distingue-se dos outros por encontrar-se entre dois capítulos igualmente propostos na antologia: as antecipações contidas têm portanto a própria *raison d'être* mesmo no âmbito das *Navigazioni*, por referir-se a tópicos que o leitor vai ler em breve. Ramusio portanto não apaga o compromisso de fazer *etiam un'altra general relazione delli principi che la signoreggiano*, mas sim o sucessivo comentário *porque com estas duas cousas podemos sem confusão discorrer com nossas armadas per todo aquele Oriente*. Nos outros casos, Barros propõe breves orações de transição que antecipam o conteúdo do capítulo seguinte e que lhe permitem retomar o fio da narração: estas são constantemente suprimidas pelo Ramusio, que demonstra assim interessar-se unicamente às passagens de valor geográfico e antropológico, evitando as *res gestae* da esquadra portuguesa.

VIII.4

[47] Das quais, assi por a polícia das casas, eirados e alcorões, como com as palmeiras e arvoredos dos quintais, parecia a cidade mui fermosa, **dando aos nossos grande desejo de sair nela por quebrar a soberba daquele bárbaro, que toda aquela noite gastou em meter dentro na ilha frecheiros da terra firme.**

Per il che, così per la civiltà delle case, terrazze e torri, come per la grandezza delli luoghi che hanno palme e arbori delli giardini, pareva la città molto bella.

IX.1

[96] Fica-nos ao presente outra cousa mui necessária a ela, que, como em universal fizemos a descrição de toda a terra marítima, por se saber em que parte aconteceram os casos, assi demos também outra geral relação dos príncipes que a senhoreavam, **porque com estas duas cousas podemos sem confusão discorrer com nossas armadas per todo aquele Oriente.**

Restane al presente un'altra cosa molto necessaria all'istoria, che sí come in universali abbiamo fatta descrizione di tutta la terra maritima dell'Asia, così facciamo etiam un'altra general relazione delli principi che la signoreggiano.

IX.2

[36] Demos ua notícia geral destes príncipes, por as causas que atrás apontámos; **e porque com os reis do Malabar tivemos mais comunicação per comércio e per armas, principalmente com o Samori, e contendemos té ora com ele, sem termos dado relação de suas cousas, convém que o façamos particularmente no seguinte capítulo.**

Abbiamo dato una general notizia di questi principi per le cause che adietro abbiamo detto.

X.1

[67] Muitos outros costumes estranhos a nós tem esta gente, os quais em algua maneira parecem que seguem razão de boa polícia, segundo a barbaria deles; os quais leixamos, porque já nestes

Molti altri costumi ha questa gente diversi da' nostri, li quali in alcun modo non pare che si convenghino con la ragione della civiltà, secondo la loro barbarie. E vogliamo lassarli, perché in questi ci siamo tanto dilatati che abbiamo passato i termini

estendemos a pena fora dos limites da história. della istoria.

[68] **Portanto entraremos na relação do modo que os mouros tiveram de vir povoar naquela parte, e o mais que Pero de Anhaia fez e passou.**

2.4. Supressão duma digressão

Ramusio suprime uma parte considerável do capítulo IX.1, ou seja toda a poderosa arenga concernente a supremacia da justa Religião, que interessa os per. 4 - 14. Uma passagem que não teria tido, sem dúvida nenhuma, uma grande utilidade numa obra dedicada à geografia e a história⁴.

3. INTERVENÇÕES TÉCNICAS

Colocámos separadamente as alterações que modificam alguns detalhes que se situam além da narração: as divisas, os números, os pontos cardeais.

3.1. Conversão de divisas

Nos capítulos seleccionados por Ramusio, são frequentes as indicações de capitais monetários; somente em dois casos Ramusio decide converter as quantidades em divisa portuguesa para o correspondente em moedas venezianas. No primeiro caso mantém ambas as quantidades, ou seja mantém o capital referido por Barros e põe ao seu lado a conversão. No outro exemplo, Ramusio converte a divisa exprimindo unicamente a quantidade em moedas venezianas, e omitindo a referência aos reais.

IX.2.35 mil e trezentos quintais dos nossos > milletrecento cantari delli nostri di Lisbona, che fanno centosessantasei migliara in circa al peso grosso di Venezia

⁴ Sendo o corte bastante extenso, não o colocámos aqui, e então invitamos o leitor interessado a consultar os referidos períodos no apêndice.

X.1.53 quinhentos reais > dieci lire di piccioli

3.2. Alterações de números

Ramusio em vários casos altera as informações técnicas contidas nas *Décadas*; nos primeiros três casos limita-se a alterar as quantias: provavelmente Ramusio, convencido de dispor de mapas mais precisos, nos casos em que os dados do Português não coincidem com os seus, privilegia estes últimos. Temos, porém, que relevar como todas as substituições propõem números parecidos ao nível morfo-lexical: portanto, não excluimos a eventualidade que uma ou mais alterações sejam erros preterintencionais, atribuíveis tanto ao autor, quanto à mão-de-obra tipográfica, sobretudo no processo de leitura do autógrafo e sucessiva disposição dos tipos. Os últimos dois casos são profundamente diferentes, pois num passa-se da definição habitual de milhar à menção de milhões, e finalmente se traduz erradamente *quinhentas* com *cinquanta*: a costa oriental da China chega assim a medir menos da distância Lisboa – Aveiro. Um erro tão grosseiro é dificilmente compreensível no âmbito das *Navigazioni*, senão como consequência duma intervenção dos empregados da tipografia.

IX.1.52 entre oito e nove graus > fra disdotto e dicenove gradi

[60] haverá trezentas e setenta > vi saran quattrocentosettanta leghe

[61] as cento do reino de Bengala > le centosessanta del regno di Bengala

IX.2.26 vinte dous *contos* de ouro > ventidui **milioni** d'oro

[33] quem parte de Cantão pera ir onde el-Rei está, ao menos atravessa **quinhentas** léguas > chi parte da Cantan per andar dove sta il re per il manco attraversa **cinquanta** leghe

3.3. Modalidades diferentes para indicar os pontos cardeais

Existem três modalidades para indicar as rotas: os nomes dos pontos cardeais (norte, sul ...), a rosa-dos-ventos (tramontana, xaroco, ...) e a menção do percurso solar (ocidente, meio-dia ...). Barros utiliza frequentemente os pontos cardeais; Ramusio, pelo contrário, recusa-os e substitui-

os pelos ventos correspondentes. Ramusio parece também não gostar muito dos termos ligados à vida do sol, pois às vezes são substituídos, eles também, pelos ventos. Note-se por exemplo como Ramusio traduz sempre *oriente* com *levante*, mas se Barros grafa *levante*, Ramusio não intervém.

Pontos cardeais

Norte > tramontana: cap. VIII.4, per. 9 e 15; cap. IX.1, per. 23, 26, 30, 36, 46, 52, 55, 62, 76, 78, 83; cap. X.1, per. 16 e 28;

Nordeste-Sudoeste > greco garbin: cap. IX.1, per. 60 e 92

Sul > ostro: cap. VIII.4, per. 2, 3, 9, 15, 33; cap. IX.1, per. 23, 26, 55; cap. X.1, per. 9, 27

Leste-Oeste > levante ponente: cap. IX.1, per. 59

Noroeste > maestro: cap. XI.1, per. 10, 93, 94

Outras denominações

Oriente > levante: cap. VIII.4, per. 8, 10, 12; cap. IX.1, na rubrica e nos per. 76 e 78; cap. IX.2, per. 17.

Oriental > orientale: cap. VIII.4, per. 2, 3, 4; cap. IX.1, per. 2, 10, 51, 52, 54, 58, 94; cap. IX.2, na rubrica; per. X.1.2

Oriental > di levante: cap. IX.1, per. 2 e 50

Levante > idem: per. VIII.4.36; per. IX.1.80

Meridional > idem: per. VIII.4.1

Meredional > meridionale: per X.1.28

Ocidental > occidentale: cap. VIII.4, per. 3 (duas ocorrências), 35, 36; cap. IX.1, per. 51 e 58; per. IX.2.17; per. X.1.2

Ocidental > di ponente: per VIII.4.17; per. IX.2.13

Ponente > idem: cap. VIII.4, per 8, 11, 12, 17, 36, 37; cap. IX.1, per. 19, 23, 28, 29, 38, 39 (duas ocorrências); per. IX.2.16; cap. X.1, per. 15 e 27.

4. ESCOLHAS GRÁFICO-FONÉTICAS

Neste parágrafo descrevemos as modalidades e as técnicas com as quais Ramusio traduz topónimos e etnónimos, e os métodos adoptados na criação dos exónimos.

4.1 Normativização

Ramusio tenta uma constante obra de normativização: se Barros adopta grafias diversas para o mesmo topónimo, Ramusio decide limitá-las a uma única grafia constante, evidentemente para reduzir as possibilidades de equívocos.

Registam-se três ocorrências de *Muçandão* no cap. IX.1, per. 17 (2 vezes) e 19; no entanto, *Moçandão* nunca aparece nos capítulos antologiadados, mas tem três ocorrências nas *Década* II e III. Ramusio grafa exclusivamente *Mocandam*. *Bisnagá* regista cinco ocorrências no cap. IX.1, per. 30, 38, 61 e 72, e no per. IX.2.24; a variante *Bisnagar* encontra-se unicamente na *Década* IV, ou seja na parte alógrafa (e que Ramusio nunca consultou), mas é unicamente esta grafia que Ramusio adopta: provavelmente, neste caso, no antecedente e em vários outros, Ramusio seguiu a grafia de portulanos, mapas e outros documentos aos quais tinha acesso. *Guadevari* ocorre no per. IX.1.30; *Godavari*, a forma que Ramusio sempre adopta, também noutros textos, encontra-se no per. 71 do mesmo capítulo. Barros grafa sempre *Cintacorá* (cap. IX.1, per. 29 e 35, duas vezes no per. 34, e no capítulo seguinte no per. 22), se exceptuarmos a única ocorrência de *Sintacora* (cap. IX.1, per 16), mas é esta variante que Ramusio adopta permanentemente. Por fim, Barros grafa *Alva* no per. IX.1.78, mas Ramusio traduz com *Ava*, cidade que é sempre grafada nesta maneira e que é mencionada mais 17 vezes nas *Navigazioni*.

Contrariamente a quanto ilustrámos, em dois casos Ramusio propõe mais grafias a partir dum termo cuja grafia não varia nas *Décadas*. É o caso de *Cingapura*, única grafia adoptada na *Ásia*; porém, Ramusio escreve, dentro do mesmo capítulo IX.1, duas vezes *Cingapura* (per. 9 e 51) e *Singapula* (per. 76 e 81), e uma vez *Singapura* (per. 84). Paralelamente, Barros mantém sempre a grafia *Ceilão*; provavelmente por uma interferência do SL, Ramusio grafa no cap. IX.1 prevalentemente *Ceilam* (per. 48, 51 e 55). Porém, esta grafia se limita a estes três casos, pois

encontramos nas *Navigazioni* sempre e só *Zeilam*, presente seja no per. 95 do mesmo capítulo, seja em muitos outros excertos.

4.2 Divergências entre fonemas e grafemas

Cingapura constitui também um óptima oportunidade para estudar as suas estratégias perante os nexos -ce- e -ci-; neste caso, nota-se que Ramusio propõe em três dos cinco casos um exónimo foneticamente fiel (Singapu[l/r]a) e nos outros dois escolhe a total fidelidade gráfica de *Cingapura*. *Singapura*, já então um dos mais importantes mercados do Oriente, era muito provavelmente a grafia contida nos mapas na posse do tradutor. O mesmo mecanismo verifica-se nas *Navigazioni* com *Sofala*, que Ramusio traduz sempre com o exónimo *Cefala* em todas as suas catorze ocorrências, situadas sobretudo no cap. X.1. *Cintacorá* origina o exónimo *Sintacora*, que se encontra no cap. IX.1, per. 29, 34, 35, e no capítulo seguinte no per. 22.

É mais difícil chegarmos a conclusões unívocas quando estes nexos se situam no fim do vocábulo, ou seja na zona em que se concentram as alterações dos traços fonéticos no processo de elaboração dum exónimo: *Quilmance* é sempre realizado com *Quilmanci* (cap. VIII.4, per. 15, 17 e 18), portanto não há fidelidade fonética. Esta nota-se, pelo contrário, em *Quinci*, que se torna em *Quinsii* no cap. IX.1, per. 94.

Um outro *vulnus* é representado por -j-, que Ramusio substitui por -i-: *Ajão* > *Aian* no per. IX.1.20; *Talajá* > *Talaia* no per. seguinte; *Berinjão* > *Beriniam* no per. 44. Tanto -j- quanto -y-, se aproximantes, são transpostas com -y-: *Emozaidi* > *Emozaydii* no cap. VIII.4, per. 25, 26 e 29; *Calajá* > *Calaya* no per. IX.1.17; *Hiámane* > *Hyaman* no per. 18; *Camotai* e *Tavai* > *Comotay* e *Tavay* no per. 78; *Cui* > *Cuy* no per. 86; *Sião* > *Syam* no cap. IX.2, per. 27 e seguinte. A substituição não acontece quando o grafema se encontra no começo do termo: *Japões* > *Iaponi* (Ramusio parece não compreender que se trata do Japão, e então não traduz o termo, mas rescreve-o) no cap. IX.1, per. 11; *Jaua* > *lava* no per. 95.

4.3 Dígrafos

Ramusio na maioria dos casos não altera a grafia dos dígrafos, ficando mais interessado na fidelidade gráfica do que na fonética.

Prova evidente é constituída pelo grafema -x-, que nos topónimos mencionados tem sempre a sua realização fonética em [š]. Orixá mantém-se sempre inalterado, se exceptuarmos a supressão do diacrítico⁵, em todas as suas seis ocorrências: no cap IX.1, nos per. 30, 61, 72 e 73 (duas vezes); no cap. seguinte, no per. 24. O mesmo acontece com *Magadaxó* > *Magadaxo* no cap. VIII.4, per. 21, 28, 29, 31 e 38. *Xantõ*, mencionado no cap. IX.1, per. 94, não vê alterada a sua inicial na sua transposição em *Xanton*, e *Xael* fica igualmente inalterado no per. 14. Também no cap. X.1, encontramos *Acaxumo* > *Caxumo* e *Axumá* > *Axuma* no per. 30. Ramusio portanto nunca tenta manter a informação que a realização fonética corresponde a [š].

O dígrafo -qu-, que nos casos individuados corresponde sempre ao fonema [k], pode ser tanto transcodificado, como mantido: o já descrito comportamento de Ramusio perante o topónimo *Quilmance* deixa-nos compreender como Ramusio escolhe não intervir no dígrafo inicial, e o mesmo acontece com o frequentíssimo *Quíloa*, embora esteja também presente nas *Navigazioni*, mesmo se com frequência inferior, com o dígrafo transcodificado, o seja como *Chilloa*. Não altera nem *Léquio* (> *Lequio*) no cap. IX.1, per. 11, nem *Léquios* (> *Lequii*) no per. 95, nem sequer *Fuquiem* (> *Fuquiam*) no per. 92. Ramusio intervém pelo contrário na grafia com *Fartaque*, que é traduzido como *Fartache* em todas as suas ocorrências: no cap. IX.1, nos per. 13 e 14 (duas ocorrências); paralelamente, o etnónimo no per. IX.1.14 passa de *Fartaquis* a *Fartachini*. Na substituição *Heraque* > *Herac* é igualmente mantida inalterada a pronúncia, no per. IX.1.20.

O dígrafo -ch- é frequente sobretudo no começo de vários topónimos: vejam-se *Chaúl* nas suas quatro ocorrências (cap. IX.1, no per. 26, duas vezes no per. 33, e por fim no per. 34), *Chatuá* e *Chale* no per. 42, *Chereacale*, no per. 62, *Chatigão* no per. 78; *Chequeão* no per. 92; Ramusio mantém sempre o dígrafo e propõe os exónimos *Chaul*, *Chatuá*, *Chale*, *Chereacalla*, *Chatigam* e *Chequeam*. Ramusio não intervém mesmo quando o dígrafo se encontra no meio do termo, como em *Machigão*>*Machingam* no cap. IX.1, per. 31, *Cochi* > *Cochin* no per. 42 e *Puducheira* que fica inalterado no per. 63.

Regista-se um único caso contrário, constituído por *Chaporá* > *Capora* no per. IX.1.34.

⁵ Veja-se o parágrafo dedicado aos acentos.

Benhora e *Conhomeira* são as únicas ocorrências de -nh-, no cap. IX.1, per. 26 e 63; Ramusio não as altera em nada.

Nota-se escasso cuidado com a fonética com *Mangueirão*, que se torna *Mangeiron* no per. IX.1.37: aqui de facto Ramusio não tem em conta o som [g] previsto pelo dígrafo -gu-, que é banalizado no grafema -g-, que no TL origina neste caso o fonema [dʒ].

4.4 Til e cedilha

O til é constantemente substituído por uma consoante nasal: Ramusio adiciona um -n- nos casos de *Menão* > *Menan* (cap. IX.1, per. 9); *Ajão*>*Aian* e *Macrão* > *Macran* no per. 20, *Patão* > *Patan* no per. seguinte, *Cantão* > *Cantan* no per. 33; *Colorão* > *Coloran* no per. 63, e sobretudo nas treze ocorrências de *Decão*, sempre traduzido com *Decan*: no cap. IX.1, nas duas ocorrências dos per. 23, 34 e 35, e mais nos per. 24, 28, 29, 33, 36 e 39, e no per. 22 do cap. seguinte. Mas o recurso à nasal alveolar é minoritário, pois a maioria dos topónimos (dezassete) recebe, pelo contrário, uma consoante nasal bilabial. Vejam-se *Japões* > *Iaponi* no cap. IX.1, per. 11; *Abiã* > *Abiam* e *Canacão* > *Canacam* no per. 14; *Orfacão* > *Orfacam* no per. 17; *Masulipatão* > *Masulipatam* no per. 30; *Machigão*>*Machigam* no per. 31; *Carepatão*>*Carapatam* e *Sifardão* > *Sifardam* no per. 34; *Egorapã*>*Egorapam* no per. 37; *Berinjão* > *Beriniam* no per. 44; *Negapatão*, *Triminapatão* e *Sadrapatão* > *Negapatam*, *Triminapatam*, e *Sadrapatam* no per. 63, *Chatigão* e *Sornagão* > *Chatigam* e *Sornagam* no per. 78; *Chequeão* > *Chequeam* no per. 92; *Cantão* > *Cantam* nos per. 92 e 93.

Nalguns casos Ramusio não se mantém constante nas suas escolhas: individualizamos *Sião* > *Siam* nos per. 9, 54, 78, 80 (duas vezes), 84 e 88, e no capítulo seguinte nos per. 24 e 29; paralelamente, encontra-se *Sião* > *Syam* no cap. IX.2, per. 27 e 28; similarmente, *Ceilão* > *Ceilam* no cap. IX.1, per. 47, 48, 51 e 55; regista-se também a excepção constituída por *Ceilão* > *Zeilam* no mesmo capítulo, per. 95. Há, depois, um único caso no qual Ramusio intervém na vogal tónica: *Mangueirão*, que se torna em *Mangeiron* no cap. IX.1, per. 37.

Ramusio substitui, na maioria dos casos, o -ç- por um -z-: é o caso de *Mombaça* > *Mombaza* no per. VIII.4.39, e no capítulo seguinte no per. 1; *Moçambique* > *Mozambique* no cap. VIII.4, per. 2,

7, 8 e 33, e no capítulo seguinte no per. 31. Regista-se, porém, o caso contrário com *Muçandão* > *Mocandam* nas ocorrências ilustradas *supra*.

4.5 Acentos

Ramusio, na esmagadora maioria dos casos, suprime os acentos, os quais, não só assinalam os graus de abertura da vogal, mas também indicam a colocação da tónica. Dado que não encontramos topónimos proparoxítonos, os acentos situam-se unicamente nas oxítonas.

Individuamos: *Magadaxó* > *Magadaxo* nas quatro ocorrências indicadas *supra*; as cinco ocorrências de *Cintacorá* > *Sintacora* (para os casos, vê *supra*); as seis ocorrências de *Orixá* > *Orixa* (para os casos, vê *supra*); *Curiá Muriá* > *Curia Muria* no cap. IX.1, per 15; *Talajá* > *Talaia*, duas vezes no per. 20 e seguinte; *Mohá* > *Moha* no per. 21; *Aligá* > *Aliga* em todos os sete casos, ou seja nos per. 29 (duas ocorrências), 30, 34, 35 e 36 (duas ocorrências); *Chaporá* > *Capora* no per. 34; *Cangerecorá* > *Cangerecorá* nos per. 36 e 37; *Cumbatá* > *Cumbata* no per. 37; *Chatuá* > *Chatua* e *Porcá* > *Porca* no per. 42; *Rotará* > *Rotora* no per. 44; *Meacó* > *Meaco* no per. 95.

O diacrítico é preservado unicamente em *Mudrefabá* > *Mudrefabà* no per. 21, em *Canará* > *Canarà*, em seis das suas sete ocorrências (nos per. 24, 29, 36, 38 e nas duas ocorrências do per. 39; regista-se de facto também o caso *Canará* > *Canaran* no per. 23) e em *Nimpó* > *Nimpò* no per. 92.

Em dois casos o acento situa-se no penúltimo grafema, e em ambos casos Ramusio apaga-o: *Chaúl* > *Chaul* nas quatro ocorrências indicadas *supra*, e *Fuquiém* > *Fuquiam* no mesmo per. 92, onde chega a alterar a tónica.

Assinalamos depois as seguintes alterações: *Obi* > *Obii* no cap. VIII.4, per 15; *Angeli* > *Angelii* no cap. IX.1, per. 26 e 31; *Nosçari* > *Noscarii* no per. 32; *Calanci* > *Calancii* per. 34; *Samori* origina *Camori* no per. 42 e *Camorii* e no per. 43 (era de facto igualmente difundida a variante *Çamori*); *Perperi* > *Perperii* nos per. 86 e 94; *Cauchi* > *Cauchii* no per. 90 e, por fim, *Quinci* > *Quinsii* no per. 94. Estas substituições podem parecer mais um caso de alteração gráfico-fonética, mas não é assim: as edições antigas apresentavam os topónimos na mesma grafia adoptada por Ramusio, ou

seja com o duplo -i-, ou alternativamente com o nexa homófono -ij-. Foi Cidade quem suprimiu esta continuidade, pois na sua edição crítica da *Ásia* decidiu intervir, nalguns poucos casos, também nos topónimos, que pelo contrário Milanesi nunca altera. Cidade de facto afirma de operar as alterações gráficas que não incidem ao nível fonético, e então substitui o -ii- final por -i-. Por isso, vemos os topónimos no ST na grafia actualizada, pois o -ii- final já não era aceite na metade do século XX, e na tradução ramusiana na grafia originária.

4.6 Breve nota sobre os etnónimos

O comportamento de Ramusio perante os etnónimos é muito mais constante, pois se limita a acrescentar o sufixo -ini: no per. VIII.4.30 *Baduís* > *Baduini*; *Fartaquis* > *Fartachini*, no cap. IX.1, per. 14; *Decanis* > *Decanini*, *Conquenis* > *Conquenini*, e *Canaris* > *Canarini* no per. 35; *Siames* origina *Siamini* no per. 85 e *Syamini* no per. 91. Em *Abexis* > *Abessini* no cap. VIII.4, per. 15, e no cap. X.1, per. 3, limita-se a utilizar o etnónimo habitualmente utilizado em italiano.

4.7 Considerações finais

A esmagadora maioria dos topónimos, digamos 80%, sofre alterações, que são sempre de tamanho reduzido. Se exceptuarmos o processo de normatização, trata-se quase exclusivamente de adaptações aos parâmetros gráficos do TL: desaparecem os sinais diacríticos inexistentes no TL, como *cê* cedilhado e *til*, e reduz-se a importância dos acentos. Pelo contrário, Ramusio não intervém perante um dígrafo que existe em ambas as línguas, mesmo se com realizações fonéticas diferentes. Isto não significa que Ramusio não conhecesse as peculiaridades fonéticas do português; muito pelo contrário, podemos supor que Ramusio escolhesse manter os exónimos de sua autoria graficamente próximos dos termos originais para tornar a sua obra mais acessível à comunidade dos leitores potenciais, tanto italianos quanto estrangeiros. Por outras palavras, o mundo das navegações era tão intrinsecamente poliglota, ou, se quisermos, as *Navigazioni* tinham ambições ao nível internacional tão sólidas, que a inteligibilidade dos topónimos era fundamental. Neste sentido, uma eventual transcrição sistemática dos topónimos finalizada à preservação da pronúncia era indesejável. Entre continuidade gráfica e fidelidade fonética,

Ramusio escolheu a primeira opção: a mais simples, mas também a menos invasiva. Tanta é a frequência com a qual Ramusio privilegia esta opção que estamos convencidos que esta foi a sua intenção, embora num conjunto de casos, cuja consistência numérica não podemos quantificar, seja provável que, em vez de seguir o seu próprio *modus agendi*, tenha preferido adoptar a grafia que lia nas cartas que possuía.

5. CONCLUSÕES

As alterações que Ramusio realiza dependem prevalentemente do seu desejo de tornar o texto o mais compreensível: por isso por exemplo adiciona ou subtrai as referências que considera preferíveis, e precisa os detalhes não bem esclarecidos. Para ser mais comunicativo substitui também os termos colectivos com umas breves exemplificações, e os pontos cardeais com os ventos correspondentes, sem esquecer a obra de conversão das divisas. Muito pelo contrário, Ramusio altera raramente a sintaxe do período, demonstrando assim grande respeito pelas escolhas retóricas e diegéticas de Barros. Perante o *vulnus* representado pelos topónimos, Ramusio decide pela modalidade mais simples e óbvia, mas que é também a solução menos invasiva e mais confiável: substitui os signos que não pode repropor por não existirem no TL, e mantém os outros.

CAPÍTULO NONO.

COMPARAÇÃO ENTRE AS TRADUÇÕES DE RAMUSIO E ULLOA

Nota sobre o método

Decidimos juxtapor as duas traduções de Alfonso de Ulloa (coluna central) e de Giovanni Battista Ramusio (coluna de direita) do capítulo IV do livro VIII, afim de compreender quais são as (muitas) afinidades e em quais casos os dois tradutores escolhem modalidades de tradução diferentes.

Comparação

Rubrica

95r¹

149r

Capítulo IV. Em que se descreve a parte da costa de África em que está situada a cidade Quíloa; à qual terra os arábios propriamente chamam Zanguebar e Ptolomeu Etiópia-sobre-Egipto.

Si descrive quella parte della costa di Africa, nella quale è situata la città di Quiloo: la qual terra gli Arabi propriamente chiamano Zanguebar, et Tolomeo Etiopia sopra Egitto. Cap. IIII

Capitolo quarto del libro ottavo, nel quale si descrive la parte della costa dell'Africa dove è situata la città di Quiloo, la qual terra gli Arabi propriamente chiamano Zanguebar, e Ptolomeo Etiopia sopra Egitto.

Ramusio e Ulloa não diferem em nada, vista a extrema simplicidade da rubrica.

Texto

¹ Os números das páginas referem-se à *editio princeps* de 1552.

[1] Em a parte da terra de África sobre a Etiópia a que Ptolomeu chama interior, onde está a região Agisimba, que é a mais austral terra de que ele teve notícia, e onde faz a sua meridional computação, jaz outra terra que em seu tempo não era nota, e ao presente mui sabido o marítimo dela, depois que descobrimos a Índia per este nosso Mar Oceano.

[2] O princípio da qual, começando na Oriental parte dela, é o Prasso Promontório, que ele, Ptolomeu, situou em quinze graus contra o Sul e em tantos está per nós verificado; ao qual os naturais da terra chamam Moçambique, onde ora temos ua fortaleza que serve de escala das nossas naus nesta navegação da Índia.

Nella parte della terra di Africa sopra la Etiopia, quel che Tolomeo chiama interiore dove giace la regione Agisimba, ch'è la più australe terra di che ei ebbe cognizione, e dove fa la sua meridionale computazione, giace un'altra terra che in suo tempo non era nota, e al presente è molto conosciuta la parte marittima di essa, dopo che noi scoprimmo l'India per questo nostro mare Oceano.

Il principio della quale, cominciando nella parte Oriental di essa, è il Prasso promontorio, che Tolomeo situò in quindici gradi contra il Sur e in tanti è da noi verificado, il quale da quelli del paese è chiamato Mozambique, dove ora abbiamo una fortezza, che serve di scala alle nostre navi, in questa navigazione dell'India.

Nella parte della terra di Africa sopra l'Etiopia, che Ptolomeo chiama interiore, dove è posta la regione Agisymba, che è la più australe terra di che lui ebbe notizia e dove fa la sua meridionale computazione, giace un'altra terra che ne' suoi tempi non era da lui conosciuta, e al presente è notissima la parte sopra il mare, dappoi che abbiamo discoperto la India per questo nostro mare oceano.

Al principio della quale, cominciando nella oriental parte di lei, è il Prasso promontorio, che Ptolomeo situò in quindici gradi verso ostro, e in tanti sta per noi verificado, il quale li naturali della terra chiamano Mozambique, dove al presente abbiamo una fortezza che serve di scala o porto delle nostre navi in questa navigazione dell'India;

Registam-se unicamente diferenças mínimas, como: *molto conosciuta* (Ulloa), *notissima* (Ramusio)²; *quelli del paese, li naturali*.

[3] E o fim ocidental desta terra, a Ptolomeu incógnita, acaba em altura de cinco graus da parte do Sul que se comunica com os etiópias a que ele chama hespérios, per nome comum, que são os povos pangelungos, súbditos ao nosso Rei de Congo; entre

[3] E il fine Occidentale di questa terra a Tolomeo incognita, finisce nell'altezza di cinque gradi dalla banda del Sur che confina con gli Etiopi che ei chiama gli Hesperij per nome comune, che sono i popoli Pangelunghi sudditi al nostro Re di Congo, fra i quali dui termini orientale, e occidentale,

e la parte occidentale di questa terra a Ptolomeo incognita finisce in la latitudine di gradi cinque dalla parte di ostro, che confina con gli Etiopi, che quello chiama Esperii per nome commune, che sono li popoli pangelungi sudditi al nostro re di Manicongo; fra li quali duoi termini orientale e occidentale

² Indicamos sempre a versão de Ulloa e, a seguir, a de Ramusio

<p>os quais dous termos oriental e ocidental, fica o grande e illustre Cabo de Boa Esperança, tantos mil anos não conhecido no Mundo.</p>	<p>giace quel grande e illustre capo di buona Speranza per tanti mille anni non conosciuto dal mondo:</p>	<p>resta il grande e illustre capo di Buona Speranza, già tanti anni incognito al mondo.</p>
---	---	--

No etnónimo *hespérios*, Ulloa é mais conservador ao nível gráfico: mantém o -h- em *Hesperij*, enquanto que o Ramusio o suprime. Podemos antecipar que, no que concerne a etnónimos e topónimos, não é possível detectar tendências unívocas, talvez por os dois escolherem, quando possível, as grafias indicadas nos mapas aos quais tinham acesso.

[4] E como esta de que tratamos é grande e os bárbaros que nela habitam são muitos e diferentes em língua, não há entre eles nome próprio dela.

[5] Somente os arábios e páriseos, como gente que tem polícia de letras e são vezinhos dela, em suas escrituras lhe chamam Zanguebar, e aos moradores dela zanguí; e per outro nome comum também chamam cafres, que quere dizer gente sem lei, nome que eles dão a todo gentio idólatra, o qual nome de cafres é já acerca de nós mui recebido polos muitos escravos

95v

que temos desta gente.

[4] e perciocché questa terra di che ora trattiamo è grande, e i barbari che vi abitano sono molti e differenti in lingua, non ha appresso loro nome proprio.

Solamente gli Arabi e i Persi come gente che non ha politezza di lettere e sono vicini a essa negli scritti loro la chiamano Zanguebar, e gli abitatori suoi Zanguini: e con altro nome comune, ancora gli chiamano Cafri, che vuol dire gente senza legge, nome che essi danno ad

149v

ogni sorte di gente idolatra: il qual nome di Cafri è appresso noi molto chiaro per i molti schiavi che abbiamo di questa.

E conciosiaché questa terra della qual trattiamo sia grande, e li popoli barbari che l'abitano siano molti e differenti nella lingua, non vi è di quella fra loro nome proprio:

solamente gli Arabi e Persiani che si diletano di lettere e confinano con quella, nelle loro scritture la chiamano Zanguebar, e li suoi abitatori Zanguí, e per altro nome commune ancora li chiamano Cafres, che vuol dir gente senza legge, nome che loro danno a tutta la gente idolatra, il qual nome di Cafres è già appresso di noi molto usato, per li molti schiavi che abbiamo di quella gente.

As duas traduções diferem constantemente, embora as diferenças consistam em minúsculas variantes: passa-se de *ha politezza* a *si diletano*, de *chiaro* a *usato*, de *tutta* a *ogni sorte*; em

scritti, scritture a variação não sai da comum origem etimológica. Já aqui resulta evidente como Ulloa recusa com maior decisão do que Ramusio a utilização de empréstimos lexicais e de signos estrangeiros: Ulloa italianiza *Zangui* e *Cafres*, Ramusio não os altera.

[6] E porque em a nossa Geografia particularmente fazemos relação desta terra Zanguebar, aqui como de espessada daremos alguma notícia dela, por as causas que no precedente capítulo apontámos.	E perciochè nella nostra geografia particularmente ne facciamo menzione di questa terra Zanguebar, qui come per trascorso ne daremmo alcuna notizia di essa: per le cagioni che nel capitolo precedente abbiamo appuntate.	E perché nella nostra geografia particularmente facciamo relazione di questa terra Zanguebar, qui come per transito daremo alcuna notizia di lei.
--	--	---

Ulloa redige uma tradução integral, e então não toma a liberdade de suprimir as passagens que julga desnecessárias, diversamente do que faz Ramusio, que elimina a última parte do período.

[7] E começando no Promontório Arômata a que ora chamamos Cabo de Guardafu, que é a mais oriental parte de toda África, situada per Ptolomeu em cinco graus e per nós em doze, até Moçambique, que serão per costa obra de quinhentas e cinquenta léguas, faz esta terra ua maneira de enseada, não tam curva e penetrante como Ptolomeu a figura em sua Távoa, mas quási a feição de ua costa de osso de animal quadrupe.	[7] E cominciando nel promontorio di Arómata, che ora chiamiamo capo di Guardafu ch'è la più oriental parte di tutta l'África situata da Tolomeo in cinque gradi, e da noi dodeci, fino a Mozambique, che saranno per costa mille seicento e cinquanta miglia: fa questa terra una maniera di seno non già tanto curvo e penetrante come Tolomeo lo figura nella sua tavola, ma quasi della forma di una costa di osso di animale quadrupede.	E cominciando nel promontorio Aromata, che ora chiamiamo capo di Guardafuni, che è la piú oriental parte di tutta l'África, situata per Ptolomeo in gradi cinque e per noi in dodici, fino a Mozambique, che saranno per lungo della costa da cinquecentocinquanta leghe, fa questa terra un seno, non cosí curvo e incolfato come Ptolomeo lo affigura nelle sue tavole, ma quasi alla forma di una costa di animale quadrupede.
--	---	---

É interessante notar como Ulloa transforma constantemente as indicações numéricas convertindo as léguas em milhas: intervenção fácil, pois é suficiente multiplicá-las por três. Aqui também se registam ligeiras variantes: *non già* > *non così*, *penetrante* > *incolfato*.

[8] E o segundo curso marítimo que ele não soube, o qual começa no Cabo de Moçambique e acaba em o das Correntes, que será per costa até cento e setenta léguas, fica ela um pouco mais encurvada com um anco que faz o Cabo das Correntes logo na volta dele, quando vão de cá do Ponente.

E il secondo corso maritimo che ei non seppe, il quale comincia nel capo di Mozambique, e finisce in quello delle correnti, che sono per costa cinquecento e dieci miglia: giace ad essa un poco più incurvata con un'Anco che fa il capo delle correnti tosto di esso quando si va di qua del Ponente.

E nel continuare del corso del mare che quello non conobbe, il quale comincia nel capo di Mozambique e finisce nel capo delle Correnti, che può esser per costa da centosettanta leghe, resta lei un poco più inarcata dove la fa il capo delle Correnti, subito nella volta di quello, come vedon coloro che da ponente navigano verso levante.

Aqui também Ulloa converte o número em léguas e mantém-se fidelíssimo ao texto de origem; pelo contrário, Ramusio altera o começo do período, e apaga a pouco clara passagem que se encontra no fim, passagem que Ulloa repropõe limitando-se a escrever o obscuro vocábulo *anco* (variante de *âncora*) com a maiuscula inicial: ele também não sabe bem como traduzi-lo.

[9] Do qual cabo, vindo pera o de Boa Esperança, em que haverá per costa trezentas e quarenta léguas, vai a terra fazendo um lombo, de maneira que fica o Cabo das Correntes em vinte quatro graus, da banda do Sul, e o de Boa Esperança em trinta e quatro e meio; e deste illustre cabo, té a terra dos pangelungos, do reino de Congo, vai-se a costa encolhendo e bojando, però que a grandeza dela faz parecer que se estende direita ao Norte.

Da quel capo venendo alla volta del capo di buona Speranza, che ci sono per costa mille quaranta miglia, va la costa facendo un lombo, di modo che giace il capo delle correnti in venti quattro gradi, dalla banda del Sur, e il capo di buona Speranza in trentaquattro gradi e mezzo: e da questo illustre capo, infino al paese de' Pangelunghi del regno di Congo, la costa si va raccogliendo e volteggiando, ancora che la grandezza sua faccia

Dal qual capo navigando verso quello di Buona Speranza, che potrà esser per costa da trecentoquaranta leghe, va la terra facendo un lombo, di maniera che resta il capo delle Correnti in gradi ventiquattro della parte dell'ostro, e quel di Buona Speranza in trentaquattro e mezzo. E da questo illustre capo fin alla terra delli Pangelungi del regno di Manicongo vassi la costa ritirando e voltando, percioché la grandezza di quella fa parer che si

parere che si distenda diritta a tramontana. estende al dritto della tramontana.

Além da conversão habitual, assinalam-se estas ligeiras variantes: *paese* > *terra*, *raccogliendo e volteggiando* > *ritirando e voltando*; se Ramusio transforma sempre os pontos cardinais em ventos, Ulloa fá-lo só raramente: aqui com Norte, sim, nos per. 2 e 3 com Sul, não.

[10] A figura da ponta deste grande cabo de Boa Esperança se aparta do corpo da outra terra como que a escacharam do Cabo das Agulhas, que dista dele contra o Oriente per espaço de vinte e cinco léguas, da maneira que podemos apartar o dedo polegar da mão esquerda dos outros dedos dela, virando a palma pera baixo.

La figura della punta di questo grande capo di buona Speranza si divide dal corpo dell'altra terra come che l'avessero divisa dal capo delle agucchie, che dista da esso contra l'oriente per lo spazio di settanta cinque miglia: di modo, che possiamo dividere il dito pollice della mano sinistra, dalle altre dita voltando la palma in giù.

La figura della punta di questo grande capo di Buona Speranza esce fuori del corpo della terra, come se la fusse stata tagliata dal capo delle Hagulhas, che è distante da detta punta verso levante per spazio di venticinque leghe, come si dimostra separando il dito grosso della man zanca dall'altre dita, voltando la palma all'ingíu:

Ulloa traduz *agulhas* com *agucchie*: embora seja correcto por retomar o étimo latim *agucicula(m), não se compreende por que razão não utilizou a tradução directa de *aguglie*, che não só é quase homófona, mas tem também o mesmo significado. Ramusio opta pelo contrário por um hipercorrecto *hagulhas*: talvez não soubesse resolver os problemas criados pela polisemia de *aguglie*. Compare-se finalmente o registo coloquial ramusiano de *dito grosso della man zanca*, com a expressão diastraticamente superior *dito pollice della mano sinistra* formulada por Ulloa.

[11] E per este modo fica ele apartado contra o Ponente do grande corpo da outra terra e rombo em sua ponta à semelhança do dedo; e quási na

E in questo modo rimane diviso contra il ponente dal grande corpo dell'altra terra, e rombo nella sua punta alla somiglianza del dito: e quasi nella vicina ch'è nel mezo di

e in tal forma resta detto capo separado verso il ponente del grande corpo dell'altra terra, ed è ottuso nella sua punta a similitudine del dito; e quasi nella

junta, que é no meio dele, está ua terra soberba sobre a outra que no cima faz ua planura de terra rasa, graciosa em vista e fresca, com mentrastos e outras ervas de Espanha, à qual os nossos chamam a Mesa do Cabo.

esso giace una terra sovrana all'altra, che in cima fa una pianura molto grata alla vista, e amena per la diversità delle erbe di Spagna che vi nascono: la quale da' nostri è chiamata mensa di capo.

giuntura ch'è nel mezzo di quello giace un paese bellissimo sopra gli altri, che nella sommità fa una gran campagna di terra piana, dilettevole e graziosa in vista e verde, con molte erbe odorifere, come è menta e altre simili alle nostre di Spagna, la quale li nostri chiamano la tavola del capo.

Ramusio não se deixa enganar pelo falso amigo representado por *rombo*, mas Ulloa, que erradamente o repropõe, sim. Ulloa apaga *mentrastos* provavelmente porque convencido que este signo se refere, como o seguinte, a um conjunto de ervas não bem identificadas.

[12] E olhando dela contra o Ponente, fica ua angra per eles chamada da Conceição, e no espaço que se mete entre ele e a outra terra, que jaz pera Oriente, que vai fazer o Cabo das Agulhas, está ua angra mui estreita, a que mais propriamente podemos chamar furna, assi penetrante pela terra, cortando dereita ao longo do cabo, que do rosto dele té o fim dela haverá dez léguas.

E quindi riguardando contra il ponente si vede un'Agra chiamata della concezione. E in quello spazio, che si mette fra esso e l'altra terra che giace verso oriente, che va a fare il capo delle aguccie, sede un'Agra molto stretta, che più propriamente possiamo chiamarla furna, cosi penetrante per la terra tagliando diritta al lungo il capo, che dalla punta di esso insino alla fine dell'Angra, ci sono trenta miglia.

E riguardando da quella verso ponente, resta un porto che si chiama della Concezion, nel spazio che resta fra quello e l'altro paese che giace per levante. Dove si fa il capo de las Hagulhas è posto un porto over seno tanto stretto che più propriamente potrebbesi chiamar forno, per l'entrar che egli fa fra terra tagliandola diritto al lungo del capo, che dalla bocca di quello fin a dove finisce vi è spazio di dieci leghe.

Ulloa demonstra nesta passagem os limites provocados por ele não ter o italiano como língua mãe: não substitui *angra* e *furna*, realizando assim uma tradução, pelo menos aqui, de escasso nível qualitativo. Ramusio, como Romanini³ evidencia, não podendo evitar completamente os

³ Romanini 2007, p. 141.

estrangeirismos, utiliza-os só em ausência duma alternativa viável: e de facto nunca nas *Navigazioni* escreve *angra*.

[13] No seo da qual furna onde elas acabam se levanta ua serrania de viva pedra, com grandes e ásperos picos, que pedem as nuvens com sua altura; e por causa deles os nossos chamam àquele lugar os Picos Fragosos, pelo pé dos quais rompe com muita fúria um rio de grandíssima água que nasce no interior daquele sertão, de que ao presente não temos notícia.

Nel seno della quale, dove elle finiscono, si leva un fil di montagne di viva pietra con grandi e aspere roche le quali aggiungono le nubi per la loro altezza: e per cagione loro i nostri chiamano quel luogo Piccos fragosos, che vuol dire rocche o picconi asperi: per le radici delle quali rompe con grande furia un fiume di grandissima acqua che nasce nell'interiore di quel paese, del quale

150r

al presente non abbiamo cognizione.

Nel fine della quale principia ad elevarsi un ordine di montagne tutte di pietra viva, con grandi e aspere punte, che vanno fino alle nuvole con la sua altezza: per causa delle quali punte li nostri chiamano quel luogo Os Picos Fragosos, cioè le punte aspere; al piede delle quali esce con gran furia un fiume grossissimo, che nasce molto adentro fra terra, di che al presente non abbiamo notizia.

A tradução de Ulloa resulta qualitativamente inferior aqui também: note-se a interferência do espanhol, sua língua mãe, em *roche* (também grafado, sempre neste período, com -cch-), e a confusão que o termo *picconi* pode provocar. Ulloa Mantém-se fiel a Barros sempre que possível: ele não altera a fórmula *de grandissima água*, que pelo contrário Ramusio sintetiza em *grossissimo*.

[14] E tornando à particular descrição da terra Zanguebar, que, por razão dos feitos que na sua costa os nossos fizeram, esta começa em um dos mais notáveis rios que da terra de África vertem no grande Oceano contra o Meio-Dia; ao qual Ptolomeu chama Rapto, posto que a sua graduação

e tornando alla particular descrizione della terra Zanguebar, che fa al nostro proposito per cagione de' fatti che i nostri nella sua costa fecero, questa comincia in uno de' più notabili fiumi che dell'Africa sboccano nel grande mare Oceano contra il mezo dì: il

E ritornando alla particular descrizione della terra Zanguebar, che per causa delli fatti che li nostri fecero in detta costa, questa principia in uno delli più notabili fiumi che della terra di Africa sbocchino nel grande oceano verso il mezzogiorno, il quale Ptolomeo chiama Rapto,

é mui diferente do que ora sabemos. quale Tolomeo chiama Rapto, ancora che la sua graduazione sia
ancora che la sua gradazione sia molto diferente da quella che ora
molto diferente da quel che ora sappiamo,
sappiamo.

A única alteração digna de interesse é operada por Ulloa, o qual na tradução apaga a desnecessária menção à *terra*.

[15] Ca ele o põe em seis graus de largura da parte do Sul e nós em nove da parte do Norte, o qual nasce em a terra do Rei dos Abexis, a que chamamos Preste João, em as serras a que eles chamam Graro e ao rio Obi, e, onde sai ao mar, Quilmance, pelos mouros que o vezinham, por causa de ua povoação assi chamada, que está em ua das principais bocas dele, junto do reino de Melinde. Perciochè il mettono in sei gradi di larghezza dalla banda del Sur, e noi il mettiamo in nove dalla banda di tramontana: il qual nasce nel paese del Re de gli Abessini che chiamiamo Prete Ianni: in quelle montagne che essi chiamano Graro, e il fiume Obin, e dove sbocca in mare Quilmance da' mori che con esso confinano per cagione di una popolazione cosi chiamata, che giace in una delle sue principali bocche appresso il regno di Melinde. percioché lui lo pone in latitudine di gradi sei dalla parte dell'ostro e noi in nove dalla parte della tramontana, il qual nasce nella terra del re degli Abissini che chiamano Prete Ianni, nelle montagne che loro chiamano Graro, e il fiume Obii, e dove sbocca in mare Quilmanci dalli Mori che con quello confinano, per causa di una popolazione cosi chiamata, che è posta in una delle principali bocche di quello, appresso il regno di Melinde.

[16] Deste rio indo contra o Cabo de Guardafu, e di voltando até as portas do Estreito e delas lançando ua linha às fontes dele, fica ua terra a que os arábios propriamente chamam Ajan, a qual quasi toda é povoada deles, posto que em muita parte, contra o Meio-Dia, no interior da terra, habitem negros idólatras. Da questo fiume andando contra il capo di Guardafu, e quindi voltando insino alle porte dello stretto, e da esse gettando una linea alle sue fonti, giace una terra che gli Arabi propriamente chiamano Aian, la quale quasi tutta è abitata da loro, ancora che in molta parte contra il mezo di della terra abitino negri idolatri. Da questo fiume andando verso il capo di Guardafuni, e di là voltando fin alle porte del stretto del mar Rosso, e da quelle tirando una linea alli fonti di detto fiume, resta un paese che gli Arabi propriamente chiamano Aian, il quale quasi tutto è abitato da loro, avenga che in gran parte verso mezzodí dentro fra terra abitino negri idolatri.

Ligeiras divergências registam-se na tradução dos topónimos: *Obin, Obii; Guardafu, Guardafuni*.

[17] E das correntes deste Quilmance contra o Ponente, té o Cabo das Correntes, que os mouros daquela costa navegam, toda aquela terra e a mais ocidental contra o Cabo de Boa Esperança (como acima dissemos), os arábios e páseos que a vezinham lhe chamam Zanguebar, e aos moradores zanguí.

E dalle correnti di questo fiume Quilmance contra il ponente, fin'al capo delle correnti, che i Mori di quella costa navigano, tutta quella terra, e la più occidentale contra il capo di buona Speranza (come di sopra dicemmo) gli Arabi e i Persi che con essi confinano la chiamano Zanguebar, e gli abitatori Zanguini.

E dal sboccare di questo fiume Quilmanci verso il ponente, fin al capo chiamato delle Correnti, che li Mori di quella costa navigano, tutta quella terra che corre ponente verso il capo di Buona Speranza (come di sopra s'è detto) gli Arabi e Persiani la chiamano Zanguebar, e gli abitatori Zanguii.

Ulloa não deixa de manter-se fiel ao texto de origem: Ramusio, pelo contrário, apaga *e a mais ocidental*.

[18] Toda esta costa, começando do rio Quilmance té o Cabo das Correntes, geralmente é baixa, alagadiça e mui coberta de um arvoredado parrado, a maneira de balsas que dão pouca serventia por baixo.

Tutta questa costa, cominciando dal fiume Quilmance fino al capo delle correnti è bassa annegadizza, e molto coperta di vite salvatiche a modo di pantano, che rendono poco frutto.

E tutta questa costa, cominciando dal detto fiume Quilmanci fino al capo delle Correnti, generalmente è bassa e paludosa, e molto coperta di boschetti e arbori piccoli, che non lasciano strada da potervi passare.

Ulloa produz o hápax *annegadizza*, de marcadas influências interlinguísticas, e traduz *arvoredado parrado* referindo-se unicamente a uma única essência, as *vite salvatiche*; por outro lado, traduz correctamente *balsas com pantano*, enquanto Ramusio suprime esta referência.

[19] E assi com a espessura dele, como com os rios e esteiros que a retalham em ilhas e restingas, que ocupam o marítimo dela, faz ser mui doentia; de maneira que podemos dizer ser

E così per la foltezza loro, come per i fiumi e stagni che la tagliano in isole, e penisole, che occupano la parte maritima di essa, è cagione che sia molto mal sana: di modo, che

E così per la fortezza di quelli, come per li fiumi e paludi che tagliano la detta costa in isole e secche che la occupano quasi tutta, vi si causa un aere pessimo, di maniera che possiamo dir quello

<p>outro Guiné e mares corrutos e todalas outras cousas que dá e gera.</p>	<p>possiamo dire che sia un'altra Guinea nella corrosione dell'aria, e in tutte le altre cose, che produce, e genera.</p>	<p>esser un altro paese di Guinea, con aere corrotto, con tutte l'altre cose che vi si generano e producono.</p>
--	---	--

Ulloa traduz *restingas* com *penisole*: escolhe um signo estilisticamente elevado mas semanticamente longínquo; mantém, diversamente de Ramusio, *faz ser mui doentia*, traduzindo-o , mais uma vez elegantemente, com *è cagione che sia molto mal sana*.

<p>[20] Porque a gente é negra, de cabelo retorcido, idólatra e tam crente em agouros e feitiços, que no maior fervor de qualquer</p> <p>96r</p> <p>negócio desistem dele, se lhe algua cousa entolha.</p>	<p>Perciochè la gente è negra, di capei ricci, idolatra, e cosi data a gli auguri, e alle fattucce, che nel maggior fervore di qualunque desistono da quello e lo lasciano se alcuna cosa viene loro in fantasia.</p>	<p>Perché la gente è negra, di capello crespo, idolatra, e tanto credula in augurii e stregherie, che nella maggior caldezza di loro negocii desistono quando hanno qualche cattivo incontro.</p>
--	---	---

A linguagem de Ulloa deixa às vezes transparecer um substrato setentrional, e mais precisamente véneto, pois, como vimos, viveu prevalecentemente em Veneza. *Capei* é de facto um signo marcadamente véneto que se encontra numa prosa que, se excluirmos estes poucos casos, resulta composta em bom toscano; estas quedas são igualmente presentes em Ramusio (pense-se em *mano zanca* do per. 10), diríamos com uma frequência parecida. Impecável é, pelo contrário, a tradução que Ulloa fornece em *se lhe aliqua cousa entolha > se alcuna cosa viene loro in fantasia*.

<p>[21] Os animais, aves, fructas e sementes, tudo responde à barbaria da gente em serem feras e agrestes, posto que de Magadaxó contra o Cabo Guardafu, ainda que seja de mais criação de gado, por ser de poucos mantimentos e</p>	<p>Gli animali, uccelli, frutti, e semi tutte queste cose rispondono al barbaresimo della gente in essere fere e salvatiche: ancora che da Magadasso contra il capo Guardafu se bene abbonda più</p>	<p>Gli animali, uccelli, frutti e semenze, tutti corrispondono alle barbarie di quella gente in esser fieri e salvatichi, ancora che da Magadasso verso il capo di Guardafuni (benché sia piú copioso e abbondante di bestiame), per</p>
--	--	--

<p>prove dele, desta se mantém.</p>	<p>di animali, per essere di poche vettovaglie, e povera, di questa si sostengono.</p>	<p>esser paese sterile e di poche vittuarie, si vengono a proveder da questi per il loro vivere.</p>
-------------------------------------	--	--

Aqui também as duas traduções diferem só ligeiramente: em alguns casos os dois utilizam signos (*animali, bestiame*) e expressões (*abbondare, essere copioso*) sinónimos, outras vezes trata-se de vocábulos que têm o mesmo étimo (*vettovaglie, vittuarie*). Ulloa traduz correctamente *prove*, enquanto que Ramusio não o considera, provavelmente dificultado pela estranha posição da polivibrante.

<p>[22] Geralmente os mouros que habitam o marítimo, e assi os das ilhas adjacentes a ela, todo o mantimento que comem, o agricultado fazem à enxada, e o mais é fructa agreste e carne montés, imundícias, leite dalgua criação que tem, principalmente os mouros a que eles chamam baduís que andam no interior da terra e tem alguma comunicação com os cafres, que acerca dos que habitam as cidades e povoações políticas são havidos por bárbaros.</p>	<p>Generalmente i Mori che abitano la parte maritima, e ancora quelli dell'isole vicine, tutte le cose mangiano, le coltivate sono inserite, e la maggior parte è frutto salvatico, e latte di fere, e immondicie, e latte di alcuni animali che nutriscono: spezialmente i Mori che essi chiamano Baduini, che vanno per lo interiore della terra e hanno alcuna pratica coi Cafri, che appresso quelli che abitano le città, e le popolazioni politiche sono avuti per barbari.</p>	<p>Li Mori che abitano la costa maritima e quelli dell'isole vicine, tutte le lor vittuarie che mangiano e quelle che lavorano sono con la zappa, e per la maggior parte frutti salvatichi e carne di animali salvatichi e molte immondizie, eccetto qualche latte degli animali che allevano, principalmente li Mori che loro chiamano <i>baduini</i>, che abitano piú adentro del paese e hanno qualche commercio con quelli che si chiamano Cafri, che appresso degli abitanti le città e luoghi civili sono tenuti per barbari.</p>
--	---	---

Registam-se nos dois tradutores as seguintes expressões sinónimas: *nutriscono, allevano; per lo interiore della terra, più adentro del paese; popolazioni politiche* constitui uma tradução semântica⁴, no enquanto Ramusio prefere uma fórmula mais clara como *luoghi civili*.

⁴ Cfr. *Considerações finais* deste capítulo.

[23] E parece que a natureza, pr6vida em todas as cousas, n6o quere desamparar alguma parte da terra em tanta maneira, que nela n6o haja algum fructo estimado na opini6o dos homens; porque naquela 6spera e 6st6ril terra para habita66o de gente pol6tica, produziu o mais precioso de todos os metais, e logo lhe deu povo paciente daquela aspereza e dado a busca dele, e a n6s cobi6a para tantos perigos de mar e da terra os irm6os convidar com nossas obras mec6nicas, para suprirem suas necessidades, a troco deste ouro tam conquistado.

E pare che la natura proveditrice in tutte le cose non voglia abbandonare alcuna parte della terra in tanta maniera, che non vi sia alcun frutto stimato nella opinione de gli uo_

150v

mini: perci6ch6 in quell'6spera e sterile terra per l'abitazione di gente politica, produsse il pi6 prezioso di tutti i metalli, e tosto gli diede un popolo paziente di quell'aspereza, e dato a cercarlo, e a noi cagion6 desiderio, perche per tanti pericoli di mare, e di terra, andassimo ad invitarli con le nostre opere meccaniche, per supplire a' lor bisogni per la commutazione di questo oro cosi conquistato.

E pare che la natura, provida in tutte le cose, non abbia voluto lassare alcuna parte di terra di tal sorte che in lei non sia qualche frutto stimato nella opinione degli uomini, perci6ch6 in quella 6spera e sterile terra per commodit6 della gente civile produsse il pi6 prezioso di tutti li metalli, e li diede popolo paziente di quella asperit6 e inclinato a ricercarlo, e a noi desiderio e cupidit6, acci6ch6, per tanti pericoli di mare e di terra, gli andiamo ad invitar con le nostre opere meccaniche, per proveder alli loro bisogni in cambio di questo oro tanto stimato.

Individuamos as seguintes variantes, de tamanho extremamente reduzido: *aspereza*, *asperit6*, com o mesmo 6timo; *supplire* e *proveder*, rigorosamente sinon6micas.

[24] Ao cheiro do qual, por a terra de Ar6bia ser a eles mui vezinha, os primeiros povos estrangeiros que a esta terra Zanguebar vieram habitar, foram de ua gente dos ar6bios, desterrada, depois que receberam a seita de Mahamede.

All'odore del quale perci6ch6 questa terra di Arabia 6 ad essi molto vicina i primi popoli stranieri di questa terra Zanguebar vennero ad abitare, furono d'una gente de gli Arabi sbandita, poi che riceverono la setta di Mahumeto.

All'odore del quale (per esser a loro molto vicino il paese dell'Arabia) li primi popoli forestieri che in questa terra Zanguebar vi andassino ad abitare furono alcuni banditi di Arabia, che dapoi diventorno maumettani,

O par *stranieri*, *forestieri* constitui uma varia66o m6nima.

[25] A qual (segundo soubemos per ua crónica dos Reis de Quíloa, de que adiante fazemos menção) eles lhe chamam emozaidi; e a causa deste desterro foi por seguirem a doutrina de um mouro chamado Zaide, que foi neto de Hocém, filho de Alé, o sobrinho de Mahamede, casado com sua filha Axa.

La quale, secondo che sappiamo, per una cronica de' re di Quiloa, della quale più oltre ne faremmo menzione, essi chiamano emozaidini: e la cagione di questo esilio fu, perche seguivano la dottrina d'un moro chiamato Zaide, che fu nipote di Hocem figliuolo di Alle nipote di Mahumeto, maritato con Assa sua figliuola.

li quali (secondo che abbiamo saputo per una cronica dalli re di Quiloa) loro li chiamano *emozaydii*: e la causa di questo bando fu perché seguivano la dottrina di un Moro chiamato Zayde, che fu nepote di Hocem, figliuolo di Aly, nepote di Macometto, congiunto in matrimonio con sua figliuola Axa,

Aqui também temos duas construções perfeitamente sobreponíveis ao nível semântico: *maritato e congiunto in matrimonio*; em *emozaidini, emozaydii* mais uma vez Ulloa adopta um etnónimo italianizado e Ramusio copia literalmente o termo português.

[26] O qual Zaide teve algumas opiniões contra o seu Alcorão, e a todolos que seguiram a sua doutrina os mouros lhe chamaram emozaidi, que quere dizer súbditos de Zaide, e os tem por heréticos; e però que estes foram os primeiros que de fora vieram habitar aquela terra, não fundaram notáveis povoações, somente se recolheram em partes onde podesse viver seguros dos cafres.

Il qual Zaide ebbe alcune opinioni contra il suo Alcorano, e tutti quelli che seguirono la sua dottrina da' mori furono chiamati Emozaidini, che vuol dire sudditi del Zaide, e gli hanno per eretici: e perciocchè questi furono i primi che di fuori vennero ad abitare quella terra, non edificarono notabili popolazioni, solamente si ritirarono in bande, dove potessero vivere sicuri da' Cafri.

il qual Zayde ebbe alcune opinioni contra il suo Alcorano, e tutti quelli che seguirono la sua dottrina li Mori chiamarono emozaydii, che vuol dir sudditi di Zayde, e gli hanno per eretici. Ma perché questi furono li primi che di fuori vennero ad abitar quella terra, non edificarono notabili abitazioni; solamente si ridussero in parte dove potessino viver sicuri dalli Cafri.

[27] E desta sua entrada, como ua peste lenta, foram lavrando ao longo da costa, tomando novas povoações, té que ali vieram ter três naus com grã número de arábios, em companhia de sete irmãos, os quais eram da ua cabilda vizinha à cidade Laça que está obra de quorenta léguas da

E di questa loro entrata come una peste lenta, andarono lavorando al longo la costa, prendendo nuove popolazioni, fino a che vi capitarono tre navi con gran numero di Arabi in compagnia di sette fratelli: i quali erano d'una popolazione vicina alla città di Laza, che dista cento vinti miglia dall'isola Baharem,

Or questa lor venuta fu come una pestilenza che andò pian piano estendendosi lungo della costa, acquistando nuove abitazioni, fin che vi arrivaron tre navi con gran numero di Arabi in compagnia di sette fratelli, li quali erano di una congregazione vicina alla città Laca, distante circa quaranta leghe dall'isola

<p>Ilha Baharém, que está dentro no Mar Pérsico, mui pegada à terra de Arábia, no interior dele.</p>	<p>che sede nel mar Persico molto congiunta con l'Arabia nell'intérieure di quella.</p>	<p>Baharem, ch'è posta dentro il mar Persico, vicina al paese di Arabia infra terra.</p>
--	---	--

Aqui também as duas traduções percorrem caminhos paralelos: assinalam-se as variantes *bande e parti, popolazione e congregazione; nell'intérieure di quella e infra terra.*

<p>[28] A causa da vinda deles foi serem mui perseguidos do Rei de Laça, e a primeira povoação que fizeram nesta terra de Ajan foi a cidade Magadaxó, e depois Brava, que ainda hoje se rege por doze cabeceiras, a maneira de república, as quais procedem destes irmãos.</p>	<p>La cagione della venuta loro, fu perche erano molto perseguitati dal Re di Laza, e la prima popolazione che fecero in questa terra di Aian fu la città Magadasso, e poi Brava, che ancora fin oggidi si governa per dodeci capi a modo di Republica, i quali procedono da questi fratelli.</p>	<p>La cagione della loro venuta fu perché erano molto perseguitati dalli re di Lacad, e la prima abitazione che fecero in questa terra di Aian fu la città di Magadaxo, e dipoi Brava, che ancora oggi si governa per dodeci capi in maniera di republica, li quali procedono da questi fratelli.</p>
--	---	---

Os dois tradutores transcrevem constantemente os topónimos de maneiras diferentes: Ulloa grafa *Magadasso* e *Laza*, Ramusio *Magadaxo* e *Lacad*, e portanto o primeiro aparece mais interessado na fidelidade fonética, o segundo na continuidade gráfica; porém, estas escolhas divergentes também podem ter sido causadas pelo auxílio que um deles, ou ambos, teve dum mapa ou dum manual em sua posse.

<p>[29] E veo prevalecer esta cidade Magadaxó em tanto poder e estado, que depois se fez senhora e cabeça de todos mouros desta costa; porém como os primeiros que vieram a ela, chamados emozaidi, tinham</p>	<p>E venne questa città da Magadasso in tanto crescimento e stato, che poi si fece patrona, e capo di tutti i mori di questa costa: ma perciòchè i primi che vi vennero chiamati Emozaidini</p>	<p>E venne questa città Magadaxo in tanta grandezza, poter e stato, che dipoi si fece patrona e capo di tutti li Mori di questa costa. Ma come li primi che vi vennero, chiamati emozaydii, avevano differenti opinioni degli Arabi circa</p>
--	---	---

<p>diferentes opiniões dos arábios, acerca de sua seita, não se quiseram submeter a eles e recolheram dentro pelo sertão, ajuntando-se com os cafres per casamentos e costumes, de maneira que ficaram místicos em totaldas cousas.</p>	<p>avevano differenti opinioni degli Arabi intorno la loro setta, non volsero sottometersi a loro e si ritirarono nell'intiore della terra, congiungendosi con i Cafri per via di matrimonio, e de' costumi: di sorte che si fecero mistici in tutte le cose.</p>	<p>la loro setta, non volsero sottometersi a loro, e si sono raccolti dentro infra terra, congiungendosi con li Cafri per matrimonii e costumi, di maniera che restorono mescolati in tutte le cose.</p>
---	---	--

As duas traduções percorrem aqui percursos paralelos: note-se a leve mudança *veo prevalecer* > *venne in tanto crescimento, venne in tanta grandezza*.

<p>[30] Estes são aqueles a que os mouros que vivem ao longo do mar chamam baduís, nome comum como cá entre nós chamamos alarves a gente campestre.</p>	<p>Questi sono quelli che i mori che abitano al longo il mare chiamano Baduini: nome commune come qua noi chiamano Arabi la gente campestre.</p>	<p>Questi sono quelli che li Mori che abitano al lungo del mare chiamano baduini, nome commune, come fra noi chiamiamo Arabi quella gente che sta alla campagna.</p>
---	--	--

<p>[31] A primeira nação de gente estrangeira que per via de navegação teve o comércio da Mina de Sofala, foi desta cidade Magadaxó.</p>	<p>La prima nazione di gente straniera che per via di navigazione ebbe il comercio della mina di Cofala fu di questa città Magadasso,</p>	<p>La prima nazione di gente forestiera che per via di navigazione ebbe il commercio della mina di Cefala venne dalla città di Magadaxo:</p>
--	---	--

<p>[32] Não que eles fossem descobrir esta costa, mas per acerto de ua nau daquela cidade que com temporal e força das correntes ali veo ter.</p>	<p>non che eglino andassero a scoprire questa costa: ma per cagione d'una nave di quella città, che con un temporale e forza delle correnti vi capitò.</p>	<p>non che loro fossero a discoprire questa costa, ma per occasione di una nave di quella città, che per fortuna e forza delle correntie vi andò ad arrivare.</p>
---	--	---

Para a celeberrima cidade de Sofala, Ulloa adopta um exónimo mais foneticamente fiel do que o constantemente utilizado por Ramusio: *Cofala, Cefala*.

[33] E posto que ao diante tiveram mais notícia de toda a terra vezinha daquele resgate, nunca ousaram passar ao Cabo das Correntes; porque, como a Ilha de São Lourenço, que jaz ao Sul desta costa Zanguebar, corre com seu comprimento quási ao longo dela per espaço de duzentas léguas, e no meio da parte de dentro lança de si um cotovelo que responde ao outro que faz o Cabo de Moçambique, os quais parece que querem fechar aquela passagem, que será de largura obra de sessenta léguas, ocupadas com ilhas, restingas e baixos, fica este trânsito em respeito do outro mar, que jaz entre estas duas terras, tam apertado e estreito com seus canais, que em seu modo lhe podemos chamar outro Cila e Caríbdis.

E ancora che poi avessero più notizia di tutta la terra vicina a detta mina, mai non passarono il capo delle correnti: perciochè come l'isola di San Lorenzo che giace al Sur di questa

151r

costa Zanguebar corre con suo compimento quasi al longo di essa per lo spazio di seicento miglia, e nel mezo della banda di dentro getta da se un'ancone o cubito che si risponde dall'altro che fa il capo di Mozambique: i quali pare che vogliono impedire quel passaggio, ch'è di cento è ottanta miglia, occupate con isole, pantani e basse: rimane questo transito, rispetto l'altro mare che giace fra queste due terre, così stretto coi suoi canali, che ben possiamo chiamarlo un'altro Silla e Cariddi.

E ancora che avanti avessero notizia di tutta la terra vicina di quello riscatto, non ardivano però mai di passare il capo detto le Correnti, percioché, come la isola di San Lorenzo, che giace all'ostro di questa costa Zanguebar, corre con sua longitudine quasi al lungo di essa per spazio di ducento leghe, e nel mezzo della parte di dentro butta di sé un cubito che risponde all'altro che fa il capo di Mozambique, li quali pare che vogliono serrar quel passaggio, che è di larghezza circa sessanta leghe, occupate con isole, secche e bassi diserte, di sorte che resta questo transito over passaggio (in comparazione all'altro mare che giace fra queste due terre) così ristretto con suoi canali che si potrebbe chiamar un altro Scylla e Caribde,

Ambos traduzem *cotovelo* com *cubito*, embora o primeiro lhe acrescente o cultíssimo *ancone*, que retoma o raro vocábulo latim *ancon*, que a sua vez é calco do grego; perfeitamente sobreponíveis são, depois, os vocábulos *pantani* (Ulloa) e *secche* (Ramusio).

[34] Ca são aqui as correntes tam grandes, que em breve apanham ua nau, e sem vento e sem vela a levam a parte em que corre os perigos de que os nossos navegantes são boa testemunha.

Perciochè sono qui le correnti così grandi che in breve prendono una nave, e senza vento, e senza vele la portano in banda dove corre quei pericoli, di che i nostri naviganti son buoni testimoni.

percioché sono qui le correntie così grandi che in poco tempo aggirano una nave, e senza vento e senza vela la portano in luogo dove incorre nelli pericoli, delli quali li nostri marinari ne danno buona testimonianza:

Explicaremos no apêndice, na seguida de quanto afirmado por Romanini, como ao vocábulo *naveganti*⁵, Ramusio prefere *marinari*; Ulloa, como pode ver-se aqui, não recusa, e pelo contrário parece apreciar, o mesmo vocábulo do SL.

<p>[35] Da qual causa chamaram Cabo das Correntes àquela ponta</p> <p>96v</p> <p>que faz a terra firme oposta ao fim ocidental da Ilha São Lourenço, porque neste termo se espedem as águas mui furiosas e correm mui livres per largo campo de mar, como quem sai do cárcere de antre estas duas terras.</p>	<p>Onde fu detta capo delle correnti quella punta che fa la terra ferma opposta al fine occidentale dell'isola San Lorenzo: percioché in questo luogo si spediscono le acque molto furiose, e corrono molto libere per largo campo di mare, come chi esce dalla prigione di queste due montagne.</p>	<p>per la qual causa fu chiamato capo delle Correnti quella punta che fa la terra ferma opposta al fine occidentale della isola di San Lorenzo, perché in questo termine cessano le acque della lor gran furia, e corrono molto piú libere per largo campo di mare, come quelle che sono uscite dalla carcere di queste due terre,</p>
---	--	--

Ulloa resulta neste caso mais preocupado do que o seu contemporâneo veneziano em garantir uma fácil compreensão do texto; por isto, traduz *termo* com *luogo*, enquanto que Ramusio adopta o correspondente imediato *termine*, mas este é mais equivocável por ser polissémico; Ulloa altera ligeiramente a formulação de origem em *come chi esce dalla prigione*, mas o resultado é muito mais, até gramaticamente, linear do que a escolha ramusiana de *come quelle che sono uscite dalla carcere*.

<p>[36] De maneira que, não somente acham os mareantes nesta passagem diferença no curso das águas, mas ainda novos tempos de monção pera Levante e Ponente, ca todolos ventos se apanham no estreito de antre</p>	<p>Di modo, che non solamente i naviganti trovano in questo passaggio differenza nel corpo delle acque, ma ancora nuovi tempi di navigazione per levante e ponente: percioché tutti i venti si raccolgono nello stretto di</p>	<p>di sorte che non solamente trovano li marinari in questo transito over passaggio differenza nel corso dell'acque, ma ancora nuovi tempi di movimento del mare per levante e ponente, perché tutti li venti si raccolgono nello stretto di queste</p>
--	--	---

⁵ Precisa-se que Ramusio grafa sempre, toscanamente, *naviganti*, Ulloa prevalecentemente o setentrionalizante (ou hiberizante) *naveganti*.

estas duas terras.

queste due montagne.

due terre.

[37] E como os mouros desta costa Zanguebar navegam em naus e zambucos coseitos com cairo, sem serem pregadiças ao modo das nossas, pera poderem sofrer o ímpeto dos mares frios da terra do Cabo de Boa Esperança, e isto ainda com moções e temporais feitos, e mais tem já experiência em algumas naus perdidas que esgarraram contra esta parte do Grande Oceano occidental, não ousaram cometer este descobrimento da terra que jaz ao Ponente do Cabo das Correntes, posto que muito o desejassem, como eles confessam, principalmente os da cidade Quíloa, que foi a maior descobridor de todas as cidades daquela costa.

E percióché i mori di questa costa Zanguebar navigano con navi e con zambuchi cuciti con coio, senza che sieno impegolate al modo delle nostre navi, per poter sofferire l'empito de' mori freddi della terra del capo di buona Speranza, e questo con fortune e temporali fatti, e ancora hanno la esperienza in alcune navi perdute, che corsero contra questa parte del grande Oceano occidentale: non volsero imprendere questo scoprimento della terra che giace al ponente del capo delle correnti, ancora che molto il desiderassero come essi confessano: spezialmente quelli della città di Quíloa che fu la maggior scopritrice di tutte le città di quella costa.

E come che li Mori di questa costa Zanguebar navighino con navi e zambuchi cuciti con cairo, senza esser inchiodati al modo delle nostre, per poter sopportar l'impeto delli mari freddi della terra oltra il capo di Buona Speranza verso l'antartico, e questo ancor con movimenti e tempi fatti, e piú che hanno già esperienza in alcune navi smarrite, che vennero verso questa parte del grande oceano occidentale, non ardirono però mai di tentar questo scoprimento della terra che giace al ponente dal capo delle Correnti, ancora che molto lo desiderassino, come loro confessano, principalmente quelli della città Quíloa, che fu il maggior scoprimento di tutte le città di quella costa,

Ulloa é impreciso quando traduz *cairo* com *coio*, pois se trata de dois materiais diferentes: o primeiro é o fio producto da “scorza interna, fibrosa e pelosa, della noce di cocco”⁶, com o qual se produziam “robuste funi”⁷; o segundo é o material de proveniência animal que todos conhecemos. Ramusio pelo contrário escolhe correctamente de ficar fiel ao SL. Mas o espanhol bate o seu colega quando propõe um eficaz, e perfeitamente toscano, *impegolate*, enquanto o veneziano grafa *inchiodati*, provocando uma ligeira distorção semântica. Finalmente Ulloa não cai no erro de tradução cometido por Ramusio⁸ com *foi a maior descobridor* (Ulloa) *fu la maggior scopritrice*, (Ramusio) *fu il maggior scoprimento*.

⁶ GDLI, voz *cairo*.

⁷ Ibidem.

⁸ Cfr. pp. 85 e seg.

[38] Porque dela se povoou grande parte da terra firme e das ilhas adjacentes, e alguns portos da Ilha São Lourenço, por ela estar situada quási no meio desta costa, ante a cidade Magadaxó e o Cabo das Correntes.

[39] De maneira que abaixo e acima não lhe ficou cousa por correr, té se fazer senhora de Mombaça, Melinde e das Ilhas de Pemba, Zanzibar, Monfia, Cemora, e doutras muitas povoações que saíram dela pela potência e riqueza que teve depois que se fez senhora da Mina de Sofala, tendo quási tudo perdido ao tempo que nós descobrimos a Índia, com divisões que houve per morte dalguns reis dela, de que adiante faremos menção.

Percioché di essa si popolò gran parte della terra ferma, e delle isole adiacenti, e alcuni porti dell'isola San Lorenzo: per essere ella edificata quasi nel mezo di questa costa, avanti la città Magadasso e il capo delle correnti.

Di modo che di sotto e di sopra non le rimase cosa che non scorresse, insino a farsi patrona di Mombazza, Melinde, e delle isole di Pemba, Zanzibar, Monfia, Comoro, e di molte altre popolazioni che procederono da essa per la ricchezza e potenza che ebbe dopo che si fece patrona della mina di Cofala: avendo quasi perduto ogni cosa al tempo, che noi scoprimmo l'India, con le divisioni successe per le morti di alcuni de' suoi Re, di che piú oltre ne faremmo menzione.

percioché da questa fu abitata e popolata gran parte della terra ferma e dell'isole vicine, e alcuni porti dell'isola di San Lorenzo, per esser situata quasi nel mezzo di questa costa, avanti la città di Magadaxo e il capo delle Correnti.

Di maniera che sotto e sopra non li restò cosa che non corresse e occupasse fin a farsi patrona di Mombaza, Melinde e dell'isola di Pemba, Zanzibar, Monfia, Comoro, e di altre molte popolazioni che uscirono di quella, per la possanza e ricchezza che ebbe dapoi che si fece patrona della mina di Cefala, la qual avevano perso nel tempo che noi discoprimmo la India per causa delle divisioni che avevano fra loro per la morte di alcuni re di quella.

Como seu hábito, Ulloa mantém, e Ramusio apaga, a antecipação *de que adiante faremos menção*>*di che piú oltre ne faremmo menzione.*

[40] O sítio desta cidade Quíloa é em ua terra a qual, ainda que seja da costa da terra firme - Zanguebar,- o mar a foi torneando com um estreito, que a fez ficar em ilha.

Il sito di questa città di Quíloa, è in un paese, il quale, ancora che sia discosto dalla terra ferma Zanguebar, il mare lo cinse intorno con uno stretto, facendolo rimanere in isola.

Il sito della città di Quíloa è in una terra la quale, ancora che sia della costa della terra ferma Zamguebar, il mare l'andò girando con uno stretto che la fece restar isola.

Traduzindo *foi torneando*, Ulloa concentra-se na figuração da acção, que é perfeitamente transmitida com *lo cinse intorno*, mas Ramusio fica mais fiel na definição temporal evitando perder a ideia de duração prolongada com *l'andò girando*.

[41] Ela em si é mui fértil de palmeiras, com todalas árvores de espinho e hortaliças que temos em Espanha, e algua criação de gado grande e meúdo, com muitas galinhas, pombas, rolas e outro género de aves estranhas a nós.	É molto fertile di palmeti con tutti gli alberi di spino, e verdure che abbiamo in Spagna: e produce alcuni animali grossi e minuti: molte galline, colombi, tortori, e altra sorte di uccelli strana a noi.	Ella in sé è assai fertile di palme con aranzi, cedri, limoni ed erbe di orto che abbiamo in Spagna, e quantità di mandrie di pecore e buoi, con molte galline, colombi, tortore, e altra sorte di uccelli a noi non conosciuti.
--	--	--

Aqui temos a dicotomia entre uma tradução que valoriza principalmente o SL e uma que tende maiormente para o TL: perante a expressão *todalas árvores de espinho*, Ulloa não altera nada e produz *gli alberi di spino*; Ramusio, pelo contrário, considera necessário transformá-la num mais imediato *aranzi, cedri, limoni*.

[42] O geral mantimento é milho, arroz e outras sementes de raiz agricultadas, com muitas fructas agrestes, de que a gente pobre se mantém.	Il loro comune cibo è milio, riso, e altri legumi di radice coltivati: con molte frutte salvati_	Il comun cibo è miglio zaburro, riso e altre semenze di radici piantate, con molti frutti salvatichi, di che la gente povera si mantiene.
---	--	---

[43] As águas dela são de poços e não mui sadias por a terra ser alagadiça e a cidade estar situada ao longo da ribeira que faz o esteiro, na frontaria da qual ele se espraizou em maneira de baía.	che di che la gente povera si mantiene. Le acque sue sono di pozzi, ma non troppo salse per essere di terra annegadizza, e la città è edificata al longo il lito che fa lo stretto, di fronte al quale si slargò a guisa di baia.	Le acque di quella sono di pozzi, non molto salutifere per esser la terra paludosa, e la città situata al lungo del fiume, che fa una staria, a dirimpetto della quale si slarga a modo d'un porto.
--	--	---

Desta vez repropõe-se a já conhecida divisão entre um Ulloa culturalmente centrípeto⁹ e um Ramusio culturalmente centrífugo: *sadia* é traduzido pelo primeiro com *salse*, pelo segundo com *salutifere*. *Annegadizza* (Ulloa) é um *hápx*: o vocábulo não existe no TL, é Ulloa que comite o erro de repropor o signo português.

<p>[44] A maior parte das casas são de pedra e cal com seus eirados per cima, e nas costas quintais plantados de árvores de espinho e palmeiras, assi pera fresquidão e deleitação da vista, como pera uso do fructo que dão.</p>	<p>La maggior parte delle case sono di pietra viva coperte con terrazze, con molti giardini piantati di alberi di spino, e di palme: si per freschezza, et delectazione di vista, come per l'uso del frutto, che rendono.</p>	<p>La maggior parte delle case sono di pietra e calcina, con le sue terrazze di sopra, e di fuori orti e giardini di arbori di aranzi e palmerie, le quali, sí per la verdura e delectazione della vista, come per uso del frutto che producono, aggradiscono la città.</p>
---	---	---

Nas mesmas modalidades descritas *supra*, regista-se a adição ramusiana de *aggradiscono la città*.

<p>[45] E de quam largos estes quintais são, tam estreitas as ruas, por assi acostumarem os mouros por se melhor defender, ca tem alguas tam estreitas por cima, que dos eirados podem saltar de um em outro.</p>	<p>E quanto solo longhi questi giardini tanto sono strette le strade, per usarle così i mori ingegnosamente per potersi difendere meglio: percioché ve ne sono alcune così strette dalla banda di sopra, che dalle terrazze possono saltare d'una in altra.</p>	<p>E quanto sono larghi e grandi questi orti tanto sono piú strette le strade, perché così costumano li Mori per defendersi meglio, perché usano di far le strade così strette che di sopra per li terrazzi si può passar da una banda all'altra.</p>
---	---	---

Ambos os tradutores alteram ligeiramente a mensagem: Ulloa não reproduz a voz verbal *acostumarem*, Ramusio repropõe esta ideia duas vezes (*costumano [...] perché usano*) embora estivesse expressada uma única vez no ST.

⁹ Cfr. Osimo 2004, p. 43

[46] A ua parte da qual cidade tinha el-Rei suas casas feitas a maneira de fortaleza, com torres, cubelos e todo outro modo de defensão, com porta pera serventia do mar, que vinha dar em um cais, e outra grande à ilharga da fortaleza que fazia rosto contra a cidade, pera serventia dela; diante da qual se fazia um grã terreiro onde estava a varação de naus, e no rosto dela era o pouso que as nossas tinham tomado.

In una parte della qual città il Re aveva il suo palazzo fatto a guisa di fortaleza, con molte torri e capitelli, e con una porta al mare, che rispondeva in alcuni canali, con tutte le altre cose che per difendere una fortaleza si ricercano: e parimente un'altra porta, che rispondeva alla città, da prevalersene al bisogno: dinanzi la quale era una gran piazza dove le navi si ritiravano in terra: e il luogo per fronte ad essa era quello, che le nostre navi avevano occupato.

In una parte della qual città aveva il re fatto il suo palazzo a maniera di fortaleza, con torri e bastioni e ogni altra sorte di difensione, con porte che servivano per andar al mare, e ad una gran fundamenta al lato della fortaleza che voltava il volto contra la città, per servizio della quale vi era un spazio grande di piazza dove si avaravano le navi, e nella faccia di quella era il porto che le nostre navi avevano pigliato.

Ulloa parece equivocar *cais* por *canais*, escrevendo ele *che rispondeva in alcuni canali*; também a tradução de *cubelo (capitelli)* resulta pouco eficaz, sobretudo se comparada com a óptima escolha ramusiana (*bastioni*); por fim, Ulloa banaliza *pouso* com um indefinido *luogo*.

[47] Das quais, assi por a polícia das casas, eirados e alcorões, como com as palmeiras e arvoredos dos quintais, parecia a cidade mui fermosa, dando aos nossos grande desejo de sair nela por quebrar a soberba daquele bárbaro, que toda aquela noite gastou em meter dentro na ilha frecheiros da terra firme.

Dalle quali si per la politezza delle case, terrazze, e pergoli, come per i palmeti e i giardini, pareva la città bellissima: dando a' nostri gran desiderio di dimostrare in terra per domar la superbia di quel barbaro: il quale tutta quella notte si occupò in mettere nella città molte vettovaglie di terra ferma.

Per il che, cosí per la civiltà delle case, terrazze e torri, come per la grandezza delli luoghi che hanno palme e arbori delli giardini, pareva la città molto bella.

Ulloa aqui também é impreciso, realizando *alcorões*, signo alíás de inequívocável origem devocional, com um incoerente *pergoli*; Ramusio demonstra mais uma vez um nível de conhecimento superior do mundo islâmico, escolhido o adequado *torri*. Ramusio, diferentemente de Ulloa, omite como é hábito a conclusão do capítulo.

Duas traduções independentes

Vimos como Ramusio e Ulloa muitas vezes utilizam os mesmos substantivos, escolhem os mesmos verbos, elaboram construções sintácticas iguais; porém, nunca produzem períodos idênticos. Dado que Ramusio publicou a sua tradução em 1554, e Ulloa em 1562, seria *a priori* possível supor que Ulloa se tenha baseado para o seu trabalho na tradução precedente. Este capítulo mostra, pelo contrário, que Ulloa traduziu sem ter em conta o antecedente: vimos de facto que as duas versões são muitas vezes parecidas, mas nunca coincidem. Ulloa, por outras palavras, nunca copiou Ramusio. Mesmo no caso em que Ulloa tivesse sabido achar-se nas *Navigazioni* a tradução duma minúscula porção da *Ásia*, tradução que não alcançava um décimo do material que pretendia traduzir, Ulloa supostamente não achou necessário recorrer a esta fonte. É evidente que pouquíssimos escritores da altura eram tão produtivos e rápidos como Ulloa, e poucos escreviam com tanta espontaneidade: é portanto fácil imaginar que Ulloa achasse aquelas poucas páginas de escassa utilidade; por outras palavras, lê-las era para ele um escrúpulo excessivo, ou até uma perda de tempo.

Considerações finais

As afinidades entre as duas traduções são inúmeras: os idiolectos dos dois homens de letras denotam boas competências no toscano, tanto que as situações que revelam a interferência da língua falada na sua localidade de residência são poucas: *capei* (Ulloa no per. 20), *man zanca* (Ramusio no per. 10). Ambos os casos apresentam signos marcadamente setentrionais, ou para sermos mais precisos, vénetos, pois ambos moravam em Veneza.

Em ambos os casos estamos diante de traduções de bom nível qualitativo. Consideramos de facto de repercussões limitadas e de gravidade reduzida os casos nos quais transparece a língua mãe de Ulloa, como em *ro(c)che* no per. 13, e os erros cometidos por Ulloa, como a tradução *rombo* > *rombo* no per. 11, embora neste caso o signo signifique pelo contrário *ottuso*. Os erros cometidos por Ramusio são de qualquer forma descritos em pormenores no capítulo anterior. Se a tradução de Ramusio se revela mais cuidada ao nível gráfico-fonético, o veneziano pelo contrário intervém com grande frequência ao nível textual, suprimindo várias passagens, segundo as

modalidades que vimos *supra*. Ulloa, realizando uma tradução de toda a primeira década, nunca se permitesuprimir as passagens que considera desnecessárias. Regista-se em Ulloa uma constante alteração das unidades de medida, convertendo ele as léguas em milhas, com o fim de tornar as distâncias mais compreensíveis.

Tentámos salientar nos nossos comentários como as duas traduções são muito parecidas. Porém, nalguns poucos casos encontramos duas distintas maneiras nas quais os dois se relacionam com o texto original. É o caso do per. 22, em que, perante o constituinte *povoações políticas*, Ulloa traduz *popolazioni politiche*, e Ramusio prefere grafar *luoghi civili*. Paralelamente, no per. 41 a expressão *totalas árvores de espinho* é traduzida por Ulloa como *gli alberi di spino*; Ramusio, pelo contrário, considera necessário transformá-la num mais preciso *aranzi, cedri, limoni*. Para adoptarmos as definições propostas em Newmark (1981), nos dois casos referidos Ramusio acentua a importância do SL, criando uma tradução *source-oriented* ou semântica; Ulloa, pelo contrário, prefere valorizar o TL e produz uma tradução *target-oriented* ou comunicativa. Por outras palavras, Ulloa adopta um maior grau de fidelidade, pois mantém inalterados o léxico; pelo contrário, Ramusio constrói uma tradução mais eficaz e compreensível, mais acessível para o leitor. Com isto não queremos dizer que a primeira pode ser considerada um exemplo de tradução semântica, e a segunda de tradução comunicativa, mas sim que as duas traduções, nestes dois casos, movem-se nos sentidos indicados.

CONCLUSÕES

Nos oito anos compreendidos entre 1554 e 1562 foram efectuadas as únicas duas traduções das *Décadas* para o italiano de todos os tempos. Estas são também as únicas duas traduções de obras de Barros disponíveis em italiano. A *Ásia* tornou-se desde logo num clássico da literatura renascentista portuguesa, e foi portanto constantemente reeditada em Portugal no século passado: houve publicações para o grande público, como os quatro ágeis volumes de capítulos escolhidos e notados por António Baião¹, e houve edições rigorosamente filológicas, como a coeva edição de Hernâni Cidade², especialista excelso das navegações quinhentistas, começada em 1933 e reelaborada até à sexta edição, definitiva, de 1945-46. Não faltaram sequer as edições facsimiladas: a da Livraria Sam Carlos³ que reproduz os oito volumes do século XVIII, e a da Imprensa Nacional - Casa da Moeda⁴ que repropõe as *editiones principes*.

Na Itália, muito pelo contrário, Barros e autores com os quais o podemos pôr em estreita correlação, como Fernão Lopes de Castanheda e Diogo do Couto, permanecem totalmente descohecidos. Não é decerto culpa dos cultores de história pátria, pois têm que enfrentar uma messe documental imensa: pense-se por exemplo aos infinitos percursos de pesquisa que oferece a República de S. Marcos. Mas como nos ensina a história desta suprema república, e como nos mostra claramente Ramusio, Veneza não só se colocava no meio duma capilar rede de constantes e frutuosas relações internacionais, mas chegava a ver nesta rede ao mesmo tempo a sua *raison d'être* e a garantia do seu poderio. Os historiadores italianos têm, e justamente, enfatizado as relações culturais que Veneza entretinha com as ilhas do Mediterrâneo oriental e com a península anatólica, antes e depois da queda de Constantinopla. Os vínculos culturais com a península ibérica foram sempre muito mais superficiais e descontínuos, e por isso mereceram uma tratamento

¹ BARROS, João de, *Décadas*. Selecção prefácio e notas de António Baião, Lisboa: Livraria Sá da Costa, 1945.

² Idem, *Ásia de João de Barros: dos feitos que os portugueses fizeram no descobrimento e conquista dos mares e terras do Oriente*, 6ª edição, actualizada na ortografia e anotada por Hernâni Cidade e com notas históricas finais por Manuel Múrias, Lisboa: Agência Geral das Colónias, 1945-1946.

³ BARROS, João de, *Da Ásia de João de Barros, dos feitos que os Portuguezes fezerão no descobrimento, e conquista dos mares, e terras do Oriente*, Lisboa: Livraria Sam Carlos, 1973 [facsimile da edição Lisboa: Regia Officina Typografica, 1777-88].

⁴ BARROS, João de, *Ásia de João de Barros: dos feitos que os portugueses fizeram no descobrimento e conquista dos mares e terras do Oriente*, Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1988 - 2001 [facsimiles das editiones principes].

científica muito mais reduzida; demasiado reduzida, talvez. É também por isso que quisemos estudar esta relação, do ponto de vista do caso específico representado pelas duas referidas traduções, na convicção de que a tradução é o instrumento de diálogo entre dois contextos culturais *par excellence*.

APÊNDICE.

ANÁLISE DA TRADUÇÃO RAMUSIANA

Abreviações utilizadas

B.	João de Barros
R.	Giovanni Battista Ramusio
SL	Source language
ST	Source text
TL	Target language

As passagens citadas de Romanini (2007) apresentam um sistema de citação que prevê uma sigla, referida a um destes volumes, seguida pelo número da página. As siglas são:

COR	CORSALI, Andrea, <i>Andrea Corsali fiorentino allo illustrissimo principe [...] Lorenzo de' Medici</i> , in LUZZANA CARACI, Ilaria, et POZZI, Mario, <i>Scopritori e viaggiatori del Cinquecento e del Seicento, I. Il Cinquecento</i> , Milano-Napoli: R. Ricciardi, 1991.
EMP	EMPOLI, Giovanni da, <i>Viaggio nell'India</i> , Firenze, Biblioteca Nazionale Centrale, Fondo Nazionale, ms. II.IV, 347.
MOS	CA' DA MOSTO, Alvise da, <i>Navigazioni</i> , in GASPARRINI LEPORACE, Tullia (ed.), <i>Le navigazioni atlantiche del Veneziano Alvise Da Mosto</i> , Roma: Istituto Poligrafico dello Stato, 1966.
PIG	PIGAFETTA, Antonio, <i>Le voyage et nauigation</i> , a Paris: en la mai[s]on de Simon de Colines ... a len[s]eigne du Soleil dor, s.a.
R	RAMUSIO, Giovanni Battista, <i>Navigazioni</i> , ob. cit.
VAR	VARTHEMA (ou BARTHEMA), Ludovico de, <i>Itinerario dallo Egipto alla India, a cura di Enrico Musacchio</i> , Bologna: Fusconi, 1991.
VES	(pseudo) VESPUCCI, Amerigo, <i>Lettera al [...] Gonfaloniere Pier Soderini [...]</i> , Firenze, Biblioteca Nazionale Centrale, Fondo Nazionale, ms. II.IV, 509.

1. TRADUÇÃO DO CAPÍTULO QUARTO DO LIVRO OITAVO

Rubrica

95r¹

Capítulo IV. Em que se descreve a parte da costa de África em que está situada a cidade Quíloa; à qual terra os arábios propriamente chamam Zanguebar e Ptolomeu Etiópia-sobre-Egipto.

Capitolo quarto del libro ottavo, nel quale si descrive la parte della costa dell'Africa dove è situata la città di Quiloa, la qual terra gli Arabi propriamente chiamano Zanguebar, e Ptolomeo Etiopia sopra Egitto.

A rubrica é, como hábito nesta obra e na tradição do género, simples e linear, e a sua tradução italiana não necessita de operar qualquer alteração sintáctica. O léxico italiano é extremamente próximo do português (por exemplo: *descreve* - *describe*; *situada* - *situata*) mas esta semelhança não origina imprecisões. R. não altera a grafia do topónimo Quíloa apresentado por B., embora o sistema linguístico do TL não admita a mesma realização fonética [k] para o dígrafo *-qu-* do signo *Quíloa*. Aqui como noutros casos² o tradutor prefere fornecer ao leitor o termo na forma mais reconhecível, sem deformações que poderiam causar problemas na sua individuação em eventuais outras fontes.

Texto

[1] Em a parte da terra de África sobre a Etiópia a que Ptolomeu chama interior, onde está a região Agisimba, que é a mais austral terra de que ele teve notícia, e onde faz a sua meridional computação, jaz outra terra que em seu tempo não era nota, e ao presente mui sabido o marítimo dela, depois que descobrimos a Índia per este nosso Mar Oceano.

Nella parte della terra di Africa sopra l'Etiopia, che Ptolomeo chiama interiore, dove è posta la regione Agisymba, che è la piú australe terra di che lui ebbe notizia e dove fa la sua meridionale computazione, giace un'altra terra che ne' suoi tempi non era da lui conosciuta, e al presente è notissima la parte sopra il mare, dappoi che abbiamo discoperto la India per questo nostro mare oceano.

Poucas e de tamanho reduzido são as alterações: o verbo estar, e neste caso *está*, é substituído por um mais comunicativo *è posta*; ao singular de *seu tempo*, R. prefere o plural de *suoi tempi*, expressão mais agradável na TL; paralelamente, R. adopta o superlativo sintético *notissima* em lugar de *mui sabido*, dando assim uma maior fluidez ao período. R. adopta uma transcrição mais filológica para o termo ptolemaico Agisymba, onde de facto substitui o segundo *-i-* por um *-y-*.

Romanini afirma, na sua análise da fonomorfologia ramusiana, que “anche l’elisione è fenomeno generalizzato nelle Navigazioni, in cui si registra anche un uso ormai normalizzato dell’apostrofo: [...], la ultima COR458 > R196r, nella India COR459 > nell’India R196r, di altre parte COR 462 > d’altre parte R196r, COR 462 la Arabia > l’Arabia R196v [...]”³Aqui temos uma exceção, não havendo a elisão do artigo *la* em

¹ Os números das páginas referem-se à *editio princeps* de 1552.

² cfr. per. 28 deste capítulo.

³ Romanini 2007, p. 117 e seg.

frente de *India*. A elisão então não deixa de ser a solução prevalecente: só para darmos um par de exemplos, neste mesmo período temos *l’Etiopia*, no seguinte *dell’India*, no nº 4 o pronome *l’abitano*.

[2] O princípio da qual, começando na Oriental parte dela, é o Prasso Promontório, que ele, Ptolomeu, situou em quinze graus contra o Sul e em tantos está per nós verificado; ao qual os naturais da terra chamam Moçambique, onde ora temos ua fortaleza que serve de escala das nossas naus nesta navegação da Índia.

Al principio della quale, cominciando nella oriental parte di lei, è il Prasso promontorio, che Ptolomeo situò in quindici gradi verso ostro, e in tanti sta per noi verificato, il quale li naturali della terra chiamano Mozambique, dove al presente abbiamo una fortezza che serve di scala o porto delle nostre navi in questa navigazione dell’India;

R. utiliza desta vez a voz verbal *é* para expressar a recorrente noção de colocação, e confirma a escolha do verbo *estar* como auxiliar na construção passiva *sta per noi verificato*, a qual pode ser considerada um exemplo de *tradução palavra por palavra*; nesta passagem, podemos também notar como o complemento de agente é introduzido em ambas as línguas pela preposição *per*, embora a hipótese de interferência interlinguística deva ser rejectada, sendo o uso do *per* como agente habitual⁴ em R. Em outro, R. recusa *ora* e prefere-lhe o mais elegante *al presente*. De finalidades claramente explicativas é a introdução da ditologia *scala o porto* para exprimir a acepção própria da gíria naval de *escala*: a introdução de um par de substantivos é uma das modalidades traductivas mais imediatas e encontra-se várias vezes também nas *Navigazioni*. R. obtém o mesmo objectivo substituindo o técnico *Sul* por um mais concreto *ostro*; podemos antecipar já aqui que de facto o tradutor substitui sistematicamente quaisquer indicações de pontos cardinais pela referência à rosa-dos-ventos, ou seja com: *tramontana, levante, ostro, ponente*. *Mozambique* vê o -ç- transformado em -z-, e esta mudança se verifica também noutros topónimos, como por exemplo em *Mombaza* no per. 39.

[3] E o fim ocidental desta terra, a Ptolomeu incógnita, acaba em altura de cinco graus da parte do Sul que se comunica com os etiópias a que ele chama hespérios, per nome comum, que são os povos pangelungos, súbditos ao nosso Rei de Congo; entre os quais dous termos oriental e ocidental, fica o grande e illustre Cabo de Boa Esperança, tantos mil anos não conhecido no Mundo.

e la parte occidentale di questa terra a Ptolomeo incognita finisce in la latitudine di gradi cinque dalla parte di ostro, che confina con gli Etiopi, che quello chiama Esperii per nome commune, che sono li popoli pangelungi sudditi al nostro re di Manicongo; fra li quali duoi termini orientale e occidentale resta il grande e illustre capo di Buona Speranza, già tanti anni incognito al mondo.

R. traduz *se comunica com confina*, dando assim maior clareza ao período. R. suprime o hiperbólico *mil* e não se preocupa com evitar a repetição no mesmo período de *incognito(a)*, quando pelo contrário B. adopta no segundo caso a versão linguisticamente corrupta *conhecido*, obtendo assim uma *variatio* lexical entre signos da mesma origem etimológica latina. Romanini, pelo contrário, nota nas *Navigazioni* a tendência para a “cancellazione di ripetizioni lessicali”⁵ mediante “soluzioni sinonimiche”⁶; aqui R. autonomamente introduz uma repetição ausente no B. Ainda segundo Romanini, “le preposizioni articolate

⁴Ibi, p. 232.

⁵Ibi, p. 249.

⁶Ibidem.

sono in Ramusio ormai stabilmente scritte nella forma fusa, e non in quella analitica [...]; il procedimento é particolarmente evidente con gli esempi della preposizione *in*: *in la* EMP6 >*nella* R156r, *in la* COR465 >*nella* R196v, *in la* COR466 >*nella* R197r, *in la* COR484 >*nella* R199v, *in la* VAR9r >*nella* R160r [...]”;⁷ aqui, pelo contrário, temos a única ocorrência da preposição analítica *in la*, sendo a versão sintética, como Romanini também demonstra, claramente dominante: veja-se no por exemplo no período seguinte *nella lingua*, no per. 6 *nella nostra geografia*, no per. 8 *nella volta*, e as três ocorrências do per. 11: *nella sua punta*, *nella giuntura*, *nella sommità*.

R. traduz também *fica* com *resta*, ou seja com um verbo que tem o mesmo significado literal e que pode indicar por extensão, sempre similmente a ficar, a ideia de colocação geográfica; na mesma proposição, introduz *già* para tornar o significado mais evidente. R. utiliza o numeral *duoi* (dois), que aparece 808 vezes nas *Navigazioni*, e portanto é mais frequente do que o raro *dui* e mais infrequente do que o prevalente *due* (3384 vezes). Suprime o *-h-* inicial de *hespérios* numa óptica de normalização gráfica; esta é a única ocorrência do termo na antologia, e não deve ser confundido com as *Esperidi*, as míticas ilhas do Atlântico que podem ser identificadas, segundo R., com o arquipélago do Cabo Verde. Finalmente, R. nunca utiliza *Congo*, preferindo *Manicongo*.

[4] E como esta de que tratamos é grande e os bárbaros que nela habitam são muitos e diferentes em língua, não há entre eles nome próprio dela.

E conciosiaché questa terra della qual trattiamo sia grande, e li popoli barbari che l'abitano siano molti e differenti nella lingua, non vi è di quella fra loro nome proprio:

B. subentende o substantivo *terra*, e então o adjectivo *esta* desempenha, sozinho, a função de sujeito; *terra* é, pelo contrário, explicitada por R. na mesma posição que no texto de origem deveria ter. R. substitui o pronome *ela* por *quella*, sendo também a introdução de demonstrativos um hábito ramusiano⁸. R. introduz a oração causal com o invulgar (hoje-em-dia obsoleto) e específico *conciosiaché*, distanciando-se assim do original *como*, o qual teria como resultado natural em italiano o mais habitual *siccome*.

[5] Somente os arábios e pársios, como gente que tem polícia de letras e são vizinhos dela, em suas escrituras lhe chamam Zanguebar, e aos moradores dela zangui; e per outro nome comum também chamam cafres, que quere dizer gente sem lei, nome que eles dão a todo gentio idólatra, o qual nome de cafres é já acerca de nós mui recebido polos muitos escravos

95v

que temos desta gente.

solamente gli Arabi e Persiani che si diletano di lettere e confinano con quella, nelle loro scritture la chiamano Zanguebar, e li suoi abitatori Zangui, e per altro nome commune ancora li chiamano Cafres, che vuol dir gente senza legge, nome che loro danno a tutta la gente idolatra, il qual nome di Cafres è già appresso di noi molto usato, per li molti schiavi che abbiamo di quella gente.

O signo *polícia* neste caso significa correcção, cuidado, e por extensão sensibilidade, e terá a mesma acepção no per. 47, onde será traduzido como *civiltà*; o R. enfatiza do termo a nuança elitista com o verbo

⁷ Romanini 2007, p. 119 e seg.

⁸ Ibi, p. 142.

dilettarsi, sem afastar-se do sentido originário. R. aqui também repropõe topónimos e etnónimos inalterados.

[6] E porque em a nossa Geografia particularmente fazemos relação desta terra Zanguebar, aqui como de espessada daremos alguma notícia dela, por as causas que no precedente capítulo apontámos.

E perché nella nostra geografia particolarmente facciamo relazione di questa terra Zanguebar, qui come per transito daremo alcuna notizia di lei.

Por causa da finalidade desta tradução, ou seja a compilação duma pequena recolha de capítulos pontuais, R. suprime toda a última proposição, a qual de facto contém informações inúteis e até incoerentes com a estrutura das *Navigazioni*. O capítulo precedente de facto não faz parte da colectânea.

[7] E começando no Promontório Arômata a que ora chamamos Cabo de Guardafu, que é a mais oriental parte de toda África, situada per Ptolomeu em cinco graus e per nós em doze, até Moçambique, que serão per costa obra de quinhentas e cinquenta léguas, faz esta terra ua maneira de enseada, não tam curva e penetrante como Ptolomeu a figura em sua Távoa, mas quási a feição de ua costa de osso de animal quadrupe.

E cominciando nel promontorio Aromata, che ora chiamiamo capo di Guardafuni, che è la piú oriental parte di tutta l'Africa, situata per Ptolomeo in gradi cinque e per noi in dodici, fino a Mozambique, che saranno per lungo della costa da cinquecentocinquanta leghe, fa questa terra un seno, non cosí curvo e incolfato come Ptolomeo lo affigura nelle sue tavole, ma quasi alla forma di una costa di animale quadrupede.

Aqui R. simplifica *ua maneira de enseada* em *un seno*; pluraliza a *Távoa* (de Ptolomeu); traduz *Guardafu* com *Guardafuni*, que é a única forma adoptada pelo tradutor. Substitui finalmente *penetrante* pelo mais concreto *incolfato*.

[8] E o segundo curso marítimo que ele não soube, o qual começa no Cabo de Moçambique e acaba em o das Correntes, que será per costa até cento e setenta léguas, fica ela um pouco mais encurvada com um anco que faz o Cabo das Correntes logo na volta dele, quando vão de cá do Ponente.

E nel continuare del corso del mare che quello non conobbe, il quale comincia nel capo di Mozambique e finisce nel capo delle Correnti, che può esser per costa da centosettanta leghe, resta lei un poco piú inarcata dove la fa il capo delle Correnti, subito nella volta di quello, come vedon coloro che da ponente navigano verso levante.

R. traduz *quando vão de cá do Ponente* com *coloro che da ponente navigano verso levante*, obtendo assim o máximo nível de clareza; esclarece também o contexto de descrição morfológica introduzindo *come vedon*, que nos dá uma eficaz indicação de perspectiva. Aqui também temos a substituição do pronome *ele* pelo indexical *quello*.

[9] Do qual cabo, vindo pera o de Boa Esperança, em que haverá per costa trezentas e quarenta léguas, vai a terra

Dal qual capo navigando verso quello di Buona Speranza, che potrà esser per costa da trecentoquaranta leghe, va

fazendo um lombo, de maneira que fica o Cabo das Correntes em vinte quatro graus, da banda do Sul, e o de Boa Esperança em trinta e quatro e meio; e deste illustre cabo, té a terra dos pangelungos, do reino de Congo, vai-se a costa encolhendo e bojando, però que a grandeza dela faz parecer que se estende direita ao Norte.

la terra faccendo un lombo, di maniera che resta il capo delle Correnti in gradi ventiquattro della parte dell'ostro, e quel di Buona Speranza in trentaquattro e mezzo. E da questo illustre capo fin alla terra delli Pangelungi del regno di Manicongo vassi la costa ritirando e voltando, percioché la grandezza di quella fa parer che si estende al dritto della tramontana.

R. traduz correctamente o raro *bojando* com *voltando*, sendo este verbo uma provável deformação do catalão *vogir*⁹ (fazer girar). R. adopta aqui a posposição do clítico reflexivo *si* em *vassi*, quer dizer uma forma que tinha imensa difusão na idade medieval e que no século XVI já não é tão frequente. *Percioché* é um dos conectivos mais frequentes das *Navigazioni*, aparecendo de facto 2110 vezes nesta grafia e uma única outra vez na actual, ou seja com a reduplicação fono-sintáctica entre os dois morfemas, na *Della descrizione dell'Africa e delle cose notabili che quivi sono per Giovanni Lioni Africano*, muito provavelmente então por causa duma intervenção ao nível tipográfico. R. substitui os tecnicismos *Sul* e *Norte* pelos mais imediatos *ostro* e *tramontana*.

[10] A figura da ponta deste grande cabo de Boa Esperança se aparta do corpo da outra terra como que a escacharam do Cabo das Agulhas, que dista dele contra o Oriente per espaço de vinte e cinco léguas, da maneira que podemos apartar o dedo polegar da mão esquerda dos outros dedos dela, virando a palma pera baixo.

La figura della punta di questo grande capo di Buona Speranza esce fuori del corpo della terra, come se la fusse stata tagliata dal capo delle Hagulhas, che è distante da detta punta verso levante per spazio di venticinque leghe, come si dimostra separando il dito grosso della manzanca dall'altre dita, voltando la palma all'ingiu:

R. traduz *se aparta* com *esce fuori*, escolhendo assim ser mais figurativo, coerentemente com a sucessiva similitude visiva da mão. Esta escolha também lhe permite não repetir dentro do período o mesmo verbo, como B. faz com *apartar*. É interessante ver como aqui R. traduz *dedo polegar* como *dito grosso*, diferentemente de quanto faz no capítulo primeiro do livro nono, quer dizer no capítulo imediatamente seguinte da sua pequena antologia barroiana, onde traduz o mesmo signo por três vezes com *dito pollice*. O topónimo *capo das Agulhas* padece aqui um hipercorrectismo que se repete no excerto nº 12, ou seja em todas as duas ocorrências do topónimo; R. decide não alterar o termo embora seja possível traduzi-lo por inteiro, como acontece com o *capo delle Correnti* ou com o *di Buona Speranza*. Evita até inserir uma parentética com a relativa tradução, como faz no per. 13 com os Picos Fragosos.

O regionalismo, de clara origem setentrional, *zanca* nunca mais aparece nas *Navigazioni*, e temos no seu lugar três ocorrências de *mancino*. R. conserva o signo *palma*, que na TL indica habitualmente a árvore e menos frequentemente o detalhe anatómico; não percebemos então por que motivação ele não adopta a variante do outro sexo *palmo*, para o qual não há problemas de homografia e que é frequentemente utilizado na antologia.

⁹ DLPC

[11] E per este modo fica ele apartado contra o Ponente do grande corpo da outra terra e rombo em sua ponta à semelhança do dedo; e quási na junta, que é no meio dele, está ua terra soberba sobre a outra que no cima faz ua planura de terra rasa, graciosa em vista e fresca, com mentrastos e outras ervas de Espanha, à qual os nossos chamam a Mesa do Cabo.

e in tal forma resta detto capo separado verso il ponente del grande corpo dell'altra terra, ed è ottuso nella sua punta a similitudine del dito; e quasi nella giuntura ch'è nel mezzo di quello giace un paese bellissimo sopra gli altri, che nella sommità fa una gran campagna di terra piana, dilettevole e graziosa in vista e verde, con molte erbe odorifere, come è menta e altre simili alle nostre di Spagna, la quale li nostri chiamano la tavola del capo.

R. simplifica *mentrastos* com *menta*, mas provavelmente B. com *mentrasto* não quer indicar a *Mentha rotundifolia*, mas sim um conjunto de espécies botânicas com características constantes mas não detalhadamente identificadas, como o segundo elemento da cópula (outras ervas de Espanha) deixa supor. R. traduz sem interferências *rombo* com *ottuso*.

[12] E olhando dela contra o Ponente, fica ua angra per eles chamada da Conceição, e no espaço que se mete entre ele e a outra terra, que jaz pera Oriente, que vai fazer o Cabo das Agulhas, está ua angra mui estreita, a que mais propriamente podemos chamar furna, assi penetrante pela terra, cortando dereita ao longo do cabo, que do rosto dele té o fim dela haverá dez léguas.

E riguardando da quella verso ponente, resta un porto che si chiama della Concezion, nel spazio che resta fra quello e l'altro paese che giace per levante. Dove si fa il capo de las Hagulhas è posto un porto over seno tanto stretto che piú propriamente potrebbesi chiamar forno, per l'entrar che egli fa fra terra tagliandola diritto al lungo del capo, che dalla bocca di quello fin a dove finisce vi è spazio di dieci leghe.

R. explica *angra* através da ditologia *porto over seno*, em vez dum signo único, como poderia ser *baia*, que aliás é utilizada no sentido de calheta só uma vez, no sexto livro, capítulo *Di Fernando Cortese la quarta relazione della Nuova Spagna*. *Furna* representa um erro de tradução: R., provavelmente enganado pelo significado que este signo tem em latim, e por interferência do falso amigo italiano, traduz *forno*, em vez de “*caverna, grotta*”. No fim do período temos mais uma precisção: o *fim* é substituído por *dove finisce*. Aqui também temos em *potrebbesi* a rara colocação do clítico em posição pós-verbal.

[13] No seo da qual furna onde elas acabam se levanta ua serrania de viva pedra, com grandes e ásperos picos, que pedem as nuvens com sua altura; e por causa deles os nossos chamam àquele lugar os Picos Fragosos, pelo pé dos quais rompe com muita fúria um rio de grandíssima água que nasce no interior daquele sertão, de que ao presente não temos notícia.

Nel fine della quale principia ad elevarsi un ordine di montagne tutte di pietra viva, con grandi e aspere punte, che vanno fino alle nuvole con la sua altezza: per causa delle qual punte li nostri chiamano quel luogo Os Picos Fragosos, cioè le punte aspere; al piede delle quali esce con gran furia un fiume grossissimo, che nasce molto adentro fra terra, di che al presente non abbiamo notizia.

Aqui R. evita repetir *forno*, como o ST pediria, talvez detectando a incoerência, e então coloca um relativo feminino, o qual aliás não concorda nem com *porto over seno*, nem sequer com *forno*; é difícil compreender se se refere ao precedente vocábulo *terra* ou se incorrecta e distraidamente está a seguir o ST. Adopta depois a maneira mais óbvia para explicar o topónimo os *Picos Fragosos*, ou seja insere uma

parentética lexical com a relativa tradução. Resume *rio de grandíssima água com fiume grossissimo*, ganhando fluidez mas perdendo elegância.

[14] E tornando à particular descrição da terra Zanguebar, que, por razão dos feitos que na sua costa os nossos fizeram, esta começa em um dos mais notáveis rios que da terra de África vertem no grande Oceano contra o Meio-Dia; ao qual Ptolomeu chama Rpto, posto que a sua graduação é mui diferente do que ora sabemos.

E ritornando alla particular descrizione della terra Zanguebar, che per causa delli fatti che li nostri fecero in detta costa, questa principia in uno delli piú notabili fiumi che della terra di Africa sbocchino nel grande oceano verso il mezzogiorno, il quale Ptolomeo chiama Rpto, ancora che la sua graduazione sia molto differente da quella che ora sappiamo,

R. elabora uma simples variação: em vez de *faz a nosso propósito*, escreve *fu il nostro proposito*, mudando assim tempo verbal e valor do complemento sem alterar o sentido.

[15] Ca ele o põe em seis graus de largura da parte do Sul e nós em nove da parte do Norte, o qual nasce em a terra do Rei dos Abexis, a que chamamos Preste João, em as serras a que eles chamam Graro e ao rio Obi, e, onde sai ao mar, Quilmance, pelos mouros que o vezinham, por causa de ua povoação assi chamada, que está em ua das principais bocas dele, junto do reino de Melinde.

percioché lui lo pone in latitudine di gradi sei dalla parte dell'ostro e noi in nove dalla parte della tramontana, il qual nasce nella terra del re degli Abissini che chiamano Prete Ianni, nelle montagne che loro chiamano Graro, e il fiume Obii, e dove sbocca in mare Quilmanci dalli Mori che con quello confinano, per causa di una popolazione cosí chiamata, che è posta in una delle principali bocche di quello, appresso il regno di Melinde.

R. traduz *Preste João* com *Prete Ianni*, sendo esta forma muito mais frequente nas *Navigazioni* do que a toscana *Gianni*. Aqui como no per. 1, *está* é traduzido com *è posta*. Como também com *Baduís e Fartaquis*, R. traduz *Abexis* acrescentando uma consoante nasal no fim do signo.

[16] Deste rio indo contra o Cabo de Guardafu, e di voltando até as portas do Estreito e delas lançando ua linha às fontes dele, fica ua terra a que os arábios propriamente chamam Ajan, a qual quási toda é povoada deles, posto que em muita parte, contra o Meio-Dia, no interior da terra, habitem negros idólatras.

Da questo fiume andando verso il capo di Guardafuni, e di là voltando fin alle porte del stretto del mar Rosso, e da quelle tirando una linea alli fonti di detto fiume, resta un paese che gli Arabi propriamente chiamano Aian, il quale quasi tutto è abitato da loro, avenga che in gran parte verso mezzodí dentro fra terra abitino negri idolatri.

R. precisa que o estreito em questão é o *del mar Rosso*. Vemos depois a interessante substituição *terra – paese*: tratando-se dum lugar ocupado, como aprendemos mesmo aqui, quase exclusivamente por uma única população, R. vê as condições étnicas para falar de um *paese* (país); *avenga che*, hoje já não utilizado, significa nas *Navigazioni* sempre *embora*. R. transcreve *Agisymbra* no per. 1 substituindo o -y- por um -i-; aqui o -j- de Ajan tem a mesma sorte, embora esta substituição, que aliás se repete no per. 28 e no nº 20 do próximo capítulo, não seja alheia de alterações fonéticas: talvez R., sabendo como o TL não incluísse o som [ž], achasse o grafema -i- o menos infiel.

[17] E das correntes deste Quilmance contra o Ponente, té o Cabo das Correntes, que os mouros daquela costa navegam, toda aquela terra e a mais ocidental contra o Cabo de Boa Esperança (como acima dissemos), os arábios e pársios que a vezinham lhe chamam Zanguebar, e aos moradores zanguui.

E dal sboccare di questo fiume Quilmanci verso il ponente, fin al capo chiamato delle Correnti, che li Mori di quella costa navigano, tutta quella terra che corre ponente verso il capo di Buona Speranza (come di sopra s'è detto) gli Arabi e Persiani la chiamano Zanguebar, e gli abitatori Zanguui.

R. acrescenta a *Cabo das Correntes* o não indispensável adjectivo *chiamato*. R. também faz ordem numa passagem que é na SL suficientemente intrincada. B. de facto fala de *toda aquela terra* [Ajan] e *a mais ocidental contra o Cabo*; tratando-se de duas regiões limítrofes, R. unifica-as em *tutta quella terra che corre ponente verso il capo*. Além disso, R. suprime a inútil informação sobre o facto que o nome Zanguebar é utilizado pelos povos que *a* [esta terra] *vezinham*.

[18] Toda esta costa, começando do rio Quilmance té o Cabo das Correntes, geralmente é baixa, alagadiça e mui coberta de um arvoredado parrado, a maneira de balsas que dão pouca serventia por baixo.

E tutta questa costa, cominciando dal detto fiume Quilmanci fino al capo delle Correnti, generalmente è bassa e paludosa, e molto coperta di boschetti e arbori piccoli, che non lasciano strada da potervi passare.

R. introduz o fático *detto* para referir-se ao rio Quilmanci; trata-se duma intervenção bastante frequente nas *Navigazioni*¹⁰. Traduz depois *arvoredado parrado*¹¹ com a hendíadis *boschetti e arbori piccoli*; suprime a similitude concernente as balsas e indica simplesmente a conseguinte impraticabilidade dos percursos (*non lasciano strada da potervi passare*).

[19] E assi com a espessura dele, como com os rios e esteiros que a retalham em ilhas e restingas, que ocupam o marítimo dela, faz ser mui doentia; de maneira que podemos dizer ser outro Guiné e mares corrutos e totalas outras cousas que dá e gera.

E così per la fortezza di quelli, come per li fiumi e paludi che tagliano la detta costa in isole e secche che la occupano quasi tutta, vi si causa un aere pessimo, di maniera che possiamo dir quello esser un altro paese di Guinea, con aere corrotto, con tutte l'altre cose che vi si generano e producono.

R. escolhe uma imagem directa (*aere pessimo*) para explicitar a mais abstracta ideia de *doentia*; no mesmo período acontece o contrário: a concreta referência à espessura da rede vegetal desenhada pelos arvoredos torna-se numa metafórica alusão à sua inacessibilidade, e logo invencibilidade (*fortezza*). Supondo provavelmente a presença de um erro no SL, R. escreve *aere corrotto* em vez de referir-se aos *mares corrutos* do que B. fala. Aqui também de facto a prosa de B. não é muito elegante, mas pesada, e talvez foi toda esta torcedura que levou neste caso R. a errar.

¹⁰ Romanini 2007, p. 239 e seg.

¹¹ emaranhado; cfr. *Décadas*, vol. I, p. 317, nota nº 1.

[20] Porque a gente é negra, de cabelo retorcido, idólatra e tam crente em agouros e feitiços, que no maior fervor de qualquer

96r

negócio desistem dele, se lhe algua cousa entolha.

Perché la gente è negra, di capello crespo, idolatra, e tanto credula in augurii e stregherie, che nella maggior caldezza di loro negocii desistono quando hanno qualche cattivo incontro.

R. utiliza aqui *negocii*, embora seja mais frequente na sua obra a grafia mais inovadora *negozii*; aqui também R. prefere ser mais concreto, e então substitui *algua cousa* por *qualche cattivo incontro*. Interessante é a substituição duma vox media como *crente* por um signo marcadamente conotativo como *credulo* (já o latim *credulus* com o seu sufixo diminutivo é inequivocavelmente cheio de desdém). Fortemente metafórico é o substantivo *caldezza*, que, como faz no período precedente *fortezza*, substitui um outro, mais claro e detalhado, como aqui *fervor*.

[21] Os animais, aves, fructas e sementes, tudo responde à barbaria da gente em serem feras e agrestes, posto que de Magadaxó contra o Cabo Guardafu, ainda que seja de mais criação de gado, por ser de poucos mantimentos e prove dele, desta se mantém.

Gli animali, uccelli, frutti e semenze, tutti corrispondono alle barbarie di quella gente in esser fieri e salvatichi, ancora che da Magadasso verso il capo di Guardafuni (benché sia piú copioso e abbondante di bestiame), per esser paese sterile e di poche vittuarie, si vengono a proveder da questi per il loro vivere.

Já vimos vários casos em que R. traduz mediante a inserção duma hendíadis, mas aqui este mecanismo torna-se meramente retórico: *de mais criação* origina *piú copioso e abbondante*; ao mesmo tempo, R. evita mencionar a prática da criação, provavelmente achando o signo *bestiame* já inequivocável. *Prove* é uma antiga variante de pobre, que quiçá R. não percebeu muito bem, visto que o traduz como *sterile*. *Mantimentos*, aqui como no parágrafo seguinte, origina *vittuarie*, termo que aliás se encontra raramente (20 vezes) nas *Navigazioni*, preferindo o autor o alótropo de tradição directa *vettovaglia/e* (574 vezes).

[22] Geralmente os mouros que habitam o marítimo, e assi os das ilhas adjacentes a ela, todo o mantimento que comem, o agricultado fazem à enxada, e o mais é fructa agreste e carne montés, imundícias, leite dalgua criação que tem, principalmente os mouros a que eles chamam baduís que andam no interior da terra e tem algua comunicação com os cafres, que acerca dos que habitam as cidades e povoações políticas são havidos por bárbaros.

Li Mori che abitano la costa maritima e quelli dell'isole vicine, tutte le lor vittuarie che mangiano e quelle che lavorano sono con la zappa, e per la maggior parte frutti salvatichi e carne di animali salvatichi e molte immondizie, eccetto qualche latte degli animali che allevano, principalmente li Mori che loro chiamano *baduini*, che abitano piú adentro del paese e hanno qualche commercio con quelli che si chiamano Cafri, che appresso degli abitanti le città e luoghi civili sono tenuti per barbari.

Podemos compreender muito bem as modalidades do *labor limae* ramusiano no começo do período, onde no SL temos *geralmente os mouros [...] e assi os das ilhas adjacentes a ela*, e no TL *I Mori [...] e quelli dell'isole vicine*. De facto, R. suprime: *geralmente* e *assi*, imagino eu por não acrescentar informação nenhuma; o pronome oblíquo *a ela*, por ser supérfluo. R. parte dum período, aliás tipicamente barroiano,

construído por acumulação, e tenta dar-lhe uma estruturação mais explicativa; R. de facto não podia não reformular a muito contorcida passagem *o agricultado fazem à enxadae o mais éfructa agreste e carne montés, imundícias, leite dalgua criação*, que tem o sentido de *[para falar de] todo o mantimento que comem, o agricultado tem como única alfaia a enxada, e o resto é...* R. então constrói uma parataxe em que une o *mantimento* com o *agriculturado mediante enxada*, alterando em mínima parte a componente informativa: B. também deixa compreender como estes mouros não importam vegetais obtidos com o arado, que é o outro elemento desta dicotomia etnográfica que podemos ver por exemplo quando o Barros fala dos povos saragolés, que “colhem algum trigo mais hortado à enxada que lavrado com arado”¹².

R. traduz aqui *povoações políticas* com *luoghi civili*; o mesmo substantivo ocorre mais três vezes neste capítulo, e num caso é traduzido com *popolazioni* (per. 39), e noutros dois (per. 26 e 27) com *abitazioni*. Esta dicotomia é muito mais polarizada no capítulo primeiro do livro novo, onde dezoito das dezanove ocorrências do termo são traduzidas com *abitazioni*, e depois há o outro único caso em que o signo tem a sua tradução em *popolazioni*, com evidente interferência do SL. Ainda no âmbito das especulações socio-etnográficas, não podemos dizer se a substituição do adjectivo helenizante *políticas* pelo latinizante *civili* é devida a precisas razões político-propagandísticas ou por influência da própria *Weltanschauung*, como por exemplo ao italo-centrismo do autor.

R. parece depois equivocar o significado de *o mais*, que traduz com *per la maggior parte*, em vez de exprimir o senso de “o resto, o restante”. Aqui como no per. 3, o R., partindo de dois distintos adjectivos, decide repetir o mesmo vocábulo, *salvatichi*, que se encontra também no período anterior. Mais, R. adiciona o inútil *molte* ao signo *immondizie*: estas operações podem ser parcialmente explicadas com o desejo do R. de enfatizar a condição selvagem deste povo; claro que a introdução dum adjectivo de escassa valência num período tão comprido fica uma escolha não bem compreensível. R. traduz enfim *baduís* com *baduini*, acrescentando assim ao etnónimo um dos muitos sufixos possíveis; a este sufixo *-ino/i*, porém, R. recorre sempre que o termo do SL termina por *-i-*, e também noutros casos (vê per. 85 do próximo período).

[23] E parece que a natureza, próvida em todas as cousas, não quer desamparar alguma parte da terra em tanta maneira, que nela não haja algum fructo estimado na opinião dos homens; porque naquela áspera e estéril terra pera habitação de gente política, produziu o mais precioso de todos os metais, e logo lhe deu povo paciente daquela aspereza e dado a busca dele, e a nós cobiça pera per tantos perigos de mar e da terra os irmos convidar com nossas obras mecánicas, pera suprirem suas necessidades, a troco deste ouro tam conquistado.

E pare che la natura, provida in tutte le cose, non abbia voluto lassare alcuna parte di terra di tal sorte che in lei non sia qualche frutto stimato nella opinione degli uomini, perciocché in quella aspera e sterile terra per commodità della gente civile produsse il piú prezioso di tutti li metalli, e li diede popolo paziente di quella asperità e inclinato a ricercarlo, e a noi desiderio e cupidità, acciocché, per tanti pericoli di mare e di terra, gli andiamo ad invitar con le nostre opere mecaniche, per proveder alli loro bisogni in cambio di questo oro tanto stimato.

R. banaliza *desamparar* (variante do português antiGo para *desamparar*) com *lassar*, talvez por não ser possível traduzi-lo no TL com um único signo. R. adota *commodità* na variante com a nasal geminada, que

¹²*Décadas*, vol. I, p. 100

é a mais frequente na sua obra, provavelmente por ser a mais fiel ao latim *commodus*; R. predilige a variante mais filológica também no caso do adjectivo *mechaniche*, pois a forma geminada se encontra no texto uma única vez, e portanto não sabemos se é por causa de um erro tipográfico. R. traduz *cobiça* com uma ditologia que é quase climax, e em que o segundo membro compartilha o étimo (*cupidità*, derivado como *cobiça* de **cupiditia*, a sua vez alteração do latim clássico *cupiditas*). R. baixa o registo linguístico quando passa do culto *necessidades* ao imediato *bisogni*, evitando assim o mais óbvio *necessità*, que na verdade é razoavelmente frequente na obra.

Aqui R. utiliza o adjectivo *aspera* na forma extensa, que é também a mais latinizante, mas provavelmente o mesmo vocábulo em português foi de alguma influência na escolha, uma vez que a forma sincopada *aspra* é claramente prevalente nas *Navigazioni*.

[24] Ao cheiro do qual, por a terra de Arábia ser a eles mui vezinha, os primeiros povos estrangeiros que a esta terra Zanguebar vieram habitar, foram de ua gente dos arábios, desterrada, depois que receberam a seita de Mahamede.

All'odore del quale (per esser a loro molto vicino il paese dell'Arabia) li primi popoli forestieri che in questa terra Zanguebar vi andassino ad abitare furono alcuni banditi di Arabia, che dappoi diventorno maumettani,

Romanini nota como “le forme sincopate sono generalmente riscritte in forma estesa [...]: *medesmo* VAR27r >*medesimo* R165v, *co(m)minciorno* VAR28r >*cominciorono* R166r”;¹³ aqui, significativamente no mesmo caso apresentado por Romanini, ou seja na mesma voz verbal dum verbo da mesma conjugação, temos o processo contrário, escrevendo R. o sincopado *diventorno*. De qualquer forma, a desinência na forma extensa resulta a mais frequente, e se encontra várias vezes nos próximos parágrafos (por exemplo nos nº 26 e 27). R. de facto adopta frequentemente uma abordagem baseada na *variatio*, e as escolhas fono-morfológicas são só em poucos casos unívocas. O termo *desterrado* pode ter várias nuances, até a significar “expulso, exilado”; nesta valência mais forte baseia-se a tradução *banditi*, que tem que ser lida na acepção mais etimológica, quer dizer como forma lexicalizada de participio passado, e não no significado hoje-em-dia prevalente de “delinquentes, criminosos”; no parágrafo seguinte R. expressa também o étimo, o substantivo *bando*.

[25] A qual (segundo soubemos per ua crónica dos Reis de Quíloa, de que adiante fazemos menção) eles lhe chamam emozaidi; e a causa deste desterro foi por seguirem a doutrina de um mouro chamado Zaide, que foi neto de Hocém, filho de Alé, o sobrinho de Mahamede, casado com sua filha Axa.

li quali (secondo che abbiamo saputo per una cronica dalli re di Quiloa) loro li chiamano *emozaydii*: e la causa di questo bando fu perché seguivano la dottrina di un Moro chiamato Zayde, che fu nepote di Hocem, figliuolo di Aly, nepote di Macometto, congiunto in matrimonio con sua figliuola Axa,

Aqui como no per. 6, o R. suprime um inciso alocutório que não faria sentido na sua colectânea; ambos os parágrafos contêm uma antecipação sobre o conteúdo da obra. Diferentemente dos topónimos

¹³Romanini 2007, p. 118

Agysimbra e Ajan, normalizados em Agisimbra e Aian, aqui R. reintroduz o erudito -y-, normalizado no B., em *Zayde* e no derivado *emozaydii*.

[26] O qual Zaide teve algumas openiões contra o seu Alcorão, e a todolos que seguiram a sua doutrina os mouros lhe chamaram emozaidi, que quere dizer súbditos de Zaide, e os tem por heréticos; e però que estes foram os primeiros que de fora vieram habitar aquela terra, não fundaram notáveis povoações, somente se recolheram em partes onde podesse viver seguros dos cafres.

il qual Zayde ebbe alcune opinioni contra il suo Alcorano, e tutti quelli che seguirono la sua dottrina li Mori chiamarono emozaydii, che vuol dir sudditi di Zayde, e gli hanno per eretici. Ma perché questi furono li primi che di fuora vennero ad abitar quella terra, non edificorono notabili abitazioni; solamente si ridussero in parte dove potessino viver sicuri dalli Cafri.

Como tínhamos anticipado *supra*, a predileção ramusiana pela *variatio* vê-se bem na voz verbal *edificorono* que aqui, diferentemente do per. 24, apresenta a desinência extensa.

[27] E desta sua entrada, como ua peste lenta, foram lavrando ao longo da costa, tomando novas povoações, té que ali vieram ter três naus com grã número de arábios, em companhia de sete irmãos, os quais eram da ua cabilda vizinha à cidade Laça que está obra de quorenta léguas da Ilha Baharém, que está dentro no Mar Pérsico, mui pegada à terra de Arábia, no interior dele.

Or questa lor venuta fu come una pestilenzia che andò pian piano estendendosi lungo della costa, acquistando nuove abitazioni, fin che vi arrivorono tre navi con gran numero di Arabi in compagnia di sette fratelli, li quali erano di una congregazione vicina alla città Lacad, distante circa quaranta leghe dall'isola Baharem, ch'è posta dentro il mar Persico, vicina al paese di Arabia infra terra.

Considero hipótese provável mas não verificável o facto que R. possa ter equivocado *peste lenta* com *pestilenzia*; temos que lembrar-nos que R., como já o Romanini nota e como estamos a tentar demostrar, evita sempre uma abordagem mecânica e acrítica e reserva-se o poder de alterar qualquer pormenor que ele desejar. Não podemos portanto afirmar se foi escolha livre, imprecisão, deformação causada pela cópia no posse do autor ou manumissão tipográfica. Cidade anota¹⁴ como B. tinha ortografado Laçah, e noutros passos Lahaçah, e então R. copiou fielmente, com a única inevitável substituição gráfica -ç- > -c-, seja este topónimo, seja Baharém.

[28] A causa da vinda deles foi serem mui perseguidos do Rei de Laça, e a primeira povoação que fizeram nesta terra de Ajan foi a cidade Magadaxó, e depois Brava, que ainda hoje se rege por doze cabeceiras, a maneira de república, as quais procedem destes irmãos.

La cagione della loro venuta fu perché erano molto perseguitati dalli re di Lacad, e la prima abitazione che fecero in questa terra di Aian fu la città di Magadaxo, e dipoi Brava, che ancora oggi si governa per dodici capi in maniera di republica, li quali procedono da questi fratelli.

¹⁴*Décadas*, vol. I, p. 318, nota nº 1

Aqui, como na rubrica com *Quíloa*, R. não altera a grafia do topónimo apresentado por B., embora o sistema linguístico do TL não admita a mesma realização fonética [š] para o grafema x do signo *Magadaxo*, e a transcrição perde, incoerentemente com as normas gráficas do TL, o sinal que o identifica como oxítono.

[29] E veo prevalecer esta cidade Magadaxó em tanto poder e estado, que depois se fez senhora e cabeça de todos os mouros desta costa; porém como os primeiros que vieram a ela, chamados emozaidi, tinham diferentes opiniões dos arábios, acerca de sua seita, não se quiseram submeter a eles e recolheram dentro pelo sertão, ajuntando-se com os cafres per casamentos e costumes, de maneira que ficaram místicos em todas as cousas.

E venne questa città Magadaxo in tanta grandezza, poter e stato, che dipoi si fece patrona e capo di tutti li Mori di questa costa. Ma come li primi che vi vennero, chiamati emozaydii, avevano differenti opinioni degli Arabi circa la loro setta, non volsero sottometersi a loro, e si sono raccolti dentro infra terra, congiungendosi con li Cafri per matrimonii e costumi, di maniera che restorono mescolati in tutte le cose.

O desejo de R. de propor um texto antes de mais elegante torna-se evidente na maneira em que reorganiza a primeira parte do período: suprime o infinitivo *prevalecer* e recupera a ideia de domínio no seguinte substantivo *grandezza*. A locução prepositiva *infra terra* encontra-se nas *Navigazioni* só mais duas vezes na mesma passagem da *Relazione di Giovanni da Verrazzano fiorentino della terra per lui scoperta [...]*, sempre com a intenção de sublinhar a penetração no continente.

[30] Estes são aqueles a que os mouros que vivem ao longo do mar chamam baduís, nome comum como cá entre nós chamamos alarves a gente campestre.

Questi sono quelli che li Mori che abitano al lungo del mare chiamano baduini, nome commune, come fra noi chiamiamo Arabi quella gente che sta alla campagna.

R. fica fiel ao texto barroiano apesar da presença de uma expressão idiomática; *alarves* é de facto a deformação portuguesa do árabe *al-árab*¹⁵ (os Árabes), que era utilizado com (óbvias) conotações negativas, para indicar uma “pessoa grosseira, rude, brutal”.¹⁶ O tradutor desiste da aspiração de preservá-lo no TL, e então mantém o etnónimo *Arabi*, que com certeza nenhum cristão teria apreciado.

[31] A primeira nação de gente estrangeira que per via de navegação teve o comércio da Mina de Sofala, foi desta cidade Magadaxó.

La prima nazione di gente forestiera che per via di navigazione ebbe il commercio della mina di Cefala venne dalla città di Magadaxo:

A forma geminada *commerzio*, e a alternativa mais inovadora *commercio*, prevalecem sobre a forma degeminada, que se encontra somente duas vezes nas *Navigazioni*. R. traduz sempre Sofala com o exónimo Cefala.

¹⁵ Cfr. DLPC, voz alarve²

¹⁶ ibidem

[32] Não que eles fossem descobrir esta costa, mas per acerto de ua nau daquela cidade que com temporal e força das correntes ali veo ter.

non che loro fossero a discoprire questa costa, ma per occasione di una nave di quella città, che per fortuna e forza delle correntie vi andò ad arrivare.

R. utiliza só uma outra vez a locução *per occasione*, nas *Cinque lettere sull'Isola del Giapan*, com o mesmo valor causal; prefere de facto outras expressões, como por exemplo *per causa di*, *per colpa di*. Provavelmente quer sintetizar neste latinismo a noção de causa com uma nuance fatalista, evidente no dístico, e sobretudo no seu primeiro elemento *per fortuna*, que aliás pode ser lido seja como constituinte que exprime o complemento de causa eficiente (e *fortuna* tem a acepção de “tempesta”), seja como referência à sorte adversa.

[33] E posto que ao diante tiveram mais notícia de toda a terra vezinha daquele resgate, nunca ousaram passar ao Cabo das Correntes; porque, como a Ilha de São Lourenço, que jaz ao Sul desta costa Zanguebar, corre com seu comprimento quási ao longo dela per espaço de duzentas léguas, e no meio da parte de dentro lança de si um cotovelo que responde ao outro que faz o Cabo de Moçambique, os quais parece que querem fechar aquela passagem, que será de largura obra de sessenta léguas, ocupadas com ilhas, restingas e baixos, fica este trânsito em respeito do outro mar, que jaz entre estas duas terras, tam apertado e estreito com seus canais, que em seu modo lhe podemos chamar outro Cila e Caríbdis.

E ancora che avanti avessero notizia di tutta la terra vicina di quello riscatto, non ardivano però mai di passare il capo detto le Correnti, perciocché, come la isola di San Lorenzo, che giace all'ostro di questa costa Zanguebar, corre con sua longitudine quasi al lungo di essa per spazio di ducento leghe, e nel mezzo della parte di dentro butta di sé un cubito che risponde all'altro che fa il capo di Mozambique, li quali pare che vogliono serrar quel passaggio, che è di larghezza circa sessanta leghe, occupate con isole, secche e bassi diserte, di sorte che resta questo transito over passaggio (in comparazione all'altro mare che giace fra queste due terre) cosí ristretto con suoi canali che si potrebbe chiamar un altro Scylla e Caribde,

R. acrescenta o adjectivo *diserte* à descrição da paisagem de *isole, secche e bassi*. A ditologia sinonímica *transito over passaggio* tem mais valor retórico do que explicativo. R. acrescenta também um parêntese com valor de inciso para tornar o processo de comparação entre os dois braços de mar mais evidente.

[34] Ca são aqui as correntes tam grandes, que em breve apanham ua nau, e sem vento e sem vela a levam a parte em que corre os perigos de que os nossos navegantes são boa testemunha.

perciocché sono qui le correntie cosí grandi che in poco tempo aggirano una nave, e senza vento e senza vela la portano in luogo dove incorre nelli pericoli, delli quali li nostri marinari ne danno buona testimonianza:

Em vez de transmitir a ideia de apanhar, o R. escolhe o verbo *aggirare*, que nas *Navigazioni* é utilizado seja com o significado que hoje mantém de “adentrar-se, internar-se”, seja como variante morfo-sintáctica de *girare*, sem alterar o sentido global do enunciado; outra leve alteração vê-se na substituição de *navegantes* com *marinari*, que é muito mais comum na obra do que o imediato correspondente *naviganti*. *Marinari* é uma escolha antitoscana, sendo neste sistema linguístico constante “la riduzione ri > i [...], p. es.

lat. *area* > tosc. *aia* (altrove *ara*), *-arius* > tosc. *-aio* (altrove *-aro*)”:¹⁷ Romanini nota de facto que esta preferência é “molto probabilmente favorita dalla frequenza d’uso a Venezia”.¹⁸

[35] Da qual causa chamaram Cabo das Correntes àquela ponta
96v
que faz a terra firme oposta ao fim ocidental da Ilha São Lourenço, porque neste termo se espedem as águas mui furiosas e correm mui livres per largo campo de mar, como quem sai do cárcere de antre estas duas terras.

per la qual causa fu chiamato capo delle Correnti quella punta
che fa la terra ferma opposta al fine occidentale della isola di San Lorenzo, perché in questo termine cessano le acque della lor gran furia, e corrono molto più libere per largo campo di mare, come quelle che sono uscite dalla carcere di queste due terre,

Nas *Navigazioni* não há grande diferença de frequência entre a aqui situada *opposita* e a variante sincopada *opposta*. Interessante é a variação morfo-sintáctica proposta aqui por R.: se o texto de origem colocava *mui furiosas* como adjectivo de *águas*, a sua tradução dá à voz verbal *cessano* o sentido de “despedir-se, perder” e cria o sintagma *della lor gran furia*. As *águas* (do Cabo das Correntes) tornam-se num primeiro elemento de comparação, graças à introdução de *mais* e são contrapostas às *águas* dos oceanos em condições normais.

[36] De maneira que, não somente acham os mareantes nesta passagem diferença no curso das águas, mas ainda novos tempos de monção pera Levante e Ponente, ca todolos ventos se apanham no estreito de antre estas duas terras.

di sorte che non solamente trovano li marinari in questo transito over passaggio differenza nel corso dell'acque, ma ancora nuovi tempi di movimento del mare per levante e ponente, perché tutti li venti si raccolgono nello stretto di queste due terre.

Compreensível só se pensarmos numa medida retórica é a ditologia sinonímica *transito over passaggio*; aqui como com *cobiça* (per. 23), o segundo termo é a tradução mais óbvia. R. nao traduz *monção* com a indicação de ventos favoráveis, mas sim com a relacionada periodicidade dos mesmos, e com a ideia, igualmente existente no SL, de época do ano propícia à navegação. Regista-se mais uma leve modificação semântica com *raccogliono*, que fornece a ideia, ausente no B., de concentração.

[37] E como os mouros desta costa Zanguebar navegam em naus e zambucos coseitos com cairo, sem serem pregadiças ao modo das nossas, pera poderem sofrer o ímpeto dos mares frios da terra do Cabo de Boa Esperança, e isto ainda com moções e temporais feitos, e mais tem já experiência em alguas naus perdidas que esgarraram contra esta parte do Grande Oceano ocidental, não ousaram cometer este descobrimento da terra que jaz ao Ponente do Cabo das Correntes, posto

E come che li Mori di questa costa Zanguebar navighino con navi e zambuchi cuciti con cairo, senza esser inchiodati al modo delle nostre, per poter sopportar l'impeto delli mari freddi della terra oltra il capo di Buona Speranza verso l'antartico, e questo ancor con movimenti e tempi fatti, e più che hanno già esperienza in alcune navi smarrite, che vennero verso questa parte del grande oceano occidentale, non ardirono però mai di tentar questo discoprimto della terra che giace al ponente dal

¹⁷ Tagliavini 1972, p. 411.

¹⁸ Romanini 2007, p. 116.

que muito o desejassem, como eles confessam, principalmente os da cidade Quíloa, que foi a maior descobridor de todas as cidades daquela costa.

capo delle Correnti, ancora che molto lo desiderassino, come loro confessano, principalmente quelli della città Quiloa, che fu il maggior discoprimiento di tutte le città di quella costa,

R. utiliza estavelmente o lusismo *zambuco*, e de facto preocupa-se explicar o significado no momento da primeira ocorrência, que se situa na *Navigazion del capitano Pedro Alvares*, colocando uma das suas típicas ditologias explicativas: “[...] si mise in uno loro zambuco, cioè battello, e fece tanto che [...]”¹⁹. O mesmo faz com *cairo*²⁰, sempre em ocasião da primeira ocorrência, no *Libro di Odoardo Barbosa portoghese*: “[...] cuciono le tavole l'una con l'altra con corde fortissime di cairo, che è fil di cochi, [...]”²¹. R. banaliza a voz verbal de *esgarrar* em *vennero verso*, renunciando assim à ideia de desvio. R. fica fiel à palavra-chave *descobrimiento*, que de resto não é invulgar nas *Navigazioni*, e escolhe este termo também para expressar *descobridor*, trocando desta maneira a prosopopeia *Quíloa, que foi a maior descobridor* com a figuração de uma acção pertencente ao passado, e transformando o papel temático de agente no de tema.

[38] Porque dela se povoou grande parte da terra firme e das ilhas adjacentes, e alguns portos da Ilha São Lourenço, por ela estar situada quási no meio desta costa, ante a cidade Magadaxó e o Cabo das Correntes.

percioché da questa fu abitata e popolata gran parte della terra ferma e dell'isole vicine, e alcuni porti dell'isola di San Lorenzo, per esser situata quasi nel mezzo di questa costa, avanti la città di Magadaxo e il capo delle Correnti.

Vemos em *fu abitata e popolata* mais uma introdução de ditologia sinonímica de finalidade retórica, em que o segundo elemento retoma o étimo do signo barroiano, neste caso *povoar - popolare*.

[39] De maneira que abaixo e acima não lhe ficou cousa por correr, té se fazer senhora de Mombaça, Melinde e das Ilhas de Pemba, Zanzibar, Monfia, Cemora, e doutras muitas povoações que saíram dela pela potência e riqueza que teve depois que se fez senhora da Mina de Sofala, tendo quási tudo perdido ao tempo que nós descobrimos a Índia, com divisões que houve per morte dalguns reis dela, de que adiante faremos menção.

Di maniera che sotto e sopra non li restò cosa che non corresse e occupasse fin a farsi patrona di Mombaza, Melinde e dell'isola di Pemba, Zanzibar, Monfia, Comoro, e di altre molte popolazioni che uscirono di quella, per la possanza e ricchezza che ebbe dapoi che si fece patrona della mina di Cefala, la qual avevano perso nel tempo che noi discoprimmo la India per causa delle divisioni che avevano fra loro per la morte di alcuni re di quella.

O verbo *correr* tem aqui o significado de *lutar contra*, e R. parece não percebê-lo, pois o traduz com uma dictologia em que o primeiro elemento, e não, como é de hábito, o segundo, tem o mesmo étimo, e tal escolha revela-se fraca por o verbo *correr* não ter esta mesma valor no TL. Aqui temos um dos dois casos em que *povoações* não é traduzido com *abitazioni*, mas sim com um signo da mesma origem e construção etimológica. No final do período, temos uma das habituais antecipações interlocutivas barroianas, que R.

¹⁹ *Navigazioni*, vol. I, p. 431.

²⁰ *Décadas*, vol. I, p. 319, nota nº 1.

²¹ *Navigazioni*, vol. II., p. 173.

normalmente, e neste caso também, apaga. B. não altera os topónimos, se exceptuarmos a necessária alteração gráfica, foneticamente respeitosa, -ç- > -z- em *Mombaza*, e a criação do exónimo *Comoro*, que tem aqui a sua única ocorrência na obra.

[40] O sítio desta cidade Quíloa é em ua terra a qual, ainda que seja da costa da terra firme - Zanguebar,- o mar a foi torneando com um estreito, que a fez ficar em ilha.

Il sito della città di Quiloa è in una terra la quale, ancora che sia della costa della terra ferma Zamguebar, il mare l'andò girando con uno stretto che la fece restar isola.

Esta é a única ocorrência de *Zamguebar* grafado com a nasal bilabial; nunca se encontra sequer na *Ásia*; vista a semelhança existente entre os caracteres tipográficos das consoantes nasais, e o som parecido das mesmas, podemos pensar num erro acontecido no âmbito da impressão.

[41] Ela em si é mui fértil de palmeiras, com todalas árvores de espinho e hortaliças que temos em Espanha, e algua criação de gado grande e meúdo, com muitas galinhas, pombas, rolas e outro género de aves estranhas a nós.

Ella in sé è assai fertile di palme con aranzi, cedri, limoni ed erbe di orto che abbiamo in Spagna, e quantità di mandrie di pecore e buoi, con molte galline, colombi, tortore, e altra sorte di uccelli a noi non conosciuti.

R. propõe importantes alterações, como substituir os nomes colectivos por uma breve tentativa de enumeração: em vez de *todalas árvores de espinho*, R. escreve *aranzi, cedri, limoni*, que são de facto as três principais essências deste grupo, alcançando assim, em contrapartida, pelo menos um óptimo nível de clareza; em vez de *criação de gado grande e meúdo*, R. enumera só *pecore e buoi*, sem mencionar então os caprídeos.

[42] O geral mantimento é milho, arroz e outras sementes de raiz agricultadas, com muitas fructas agrestes, de que a gente pobre se mantém.

Il comun cibo è miglio zaburro, riso e altre semenze di radici piantate, con molti frutti salvatichi, di che la gente povera si mantiene.

R. mantém-se aqui fiel ao texto original; o milho é uma essência desconhecida na Itália, e portanto já na primeira ocorrência, ou seja na *Navigazione da Lisbona all'isola di San Tomé*, explica que “come entra il mese di agosto, cominciano a seminare il grano, che chiaman miglio zaburro, e in le Indie occidentali si chiama maiz”²².

[43] As águas dela são de poços e não mui sadias por a terra ser alagadiça e a cidade estar situada ao longo da ribeira que faz o esteiro, na frontaria da qual ele se

Le acque di quella sono di pozzi, non molto salutifere per esser la terra paludosa, e la città situata al lungo del fiume, che fa una staria, a dirimpetto della quale si slarga

²²*Navigazioni*, p. 575.

espraiou em maneira de baía.

a modo d'un porto.

Esterio é o alótropro inovador de *estuário*, tendo ambos origem do latim *aestuarium*; o R. nunca utiliza *estuário*, preferindo *foce*, e só raramente escolhe, como neste caso, *staria*, que é vocábulo do italiano antigo que indica a costa²³: talvez tenha ficado enganado pela semelhança fonética. Não se compreende por que razão traduziu *baía* com o mais específico *porto*, em vez do culto *sino* (como aliás fará no per. 28 do próximo capítulo) ou *golfo*, sendo sobretudo este último bastante vulgar nas *Navigazioni*.

[44] A maior parte das casas são de pedra e cal com seus eirados per cima, e nas costas quintais plantados de árvores de espinho e palmeiras, assi pera fresquidão e deleitação da vista, como pera uso do fructo que dão.

La maggior parte delle case sono di pietra e calcina, con le sue terrazze di sopra, e di fuori orti e giardini di arbori di aranzi e palmerie, le quali, sí per la verdura e delectazione della vista, come per uso del frutto che producono, aggradiscono la città.

R. decide alterar parcialmente a mensagem: suprime a referência à fresquidão, que é substituída por *verdura*, quase uma metonímia causa-efeito, e adiciona a proposição, disposta em forma de moldura, *le quali [...]aggradiscono la città*. Coerentemente com a alteração do período 41, aqui também evita reproduzir a expressão *árvores de espinho*; se *supra* enumera as três plantas principais, aqui limita-se aos *aranzi*, provavelmente por não querer resultar repetitivo, e confinando nas capacidades analógicas do leitor.

[45] E de quam largos estes quintais são, tam estreitas as ruas, por assi acostumarem os mouros por se melhor defender, ca tem alguas tam estreitas por cima, que dos eirados podem saltar de um em outro.

E quanto sono larghi e grandi questi orti tanto sono piú strette le strade, perché cosí costumano li Mori per defendersi meglio, perché usano di far le strade cosí strette che di sopra per li terrazzi si può passar da una banda all'altra.

A tradução é fidelíssima na primeira metade; algumas divergências encontram-se pelo contrário no fim, onde R. muda *podem saltar de um em outro* em *si può passar da una banda all'altra*, passando duma sexta pessoa a uma construção impessoal introduzida por *si*, banalizando o verbo *saltar* em *passar*, e acrescentando o substantivo *banda* (lado).

[46] A ua parte da qual cidade tinha el-Rei suas casas feitas a maneira de fortaleza, com torres, cubelos e todo outro modo de defensão, com porta pera serventia do mar, que vinha dar em um cais, e outra grande à ilharga da fortaleza que fazia rosto contra a cidade, pera serventia dela; diante da qual se fazia um grã terreiro onde estava a varação de naus, e no rosto dela era o

In una parte della qual città aveva il re fatto il suo palazzo a maniera di fortezza, con torri e bastioni e ogni altra sorte di difensione, con porte che servivano per andar al mare, e ad una gran fundamenta al lato della fortezza che voltava il volto contra la città, per servizio della quale vi era un spazio grande di piazza dove si avaravano le navi, e nella faccia di quella era il porto che le nostre navi

²³ Cfr. GDLI, voz *staria*.

pouso que as nossas tinham tomado.

avevano pigliato.

Não compreendemos por que razão B. mudou o número de *porta*; ainda mais estranhamente, suprime a referência ao cais e muda a colocação do sintagma *pera serventia dela*, que é colocado na proposição seguinte, graças também à supressão da preposição *dianete*: o significado resulta então levemente alterado. R. depois banaliza *pouso* em *porto*, sendo este signo não facilmente traduzível no TL, e finalmente reinsere o substantivo *navi*, que o B. subentende para dar maior valor patriótico ao pronome possessivo *nossas*.

[47] Das quais, assi por a polícia das casas, eirados e alcorões, como com as palmeiras e arvoredos dos quintais, parecia a cidade mui fermosa, dando aos nossos grande desejo de sair nela por quebrar a soberba daquele bárbaro, que toda aquela noite gastou em meter dentro na ilha frecheiros da terra firme.

Per il che, cosí per la civiltà delle case, terrazze e torri, come per la grandezza delli luoghi che hanno palme e arbori delli giardini, pareva la città molto bella.

R. traduz *alcorões*, signo fortemente polissémico, com *torri*, ou seja com a acepção mais invulgar; é difícil compreender se B. queria referir-se às “torre(s) da(s) mesquita(s)”²⁴ da cidade, ou ao “conjunto de regras fundamentais, de ensinamentos pelos quais se regula(va)”²⁵ a cidade; nesta última interpretação, *alcorões* seria o único elemento abstracto duma lista de objectos concretos, e portanto parece-nos enfim menos provável. R. cria do nada a menção da *grandezza delli luoghi* e apaga a segunda metade do período, que apresenta uma antecipação, desta vez com uma componente heróico-patriótica mais acentuada, sobre as futuras vicissitudes portuguesas.

²⁴ Cfr. DLPC.

²⁵ Ibi.

2. TRADUÇÃO DO CAPÍTULO PRIMEIRO DO LIVRO NONO

Título

Livro nono da primeira década da Ásia de João de Barros: dos feitos que os Portugueses fizeram no descobrimento e conquista dos mares e terras do Oriente, em que se contém o que fez Dom Francisco de Almeida, depois que entrou na Índia até o fim do ano de quinhentos e cinco, que deste reino partiu, no qual tempo já serviu com título de Viso-Rei

R. não traduz o título, pois se refere a todo o livro nono, e ele insere na sua antologia só os dois primeiros capítulos.

Rubrica

106r

Capítulo primeiro. Em que se descreve toda a costa marítima do Oriente com as distâncias que há entre as mais notáveis cidades e povoações per modo de roteiro, segundo os navegantes.

Capitolo primo del libro nono, nel quale si descrive tutta la costa maritima di levante, con le distanzie che sono fra le piú notabili città e abitazioni per maniera di pareggio, secondo li naviganti.

O tecnicismo *roteiro* é sempre traduzido com *pareggio*, ou com a sua variante fonética *parizzo* (veja-se período nº 60).

Texto

[1] Pera declaração da terra Malabar, que foi a primeira da Índia que Dom Vasco da Gama trilhou, na entrada que fez em Calecute, cidade metrópoli dela, fizemos em soma relação da província a que os antigos propriamente chamaram Índia dentro do Gange, e os naturais moradores Indostão; e depois, por causa do que Dom Francisco fez em Quíloa e Mombaça (segundo neste livro precedente fica), tratámos um pouco daquela terra Zanguebar onde elas estão situadas, que é parte da terra de África a que os geógrafos chamaram Etiópia sobre Egipto.

Per dichiarazione della terra di Malabar, ch'è stata la prima dell'India che don Vasco da Gama trovò nella entrata che fece in Calicut, città metropoli di essa, abbiamo fatto in summa relazione della provincia che li antichi propriamente chiamarono India dentro del Gange, e li nativi abitatori Indostan. E dipoi, per causa di quello che don Francesco Almeida fece in Quiloa e Mombaza, trattassemo un poco della terra di Zunguebar, dove elle sono situate, qual è parte dell'Africa che li geografi chiamarono Etiopia sopra Egitto.

Dom Francisco é nomeado aqui (e no período seguinte) pela primeira e única vez, no âmbito dos capítulos tirados da Ásia, e portanto R. acrescenta o indispensável apelido Almeida para esclarecer a identidade. B. já tinha mencionado o primeiro vice-rei da Índia no título, que R. não reproduz, talvez por

tratar-se duma antecipação concernente factos não incluídos na antologia, e então por ser desnecessária. R. suprime igualmente os parênteses que faz menção ao livro precedente. Zuanguebar deve ser um erro tipográfico.

[2] Ao presente, porque com a entrada dele, Dom Francisco de Almeida, na Índia, os mares orientais desta terra Ásia, começaram a ser lavrados com nossas naus e sentir sobre si o grave peso de sua potência, e os moradores da terra firme e do grã número das ilhas, filhas daquele Oceano, sendo sáfaros do nome cristão, submeteram seu intendmento em obséquio de Cristo per doutrina nossa, e todolos que sentiram e ouviram nossas armas, abaixaram seu pescoço ao jugo delas per amor e temor, convém, pera se entender o discurso destas obras, fazermos mais particular relação que a passada, declarando as cidades e principais povoações e portos da costa marítima desta parte oriental isto per modo de itinerário marítimo; ou, por falarmos conforme aos navegantes, será segundo eles usam na maneira de suas derrotas.

E perché con la entrata di esso don Francesco li mari orientali di Asia cominciorono a esser navigati dalle nostre armate e sentire il grave peso della sua potenza, e gli abitatori della terra ferma e del gran numero dell'isole figliuoli di quell'oceano, essendo ignoranti del nome cristiano, sottomessero il suo intelletto in servizio di Cristo per la nostra dottrina, e quanti che sentirono e udirono le nostre armi inchinorono il collo al giogo di esse per amore e per timore, però è necessario, accioché si intenda il discorso di queste opere, che facciamo piú particolare relazione, dichiarando le città e principali abitazioni e porti del lito maritimo di queste parti di levante. Questo per modo di itinerario maritimo, overo (per parlar come li naviganti) sarà secondo che loro usano nella maniera di pareggio.

Não percebemos o porquê da concordância *del gran numero dell'isole figliuoli di quell'oceano*, tratando-se talvez dum erro de cópia. R. escolhe traduzir *sáfaros* suprimindo a conotação negativa do termo que se refere a um estado bravo, selvagem ou rude, e adopta um adjectivo mais elegante como *ignoranti*. R. preocupa-se também com tornar o período mais compreensível, e então recusa a enorme parentética colocada por B. ao início, e a complexa estrutura sintáctica, que pode ser resumida como: “Ao presente, [parentética com várias proposições coordenadas e, no seu interior, mais uma parentética], convém, [final], [infinitiva], [modal], [coordenada da modal com, no interior, uma parentética].” R. prefere criar um período marcadamente paratático, e portanto a primeira parentética torna-se numa série de subordinadas, e a segunda num período autónomo.

[3] Porque, per modo de graduação como usamos em as távoas da nossa Geografia, lá se verá mais a olho verificada esta descrição, pois (como dissemos) aqui não serve mais que pera dar razão da história e não pera situação de lugares.

Perché per modo di graduazione, come noi usiamo nelle tavole della nostra geografia, si vedrà allora piú distintamente all'occhio verificata questa nostra descrizione, della qual (come abbiamo detto) non ci serviamo qui se non per dar ragione della nostra istoria, e non per dar la situazione de' luoghi.

Achamos interessante notar como R. não suprime este período, embora se trate dum detalhe que não tem grande utilidade nas *Navigazioni*; talvez R. queira aproveitar esta passagem para lembrar aos leitores como a sua obra não poderá ser, e de facto não será, exhaustiva no que concerne a Ásia meridional.

[4] Verdade é que dos lugares mais notáveis vai de uns a outros a sua distância pela altura que os nossos pilotos tomaram; mas os lugares do meio, é pela estimativa de singraduras, segundo a ordem da navegação deles, pois a matéria é dela.

Vero è che delli luoghi piú notabili vi è posta da questi in quelli la sua distanza per la latitudine, che li nostri pedotti tolsero; ma delli luoghi fra terra è per la stimativa, senza graduare, secondo l'ordine della loro navigazione, poi che la materia è di essa.

R. prefere, por óbvias razões, manter-se fidelíssimo ao B. nas passagens técnicas, e então aqui não altera nada.

[5] E começando em universal, a terra de Ásia é a maior parte das três em que os geógrafos dividiram todo o Universo, e aparta-se da Europa per o rio Tánais, a que agora os naturais dela chamam Dom, e per o Mar Negro, onde se ele vem meter, continuando ao de Grécia pelo estreito de Constantinopla; e da África aparta-se per outro rio opósito a ele, (o qual pela grã cópia de suas águas sempre reteve o antíguo nome de Nilo que tem) e per ua linha que se pode com o intendimento lançar deste Nilo pela cidade Cairo, metrópoli de todo Egipto, ao porto de Suez, que está no último seo do Mar Roxo, onde antigamente foi a cidade dos Héroas - a qual linha haverá distância de três jornadas de camelo, que podem ser ao mais vinte quatro léguas.

E cominciando in universali, la terra di Asia è la parte piú grande delle terre nelle quali li geografi hanno diviso tutto l'universo, e dividesi dalla Europa per il fiume Tanais, il qual al presente li paesani chiamano Don, e per il mare Negro, che viene a metter capo nel mare di Grecia per il stretto di Constantinopoli; e dell'Africa è divisa per un altro fiume opposto a lui, il quale per la gran quantità delle sue acque sempre ha ritenuto l'antico nome di Nilo, per una linea che si dee imaginar con l'intelletto dal Nilo per la città del Cairo, metropoli di tutto l'Egitto, fino al porto di Suez, ch'è nell'ultimo seno del mar Rosso, ove anticamente era la città delli Eroi: nella qual linea averà distanza di tre giornate di camello, che possono esser al piú 24 leghe.

Aqui também o R não faz grandes alterações: suprime a inútil pontualização *onde se ele vem meter*, e adiciona *che viene a metter capo nel mare*, onde recoloca ao lado do substantivo *Grecia* a menção do mar, que B. subentende. O termo *camello* no texto é muito mais frequente do que a variante com nasal geminada que agora se utiliza: a situação é a mesma também para o verbo *imaginar[e]*. Aqui vemos por fim como R. adopta às vezes, e sem uma lógica clara, uma figuração em cifras para as distâncias.

[6] Esta parte da Ásia, como é a maior em terra que as outras, assi contém muitas e várias nações de gente, uns que seguem a lei de Cristo, outros a seita de Mahamede, e os mais adoram o demónio na figura de seus ídolos, e outros que são do povo judaico; porque não há aí parte da terra onde esta cega gente se não ache, vaga, sem natureza ou assento, fazendo penitência sem se arrepende de sua contumacia.

Or questa parte di Asia, ch'è la piú grande che le altre due, contiene similmente molte e piú varie nazioni di genti, perciocché alcuni seguono la legge di Cristo, altri la setta di Maumetto, e la maggior di tutte adorano il diavolo in figura de' suoi idoli, e appresso il popolo ebreo (perché non è parte della terra dove questa cieca gente non si trovi vaga senza proprio luogo o abitazione, faccendo penitenzia né pentendosi mai della sua contumacia).

R. realiza com um parênteses o que B. apresenta de seguida no fim do período. Revela-se neste caso menos claro do que o habitual, introduzindo a proposição *né pentendosi mai della sua contumacia*, à qual B. dava uma estruturação nominal.

[7] E ainda estas quatro nações em crença, naquelas partes, são tam várias cada ua per si, que, falando propriamente, poucos são puros na observância do nome que cada um professa; com as quais nações os nossos, depois que entraram na Índia, começaram comunicar e contender per doutrina, comércio e armas.

Di queste quattro nazioni nella credulità sono tanto varie ognuna per sé che, parlando propriamente, pochi sono pari nelle osservazioni del nome del quale ciascuno fa professione; con le quali nazioni li nostri, dapoí che entrarono nell'India, cominciarono aver commercio e contendere per dottrina, contrastazione e armi.

Se no precedente capítulo (período nº 20) R. substituía *crente* por *credula*, aqui faz o mesmo com os relativos substantivos, e então temos, em vez do neutro *crença*, o conotativo *credulità*. Temos depois variações mínimas, como a substituição *professa - fa professione* e a alteração da ordem da lista no fim da frase: B. escreve *começaram comunicar e contender per [...] comércio*, R. pelo contrário põe em primeiro lugar o *commerzio*, e depois o *contendere per contrastazione*.

[8] E começando a dividir todo o marítimo desta Ásia, que ao presente faz ao propósito pera relação de nossas navegações e conquista, podemos fazer esta divisão em nove partes, em que a natureza a repartiu, com sinais notáveis,

E cominciando a divider tutta la costa maritima dell'Asia, la divideremo, per relazione delle nostre navigazioni e conquiste, in nove parti, nelle quali essa dalla natura è stata divisa con segni notabili,

106v

sem lançarmos linhas imaginárias, os quais sinais são mares, cabos e rios, e onde acaba a primeira parte começa a segunda, e assi sucessivamente.

senza metterli linee imaginative: li quali segni sono mari, promontorii e fiumi. E dove finisce la prima parte principia la seconda, e così successivamente.

R. remodela o começo do período, tornando-o mais elegante, e portanto apaga a relativa *que ao presente faz ao propósito* e substitui *podemos fazer esta divisão* pelo futuro de tipo volitivo *la divideremo*; em vez de cabos, que teria como tradução mais óbvia o etimologicamente equivalente *capo/i*, o qual aliás se encontra mais de mil vezes nas *Navigazioni*, R. propõe *promontorii*, menos frequente mas não invulgar.

[9] A primeira tem seu princípio na boca do estreito do mar a que propriamente chamamos Roxo, e acaba na boca do outro - Párseo; a segunda acaba na foz do Rio Indo; a terceira na cidade Cambaia, situada na mais interior parte da enseada do mar chamado do seu nome;

La prima adunque comincia nella bocca del stretto del mare Rosso e finisce nella bocca del Persico. La seconda finisce dove sbocca al fiume Indo nell'oceano. La terza nella città di Cambaia, posta nella piú interior parte del seno del mare chiamato dal suo nome. La quarta

a quarta começa no grande Cabo Comori; a quinta no ilustre Rio Gange; a sexta no Cabo de Cingapura, além da nossa cidade Malaca; a sétima no grande rio chamado Menão, interpretado mãe das águas, o qual corre per meio do reino de Sião; a oitava fenece em um notável cabo que é o mais oriental de toda a terra firme, que ao presente sabemos, a qual é quasi no meio de todo o marítimo da grande região da China, a que os nossos chamam Cabo de Liampó, por razão de ua ilustre cidade que está na volta dele, chamada pelos naturais Nimpó, da qual os nossos corromperam Liampó.

comincia nel gran capo Comorii. La quinta nello illustre fiume Gange. La sesta nel capo di Cingapura, oltra della nostra città di Malaccha. La settima nel gran fiume nominato Menan, interpretato “madre delle acque”, il qual corre per mezzo del regno di Siam. La ottava finisce in un notabile capo, ch'è piú orientale di tutta la terra ferma che adesso sappiamo, il quale è quasi in mezzo di tutta la costa maritima della gran regione di China, che li nostri chiamano capo di Liampò per ragione di una illustre città che è nella volta di lui, chiamata dalli nativi Nimpò, della quale li nostri hanno corrotto Liampò.

R. não altera nada; limita-se a transcrever os topónimos com ligeiras e inevitáveis alterações gráfico-fonéticas: em vez de *Menão*, *Menan*, e em vez de *Sião*, *Siam*. *Malaccha* está alternativamente presente nas *Navigazioni* com ou sem o grafema -h-.

[10] E toda a mais costa deste grande reino, o qual corre quasi ao Noroeste, fique pera este lugar de escritura com nome de nona parte, ainda per nós não navegada.

E tutto il restante della costa di questo grande regno, il quale corre quasi al maestro, restarà in questo luogo di scrittura con nome della nona parte, ancora da noi non navigata,

Diversamente do período nº 22 do capítulo precedente, aqui R. traduz *o mais* na sua acepção requerida, ou seja como *il restante*. Traduz depois mais um presente (*fique*) com um tempo futuro (*restarà*).

[11] Posto o que passemos ao Oriente dela, às Ilhas dos Léquios e dos Japões e à grande província de Meácó, que ainda por sua grandeza não sabemos se é ilha, se terra firme, continua a outra costa da China, as quais partes já passam por antípodas do meridiano de Lisboa.

benché passiamo piú avanti per levante fino alle isole delli Lequii e delli Iaponi e alla grande provincia Meacon, che ancora per la sua grandezza non sappiamo se sia isola o terra ferma continuata con l'altra costa della China, le qual parti già passano per antipodi del meridiano di Lisbona.

Mais uma vez, R. torna o texto mais fluente, e modifica ligeiramente a referência à China, com o adjectivo *continuata* que substitui a voz verbal *continua*. Não sabemos dizer porque R. não traduz *Japões* com um dos exónimos possíveis (*Zipangu* ou o mais frequente *Giapan*, ambos presentes várias vezes nas *Navigazioni*), mas escolhe uma transcrição fiel, que é um *unicum* na sua obra: talvez não tenha compreendido o termo.

[12] Da qual costa, não sabida dos navegantes, damos demonstração, e de todo o interior desta grande

Della qual costa non saputa dalli naviganti ne diamo chiara dimostrazione, e insieme di tutta la parte fra terra

provincia da China em as távoas da nossa Geografia, tiradas de um livro de Cosmografia, dos chins, impresso per eles, com toda a situação da terra e modo de itinerário, que nos foi de lá trazido e interpretado per um chi que pera isso houvemos.

della grande provincia della China, nelle tavole della nostra geografia, tolta da un libro di cosmografia delli Chini, stampato per essi, con tutta la situazione della terra in modo di itinerario, qual n'è stato portato e interpretato da un Chino condotto a noi per tal effetto.

R. altera um pequeno detalhe: em vez de *houvemos* (que na *Ásia* tem frequentemente, como também aqui, o sentido de “obter”), escreve *condotto a noi*, modificando ligeiramente a ligação entre o autor e a figura descrita.

[13] E tornado à primeira parte ocidental desta repartição, leixando o interior dos dous estreitos do Mar Roxo e Párseo pera seu tempo, da garganta deste Roxo, que está em altura de doze graus e dous terços, até a cidade Adem, cabeça daquele reino, haverá quorenta léguas, e dela ao Cabo de Fartaque, que está em catorze graus e meio, serão cem léguas.

Or, per ritornar alla prima parte verso ponente di questa partizione, lassaremo le parti fra terra fra li duoi stretti del mar Rosso e Persico. Dalla bocca adunque del mare Rosso, ch'è in latitudine di 12 gradi e duoi terzi, fino alla città d'Adem, capo di quel regno, vi sono 40 leghe, e da essa fin al capo di Fartache, che è in 14 gradi e mezzo, cento leghe;

R. apaga o inútil constituinte *pera seu tempo*; substitui o futuro epistémico *haverá* por um presente descritivo *vi sono*, e suprime, por analogia, a segunda voz verbal; por fim, em lugar de *altura*, temos *latitudine*, sendo esta a denominação corrente para relevos geográficos.

[14] Entre os quais extremos ficam estas povoações: Abiã, Ar, Canacão, Brum, Argel, Xael, cidade cabeça do reino, Herite, a cidade Caxém, que está sete léguas ante de chegar ao Cabo Fartaque; e, na volta dele, outro tanto espaço, está a cidade Fartaque, cabeça do reino, assi chamado de que o cabo tomou o nome e a gente fartaquis.

fra li quali estremi son queste abitazioni: Abiam, Ar, Canacam, Brum, Argel, Xael, città capo del regno, Herit, la città Cayem, che è sette leghe innanzi che si arrivi al capo Fartache, e nella volta di esso per altrettanto spazio la città Fartache, principal del regno cosí nominato, dalla qual il capo ebbe il nome, e le genti fartachini.

R. adopta as adaptações gráficas habituais, e modifica *Abiã* e *Canacão*; não percebemos por que razão substitui o -x- de *Caxém* por um -y-, talvez se trate dum erro involuntário, quiçá de origem tipográfica. Com um mecanismo igual ao etnónimo *Baduís* do período nº 22 (e *Abexis* do per. 15) do capítulo anterior, R. traduz *fartaquis* com *fartachini*, não esquecendo substituir o dígrafo -qu- pelo fonologicamente correspondente -ch-.

[15] E daqui té Curiá Muriá, duas povoações onde se perdeu Vicente Sodré haverá setenta léguas; e fica neste meio a cidade Dofar, frol donde há o melhor e mais

E di qui fin a Curia Muria, che son due abitazioni, dove si perse Vincenzo Sodre, vi sono settanta leghe, e resta in questo mezzo la città Dualfar, dove si trova il miglior

encenso de toda esta Arábia, e, adiante vinte duas léguas, Norbate. incenso e in maggior abbondanzia che in tutta detta Arabia; e piú oltra 22 leghe è Norbante.

R. traduz *Dofar* como *Dualfar*, embora esta cidade ocorra (na grafia barroiana) duas vezes na relação de *Andrea Corsali fiorentino allo illustrissimo principe [...] Lorenzo de' Medici* grafada como *Dufar*: deve tratar-se dum erro. Altera depois a formulação elíptica *melhor e mais encenso* em *miglior incenso e in maggior abbondanzia*, e não reproduz o substantivo *frol* (antiga variante de *flor*), que não só é marcadamente desnecessário, mas trata-se também duma metáfora não bem explicada e infelizmente colocada.

[16] De Curiá Muriá té o Cabo Rossalgate, que está em vinte dous graus e meio, e será de costa cento e vinte léguas, toda é terra estérele e deserta. Da Curia Muria fin al capo Razsalgate, che è in gradi 22 e mezzo, vi sarà di costa 120 leghe, ch'è tutta terra sterile e deserta.

Diversamente do período nº 13, aqui R. mantém o futuro epistémico do SL.

[17] Neste cabo começa o reino de Ormuz, e dele té o outro Cabo de Muçandão haverá oitenta e sete léguas de costa, em que jazem estes lugares do mesmo reino: Calaiate, Curiate, Mascate, Soar, Calajá, Orfacão, Doba e Lima, que fica oito léguas ante de chegar ao Cabo Muçandão, a que Ptolomeu chama Asaboro, situado per ele em vinte três graus e meio, e per nós em vinte seis, no qual acaba a primeira nossa divisão. In questo capo comincia il regno di Ormuz, e di là fin all'altro capo Mocandan potrà esservi 87 leghe di costa, nella quale sono questi luoghi del medesimo regno: Calayate, Curiate, Moscate, Soar, Calaya, Orfacam, Doba e Limma, ch'è otto leghe innanzi che si aggionga al capo Mocandam, quale Ptolomeo chiama Asaboto, situato da lui in gradi ventitre e mezzo e da noi in 26.

Não sabemos por que razão R. gemina *Lima*: talvez por querer marcar a diferença entre a presente *Lima*, cidade do Sião, e o apelido homógrafo, que se encontra várias vezes no *Viaggio in Etiopia di Francesco Alvarez*, sempre para indicar Rodrigo di Lima; *Calayate* também pode ser considerado um erro, sendo esta grafia um *unicum*, dado que temos nas *Navigazioni* o mesmo topónimo grafado cinco vezes com um -i- em lugar do -y-; talvez por analogia, muda *Calajá* em *Calaya*: talvez nestes casos queira facilitar a pronúncia ao leitor italo-fono, indicando com o -y- uma semivogal. Em *Mocandam* temos o -u- substituído por um -o-, mas isto não leva problemas, porque *Muçandão* e *Moçandão* ocorrem com a mesma frequência na Ásia, mas não percebemos porquê o R. não substituiu o -ç- com um -z-, similarmente ao que habitualmente faz com topónimos como *Mombaza* e *Mozambique*. Ainda, R. muda a tónica de *Mascate*, e o topónimo torna-se em *Moscate*, mas não percebemos o porquê.

[18] E a toda a terra que se compreende entre estes dous termos, os arábios lhe chamam Hiámene, e nós Arábia Félix, a mais fértil e povoada parte de toda Arábia. E qui finisce la prima nostra divisione. E tutta la terra che è compresa fra questi duoi termini, che gli Arabi chiamano Hyaman e noi Arabia Felice, è la piú fertile e

abitata parte di tutta l'Arabia.

Aqui, como no período anterior, R. insere na transcrição dum topónimo (Hiámene, neste caso) um -y-, que pode ser explicado só como indicação de pronúncia. R. prefere depois evitar o culto latim, e portanto traduz *Arábia Félix* em *Arabia Felice*.

[19] Atravessando deste Cabo Muçandão ao de cima, a ele opósito, chamado Jasque, com que a boca do estreito fica feita, entramos na segunda divisão, que é mui pequena e pouco povoada, porque deste Cabo Jasque até o ilustre Rio Indo são duzentas léguas, nas quais estão estas povoações: Guadel, Calará, Calamete e Diúl, situado na primeira foz do Indo, da parte do Ponente.

Traversando di questo capo Mocandam al capo di sopra a lui opposto chiamato lacquete, col quale la bocca del stretto Persico vien fatta, entrammo nella seconda divisione, che è assai picciola e poco abitata, perché da questo capo lacquete fino allo illustre fiume Indo sono 200 leghe, nelle quali sono queste abitazioni: Guadel, Calara, Calamete e Diul, situato nella prima foce dell'Indo dalla parte di ponente.

Como evidencia Milanesi²⁶, *lacquete* é uma errada transcrição de *Jasque*.

[20] A qual costa é pouco povoada, por o mais dela ser parcelada e de perigosa navegação e a terra per dentro quási deserto, chamada dos geógrafos Carmânia; e os párses contam esta parte na região a que eles chamam Heraque Ajão, na qual se contém os reinos de Macrão e Guadel, que cai sobre o cabo assi chamado.

La qual costa è poco abitata, per esser il piú di essa con seccagne e bassure e di pericolosa navigazione, e la terra per dentro quasi deserta, chiamata dalli geografi Carmania. E li Persiani mettono questa parte nella regione che loro chiamano Herac Aian, nella quale sono li regni di Macran e Guadel, che cade sopra il capo cosí nominato.

R. substitui um adjectivo genérico como *aparcclada* por uma descrição concreta e visual da costa, composta por *seccagne e bassure*; R. transcreve fielmente os topónimos, note-se a substituição do -j- por -i-, efectuada aqui em *Aian*, e no período seguinte com *Talajá*.

[21] Haverá cento e cinquenta léguas na terceira parte da nossa repartição (não entrando per dentro da enseada de Jaquete, por ser mui penetrante na terra), contando per esta maneira: da Foz de Diúl até a Ponta de Jaquete, trinta e oito léguas; e deste Jaquete, que é dos principais templos daquela gentildade com ua nobre povoação, té a nossa cidade Dio, do reino Guzarate, cinquenta léguas; na qual distância estão estes lugares: Cutiana, Mangalor,

Nella terza parte veramente della nostra partizione vi sono da 150 leghe (non entrando per dentro del sino di laquete, per esser molto penetrante fra terra), numerandole in questa maniera: dalla bocca di Diul fino alla punta di laquete 38 leghe, e da questo laquete, qual è delli principali tempii di Gentili, con una nobile popolazione, fino alla nostra città del Diu del regno Guzarate 50 leghe, nella qual distanza sono questi luoghi:

²⁶*Navigazioni*, p. 1062, nota nº 3.

Cheruar, Patão, Corinar; e de Dio, situado em vinte graus e meio, té a cidade Cambaia, que está em vinte dous graus, haverá cinquenta e três léguas em que se contém estes lugares:

107r

Mudrefabá, Mohá, Talajá, Gundim, Goga, cidade que está ante de Cambaia doze léguas, dentro dos quais extremos - desta cidade Cambaia e Jaquete - se compreende parte do reino Guzarate, com a terra montuosa dos povos resbutos.

Cutiana, Mangalor, Cheruar, Patan, Corinar; e dal Diu, posto in gradi venti e mezzo, fino alla città di Cambaia, ch'è in gradi 22, vi sono 53 leghe, dove si contengono questi luoghi:

Mudrefabà, Moha, Talaia, Gundim, Goga, città che sta piú avanti di Cambaia 12 leghe. Dentro delli quali estremi della città Cambaia e Jaquete si comprende parte del regno Guzarate, con la terra montuosa delli popoli rezbuti.

R. traduz *daquela gentilidade com di Gentili*, ou seja os oriundos pagãos, seguindo o mesmo étimo; adopta as habituais alterações gráfico-fonéticas, e utiliza o exónimo *Diu*.

[22] A quarta parte desta nossa divisão começa na cidade Cambaia e acaba no ilustre Cabo Comori, na qual distância por costa haverá duzentas e noventa léguas, pouco mais ou menos, em que se compreende quasi toda a frol da Índia a mais trilhada de nós.

La quarta parte di questa nostra divisione principia nella città di Cambaia e finisce nello illustre capo Camori, nella qual distanza per costa vi sono ducentonovanta leghe, poco piú o manco, dove si comprende quasi tutto il fior dell'India, ch'è la piú frequentata parte da noi,

R. mantém-se aqui fidelíssimo a B.

[23] A qual podemos dividir em três partes com dous notáveis rios que a atravessam do Ponente a Levante: o primeiro divide o reino Decão (a que corruptamente os nossos chamam Daquem) do reino Guzarate, que lhe fica ao Norte; o segundo aparta este reino Decão do reino Canará, que fica ao Sul dele.

la qual potemo divider in tre parti, con duoi notabili fiumi che la traversano da ponente in levante. Il primo divide il regno di Decan (che corrottamente li nostri chiamano Daquem) dal regno Guzarate, che li resta alla tramontana; il secondo divide questo regno Decan dal regno Canaran, che resta all'ostro di quello.

Em relação à dicotomia *Decão - Daquem*, Cidade nota como “não há propriamente corrupção”²⁷, porque “ambas as formas são justificadas na pronúncia local”²⁸. Nas *Navigazioni*, o pronome pessoal oblíquo -li-, aqui presente, se alterna, em distribuição complementar, com a versão palatalizada -gli-, havendo assim uma certa “permanenza di incertezza sulla forma di questo elemento grammaticale”²⁹. R., ou provavelmente a tipografia, enganada pela assonância com o topónimo precedente, introduz erradamente uma nasal no fim de *Canará*, que aliás estará presente várias vezes na grafia correcta nos seguintes

²⁷ *Décadas* vol. I, p. 354, nota nº 8.

²⁸ *Ibidem*.

²⁹ Romanini 2007, p. 122

períodos (per.s 24 e 29). R. não tem medo de repetir duas vezes, a distância reduzida, a voz verbal *resta*, que é de qualquer forma a solução mais óbvia, e a sua preferida, para traduzir o verbo *ficar*.

[24] E ainda parece que, como a natureza fez esta divisão pelo interior do sertão, assi acerca dos que habitam o marítimo de toda esta costa, per outros rios mui pequenos que nascem nas costas destes dous notáveis, fazem a mesma demarcação do Guzarate, Decão e Canará.

E secondo che pare che la natura facesse la sopradetta divisione per l'interior della terra ferma, cosí anco appresso di quelli che abitano la parte maritima di tutta questa costa fece il simile, con altri fiumi assai piccioli che nascono nelle coste di queste duoi notabili divisioni, distinguendo il regno di Guzarate, Decan e Canará.

R. torna mais evidente o paralelismo posicionando no centro do período predicado verbal e constituinte *fece il simile*, e coloca no fim uma proposição paratáctica gerundiva que ilustra o segundo elemento de comparação.

[25] E assi os pequenos como os grandes, todos vertem da grande serra chamada Gate, que, como atrás vimos, corre ao longo da costa, sempre a vista do mar; però tem esta diferença, que os grandes nascem no Gate da banda do Oriente, e porque das suas fontes ao mar onde eles vão sair, que é na enseada de Bengala, há grande distância levando consigo o grande número de outros rios, passam não somente per estes reinos acima nomeados que eles dividem, mas ainda per outros que não nomeamos, que por serem no interior da terra não servem ao presente.

E cosí questi piccioli fiumi come li grandi, tutti vengono dalla grande montagna chiamata Gate, che, come già abbiamo detto, corre al lungo della costa sempre a vista del mare; però hanno questa differenza, che li grandi nascono nel Gate dalla banda di levante, e conciosiacosaché dalle sue fonti fino al mare dove sboccano, che è nel colfo di Bengala, vi è grande distanza, portando seco gran numero di altri fiumi, e passano non solamente per li regni sopra nominati, ma ancora per altri non nominati da noi, che per esser nelle interior parti della terra non servono in questo luogo.

R. mantém-se fiel ao texto de origem, e substitui só a voz verbal na forma finita *nomeamos* pela infinitiva *nominati*, e a parentética *como atrás vimos* com a de significado equivalente *come già abbiamo detto*.

[26] O primeiro destes rios nasce de duas fontes ao Oriente de Chaúl, quási per distância de quinze léguas em altura, entre dezoito e dezanove graus: ao rio que sai de ua das fontes que jaz mais ao Norte chamam Crusná e ao que sai da que está ao Sul Benhorá, e depois que se ajuntam em um corpo chamam Gange, o qual vai sair na foz do illustre Rio Gange, entre estes dous lugares Angeli e Picholda, quási em vinte dous graus.

Il primo di questi fiumi nasce da duoi fonti al levante da Chaul, quasi per distanza di quindici leghe in latitudine, fra disdotto e disnove gradi: e il fiume che nasce da una di dette fonti che giace piú alla tramontana chiamano Crusuar, e quel che nasce da quella che sta all'ostro Benhora. E dappoi che sono congiunti in un corpo sono chiamati Ganga, e va a sboccar nella foce dello illustre fiume Gange, fra duoi luoghi detti Angeli e Picholda, quasi in ventidui gradi.

R. altera, aparentemente sem razões específicas, a grafia de vários topónimos: Crusná torna-se Crusuar (erro de leitura?), Angeli torna-se Angelii (hipercorrectismo ou desejo de diferenciação entre o substantivo corrente?) e, pelo contrário, não transcodifica o dígrafo -nh- de Benhorá.

[27] E porque com a cópia das muitas águas que leva, em que parece querer competir com o Gange, ou per qualquer outra opinião do gentio, como ao Gange eles chamam Ganga, e tem que as suas águas são santas (segundo adiante veremos), assi a este outro de que falamos chamam Ganga, e dizem ter a mesma santidade; donde vem que os príncipes mouros, per cujas terras ele passa, tem grande rendimento de suas águas, porque não consentem que o gentio que se nelas quere lavar o faça sem pagar um tanto.

E perché con l'abbondanzia delle molte acque che con lui porta, nel che appare che 'l vogli compararsi col Gange, ovvero per qualche altra opinione della gente, sí come il Gange, cosí chiamano anco questo Ganga, e pensano che le sue acque siano sante come sono quelle del Gange, onde advien che li principali Mori signori delle terre dove passa questo Ganga riscuotono grande entrata delle sue acque, percióché non consentono che la gente che in esse si vuol lavar lo faccia senza pagar certa quantità di danari.

O período resulta contorcido em ambas as versões; R. traduz fielmente, e limita-se a suprimir a parentética desnecessária *segundo adiante veremos* e a evitar a repetição da santidade das águas do rio apagando a proposição *dizem ter a mesma santidade*; por fim eleva o grau de precisão, passando de *sem pagar um tanto* a *senza pagar certa quantità di danari*.

[28] E quási na mesma paragem das fontes desta serra Gate verte outra pera o Ponente, que faz um pequeno rio chamado Bate, que sai na baía de Bombaim, per o qual demarcam o reino de Guzarate do reino Decão.

E quasi nel medesimo contorno delli fonti di questa montagna Gate, vi è un altro verso ponente che fa un picciolo fiume chiamato Bate, che esce nel sino di Bombaim, per il quale si divide il regno di Guzarate dal regno Decan.

Aqui, diversamente do período nº 43 do precedente capítulo, R. traduz *baía* com *sino*; todos os topónimos não sofrem alterações, se exceptuarmos a transposição do tilde mediante uma nasal alveolar em *Decan*.

[29] E pelo mesmo modo outro rio pequeno que verte do Gate pera o Ponente, ao qual chamam Aligá, onde está situada a fortaleza Cintacorá, que sai defronte da Ilha Anchediva em altura de catorze graus e três quartos: está encontrado pela parte do Oriente com outro grande rio que dissemos que aparta o reino Decão do Canará, porque neste pequeno Aligá se faz a divisão deles.

E per il medesimo modo un altro picciol fiume che scende dal Gate verso ponente, chiamato Aliga, dove è la fortezza Sintacora, e sbocca per mezzo dell'isola di Anchediva in gradi 14 e mezzo, vien incontrato dalla parte di levante con quell'altro gran fiume che abbiamo detto che divide il regno Decan dal Canará, perché con questo picciolo Aliga si fa la divisione loro.

Se no texto português vemos a alternância Cintacorá - Sintacora, R. normaliza e adopta sempre esta última versão. Neste caso não intervém no texto, embora B. seja aqui também algo confuso: a proposição *porque neste pequeno Aligá se faz a divisão deles* é introduzida por um conectivo incoerente com o significado e tem no fim o constituinte *deles* que merecia ser substituído pela formulação extensa dos topónimos subentendidos.

[30] Porém em nascimento deste grande rio chamado Nagundi ao do outro Ganga há esta diferença: não ter aquele a religião das águas; e mais nasce quasi na paragem do Gate que está sobre Cananor e Calecute e vai correndo ao longo dele contra o Norte; e como é defronte do rio Aligá, faz um cotovelo e toma outro curso pera Oriente, e passa per a metrópoli Bisnagá e per terras de Orixá té sair na enseada de Bengala per duas bocas entre dezasseis e dezassete graus, onde estão duas cidades - Guadevari e Masulipatão, em que se faz muita roupa de algodão, que ora vem dela, que tem o mesmo nome.

Però nel nascimento di questo gran fiume chiamato Nagundii al nascimento dell'altro Ganga ci è questa differenza, che non ha quella religione dell'acque, e di piú che nasce quasi nel contorno del Gate che sta sopra Cananor e Calicut e va correndo al lungo di quello verso la tramontana, e quando è per mezzo del fiume Aliga fa una volta e piglia un altro corso verso levante, e passa per la metropoli di Bisnagar e per le terre di Orixá e va ad uscir nel seno di Bengala con due bocche fra 16 e 17 gradi, dove stanno due città, Guadevarii e Masulipatam, dove si fanno molti drappi di cotton, che al presente vengono condotti di là e hanno il medesimo nome.

R. banaliza *cotovelo* com *volta*; substitui *Bisnagá* pela variante, presente também na Ásia, que termina por líquida *Bisnagar*.

[31] E tornando à primeira destas três demarcações de reinos que é a do Guzarate, e começando da sua cidade Cambaia, onde acabamos a terceira divisão ao rio Bate, ou, por falar mais notavelmente, ao de Nagotana, a ele vizinho, haverá setenta léguas, em que estão estas povoações: Machigão, Gandar, a cidade Baroche, onde vem sair um notável rio chamado Narbadá, e adiante oito léguas sai outro também notável, per nome Tapeti, na foz do qual, ua defronte doutra, estão as cidades Surate e Reiner.

E ritornando alla prima di queste tre divisioni de' regni, ch'è quella del Guzarate, e cominciando dalla sua città di Cambaia, dove abbiamo finito la terza divisione, al fiume Bate, overo, per parlar piú notabilmente, a quello di Nogotava a lui vicino, vi saran da settanta leghe, con queste abitazioni: Machigam, Gandar, la città di Baroche, dove vien a uscir un fiume notabile chiamato Narbada, e oltra otto leghe esce un altro fiume notabile chiamato lapetii, nella foce del quale una per mezzo l'altra son poste le città Surat e Reiner.

O topónimo *Nagotana* provavelmente sofreu um erro de transcrição, sendo este conhecido, e grafado na Ásia, também como *Nogotana*, e portanto a substituição -n- para -v- não foi intencional. *Tapeti*, que aliás está presente na Ásia também nas formas *Tap(t)i*, além da anómala alteração da inicial, vê a vocal final, que é também tónica, reduplicada: o mesmo acontece no período nº 26 a *Angeli*. *Surate*, pelo contrário, é normalizado em *Surat*, sendo esta a versão mais frequente em B.

[32] Seguindo mais a costa, estão Nosçari, Gandevi, Seguitando piú oltra la costa sono Noscarii, Gandivi,

Damão, Danu, Tarapor, Quelmaim, Agacim e Baçaim, onde ao presente temos ua fortaleza com as terras de sua jurisdição, que na paz nos pagam de rendimento cem mil pardaus, que são da nossa moeda trinta e seis contos.

Daman, Danu, Tarapor, Quelmaim, Agacim e Bacaim, dove al presente abbiamo una fortaleza com le terre di sua iurisdizione, che nella pace ne pagano d'entrata centomillia pardaos, che vagliono di nostra moneta novantamillia crociati.

Vemos aqui a flexibilidade da abordagem que R. tem com os topónimos: tendo *Nosçari e Gandevi*, acrescenta ao primeiro um segundo -i- no fim do signo, e substitui (normalizando-o) o segundo pela forma, igualmente presente na *Ásia, Gandavi*. R. traduz a indicação em contos para uma em cruzados, sendo estes mais próximos da moeda homóloga veneziana (os áureos *ducati*) e da original menção em pardaus.

[33] E adiante treze léguas, em altura de dezoito graus e dous terços, está a cidade Chaúl, onde temos outra fortaleza que já é da segunda demarcação do reino Decão; porque atrás ficam estas povoações Maim, Nagotava, que será de Chaúl quatro léguas, e ua ao rio

E oltre tredici leghe, in gradi disdotto e un terzo, sta la città di Chaul, dove abbiamo un'altra fortaleza, che già è della seconda divisione del regno Decan, perché adietro restano queste abitazioni: Maim, Nagotaua, che saranno lontane da Chaul quattro leghe, e una appresso il fiume

107v

Bate, que é o extremo do reino (segundo dissemos).

Bate, che è in la estrema parte del regno (come abbiamo detto).

É interessante ver como na *Ásia* a cidade Chaúl fica em *dezoito graus e dous terços*, e R. diminui a colocação para *disdotto e un terzo*: tinha ele informações mais precisas ou, mais provavelmente, omitiu inadvertidamente parte do texto? Aqui como no período nº 31, R. traduz *adiante* com *oltra*; esta preposição é traduzida também como *più oltra*, nos períodos n.os 15 e 79, e como *più innanzi* nos n.os 84 e 92.

[34] Tornando a fazer outra computação desta cidade Chaúl até o Rio Aligá de Cintacorá, em que acaba a terra Decão, haverá setenta e cinco léguas: ao rio Zanguizar vinte cinco, no qual espaço ficam Bandor, Sifardão, Calanci e a cidade Dabul; e do rio Zanguizar a outras, vinte cinco léguas, onde está o pagode, se contém: Ceitapor, Carepatão, Tamaga; e deste pagode a Cintacorá onde fenece o Decão, que são as outras vinte cinco, estão Banda, Chaporá e a nossa cidade Goa, metrópoli episcopal da Índia.

Ritornando a far altra computazione, da questa città di Chaul fin al fiume Aliga di Sintacora, dove finisce la terra di Decan, vi sarà settantacinque leghe, in questo modo: al fiume Zanguizar venticinque, nel qual spazio stanno Bande, Sifardam, Calancii e la città Dabul; item dal fiume Zanguizar per altre venticinque leghe, dove è il pagode, si contengono Ceitapor, Carapatam, lamaga; e da questo pagode fin a Sintacora, dove finisce il Decan, che sono le altre venticinque, son poste Banda, Capora e la nostra città di Goa, metropoli episcopale dell'India.

Como no período nº 31, R. (ou os artesãos da tipografia) confunde o -t- de *Tamaga* com um -i-, grafando então *lamaga*; traduz *Bandor* como *Bande*, eliminando assim a líquida final.

[35] E posto que no rio Aligá de Cintacorá, que está mais adiante doze léguas, se demarque o reino Decão, começando do rio Bate, como dissemos, fazem os moradores da terra esta diferença: a todo o marítimo que contamos até a serra Gate, que vai ao longo da costa com que ele faz ua comprida e estreita faixa de terra, chamam eles Concão, e aos povos propriamente conquenís, posto que os nossos lhe chamam canaris; e a outra terra que jaz do Gate pera o nascimento do Sol, este é o reino Decão, cujos moradores se chamam decanis.

E ancora che nel fiume Aliga di Sintacora, che è piú oltre 12 leghe, si divide il regno Decan, cominciando dal fiume Bate (come abbiamo detto), fanno nondimeno gli abitatori della terra questa differenza, che tutta la parte maritima, che contamo fino alla montagna Gate, che va al lungo della costa, con che lei fa una lunga e stretta fascia di terra, chiamano loro Concan, e li popoli propriamente chiamano Conquenini, ancora che dalli nostri sian chiamati Canarini; e all'altra terra che giace dal monte Gate verso il nascimento del sole, che è il regno Decan, gli abitatori sono chiamati Decanini.

Embora seja verdade a afirmação de Romanini, segundo o qual “alla prima persona [do presente do indicativo] Ramusio uniforma sulla desinenza -iamo, eliminando le desinenze -amo, -emo”,³⁰ aqui temos uma sobrevivência da terminação anterior -amo em *contamo*. R. adopta, como é hábito, o sufixo -ino(/i) para todos os etnónimos aqui apresentados, ou seja Conquenini, Decanini e Canarini.

[36] A terceira demarcação, que divide a província Canará do Decão, acaba no Cabo Comori, começando do rio Aligá, em que haverá cem léguas, per esta maneira: de Aligá té outro rio chamado Cangerecorá, que está cinco léguas ao Norte do Monte de Eli, cabo notável nesta costa, haverá quarenta e seis léguas.

La terza divisione che divide la provincia Canarà del Decan finisce nel capo Comorii, principiando dal fiume Aliga, dove vi saran cento leghe, per questa maniera: da Aliga fin ad un altro fiume nominato Cangerecora, che è cinque leghe alla tramontana del monte Delii, capo notabile in questa costa, vi saran quarantasei,

R. normaliza *Eli*, que se encontra na Ásia também como *Li* e *Deli*, adoptando esta última versão, que aliás aparece mais seis vezes nas *Navigazioni*.

[37] No qual marítimo jazem estas povoações: Ancolá, Egorapã, Mergeu, a cidade Onor, cabeça do reino, Baticalá, Bendor, Bracelor, Bacanor, Careara, Carnate, Mangalor, Mangueirão, Cumbatá e Cangerecorá, per que corre um rio deste nome que é extremo e demarcação, como se verá abaixo.

nella qual costa vi sono queste abitazioni: Ancola, Egorapam, Mergeu, la città di Onor, capo del regno, Baticala, Bendor, Bracelor, Bacanor, Carcara, Carnate, Mangalor, Mangeiron, Cumbata e Cangerecora, per la qual corre un fiume di questo nome, che è la estrema divisione, come si vederà a basso.

R. transcodifica a tilde diacrítica acrescentando um -m- final a *Egorapã* (>*Egorapam*), fazendo o mesmo com os topónimos *Machigão* (>*Machigam*) no período nº 31 e *Carepatão* (>*Carepatam*) no nº 34. Menos filológico revela-se no entanto com *Mangueirão*, que se torna *Mangeiron*: aqui de facto altera o ditongo

³⁰ Romanini 2007, p. 125.

tónico e não tem em conta o som [g] requerido pelo dígrafo -gu-, que é banalizado no grafema -g-. Em *Careara* provavelmente troca sem querer o -e- por um -c-, grafando ele *Carcara*.

[38] As quais povoações todas são da província Canará, súbditas a el-Rei Bisnagá, que, sendo tam poderoso em terra que participa de dous mares deste Ponente e do outro de Levante, que jaz do Cabo Comori pera dentro, entra somente aqui com este pequeno marítimo.

Le quali abitazioni tutte sono della provincia Canarà, suddite al re di Bisnagar, qual è tanto potente di paese che participa di duoi mari, cioè di questo ponente, e dell'altro di levante che giace del capo Comorii per dentro, entra solamente qui con questa picciol parte maritima.

Aqui R. não faz nenhuma alteração, e mantém a estrutura algo fragmentária do enunciado.

[39] E como do Gate pera o mar, ao Ponente do Decão, toda aquela faixa se chama Concão, assi do Gate pera o mar, ao Ponente do Canará, tirando estas quorenta e seis léguas, que ora contamos que são do mesmo Canará, aquela faixa que fica té o Cabo Comori, que será de comprimento noventa e três léguas, se chama Malabar, em que há estes reis soberanos, sem ser súbditos a outro maior príncipe.

E secondo che dal Gate verso il mare al ponente del Decan tutta quella fascia è chiamata Concam, cosí dal Gate verso il mare al ponente del Canarà (eccetto queste quarantasei leghe che ora contamo, che sono del medesimo Canarà) quella fascia che resta fino al capo Comorii, che sarà di lunghezza novantatre leghe, si chiama Malabar, nel qual sono questi re grandi, né riconoscono alcun superior principe.

Similarmente ao período nº 35, aqui temos a mesma voz verbal *contamo*, então com a mesma desinência não normalizada. Perante uma formulação barroiana límpida, R. expressa-se pelo contrário de maneira pouco clara, escrevendo *nel qual sono questi re grandi, né riconoscono alcun superior principe*, omitindo o operador relativo.

[40] O marítimo das quais noventa e três léguas iremos contando com a divisão dos reinos que vem confrontar nela.

La maritima parte delle quali novantatre leghe andaremo contando, con la divisione delli regni che vengono a confrontarsi in essa.

O aqui presente *andaremo* encontra-se nas *Navigazioni* em distribuição complementar com a mais rara versão sincopada *andremo*, sendo hoje-em-dia a única aceite; já acenamos várias vezes à preferência do tradutor pelas formas extensas.

[41] Do rio Canherecora, donde começa a região Malabar, té Puripatão, que serão per costa vinte léguas, é do reino Cananor, em que há estes lugares: Cota, Coulão,

Dal fiume Cangerecora, dove principia la regione Malabar, fin a Puripatan, che saranno per costa venti leghe, è del regno Cananor, dove sono questi luoghi:

Nilichilão, Marábia, Bolepatão, Cananor, cidade onde temos ua fortaleza, a qual está em doze graus, Tramapatão, Chombá, Maim e Purepatão.

Cota, Coulam, Nilichilam, Marabia, Bolepatan, Cananor città, dove abbiamo una fortezza, la qual è in dodici gradi; Tramapatán, Chomba, Maim e Puripatan.

R. não podia não normalizar a flutuação Puripatão - Purepatão, que, encontrando-se no mesmo período, poderiam até dar a impressão de se tratar de localidades distintas; adopta depois as habituais modificações gráfico-fonéticas.

[42] E daqui té Chatuá corre o reino de Calecute, que poderá ser per costa vinte sete léguas, e tem estas povoações: Pandarane, Coulete, Capocate, a cidade Calecute, que está em onze graus um quarto, e abaixo Chale, onde ora temos ua fortaleza, Parangale, Tanor, cidade e cabeça do reino súbdito ao Samori, Panane, Baleancor e Chatuá, em que ele acaba e entra o reino de Cranganor, que por ter pouca terra logo com ele vezinha el-Rei de Cochi, cujo reino acaba em Porcá, também de poucas povoações, por não ter portos em espaço de catorze léguas que tem de comprimento.

E di qui fin a Chatua corre il regno di Calicut, che potrà esser per costa ventisette leghe, e ha queste abitazioni: Pandarane, Coulete, Capocate, la città di Calicut, che è in gradi undici e un quarto, e a basso Chalé, dove adesso abbiamo una fortezza; Parangale, Tanor, città e capo del regno suddito al Camori; Panane, Baleancor e Chatua, dove lui finisce ed entra il regno di Cranganor, che, per aver poca terra, si avvicina con lui il re di Cochin, il cui regno finisce in Porca, ed è di poche abitazioni, perché non ha porti in spazio di quattordecì leghe che ha di longitudine.

R. mantém-se aqui fidelíssimo ao B., e não altera os topónimos, senão nas modalidades habituais.

[43] A qual cidade Cochi, cabeça do reino do seu nome, ao tempo que entramos na Índia era tam pouca cousa que não tinha força pera resistir a potência do Samori de Calecute e ora, com favor nosso, não somente é feita ua magnífica cidade em templos, edificios e casas mui sumptuosas dos nossos naturais, que ali fizeram sua vivenda, governando a terra per as leis e ordenações deste reino de Portugal, como cada ua das cidades dele, mas ainda o rei natural da terra e seus súbditos são feitos, com nossa comunicação, poderosos em riquezas e potência para resistir a todo Malabar, por lhe serem mui sujeitos aqueles príncipes e senhores do reino a que eles chamam Caimais (que, como atrás vimos, foram mui revéis ao Rei).

La qual città di Cochin, capo del regno di suo nome, al tempo che entrammo nell'India era cosí poca cosa che non avea forze per resistere alla potenza del Camorii di Calicut, e ora col favor nostro non solamente è fatta una magnifica città in tempìi, edificii e case molto sontuose delli nostri Portoghesi che lbi hanno fatta la sua abitazione, governando la terra secondo le leggi e statuti del regno di Portogallo, come fa ciascuna delle città di quello, ma ancora il re naturale della terra e i suoi sudditi sono fatti col nostro commercio ricchi e abbondanti di facultà, e potenti per resistere a tutto il Malabar, per esserli molto soggetti quelli signori e principi del regno che loro chiamano caimaes .

R. traduz *poderosos em riquezas e potência* com *ricchi e abbondanti di facultà, e potenti*, ou seja reduplica a noção de riqueza com uma ditologia sinonímica, e coloca no fim o adjectivo ligado à ideia de poder; apaga como é hábito o parênteses que contém as habituais alusões intratextuais.

[44] Seguindo mais adiante nossa descrição, de Porcá té Travancor está o reino de Coulão, que terá per costa vinte léguas, cujas povoações são: Cale Coulão, onde temos ua fortaleza, Rotará Berinjão e outras povoações e portos de pouco nome.

Seguendo piú oltra nella nostra descrizione, da Porca fin a Travancor è il regno di Coulam, che averà per costa venti leghe. Le sue abitazioni sono Cale Coulam, dove abbiamo una fortezza, Rotorá Beriniam, e altre abitazioni e porti di poco nome.

R. mantém-se aqui extremamente fiel a B.

[45] E no lugar de Travancor, em que este reino de Coulão acaba, começa outro intitulado do mesmo Travancor, a que os nossos chamam o Rei grande, por ser maior em terra e majestade de seu serviço que estes passados do Malabar, o qual é súbdito a el-Rei de Narsinga.

E nel luogo di Travancor, dove questo regno di Coulam finisce, comincia un altro intitolato del medesimo Travancor, e questo li nostri chiamano il re grande, per esser di maggior paese e maestà di obediencia de' suoi sudditi che non son gli altri passati de Malabar, il qual è suddito al re di Narsinga.

Romanini salienta a predileção do R. pelas formas extensas, dando como exemplo a substituição “medesmo VAR27r > medesimo R165V”³¹: temos de facto várias vezes, também neste capítulo, este último signo, nos períodos 28, 29, 30 e 56; o aqui presente *medesmo* tem que ser considerado então como excepção, talvez causada no processo de impressão. O tradutor também acrescenta a *maestà di obediencia* o detalhe *de' suoi sudditi*.

[46] Junto ao qual Travancor está o notável e ilustre Cabo Comori, que é mais austral terra desta província

Appresso del qual Travancor sta il notabile e illustre capo Comori, che è la piú austral terra di questa provincia

108r

Industão ou Índia-dentro-do-Gange, o qual está da parte do Norte em altura de sete graus e dous terços, a que Ptolomeu chama Cori, e põe em treze e meio.

Indostan o India dentro del Gange, il qual è dalla parte de tramontana in latitudine di gradi sette e duo terzi: e questo Ptolemeo chiama Cori, e lo mette in gradi tredici e mezzo,

Como habitual, R. traduz *altura* com *latitudine*; neste caso, não altera a ditologia sinonímica *notável e ilustre*.

[47] E não somente deste cabo mas da sua Tapobrana a que nós chamamos Ceilão, que está defronte dele, em seu lugar faremos mais particular relação: basta ao presente saber que neste cabo fenecem os reinos do

e in esso finiscono li regni del Malabar; e questo è l'altro termine che fece la natura, il quale noi pigliamo per fine della quarta divisione di questa terra maritima di Asia.

³¹ Romanini 2007, p. 118.

Malabar, e ele é o outro termo que a Natureza fez, o qual nós tomamos por fim da quarta divisão desta terra marítima de Ásia.

R. suprime toda a primeira parte do período, em que se faz menção à ilha de Ceilão, da qual promete fazer *mais particular relação*.

[48] E navegado deste Cabo Comori per fora da Ilha Ceilão contra o Oriente, per distância de quatrocentas léguas, segundo os navegantes, e não per situação geográfica, está outro tam illustre cabo com outra mais notável ilha, ao qual juntamente com ela Ptolomeu chama Áurea Quersoneso.

E navigando da questo capo Comori per fuora della isola Ceilam verso levante per distanza di quattrocento leghe, secondo li naviganti e non per situazione di geografia, si trova un altro capo cosí illustre con un'altra molto notabile isola, il quale insieme con essa Ptolomeo chiama Aurea Chersoneso,

R. antecipa aqui a informação segundo a qual pela ilha de Áurea Quersoneso passa a *linea equinoziale* (o equador)³², mencionada por B. no período seguinte. Ceilão é apresentada por R. só três vezes na grafia Ceilam, quer dizer com a africata palatal inicial, e só neste capítulo (as outras ocorrências encontram-se nos períodos 48, 51 e 55); senão, já no período n. 94, e em várias outras obras das *Navigazioni*, apresenta um -z- em seu lugar.

[49] Per cima da qual corta a Linha Equinocial, por esta ser a mais austral terra de toda Ásia, segundo a verdade que nós temos mostrado ao Mundo com nossas navegações, mais certa que a terra onde Ptolomeu situa em suas Távoas a cidade Catigara, e faz a computação do comprimento de todo orbe descoberto oriental.

sopra della quale corre la linea equinoziale. Perché questa è la piú austral terra di tutta l'Asia, secondo la verità che noi abbiamo mostrato al mondo con le nostre navigazioni, piú certa che la terra dove Ptolomeo situa nelle sue tavole la città di Catigara, e fa la computazione della longitudine di tutta la rotondità della terra scoperta verso levante:

R. mantém-se aqui extremamente fiel a B.

[50] Cousa mais imaginada como ponto celeste pera computação matemática, que verdadeira pera situação de orbe terrestre, pois vemos que as nossas naus navegam per cima desta sua Catigara e da costa da terra Ásia, que ele aqui finge ou lhe fizeram crer que havia, como outras cousas que em seu lugar demonstraremos.

cosa piú tosto imaginata come punto celeste per computazione matematica che vera per situazione dell'orbe terrestre, poi che vediamo che le nostre navi navigano di sopra questa sua Catigara, e della costa della terra di Asia che lui qui finge, over gli han fatto creder che fossi, come molte altre cose.

³² Cfr *Navigazioni*, vol. II, p. 1067, nota nº 3.

R. apaga a relativa *que em seu lugar demonstraremos*, tratando-se de mais uma antecipação.

[51] Entre estes dous tam illustres cabos - Comori, ocidental, e Cingapura, oriental (dos quais podemos crer que o mar cortou as Ilhas Ceilão e Samatra, como de Itália, Sicília, segundo se escreve) - jaz aquele celebrado Sino Gangético, per escritura de todolos geógrafos, e per nós mui navegado, ao qual chamamos a Enseada de Bengala, por causa do grande reino Bengala per onde corre o Rio Gange, mui soberbo com a fúria de suas águas, e entra no mar Oceano.

Fra questi duoi tanto illustri capi Comori occidentali e Cingapura orientale, delli quali possiamo credere che il mare abbia tagliato le isole Ceilam e Sumatra, come dalla Italia la Sicilia (secondo scrivono), giace quel celebrato sino Gangetico per la scrittura di tutti li geografi, e per noi molto navigato, il quale noi chiamiamo il colfo di Bengala per causa del gran regno Bengala, per dove correndo il fiume Gange molto superbo con la furia delle sue acque entra nel mare oceano.

O signo *occeano*, com a duplicação da africada, ocorre pela única vez aqui: trata-se então provavelmente dum erro; R. mantém a correlação entre *per onde corre* e *entra*, mas propõe o primeiro no modo verbal gerundivo.

[52] Cujas bocas Ptolomeu situa entre oito e nove graus da parte do Norte, e nós entre vinte dous e vinte dous e meio; ao qual rio os naturais chamam Ganga, acerca deles e de todo o gentio oriental tam celebrado nome por a cópia de suas águas, como venerado por a religião de santidade que todos poseram nelas.

Le sue bocche sono da Ptolomeo situate fra disdotto e dicenove gradi dalla parte di tramontana, e da noi fra ventidui e ventidui e mezzo: il qual fiume li naturali del paese chiamano Ganga, appresso di loro e di tutte le genti orientali non tanto celebrato in nome per l'abbondanzia e copia delle sue acque, quanto venerato per la religione e santità che tutti hanno posto in esse,

Se no período nº 33 o R. altera as coordenadas geográficas apresentadas por B. só dum terço, aqui a variação é muito mais profunda: passamos de facto de *entre oito e nove graus* a *fra disdotto e dicenove gradi*: trata-se dum erro ou duma alteração consciente, na base da cópia das Távoas de Ptolomeu que o tradutor possuía? R. também substitui o paralelismo *tam celebrado nome por a cópia de suas águas, como venerado por a religião* pela oposição: *non tanto celebrato in nome per l'abbondanzia e copia delle sue acque, quanto venerato per la religione*: estamos perante mais um erro?

[53] De maneira que como, acerca de nós, por salvarmos nossas almas ao tempo que estamos infermos, pedimos confissão e os outros sacramentos que dão remissão de pecados, assi eles mandam-se levar às correntes deste Gange, onde lhe fazem ua choupana, e ali morre com os péis na água, crendo que no lavatório destas águas correntes de santidade deste rio lava seus pecados e vai salvo; ou ao menos, quando em vida não pode, per sua morte manda lançar nele as cinzas do seu corpo, depois

di maniera che, cosí come noi, per salvazione delle anime nostre, essendo ammalati domandiamo la confessione e gli altri sacramenti che ne danno remissione delli peccati, cosí loro si fanno portar alle rive di questo fiume, dove, fattali certa capanetta, finiscano la vita con li piedi nell'acqua, credendo che nel lavarsi con queste acque correnti, per la santità del fiume, lavino anco i suoi peccati e vadino salvi in cielo; e se quando sono in vita non lo possono far, per morte comandano che sian

de queimado.

buttate in esso le ceneri de' suoi corpi bruciati.

Como nota Romanini³³, R. prefere o pronome *ne*, aqui presente, para expressar a 4ª pessoa; R. reorganiza a segunda metade do período, passando do contorcido *crendo que no lavatório destas águas correntes de santidade deste rio lava seus pecados e vai salvo* ao mais fácil *credendo che nel lavarsi con queste acque correnti, per la santità del fiume, lavino anco i suoi peccati e vadino salvi in cielo*, onde aliás esclarece o sentido mencionando a destinação final *in cielo*. R. normaliza depois a oscilação entre a 3ª e 6ª pessoa, passando tudo para esta última opção, transformando então *eles mandam-se levar [...] Je ali morre em loro si fanno portar [...] finiscano la vita*; simplifica também *depois de queimado* no simples adjectivo *bruciati*.

Na sua análise fono-morfológica, Romanini afirma que “le modifichè più importanti [no âmbito do presente do indicativo] concernono però la terza persona [plural], dove la mano correttiva ramusiana agisce con intensità maggiore e, si può dire, unidirezionalmente. [...] Per le forme in -ire si hanno infine: moreno VAR9r > morono R160r, ferisseno MOS60.8 > feriscono R112v, offerisseno MOS119.14 > offeriscono R120r”³⁴; o presente do indicativo *finiscano* parece contradizer, momentaneamente, esta tendência, desde que não se trate dum presente do conjuntivo, embora o carácter factual da descrição deixe pensar mais no modo indicativo. De qualquer forma, não podemos excluir que R, ou mais provavelmente os empregados da tipografia, tenham optado pelo conjuntivo por causa da repetida presença deste modo, sempre no tempo presente, pouco mais adiante.

[54] E pera se melhor entender esta enseada e costa com os dous cabos e ilhas opóitas a eles, que dissemos, quem não tiver visto a figura desta costa oriental, vire a mão esquerda com a palma pera baixo e ajunte com o dedo meiminho os dous seguintes, quebrando-os té as primeiras juntas, e aparte o index deles, com que fará ua enseada, que é a de Sião; e deste index aparte o polegar quanto puder e fará outra muito maior, e esta é a de Bengala, que jaz entre estes dous dedos.

E accioché meglio s'intenda questo colfo e costa, con li duoi capi e isole opposite a loro che abbiamo detto, chi non ha visto la figura di questa costa orientale volti la mano sinistra con la palma abasso, e giunga il dito picciolo con li duoi seguenti doppiandoli fino alle prime giunture, e separi da loro il dito secondo (cioè l'indice), con che farà uno seno che è il sino de Syam; e da questo indice separi il pollice quanto potrà, e farà un altro seno molto maggiore: e questo è il seno di Bengala, che giace fra questi duoi diti.

R. grafa *Syam*, sendo sua frequente preocupação destacar as semivogais: o tradutor adopta igualmente um -y- em *Cuy* no período nº 86.

[55] Finja mais que defronte do primeiro dedo polegar aqui fazemos o Cabo Comori, e pera dentro da enseada jaz a Ilha Ceilão; e toda a costa da Índia que té ora

Finga di piú che all'incontro del primo dito pollice, che qui facciamo il capo Comori, e che per dentro del seno giace l'isola Ceilam; e tutta la costa dell'India che fin qui

³³ Romanini 2007, p. 122.

³⁴ Ibi, p. 125.

descrevemos, começando da cidade Cambaia, jaz ao longo deste dedo polegar da parte de fora, a qual corre Norte-Sul.

abbiamo descritto, cominciando dalla città Cambaia, la quale giace al lungo di questo dito pollice dalla parte di fuora, la qual corre tramontana e ostro,

R. mantém-se aqui extremamente fiel a B.

[56] E da parte de dentro neste mesmo dedo, começando da ponta dele, que é o rostro do Cabo Comori, té o mais estremo lugar desta enseada, onde ela fica mais curva, haverá quatrocentas e dez léguas.

e dalla parte di dentro in questo medesimo dito, cominciando dalla punta di esso, che è la faccia del capo Comori, fin alla piú estrema parte di questo seno, dove lui resta piú curvo, vi potran esser da quattrocentodieci leghe.

Se no período nº 13 o R. traduz *haverá* com *vi sono*, aqui (e no período n. 59) mantém este tempo verbal e propõe a expressão equivalente, mas mais comprida, *potran esser*.

[57] No qual estremo da enseada sai o illustre Rio Gange; o qual, però que verta suas águas per muitas bocas, duas são as mais célebres, com que figura a letra delta dos gregos, como totalos outros illustres rios.

Nella qual estremità del seno sbocchi l'illustre fiume Gange, il qual ancora che mandi le sue acque per molte bocche, due sono le piú celebri: la qual cosa affigura la lettera Δ delli Greci, sí come si vede in tutti gli altri illustri fiumi.

É interessante ver como R., em vez de escrever a palavra *delta*, utiliza directamente o correspondente grafema do alfabeto grego, mas não podemos excluir uma eventual intervenção da mão-de-obra da tipografia.

[58] A primeira boca, que é ocidental, se chama de Satigão, por causa de ua cidade deste nome situada na corrente dele, onde os nossos fazem suas comutações e comércios; e a outra oriental, sai mui vezinha a outro porto mais célebre, chamado Chatigão, porque a ele geralmente concorrem totalas mercadorias que vem e saem deste reino.

La prima bocca che è occidentale si chiama Satigam, per causa di una città di questo nome situata nelle rive di esso, dove li nostri fanno li suoi commercii e contrattazioni; e l'altra orientale esce molto vicina ad un altro porto piú celebre, chiamato Chatigam, percioché lbi generalmente concorrono tutte le mercanzie che vengono ed escono di questo regno:

R. limita-se a inverter a ordem dos substantivos *comutações e comércios* para *commerzii e contrattazioni*.

[59] Na qual distância de ua perna à outra haverá quási per linha de Leste-Oeste pouco mais ou menos cem léguas; e aqui fazemos outro termo mensural da nossa divisão atrás, em que se compreende a quinta parte, em que devidimos toda esta costa da terra Ásia.

nella qual distanza da una gamba all'altra vi potrà esser quasi per linea da levante a ponente cento leghe, poco piú o manco. E qui facciamo un altro termino e misura della nostra divisione sopradetta, nella qual si comprende la quinta parte in che abbiamo diviso tutta questa costa della terra di Asia.

R. transforma a culta hendíadis *termo mensural* em *termino e misura*.

[60] E posto que no arco

E ancora che nell'arco

108v

desta enseada haja as quatrocentas e dez léguas de costa (que dissemos), per linha direita do rumo a que os mareantes chamam Nordeste-Sudoeste, do Cabo Comori, onde começa esta quinta nossa divisão, a este porto de Chatigão, em que ela acaba, haverá trezentas e setenta.

di questo colfo vi siano quattrocentodieci leghe di costa (che abbiamo detto), per linea diritta del parizzo che li marinari chiamano greco garbin, dal capo Comori, dove comincia questa quinta nostra divisione, fin a questo porto di Chatigam, nel qual ella finisce, vi saran quattrocentosettanta leghe.

Como no per. 52, aqui também temos uma importante alteração nas medidas fornecidas por B.: passa-se de facto de *trezentas e setenta* a *quattrocentosettanta*: mais uma imprecisão? *Parizzo* (presente também no período nº 93) é forma marcadamente setentrional e coexiste neste texto com *pareggio*, que tem pelo contrário a africada álveo-palatal sonora: esta forma toscana é ligeiramente mais frequente, e repete-se neste capítulo mais duas vezes, na rubrica e no período nº 2.

[61] A qual enseada repartimos em três estados de príncipes que a senhoream: as duzentas léguas são do reino Bisnagá, as cento e dez do reino Orixá, que são ambos gentios, e as cento do reino de Bengala, que de nossos tempos pera cá é já sujeito a mouros.

Il qual seno o colfo partimmo in tre stadi de' principi che signoreggiano: le ducento leghe sono del regno Bisnagar, le centodieci del regno Orixá, che sono ambi gentili, e le centosessanta del regno di Bengala, che dalli nostri tempi in qua è già subietto alli Mori.

A ditologia sinonímica *seno o colfo*, com a qual R. traduz *enseada*, tem que ser considerada como uma escolha retórica, sendo os dois signos perfeitamente sobreponíveis; mais, o leitor não necessitaria deste detalhe vista a frequência que ambos têm, seja neste capítulo, seja na obra inteira. Temos mais uma discordância nas indicações geográficas: passamos de *cento* a *centosessanta*. Romanini ilustra a preferência ramusiana pelo toscano, em vez do latim, e, procedendo no espólio das traduções de sua autoria, nota no concreto a tendência para a substituição do prefixo latinizante sub- pelo toscano sog-, apresentando como exemplos “subietti COR463 > soggetti R196v; subiugarono COR 464 > soggiugarono R196v”:³⁵ este é de

³⁵ Romanini 2007, p. 139.

facto o único caso em que este termo se apresenta com o prefixo latinizante, tendo no período nº 43 a versão mais inovadora, que aliás se repete mais de cem vezes no texto; talvez possamos pensar numa interferência na fase da impressão.

[62] As povoações da qual costa são estas: logo na volta do Cabo Comori às sete léguas, Tacancuri; e adiante, Manapar, Vaipar, Trechandur, Calegrande, Chereacale, Tucucuri, Bembar, Calecaré, Beadala, Manancorte e Canhameira, onde está um notável cabo assi chamado, em dez graus da parte do Norte.

Le abitazioni della qual costa sono queste: nel principio della volta del capo Comori a sette leghe lacancurii, e oltra Manapar, Vaipar, Trichandur, Callegrande, Chereacalla, lucucurii, Bembar, Calecure, Beadala, Manancort e Canhameira, dove è un notabile capo così nominato, in dieci gradi dalla parte della tramontana;

Como nos períodos 31 e 34, temos aqui mais dois casos de substituição dum -t- em começo de palavra por um -i-, sendo muito provável um erro de leitura, uma vez que estamos perante de topónimos completamente desconhecidos pelos artesãos da tipografia: *Tacancuri* e *Tucucuri* são substituídos por *lacancurii* e *lucucurii*: vemos também a já referida tendência para a adição dum segundo -i- no fim do signo. Como é hábito, R. não altera o dígrafo -ch- em *Chereacale*, mas neste caso, e em *Calegrande*, gemina a aproximante lateral.

[63] E adiante estão estes lugares: Negapatão, Nahor, Triminapatão, Tragambar, Triminavaz, Colorão, Puducheira, Calapate, Conhomeira, Sadrapatão, Meliapor, a que os nossos ora chamam São Tomé - ua antiga cidade que eles tem renovado com magníficas casas de sua morada, em que muitos deles, já cansados dos trabalhos da guerra, fizeram assento de vivenda, assi por a terra ser mui abastada e de grã trato, como principalmente por renovar a memória do Apóstolo São Tomé, que segundo os naturais da terra dizem e tem por lembranças, aqui foi sua habitação, ou por melhor dizer, a cidade onde ele obrou tantos milagres como eles contam, da mão do qual está feito ua casa em que eles dizem que jaz enterrado.

e piú oltra sono questi luoghi: Negapatam, Nahor, Triminapatam, Tragambar, Triminavaz, Coloran, Puducheria, Calapate, Conhomeira, Sadrapatam, Maliapor, il quale li nostri ora chiamano San Tomé, ch'è una antica città che loro hanno rinovata con magnifiche case per le sue abitazioni: e qui molti di loro, già stracchi per li travagli della guerra, hanno fatto il suo fermo domicilio, così per esser la terra abundante e di gran traffico, come principalmente per renovar la memoria del glorioso apostolo san Tomé, che secondo li naturali della terra dicono e hanno per memoria, come quivi fu la sua abitazione, o per dir meglio la città dove lui operò tanti miracoli, come loro contano, per mano del quale fu fatta una casa, nella qual dicono esser sepolto.

Após uma monótona lista de topónimos, abre-se aqui um parênteses narrativo-descriptivo; para garantir uma maior fluidez, R. substitui o signo gráfico “-” por uma relativa; traduz *trato* como *traffico*, que nas *Navigazioni* é sempre termo semanticamente equivalente a *comércio*; na sua obra, S. Tomé indica sempre o arquipélago africano, enquanto que a forma toscana Tom(m)aso (há de facto flutuação completa entre a forma geminada e a degeminada) se usa para os nomes de pessoas e sobretudo para mencionar o santo apóstolo. Tomé aparece só como nome próprio na *Navigazione verso le indie orientali scritta per Tomé Lopez*, sendo o autor de facto português. Este (juntamente com o período nº 68) é então o único caso onde o apóstolo, ao qual o tradutor acrescenta o adjectivo *glorioso* em posição adnominal, é mencionado

com a forma lusitana, e R. fá-lo não só por simples analogia, mas também para evidenciar como a cidade foi mesmo renomeada S. Tomé.

[64] E posto que o gentio desta terra seja idólatra, sempre esta relíquia de casa que o santo fez foi entre eles mui venerada e principalmente dalguns que confessavam o nome cristão e tinham nela patriarca arménio.

E ancora che le genti di questa terra siano idolatri, sempre però questa reliquia di casa che il santo fece è stata fra loro molto venerata, e principalmente da alcuni che confessavano il nome cristiano, e avevano in essa un patriarca armeno.

R. mantém-se aqui extremamente fiel a B.

[65] E o que ora mais acrescentou devação na casa, foi ua pedra que os nossos acharam em uas ruínas que parecia em outro tempo ser irmida, nos alicerces da qual, querendo eles, por sua devação, fundar outra, acharam ua pedra quadrada limpa e bem lavrada; e na face que jazia pera a terra tinha ua cruz lavrada de vulto, da feição das que trazem os comendadores da Ordem de Avis, e encima de ua ponta lavrada ua ave com as asas abertas, ao modo que o Espírito Santo, em figura de pomba, deca sobre os Apóstolos, como se costuma pintar.

E quello che al presente augumenta piú la devozione di detta casa fu una pietra che li nostri trovarono in certe ruine, che pareva in altro tempo essere stata casa di orazione, nelli fondamenti della qual volendo loro per sua devozione edificar un'altra, trovarono una pietra quadrata, netta e ben lavorata; nella faccia che giaceva verso la terra aveva una croce lavorata, della similitudine che portano li comandatori dell'ordine di Avis, e sopra una punta vi era scolpito un uccello con l'ale aperte nel modo che lo Spirito Santo in figura di colomba discese sopra gli apostoli, come è uso dipingersi.

Irmida é metonímia por *ermitério*; R. fica no genérico *casa di orazione*, mas neste caso é difícil pensar que não tivesse compreendido o seu significado; aqui temos o termo latinizante *similitudine*, hoje-em-dia culto e especialístico, mas que é algo mais frequente nas *Navigazioni* do que a alternativa mais corrupta *somiglianza*; sendo muito presente o signo *commendatore*, não se compreende por que razão adoptou esta versão híbrida italianizante *comandatori*, que se encontra só na *Istoria dell'Indie occidentali cavato dalli libri scritti dal signor don Pietro Martire milanese*, ainda por cima como nome próprio. Tem depois neste período uma abordagem crítica aos tempos verbais: havendo em B. a incongruência entre indicação temporal *ora* e a voz verbal *acrescentou*, no tempo pretérito perfeito simples, R. escolhe o presente. Pelo contrário, quando B. menciona a descensão do Espírito Santo, utiliza um presente, provavelmente histórico, que R. prefere normalizar no pretérito *discese*.

[66] Per o corpo da qual cruz e campo da pedra, estavam muitas manchas e gotas de sangue, tam fresco que parecia haver pouco tempo que fora ali vertido; e per derredor, per orla, tinha uas letras de caracteres estranhos que os da terra não souberam ler.

Sopra il corpo della qual croce e campo della pietra erano molte macchie e gocce di sangue, così fresco che pareva aver poco tempo che fosse stato sparso, e nel circuito avea alcune lettere di caratteri strani, che quelli della terra non sapevano leggere.

R. sintetiza *per derredor, per orla* com o culto, e não tão claro, latinismo *circuito*; a predilecção pela desinência do imperfeito -ea, cortesã e poética, é ilustrada por Romanini com dois exemplos deste mesmo *avea*³⁶ (que, lembre-se, R. tinha grafado com o -h- etimológico e que a editora Milanesi normalizou); a substituição do pretérito com imperfeito feita por R. pelo verbo *saber* modifica ligeiramente o significado mas não a mensagem.

[67] A qual pedra os nossos levaram dali com procissão e solenidade, e foram por na própria igreja que São Tomé per sua mão fez.

La qual pietra li nostri portorono di là con processione e solennità, e la misero nella propria chiesa che san Tomé fece con le sue mani;

A bela hendíadis *procissão e solenidade* é mantida, inalterada, pelo tradutor, que se limita a tornar plural o substantivo *mão*.

[68] E segundo o que a fama tem entre os naturais, dizem que sobre esta pedra padeceu o bem-aventurado Apóstolo, estando aqui fazendo oração; outros dizem que era discípulo seu.

e secondo che è la fama fra li naturali del paese, dicono che sopra questa pietra fu morto il beato san Tomé, essendo qui in orazione; altri dicono che fu uno suo discipulo.

R. traduz correctamente o epíteto *bem-aventurado*, que na *Ásia* acompanha constantemente o dito apóstolo, mas que se encontra também em posição adnominal com reis e beatos.

[69] O debuxo da qual pedra o ano passado de mil e quinhentos quarenta e oito, me mandaram em três papéis, um dos quais com ua inquirição que o Governador Nuno da Cunha em seu tempo mandou tirar pelos naturais acerca do que se tinha entre aqueles cristãos de São Tomé da vida dele; e assi um livro da escritura dos chis e outro dos párseos, com alguas informações dos costumes dos gentios daquelas partes, dei a Joanne Riccio de Monte Pulciano, Arcebispo de Siponto, que neste tempo estava neste reino por Núncio do Papa Paulo III, por me pedir que lhe desse alguma cousa destas partes da Índia, pera mandar ao Cardeal Farnes, neto do mesmo Papa, que lhas mandou pedir, a instância de Paulo Jóvio, Bispo Noscerino, barão diligente e curioso destas cousas dinas de escritura, pera a sua História Geral do seu Tempo, que promete nas obras desta faculdade que já

La pittura della qual pietra l'anno passato del millecinquecentoquarantotto mi fu mandata in tre carte, una delle quali, con certa inquisizione che il governor Nunno da Cunna in suo tempo fece far per li nativi circa di quello che si aveva di memoria fra quelli cristiani di san Tomé e della sua vita, e cosí uno libro della scrittura delli Chini e l'altro della Persia, con alcune informazioni delli costumi delle genti di quelle bande, io ho dato al reverendissimo messer Giovan Riccio di Monte Pulciano, arcivescovo di Sypono, che in quel tempo, essendo in minoribus, era in questo regno nunzio di papa Paulo terzo, per avermi lui richiesto che li donasse qualche cosa delle bande di India per mandar al reverendissimo cardinal Farnese, nepote del medesimo papa, che gliela domandava a instancia del reverendo messer Paulo Iovio, vescovo nocerino, uomo diligente e curioso di queste

³⁶ Romanini 2007, p. 127.

tirou a luz.

cose degne di scrittura, per metter nella sua istoria generale del suo tempo, secondo promette nelle opere di questa facultà già date in luce.

R. expressa o sujeito de primeira pessoa, fazendo assim maior clareza, visto também o comprimento invulgar do período, em *io ho dato*; acrescenta ao arcebispo de Siponto (eruditamente grafado com um -y-) o título habitual de *reverendissimo messer*; *donasse* representa mais uma excepção à leitura romaniniana, segundo o qual “al congiuntivo imperfetto le forme in -e della prima persona sono rese nelle *Navigazioni* con la desinenza “aurea” -i: fusse EMP46 > fussi R156 v, ch’io fusse VAR26r > ch’io fussi R165r, ch’io me partisse VAR27r > ch’io me partissi R165v”³⁷: claro que não podemos excluir a eventualidade duma intervenção da mão-de-obra da tipografia. Simplifica *barão* em *uomo*, até porque a ideia de virtude é contida nos seguintes adjectivos *diligente e curioso*; altera a preposição do signo *luz*: passa-se de *a luz* a *in luce*, sendo esta última uma construção menos elegante, pelo menos ao nosso ouvido, do que um hipotético *alla luce*.

[70] Das quais cousas eu não quis ser avaro, lembrando-me que na pena e estilo deste doutíssimo Paulo Jóvio as minhas achegas ficavam postas em edificio de perpétua memória, pois tive sorte de vida que tenho mais cabedal em desejo que facultade e tempo pera este ofício de escritura.

Delle quali cose io non volsi esser avaro, ricordandomi che nella scrittura e stilo di questo dottissimo messer Paulo le mie addizioni restariano poste in edificio di perpetua memoria, della qual sorte di vita io faccio maggior capitale nell'animo mio che di facultà e ricchezza.

R. substitui o pretérito perfeito simples de *ficavam* por um condicional presente, que leva a desinência -ia, definida por Romanini como presente em distribuição complementar com a alternativa -ebbe³⁸; muda depois a mensagem de B., que admite algo veladamente não ter todo o tempo que queria dedicar à escrita, dizendo pelo contrário que o português está mais interessado na memória futura do que no dinheiro: achamos que se trata duma distracção, e portanto duma alteração involuntária, facilitada pela contorção do período.

[71] E tornando a continuar a descripção da nossa costa, da cidade São Tomé, em que nos detivemos por louvor deste Apóstolo, nosso protector da Índia, posto que em outra parte relatamos mais copiosamente o que se tem e crê dele acerca desta gente, desta sua cidade a Paleacate haverá nove léguas, e adiante estão Chiricole, Aremogão, Calecute, Careiro, Pentepoli, Maçulepatão, Godavari,

E ritornando a continuar la descrizione della nostra costa dalla città di San Tomé, dove siamo dimorati per laude di questo apostolo nostro protettore dell'India, dalla sua città fin a Paliacate vi sono nove leghe, e piú oltre sono Chiricole, Aremogam, Caleture, Carceiro, Pentepoli, Mazulepatan, Guadavari, appresso il capo di questo nome, che sta in dicessette gradi.

³⁷ Ibi, p. 129.

³⁸ Ibi.

junto do cabo deste nome, que está em dezassete graus.

Se no período nº 30 B. tinha grafado *Guadevari*, aqui utiliza a outra forma, mais corrupta, *Godavari*; R., para evitar confusão, utiliza só a primeira, que é então aqui reproposta; apaga como é hábito uma alocação do português concernente o conteúdo da obra.

[72] No qual acabam as terras do reino de Bisnagá (como dissemos) e começa o de Orixá, cuja costa

109r

por ser brava de poucos portos tem somente estes lugares: Penacote, Calingão, Bazapatão, Vixaopatão, Vituilipatão, Calingapatão, Naciquepatão, Puluro, Panagate, e o Cabo Segogora, a que os nossos chamam das Palmeiras, por uas que ali estão, as quais os navegantes notam por lhe dar conhecimento da terra.

Nel qual finiscono le terre del regno di Bisnagar, come abbiamo detto, e principia quello di Orixá, la costa del quale,

per esser aspra di pochi porti, ha solamente questi luoghi: Penacote, Calicam, Bazapatán, Vixaopatán, Vituilipatan, Calinhapatan, Naciquepatan, Puluro, Panagate e il capo Segogora, che li nostri chiamano Das Palmas per causa di alcune palme che l'í sono, le quali sono dalli naviganti notate, perché gli danno notizia della terra.

O instinto normalizador levou R. a cometer neste caso um erro: traduz *Cabo [...] das Palmeiras* com *das Palmas*, embora se trate de duas localidades distintas: cabo das Palmas de facto é sempre utilizado para indicar o promontório que separa, na África, a Libéria da Costa do Marfim, e das Palmeiras refere-se só a esta zona da Índia.

[73] E deste cabo onde fazemos fim do reino Orixá, o qual está em vinte um graus, ao outro termo do fim do reino de Bengala, que é a cidade Chatigão, que está em vinte dous graus largos, haverá as cem léguas que dissemos, ficando porém ainda nesta distância de cem léguas, na volta do Cabo Segogora, ua enseada que é do reino Orixá, onde vem sair o outro rio chamado Ganga, de que atrás falamos, o qual atravessa pela maior parte deste reino e passa ao longo da cidade Ramaná, metrópoli dele, e vem-se meter com o Rio Ganges, onde ele também entra no mar.

E da questo capo dove fanno fine del regno Orixá, il qual sta in 21 gradi, all'altro termino del fine del regno di Bengala, ch'è la città di Chatigam, che è in ventidui gradi, vi sono le cento leghe che abbiamo detto. Restando però ancora in questa distanza di cento leghe nella volta del capo Segogora un colfo che è del regno Orixá, dove vien a sboccar l'altro fiume nominato Ganga, del quale adietro abbiamo parlato, il qual attraversa per la maggior parte di questo regno, e passa al lungo della città Ramana, metropoli di quello, e vien a congiungersi con lo illustre fiume Gange, dove lui entra in mare.

R. mantém-se aqui extremamente fiel a B., e não altera a estrutura algo complicada do período.

[74] E por que toda esta distância que lá do Cabo Segogora té Chatigão, é mais pera pintura que escritura, por se toda terra cortada em ilhas e baixios que fazem as

E perciocché tutta questa distanza che è del capo Segogora fin a Chatigam si può meglio intendere per pintura che per scrittura, per esser tutta terra tagliata in

bocas do Gange com a cópia das suas águas, não nomeamos as cidades e povoações que estão per estas ilhas.

[75] Os curiosos da situação delas em Távoas da nossa Geografia a podem ver.

[76] Assi que, continuando ao longo do nosso dedo index na sexta parte da geral divisão que fizemos, a qual começa em Chatigão e acaba no Cabo de Cingapura, que está um grau afastado da Linha Equinocial pera a parte do Norte e quorenta pera Oriente da nossa cidade Malaca, haverá em toda esta costa trezentas e oitenta léguas, as quais repartimos per esta maneira.

Estes três períodos são extremamente claros e simples, e portanto R. não vê a margem para não seguir fielmente o texto de origem.

[77] Ao Cabo de Negrais, que está em dezasseis graus, onde começa o reino de Pegu, haverá cem léguas, no qual espaço estão estas povoações: Chocoriá, Bacalá, Arracão - cidade cabeça do reino assi chamado, - Chubode, Sedoé e Xará, que está na Ponta de Negrais.

isole, secche e gjarre che fanno le bocche del Gange con la copia delle sue acque, non nominiamo le città e abitazioni che sono in dette isole.

Li curiosi della situazione loro potranno veder nelle tavole della nostra geografia.

Adunque, continuando al lungo del nostro dito indice nella sesta parte della general divisione che avemo fatta, la qual principia in Chatigam e finisce nel capo di Singapula, che sta uno grado lontano dalla linea equinoziale verso la parte della tramontana e leghe quaranta verso levante dalla nostra città di Malaccha, vi saran in tutta questa costa trecentottanta leghe, le quali partimmo in questa maniera.

Fin al capo di Nigraes, che è sedeci gradi, dove principia il regno di Pegu, son cento leghe, nel qual spazio sono queste abitazioni: Chocoria, Bacala, Arracan, città principale del regno cosí chiamato, Chubode, Sedoa e Xara, che è nella punta di Nigraes.

Como no período nº 13, R. traduz *haverá* com o verbo *ser*, mas aqui subentende o pronome *vi*.

[78] E daqui, passando à cidade de Tavai, que está em treze graus, que é a última do reino de Pegu, fica ua grande enseada de muitas ilhas e baixos que, ao modo do Gange, faz outro mui poderoso rio, que retalha toda a terra de Pegu, o qual vem do lago de Chiamai, que está ao Norte, per distância de duzentas léguas no interior da terra, donde procedem seis notáveis rios - três que se ajuntam com outros e fazem o grande rio que passa per meio do Sião e os outros três vem sair nesta enseada de Bengala: um que vem atravessando o reino de Caor, donde o rio tomou o nome, e per o de Camotai e o de Cirote, onde se fazem todolos capados daquele Oriente; e vem sair acima de Chatigão, naquele notável braço do Gange defronte da Ilha Sornagão; o outro de Pegu passa pelo reino Alva, que é no interior da terra; e o outro sai em Martabão, entre Tavai e Pegu, em altura de quinze

E di qui passando alla città di Tavay, ch'è in tredici gradi e la ultima del regno di Pegu, resta un grande colfo di molte isole, seccagne e ghiare, le qual al modo del Gange fa un altro molto potente fiume che parte tutta la terra di Pegu, il qual vien dal lago di Chiamay, che sta verso tramontana per distanza di ducento leghe nella interior parte della terra, dal quale procedono sei notabili fiumi, tre che si congiungono con altri e fanno il gran fiume che passa per mezzo del regno di Sian, e gli altri tre vengono a sboccar in questo colfo di Bengala: uno che vien traversando il regno di Caor, donde il fiume prese il nome, e per quello di Comotay e per quello di Cirote, dove si fanno tutti li eunuchi che sono condotti di Levante, e vien ad uscir di sopra di Chatigam, in quel notabil braccio del Gange per mezzo della isola Sornagam; l'altro di Pegu passa per il regno Ava, che è

graus.

dentro fra terra, e l'altro esce in Martabam fra Tavay e Pegu, in latitudine di quindici gradi.

Se no período nº 74, R. traduz *baixos* com a ditologia *secche e giarre*, aqui se distingue só levemente, escrevendo *seccagne e ghiare*; no período nº 33 do capítulo anterior escolheu simplesmente *bassi*, mas este signo era ali também precedido por *secche*, que traduzia *restingas*; no período nº 91 é traduzido por fim como *secche e gharre*. Além da surpreendente flexibilidade fonética deste último vocábulo, notamos como R. sinta sempre a necessidade de traduzir *baixos* com uma ditologia sinonímica. Traduz o popular *capados* com o culto *eununchi*, e *defronte*, como no período nº 29, com *per mezzo*; como seu hábito, normaliza o topónimo *Alva*, que de se encontra na Ásia também grafado como *Ava* e *Avá*.

[79] E as povoações que estão fora desta enseada de ilhas de Pegu (que dissemos) e vão ao longo da costa dele, são Vagaru, Martabão - cidade notável por causa do grande trato que nela há - e adiante Rei Tagalá e Tavai.

E le abitazioni che stanno fuora di questo colfo dell'isole di Pegu (che abbiamo detto) e vanno al lungo della costa di quello sono Vagaru, Martabam, città notabile per causa del grande traffico che vi è, e piú oltra Re Tagala e Tavay.

Como no período nº 63, R. traduz *trato* como *traffico*.

[80] Na qual cidade de Tavai, pouco tempo ante que entrássemos na Índia, começava o reino de Sião e acabava no outro mar de Levante no reino de Camboja, em que entrava o reino de Malaca, que conquistámos de um mouro tirano que se tinha levantado contra este Rei de Sião, como em seu lugar se dirá.

Nella qual città di Tavay, poco tempo avanti che entrassimo nella India, principiava il regno di Siam, e finiva nell'altro mare di levante nel regno di Camboia, nel quale entrava il regno di Malaccha, che abbiamo conquistato da un Moro tiranno che aveva ribellato contra questo re di Siam.

R. utiliza mais duas vezes o auxiliar *avere* para construir os tempos compostos de *ribellare*: no *Viaggio di messer losafa Barbaro gentiluomo veneziano, nella Persia, parte seconda* lemos “avendo ribellato”;³⁹ em *Di Fernando Cortese la seconda relazione della nuova spagna*, escreve “m'avevo ribellato”⁴⁰, ou seja com o verbo na sua habitual forma reflexiva. Este último caso é um claro exemplo de tradução com interferência do SL, pois os verbos reflexivos italianos requerem sempre o auxiliar *essere*; o anterior, como do resto o mesmo aqui presente *aveva ribellato*, pode ser explicado como forma sintética dum hipotético “tendo organizado uma rebelião”.

[81] Em a qual costa de terra, indo sempre ao longo do dedo index que figuramos, até ponta dele, que é o Cabo de Cingapura, e di, tornando per ele acima té a juntura do

In questa costa di terra, camminando sempre al lungo del dito indice che figurammo, fino alla punta di quello che è il capo di Singapula, e di là tornando per esso in su fino

³⁹ *Navigazioni*, vol. IV, p. 105.

⁴⁰ *Ibi*, vol. VI, p. 201.

outro do meio, onde pode ser o reino de Camboja, haverá pouco mais ou menos quinhentas léguas de costa, todas deste príncipe gentio.

alla giuntura dell'altro di mezzo, dove potrà esser il regno di Camboia, vi saran poco più o manco di cinquecento leghe di costa, tutte di questo principe gentile,

R. traduz o verbo *ir* com um metafórico *camminare*.

[82] O qual perdeu a maior parte delas com a variação dos tempos, e principalmente depois que tomámos Malaca; porque, lançados os mouros malaios daquela cidade, buscaram novas povoações ao longo daquela costa, e como ela é do gentio mais salvage daquelas partes, tomados os melhores portos, per via de trato e navegação, que os naturais da terra não usam, fizeram-se senhores e alguns deles se intitularam com nome de reis.

il qual perse la maggior parte loro con la variazione delli tempi, e principalmente dapoi che abbiamo preso Malaccha, percioché, scacciati da quella città li Mori, cercorono nove abitazioni al lungo di quella costa. E conciosiacosach'ella sia di gente la più salvatica di quelle bande, pigliati li miglior porti per via di traffico e navigazione, che li nativi della terra non usano, si fecero signori, e alcuni di loro s'intitularono con nome di re.

R. mantém-se aqui também fiel ao ST.

[83] Assi que com estas mudanças que o tempo fez e o mais que relataremos adiante, quando Afonso de Albuquerque tomou Malaca, ficou esta costa sem repartição de estados; e as povoações que haverá de Tavai té Malaca são estas: Tanaçari, cidade notável, Lungar, Torrão, Quedá - frol da pimenta de toda aquela costa -, Pedão, Perú, Solungor, e a nossa cidade Malaca, cabeça do reino assi chamado, a qual está em dous graus e meio da Linha pera a parte do Norte.

Adunque, con queste mutazioni che fece il tempo e altre cose, quando Alfonso di Arbuquerque pigliò Malaccha, restò questa costa senza partizione di stati. E le abitazioni che sono di Tavay fin a Malaccha sono queste: Ternassari, città notabile, Longur, Teram, Quedam, dove è il fior del pevere di tutta quella costa, Pedam, Pera, Solungor, e la nostra città Malaccha, capo del regno cosí chiamato, la qual sta in gradi due e mezzo della linea verso la tramontana.

Romanini⁴¹ apresenta, na sua análise da tradução da redacção francesa do Voyage de Antonio Pigafetta, vários exemplos de substituição da ordem VSO com a canónica SVO; aqui temos o mecanismo mais complexo, ou seja passamos de *que [o tempo]_{S1} [fez]_V [e o mais]_{S2} a che [fece]_V [il tempo e altre cose]_{S(1+2)}. R. funde os dois constituintes e os coloca em posição pós-verbal; solução desejável vista a supressão da relativa. Neste caso, R. pode então deixar o verbo à 3ª pessoa (singular); de qualquer forma, tendo suprimido *que relataremos adiante*, habitual antecipação barroiana, *altre cose* é de muita escassa utilidade.*

[84] E seguindo adiante às quorenta léguas, está o Cabo de Cingapura, onde começa, ao longo do dedo index, a

E seguindo più innanzi quaranta leghe è il capo di Singapura, dove principia al lungo del dito indice la

⁴¹ Romanini 2007, p. 238.

sétima divisão que há dali té

109v

o Rio de Sião, que (como dissemos) a maior parte dele procede do Lago de Chiamai.

settima divisione, che è de lí fin al fiume di Siam, che (come abbiamo detto) la maggior parte di quello procede dal lago di Chiamay.

Singapura é hapax nas *Navigazioni*, onde o topónimo se trova grafado com uma aproximante lateral em lugar da polivibrante, ou com a africata palatal em lugar da sibilante: trata-se então dum dos poucos casos em que não se vê a actividade normalizadora do R.

[85] Ao qual rio, por causa da grã cópia das águas que traz, os siames lhe chamam Menão, que quere dizer a mãe das águas, e entra no mar em altura de treze graus.

Al qual fiume, per causa della molta abondanzia delle acque che porta seco, li Siamini chiamano Menam, che vuol dir madre dell'acque; ed entra nel mare in latitudine di tredici gradi,

R. mantém a glosa, expressa mediante relativa, de Menão; traduz (aqui como no período nº 91) *siames* substituindo o sufixo etnicizante -es, muito utilizado também no TL, alternativamente a -in(i).

[86] Na qual costa há estas notáveis povoações: Pão, que é cabeça do reino assi chamado, Ponticão, Calantão, Patane, Lugor, Cui, Perperi e Bamplacote, que está na boca do Rio Menão.

nella qual costa sono queste notabili popolazioni: Pam, che è capo del regno così chiamato, Ponticam, Calantam, Patane, Lugor, Cuy, Perperii e Bamplacot, che sta nella bocca del fiume Menam.

R. faz em Pão as suas habituais alterações, transformando o segundo elemento do ditongo nasal numa nasal bilabial, e adoptando um tratamento especial para as vogais fechadas anteriores de fim de palavra: se tónicas no SL, reduplica-as (como em *Perperii*), senão adopta um -y- para evidenciar a sua natureza de aproximante (como em *Cuy*).

[87] Do qual, começando entrar na oitava repartição, nomearemos somente os estados dos príncipes que vezinham a costa e não os lugares, porque não servem ao intento da nossa história; ca nesta parte não houve conquista nossa, posto que navegássemos o marítimo per via de comércio.

Dal quale cominciando a entrar nella ottava repartizione, nominaremo solamente li stati delli principi che avvicino alla costa, ma non li luoghi, perciocché non servono allo intento della nostra istoria, perché in quella banda non è stata la conquista nostra, ancor che abbiamo navigato la costa maritima per via di contrattazione.

[88] E o primeiro estado, que está vezinho a Sião, é o reino de Camboja, per meio do qual corre aquele soberbo Rio Mecão, cujo nascimento é na região da China, ao qual se ajuntam tantos e tam cabedais rios, e corre per tanta

E il primo stato ch'è vicino a Syam è il regno di Camboia, per mezzo del quale corre quel superbo fiume Mecon, il nascimento del quale è nella regione della China, al quale si congiungono tanti e così grandi fiumi; e corre per tanta

distância de terra que, quando quere sair ao mar, faz um lago de mais de sessenta léguas de comprimento, e, assi retalhada a terra, a saída per muitas bocas, que não chega a ele nenhum dos outros notáveis rios que acerca de nós são celebrados.

distanzia di terra che quando vuol uscir nel mare fa uno lago di piú di sessanta leghe di lunghezza, e cosí tagliata la terra alla uscita sua, e con tante bocche, che non si può comparar a lui alcuno degli altri notabili fiumi che appresso di noi son celebrati.

Nestes dois períodos o R. não deixa de manter-se fiel ao texto de origem.

[89] Passado este reino Camboja, entra o outro reino chamado Champá, nas montanhas do qual nasce o verdadeiro lenhaloe, a que os mouros daquelas partes chamam calambuc.

Passato questo regno di Camboia s'entra nell'altro regno chiamato Champa, nelle montagne del quale nasce il vero legno aloe, che li Mori di quelle bande chiamano calabuc,

Para o tratamento da voz verbal *entra*, veja-se o período nº 92.

[90] Com o qual confina o reino a que os nossos chamam Cauchi-China e os naturais Cachó.

col quale confina il regno che li nostri chiamano Cauchii China, e li naturali Cachu.

Neste brevíssimo período não encontrámos alterações significativas.

[91] O qual acerca de nós é o menos sabido reino daquelas partes, por a sua costa ser de muitas tormentas e grandes baixos e a gente sem navegação; e os estrangeiros que pera lá navegam, que são siames e malaios, de quatro navios hão-de perder dous e às vezes três, e porém um que escapa se faz nele mais proveito que se todolos quatro navios fossem à China.

Il quale appresso di noi è il meno conosciuto regno di quelle bande, per esser la sua costa molto pericolosa di fortune e grandi secche, ghiarre, e la gente senza alcuna navigazione; e li forestieri che la navigano, che sono Syamini e Malachini, di quattro navi ne soglion perder le due e alcune volte tre, peroché con una che si scapoli si fa piú guadagno che se tutte quattro andassero alla China.

R. acrescenta *molto pericolosa*, informação implícita no B.; traduz baixos como de hábito com uma ditologia sinonímica; realiza malaios com *Malachini*, que tem aqui a sua única ocorrência. Rende elegantemente a ideia de probabilidade da construção haver de, escolhendo o verbo *solere*.

[92] Adiante dele entra a região da China, repartida em quinze governanças, cada ua das quais pode ser um grande reino; as marítimas, que fazem a nosso propósito, são Cantão, Fuquiém, Chequeão, em que está a cidade

Piú innanzi di quello s'entra in la regione della China, partita in quindici regioni, ciascuna delle quali potria essere un gran regno. Le parti maritime che fanno al nostro proposito sono Cantam, Fuquiam, Chequeam,

Nimpó, onde a terra faz um notável cabo, de que no princípio fizemos menção, o qual está em altura de trinta graus e dous terços; e té qui corre a costa Nordeste-Sudoeste.

dove sta la città Nimpò, e dove la terra fa un notabil capo, del qual nel principio abbiamo fatto menzione, il qual sta in latitudine di gradi trenta e un terzo: e fin qui corre la costa greco garbin.

Como no período nº 89, aqui também B. utiliza aqui o verbo entrar no sentido figurado de “começar, iniciar”; em ambos os casos, R. acrescenta-lhe o pronome indefinido -s[i]- e mantém o sentido básico do termo; Romanini de facto nota que “il si impersonale é invece aggiunto, dove necessario a chiarire l’effettiva struttura della frase o a risolvere un’ambiguità semantica”⁴². Dá maior fluidez ao enunciado com a substituição do presente de modo indicativo de *pode ser* com o condicional presente *potria*. Se no período nº 33 a cidade de Chaúl era colocada por B. em *dezoito graus e dous terços de altura*, e R. diminuía a indicação dum terço, aqui acontece o mesmo com uma outra cidade (Nimpó) situada noutra paralelo (*trinta graus e dous terços*).

[93] Haverá na derrota, contando da Ilha de Ainã, onde se pesca o aljofre, que é o princípio da governança de Cantão, duzentas e setenta e cinco léguas; e daqui torna a costa a virar pera o rumo do Noroeste, em que acaba a oitava parte e começa a nona, em que dissemos não ser ainda per os nossos navegada.

Sono in questo parizzo, cominciando dalla isola di Ainam, dove si pescano le perle, ch’è il principio della governazion di Cantam, ducentosettantacinque leghe, e di qui torna la costa a voltar verso il vento di maestro, dove finisce l’ottava parte e principia la nona, che abbiamo detto non esser ancora navigata dalli nostri.

R. mantém-se aqui também fiel ao texto barrosiano.

[94] Porém segundo a Cosmografia da China (que atrás dissemos), as províncias marítimas que deste reino correm quási pera o rumo do Noroeste são estas três: Nanqui, Xantõ, Quinci, onde o mais do tempo o Rei reside, que está em quorenta e seis graus, e corre ainda a costa desta província té cinquenta graus, na qual se contém quatrocentas léguas, em que acaba a mais oriental e boreal terra firme que sabemos.

Però, secondo la cosmografia della China (che adietro abbiamo detto), le provincie maritime di questo regno corrono quasi verso il vento del maestro; sono queste tre: Nanquii, Xanton, Quinsii, dove la maggior parte del tempo fa residenza il re, che sta in quarantasei gradi. E corre ancora la costa di questa provincia fin a cinquanta gradi, nella qual si contengono quattrocento leghe, dove finisce la piú orientale e boreal terra ferma che sappiamo.

Como em *Perperii* no período nº 86, aqui também o R. reduplica o -i- final tónico de *Quinci* (>*Quinsii*) e de *Nanqui* (>*Nanquii*).

⁴² Romanini 2007, p. 122.

[95] E posto que, além deste marítimo da terra firme de Ásia, também navegámos e conquistámos muita parte das ilhas daquele grande oceano - assi como as de Maldiva e Ceilão, fronteiras à província Indostão, Samatra, Jaua, Timor, Bornéu, Banda, Maluco, Léquio, e ora per derradeiro as dos japões e a grande província Meacó, que todas jazem de Malaca por diante - nos tempos que fizemos alguns feitos nelas, daremos a relação que convier pera intendimento da história.

E ancora oltra questa parte maritima della terra ferma d'Asia abbiamo navigato molta parte delle isole di questo grande oceano, come sono le isole di Maldiva e Zeilam, che sta dirimpetto alla provincia di Indostam, Sumatra, lava, Timor, Burneo, Bandam, Maluccho, Lequio, e ultimamente l'isola delli Giapanesi e la grande provincia di Meaco, che tutte giaceno di là da Malaccha.

R. escolhe aqui *lava*, em vez do mais vulgar *Giava*, e *Burneo*, ilha que se encontra uma única outra vez nas *Navigazioni*, no comentário do autor a *La navigazione di lambolo mercatante*; com Maluccho há ainda mais possibilidades, tendo várias ocorrências, além da aqui presente, as versões *Maluch*, *Maluco* e *Malucho*. *Samatra* encontra-se só na célebre *Prefazione sopra il principio del libro del magnifico messer Marco Polo*, e é utilizada para explicar como é mesmo desta ilha de que Marco fala quando escreve *Samara*; senão, encontramos unicamente, como aqui, *Sumatra*. R. evita traduzir uma desnecessária contextualização de B.

[96] Fica-nos ao presente outra cousa mui necessária a ela, que, como em universal fizemos a descrição de toda a terra marítima, por se saber em que parte aconteceram os casos, assi demos também outra geral relação dos príncipes que a senhoreavam, porque com estas duas cousas podemos sem confusão discorrer com nossas armadas per todo aquele Oriente.

Restane al presente un'altra cosa molto necessaria all'istoria, che sí come in universali abbiamo fatta descrizione di tutta la terra maritima dell'Asia, cosí facciamo etiam un'altra general relazione delli principi che la signoreggiano.

R. aplica em *restane* a lei Tobler-Mussafia: esta colocação pós-verbal do clítico foi provavelmente favorecida pela posição extremamente enfática de começo de período, uma vez que, como Romanini nota⁴³, esta lei é aplicada pelo autor sem continuidade; já referimos como há também na obra total alternância para expressar a quarta pessoa entre *ne* e *ci*. *Cosí facciamo etiam un'altra general relazione delli principi che la signoreggiano* é um dos poucos casos em que R. não omite uma alocação de conteúdo antecipatório: neste caso, de facto, B. refere-se ao capítulo seguinte, que é igualmente presente nas *Navigazioni*, mas não evita apagar as outras duas antecipações, que não seriam grande utilidade para o leitor.

⁴³ Romanini 2007, p. 122 e seg.

3. TRADUÇÃO DO CAPÍTULO SEGUNDO DO LIVRO NONO

Rubrica

Capítulo II. Dalguns reis e príncipes das partes orientais, mouros e gentios, com que tivemos comunicação, assi per via de conquista, como de comércio.

Capitolo secondo del libro nono, di alcuni re e principi delle parti orientali, mori e gentili, con li quali avemo avuta comunicazione, cosí per via di conquista come di contrattazione.

Esta rubrica, como as precedentes, é bastante conservadora, seja na estrutura sintáctica, seja nas escolhas lexicais.

Texto

[1] Posto que neste passado capítulo dissemos que toda a terra de Ásia era habitada destas quatro nações de gente, - cristãos, judeus, mouros e gentios - as primeiras duas podemos dizer que naquelas partes são mais cativos que livres, pois por razão de sua habitação são súbditos dos mouros ou gentios que ocupam toda aquela terra, como vemos ser a gente cismática de Arménia,

110r

Súria e Judea, que toda é tributária a el-Rei de Pérsia e ao Grã-Turco, ao modo dos Gregos.

Ancora che nel capitolo precedente abbiamo detto che tutta la terra di Asia era abitata da queste quattro nazioni di gente: Cristiani, Ebrei, Mori e Gentili, le prime due potemo dir che in quelle bande sono piú tosto schiavi che liberi, perché per ragione della sua abitazione sono sudditi delli Mori o Gentili, che occupano tutta quella terra, come veggiamo esser la gente scismatica di Armenia, Soria e Iudea, che tutta è tributaria al re di Persia e al gran Turco alla maniera delli Greci.

Embora tenhamos evidenciado, também à luz das considerações do Romanini, a predilecção ramusiana pela desinência, tipicamente florentina, -iamo na quarta pessoa no presente do indicativo da diátese activa, que se pode ver no aqui presente *veggiamo*, R. utiliza aqui a forma latinizante *potemo*. *Iudea* é hápax, uma vez que aparece mais quatro vezes a variante toscana *Giudea*.

[2] Certo, cousa não pera passar mas de ter um pouco na consideração dela e com muita causa lamentar este caso, não como alheo mas próprio de cada um de nós, se queremos ser do número dos membros do estado da Cristandade.

E veramente è cosa non da preterire, ma di fermarsi nella considerazione di quella, e da noi stessi dolersi,

R. sintetiza a parte inicial da imensa reprimenda barroiana, e então seja evita a invocação à participação no problema, seja substitui, com evidentes efeitos estilísticos, *não pera passar mas de ter um pouco na consideração dela com non da preterire.*

[3] Polos pecados dela (porque da parte de Deus não pode haver causa) quási toda a redondeza da terra está súbdita ao império dos mouros e gentios. vedendo quasi tutta la rotondità della terra esser soggetta all'imperio de' Mori e Gentili,

R. não repropõe a menção da divindade, e passa logo à descrição da condição factual contemporânea; este é o único caso em que o R. traduz *súbdita*, em vez do óbvio *suddita*, com *soggetta*.

[4] E Europa que é a menos porção em quantidade, em que a Igreja Romana parecia ter congregada a sua grege, ainda este açoute do Turco veo assolar boa parte; e la Europa, che è la minor porzione in quantità, dove la Chiesa romana pareva aver congregato il suo gregge, ancora questa il flagello del Turco è venuto a consumarla in buona parte.

R. altera a nuance dramática do período, passando de *assolar* (aniquilar, devastar⁴⁴) para *consumare*, que se revela de qualquer forma interessante pela ideia de processo lento e constante, talvez ainda mais perigoso do que o ataque violento que o verbo barroiano sugere.

[4] e na outra que ficou livre dele, que se devera unir com vincolo de caridade e zelo pera ir contra ele, a lhe tirar do poder o Santuário de nossa Redenção, teve o Demónio tanta astúcia, que ainda neste pequeno agro do Senhor veo semear dous géneros de zizânia, que não leixa crescer a católica semente: um de novas opiniões, impugnando a fiel e pura inteligência do Evangelho, que nos leixaram em escrito aqueles santos e doutos barões, aprovados por exemplo de santa vida; e o outro género de zizânia foi cobiça de acrescentar estados a estados, querendo fazer na terra própria monarquia, e que os santos do Céu pera isso sejam seus protectores e acudam a seus apelidos ao romper das batalhas, como que o Céu fosse alguma congregação de deuses dos gentios, que contendem uns com os outros por favorecer suas partes, uns aos gregos, outros aos troianos, uns a Eneas e outros a Turno.

[5] Como qualquer appetite e desordem de príncipes poderosos há de pagar o sangue da Cristandade! [6] Como desobedecer a Igreja, tomar-lhe seu património, inquietar a tranquilidade e paz do povo cristão, empedir com armas os mares e as terras, convocar e confederar com infiéis e membros cortados da Igreja, por tudo debaixo da fúria do seu ferro, té chegar aos altares, não provocam estas cousas a justiça de Deus? [7] Como por estas e outros tais obras, não vemos nós os povos que acima apontamos, e assi os georgeanos, negralianos, charqueses, roixos e outros daquelas partes cativos e escravos de tártaros e do Turco, pagando ao presente os filhos e netos dos primeiros transgressores da lei e da paz evangélica? [8] Como assi se ganha na terra nome de defensores da fé, nome de cristianíssimos, católicos, e doutros títulos de glória nesta vida e na outra?

⁴⁴DLPC, voz *assolar*.

[9] Certo que com outras obras se consegue, acerca dos homens e ante Deus, estes nomes dados em galardão delas. [10] E certo que por mais bem-aventurado se deve ter o reino cujo exercício está em denunciar o Evangelho e na conversão dos infiéis e pagãos, que aquele que anda ocupado em remover os católicos a doutrinas próprias; e mais bem-aventurado o reino que anda com a espada na mão sobre a cabeça destes infiéis e gentios, que aquele que os convoca e traz pera derramar seu próprio sangue. [11] Finalmente bem-aventurado aquele reino que, no juízo final, levar os triunfos destas obras, pera merecer ser chamado servo fiel que soube dar à usura o talento de sua possibilidade!

[12] E porque este reino de Portugal sempre trabalhou por merecer ante Deus este nome, ele o tem constituído em maiores cousas; ca verdadeiramente (sem suspeita de natural) isto se pode dizer com verdade: na parte que lhe coube per sorte, que é nesta da Europa, primeiro que ninguém lançou os mouros de casa além-mar, primeiro que ninguém passou em África, e o que tomou defendeu té hoje, tirando o que leixou por lhe não convir; e primeiro que ninguém passou em Ásia, onde tem feito as obras desta nossa obra. [13] Finalmente, per excelência, assi como Cristo Jesu comparou a multiplicação do Evangelho ao espírito do grão da mostarda, em respeito das outras sementes, assi em comparação da grandeza que outros reinos desta Europa tem em terra e povo, bem podemos, na virtude da multiplicação e feitos ilustres, em acrescentamento da Igreja e louvor de sua própria Coroa, comparar este reino a um grão de mostarda, o qual tem produzido de si ua tam grande árvore, que a sua grandeza, potência e doutrina assombra a maior parte das terras que neste precedente capítulo apontamos. [14] E toda a sua conquista é com aqueles dous gládios, em que Deus pôs o estado do todo o Universo: um espiritual, que consiste em a denunciação do Evangelho per todo o pagaismo do Mundo que tem descoberto, aumentando e dilatando o estado da Igreja; e o outro material, com que ofende a perfídia dos mouros, que querem impedir estas obras.

Como Milanesi pontualmente evidencia⁴⁵, R. suprime aqui uma poderosa arenga concernente à supremacia da justa Religião.

[15] Assi que, recolhendo-nos a nosso propósito, toda nossa contenda na Índia, é com estes dous géneros de gente - mouros e gentios - a potência dos quais está repartida per esta maneira:

Or tornando al nostro proposito,

[16] Toda a terra

tutta la terra

110v

que está do Rio de Sintacora defronte da Ilha Anchediva pera o Norte e Ponente, ao tempo que entrámos na Índia, era dos mouros, e di por diante, contra o Oriente, dos gentios; tirando o reino de Malaca, parte do marítimo de Samatra, alguns portos de Java e as Ilhas de Maluco, que também eram dos mouros, a qual peste procedeu de Malaca, per via de comércio, como veremos em seu lugar.

che sta dal fiume di Sintacora, che è per mezzo dell'isola Amiadiva, verso la tramontana e ponente, al tempo che entrassimo nella India era delli Mori, e di là piú inanzi verso levante era delli Gentili, eccetto il regno di Malaccha e la parte della maritima di Somatra; alcuni porti della lava e l'isole di Maluco eziandio erano delli Mori.

⁴⁵ *Navigazioni*, vol. I, p. 416

R. traduz só parcialmente este período, evitando as partes mais retóricas e coloridas; ao nível lexical, note-se como *lava* se encontre mais uma vez neste capítulo e outras duas vezes nas nvg, sendo o exónimo toscano *Giava* muito mais frequente; por fim, R. traduz constantemente *Anchediva* com *Amiadiva*, como podemos ver aqui também.

[17] Na terra, que era dos mouros, começando da parte ocidental, assi como fizemos a descrição dela, havia estes príncipes: el-Rei de Adem, de Xael e de Fartaque, os quais senhoreavam toda aquela costa; e posto que não fossem mui poderosos em navegação, eram seus portos mui frequentados por causa do grande comércio.

Nella terra che era delli Mori, cominciando dalla parte occidentale, cosí come avemmo fatta la descrizione di lei, erano questi principi: il re di Adem, di Xael e di Fartaque, li quali signoreggiano tutta quella costa, e ancora che non fussero molto potenti in navigazione, erano li suoi porti molto frequentati per causa della gran contrattazione.

Aqui como na rubrica, R. traduz *comércio* com *contrattazione*, denotando um notável conhecimento das nuances semânticas do SL, pelo menos no âmbito da língua sectorial comercial.

[18] Os vassalos dos quais, como estavam naquelas fraldas da Arábia, todos eram homens valentes de sua pessoa, sofredores de trabalho e mui autos pera a guerra, como é a gente arábia.

Li vassalli delli quali, essendo in quelli confini di Arabia, tutti erano valenti uomini della sua persona, sopportatori delli travagli e molto atti per la guerra, come è la gente di Arabia.

R. limita-se a substituir o adjectivo *arábia* pelo complemento de especificação *di Arabia*.

[19] O reino de Ormuz, já per si, era maior em estado, riqueza e gente que estes três juntos, e o que o fazia ainda mais poderoso era a vizinhança da Pérsia, donde podia ser socorrido.

Il regno di Ormuz già da per sé era piú grande in stato e facultà e gente che li tre sopradetti tutti insieme, e quello che lo faceva ancora piú potente era la vicinità di Persia, donde poteva esser soccorso.

Socorso tem aqui a sua única ocorrência: trata-se provavelmente dum erro, pois a variante geminada é muito frequente na obra, seja como participio passado, seja como substantivo, seja nas vozes verbais do originário verbo *soccorrere*.

[20] E se o Rei da Pérsia, que naquele tempo reinava, chamado Xequé Ismael, tomara posse dele, como tinha tentado, quando Afonso de Albuquerque o tomou, como veremos, nossa contenda fora com outro príncipe maior em estado e potência que o grande Dário, sob reverência de quanto os gregos escreveram dela, por dar maior glória ao seu Alexandre.

E s'el re di Persia che allora regnava, chiamato *siech* Ismael, pigliava possessione di quello, come aveva tentato, quando Alfonso di Albuquerque lo pigliò, la nostra contenzione sarebbe stata con altro principe piú grande in stato e potenza che il grande Dario.

R. utiliza sempre o empréstimo lexical *siech*; aqui suprime a divagação do fim do período, por não ser de nenhuma utilidade didáctica, e a precedente parentética ilocutiva.

[21] Mais adiante tínhamos el-Rei de Cambaia, com que tivemos per muito tempo guerra e ainda temos, ao qual nem Xerxes nam Dário nem Poro chegaram em poder, estado e riqueza, e ânimo militar, como em seu tempo se verá.

Piú oltra avevamo il re di Cambaia, col quale abbiamo avuto per molto tempo guerra e ancor l'abbiamo, al quale né Xerse né Dario né Poro giunsero in potenza, stato e facultà e animo militare.

R. adopta em *Xerse* uma grafia filológica e, ao mesmo tempo, respeitosa das normas gráficas recém-instituídas: o mesmo acontece com *Scylla e Caribde* no per. 33 do cap. VIII.4; suprime como de costume a antecipação ilocutiva.

[22] Passado Cambaia, de Chaúl té Cintacorá, contendemos com o Izamaluco e Hoidalção, capitães do reino Decão, que representavam em poder, estado e riqueza dous poderosos reis, homens mui dados ao uso da guerra, cujos exércitos andavam cheos de mouros, arábios, pársios, turcos e rumes de toda nação levantisca, animosa e de grande indústria pera aquele auto.

Passando Cambaia, da Chaul fin a Sintacora abbiamo avuto guerra con lo Yzamaluco e Hoidalcam, capitani del regno Decan, che rappresentavano in potenza, stato e facultà duoi potentissimi re, uomini dati all'uso della guerra; e li suoi eserciti erano ripieni di Mori, Arabi, Persiani, Turchi e Rumi di tutte le nazioni di levante.

R. suprime a informação suplementar *animosa e de grande indústria pera aquele auto*, concernente à *nação levantisca*.

[23] Os mouros do reino de Malaca, Samatra e Maluco, ainda que o poder deles era no marítimo, por o sertão ser do gentio, que se acolhia às serranias, a concorrência das naus que iam a seus portos os tinha tam providos de artelharia e armas, que, quando a nossa lá chegou, já per

Li Mori del regno di Malaccha, Sumatra e Maluco, ancora che il poter loro era nelle parti marittime, perciocché quelle ch'erano dentro della terra ferma eran delli Gentili, che si ritiravano alle montagne, e il concorso delli navilii che andavano alli suoi porti li dava tanta provisione di

número de peças tinham mais que nós.

artiglieria e armi che, quando giungemmo a quelli, ne avevan piú di noi.

R. cumpre várias alterações, mas que deixam intacto o significado: substitui *marítimo* com *parti maritime*, a referência ao sertão com a menção, mediante pronome pessoal, das populações indígenas e suprime *per número de peças*.

[24] Quanto ao estado da gentilidade, que é a outra gente que senhorea aquelas regiões (leixando os príncipes do Malabar, de que logo falaremos) os mais principais com que tivemos comunicação, por causa de seus estados virem beber ao mar, foram estes: el-Rei de Bisnagá, de Orixá, de Bengala, de Pegu, de Sião e da China.

Quanto al stato delli Gentili, che è l'altra gente che signoreggia quelle regioni (lassando li principi del Malabar), li piú principali con che avessimo comunicazione, percioché li suoi stati venivano a bere al mare, erano questi: il re di Bisnagar, di Orixá, di Bengala, di Pegu, di Siam e della China.

Como de costume, R. recusa a antecipação-promissa *de que logo falaremos*.

[25] A potência e riqueza dos quais é tam grande cousa, que a pena recea entrar na relação deles, e principalmente porque em outra parte o faz.

La potenza e facultà delli quali è cosa tanto grande che la penna non ardisce entrar nella relazione loro;

Como no período precedente, R. elimina qualquer intervenção do autor concernente ao conteúdo da obra.

[26] Somente, por mostra da sua grandeza, diremos o que dizia el-Rei de Cambaia, chamado Badur, que morreu a nossas mãos, vezinho destes primeiros: que acerca da riqueza, ele era um, el-Rei de Narsinga dous, e el-Rei de Bengala três; e ao tempo que ele isto dezia, tinha juntos vinte dous contos de ouro, que todos despendeu em ua guerra, té sua morte.

solamente, per mostra della sua grandezza, diremo quello che diceva il re di Cambaia, chiamato Badur, che fu morto per le nostre mani, vicino di questi primi, cioè che quanto alla facultà lui era uno, il re di Narsinga duoi e il re di Bengala tre, e al tempo che lui questo diceva, aveva insieme raccolti ventiduo milioni d'oro, i quali tutti spese in una guerra fin alla sua morte

R. traduz *contos* com *millioni*, embora o termo corresponda a um milhar: neste caso, talvez enganado pela somptuosa apresentação, enganou-se na conversão.

[27] E porque não falou em el-Rei de Sião e da China, por

E perché lui non parlò né del re Syam né della China, per

não ter com eles tanta comunicação, a qual nós tivemos, da grandeza deles daremos aqui alguma notícia:

[28] El-Rei de Sião é príncipe que, ante que se lhe os mouros levantassem com o reino de Malaca, começava o seu estado naquela cidade, que está em dous graus e meio da banda do Norte, e acabava em os montes do reino dos guéus, que começam em vinte nove graus.

non aver con loro congiunzione alcuna como noi abbiamo avuto, daremo qui qualche notizia della sua grandezza.

Il re di Syam è principe che, avanti che li Mori li rebellassino con il regno di Malaccha, cominciava il suo stato in quella città, che sta gradi due e mezzo dalla banda della tramontana, e finiva nelli monti del regno delli Guei, che comincia in ventinove gradi;

R. mantém-se extremamente fiel ao texto de origem.

[29] E contudo ainda hoje o seu estado passa de comprimento de trezentas léguas, no qual há estes sete reinos a ele súbditos, afora o próprio de Sião, Camboja, Como, Lanchã, Chencrai, Chencrão, Chiamai, Camburi, Chaipumo; e é príncipe que tem trinta mil elefantes de toda sorte, de que somente três mil são de guerra, e no tempo dela a cidade Udiá, cabeça do reino, lança cinquenta mil homens.

e con tutto ancora oggi il suo stato passa di lunghezza trecento leghe, nel quale sono questi: Cheneran, Chiamay, Camburii, Chiapumo, ed è príncipe che ha trentamillia elefanti, delli quali tremila solamente sono per la guerra, e nel tempo di guerra la città Udia, capo del regno, fa cinquantamillia uomini.

Não compreendemos por que razão R. cita somente quatro dos oitos reinos sujeitos ao rei do Sião: *Como* é hápax na *Ásia*; *Lanchã* e, com ligeiras variantes fonéticas, *Chencrai*, encontram-se mais umas vezes na terceira década, que aliás na altura das nvg ainda não tinha sido composta; mas sobretudo surpreendemos a ausência de Camboja, que é topónimo frequente na *Ásia* e embora fosse mencionado no capítulo anterior.

[30] Quanto a el-Rei da China, bem podemos afirmar que somente ele em terra, povo, potência, riqueza e polícia é mais que todos estes outros.

Quanto al re della China, potemo ben affermar che solamente lui in terra di popolo, potenza, ricchezza e civiltà è piú che tutti questi altri,

R. não altera nada neste período.

[31] Porque o seu estado contém em si quinze províncias, a que eles chamam governanças, cada ua das quais é um mui grande reino; e na Geografia sua, que houvemos, tratando o autor de cada província, faz um sumário do que rende; e se é verdade a interpretação dos números de sua conta, parece-me que tem mor rendimento que todolos reinos e potências da Europa.

perciocché il suo stato contiene in sé quindici provincie, che loro chiamano governanzie, ciascuna delle quali è un regno molto grande; e nella sua geografia che abbiamo avuto, trattando l'autor di ciascuna provincia, fa uno sommario della entrata che ha: e se è vera l'interpretazione delli numeri de' suoi conti, mi pare che ha maggior entrata che tutti li regni e potenzie di Europa.

R. actua mais uma alteração inócua dum ponto de vista semântico: substitui *do que rende* com *della entrata che ha*.

[32] E eu dou-lhe algua fé, porque um escravo chi que comprei pera interpretação destas cousas, sabia também ler e escrever nossa linguagem, e era grande contador de algarismo.

E io li ho qualche fede, perché uno schiavo chino che comperai per interpretarmi queste cose sapeva etiam legger e scriver nella lingua portoghese, ed era grande abbachista.

R. não se esquece de mudar não só os vocábulos, mas também a perspectiva, e portanto traduz *nossa linguagem* com *lingua portoghese*; além disso, sintetiza *contador de algarismo* com o equivalente *abbachista*.

[33] E as causas que podem ainda acreditar o que

E le cose che possono ancora affermar quel che

111r

dizemos são que a costa do seu estado passa de setecentas léguas, porque, quem parte de Cantão pera ir onde el-Rei está, ao menos atravessa quinhentas léguas, tudo tam povoado que ninguém dorme fora dele.

abbiamo detto sono che la costa per mare del suo stato passa da settecento leghe, percioché chi parte da Cantan per andar dove sta il re per il manco attraversa cinquanta leghe, e il tutto è cosí pieno di abitazioni che niuno dorme fuora nel campo.

R. comete um erro grosseiro, que pode ser explicado só como uma queda de atenção: afirma de facto haver entre Cantão e a capital pelo menos *cinquanta leghe* (cinquenta léguas, pouco mais de trezentos quilómetros), quer dizer uma distância ínfima ou, para sermos mais precisos, exactamente dez vezes inferior à verdade: B. de facto fala, correctamente, de *quinhentas léguas*. Mesmo atribuindo-lhe a possibilidade de equivocar, até por causa duma eventual cópia depauperada em sua posse, cinquenta com quinhentas, não compreendemos como não se apercebeu do erro, até porque tinha imediatamente antes escrito haver *settecento leghe* de costa.

[34] A terra em si tem todolos metais em grande quantidade, a mecânica muita mais que em Frandes e Alemanha; porque é tanto o povo, que, por se manter, fazem obras de todo género, tam primas e sotis, que não parecem feitas com dedos, mas que as lavrou a Natureza.

La terra in sé ha tutte le sorti di metallo in gran quantità. Lavori mecanici sono molto piú che in Fiandra e Alamagna, perché è tanto grande il popolo che per sostentarsi fanno opere d'ogni sorte, tanto eccellenti e sottili che non paiono fatte con le mani, ma lavorate dalla natura.

R. evita a introdução de mais uma oração relativa no fim, e então a *que as lavrou a Natureza* prefere a adjectivação do particípio passado *lavorate*.

[35] Finalmente, é tam grossa e abastada de tudo, que, estando alguns dos nossos em um porto, junto da cidade de Nimpó, em três meses viram carregar quatrocentos bahares de seda solta e tecida, que são mil e trezentos quintais dos nossos.

Finalmente è tanto grassa e abbondante di tutto che, stando alcuni delli nostri in un porto appresso la città di Nimpò, in tre mesi hanno visto caricar quattrocento bahari di seta sciolta e tessuta, che sono milletrecento cantari delli nostri di Lisbona, che fanno centosessantasei migliara in circa al peso grosso di Venezia.

Neste caso R. converte correctamente os *quintais* portugueses em *grossi* venezianos.

[36] Demos ua notícia geral destes príncipes, por as causas que atrás apontámos; e porque com os reis do Malabar tivemos mais comunicação per comércio e per armas, principalmente com o Samori, e contendemos té ora com ele, sem termos dado relação de suas cousas, convém que o façamos particularmente no seguinte capítulo.

Abbiamo dato una general notizia di questi principi per le cause che adietro abbiamo detto.

R. mais uma vez não traduz integralmente, e não tinha outra possibilidade, uma vez que se trata duma típica intervenção antecipatória.

4. TRADUÇÃO DO CAPÍTULO PRIMEIRO DO LIVRO DÉCIMO

Título

Livro décimo da primeira década da Ásia de João de Barros: dos feitos que os Portugueses fizeram no descobrimento e conquista dos mares e terras do Oriente, em que se contém o fundamento da fortaleza de Sofala e parte das cousas que fez o Viso-Rei Dom Francisco, o ano de quinhentos e seis.

Similarmente a quanto faz no capítulo IX.1, R. não traduz o título, por ser suficientemente genérico para ser suprimido, pois se refere a todo o livro décimo; aliás, a parte que precede a relativa *em que ...* é constante em todos os títulos, e está já mencionada na introdução desta parte da antologia.

Rubrica

Capítulo primeiro. Em que se descreve a região do reino de Sofala e das minas de ouro e cousas que nela há; e assi os costumes da gente e do seu príncipe Benomotapa.

Capitolo primo del libro decimo, nel quale si descrive la regione del regno di Cefala, e delle mine d'oro e l'altre cose che vi sono, ed etiam delli costumi della gente e del suo principe Benomotapa.

R. mantém-se sempre fidelíssimo nas rubricas, como aqui de resto.

Texto

[1] Toda a terra que contamos por reino de Sofala, é ua grande região que senhorea um príncipe gentio, chamado Benomotapa, a qual abraçam em modo de ilha dous braços de um rio que procede do mais notável lago que todo a terra de África tem, mui desejado de saber dos antigos, escritores, por ser a cabeça escondida do illustre Nilo, donde também procede o nosso Zaire, que corre per o reino de Congo.

Tutta la terra che contammo del regno di Cefala è una grande regione signoreggiata da un principe gentile chiamato Benomotapa, la quale è abbracciata in modo d'isola da due braccia d'un fiume che procede dal piú notabile lago che ha tutta l'Africa, molto desiderato di saper dalli antichi scrittori per esser il principio nascoso dello illustre Nilo, del qual etiam procede il nostro Zaire, che corre per il regno di Manicongo.

R., como é seu hábito, preocupa-se com tornar o período mais claro, e portanto substitui *senhorea* e *abraçam* pelas vozes verbais correspondentes da diátese passiva.

[2] Per a qual parte podemos dizer ser este grã lago mais vezinho ao nosso Mar Oceano occidental que ao oriental,

Per la qual parte potemo dire essere questo grande lago piú vicino al nostro mare oceano occidentale che

segundo a situação de Ptolomeu, ca do mesmo reino de Congo se metem nele este seis rios: Bancare, Vamba, Cuilu, Bibi, Maria Maria, Zanculo, que são mui poderosos em água afora outros sem nome, que o fazem quási um mar navegável de muitas velas, em que há ilha que lança de si mais trinta mil homens que vem pelejar com os da terra firme.

all'orientale, secondo la situazione di Ptolomeo, perciöché del medesimo regno di Manicongo si mettono in lui questi sei fiumi: Bancare, Vamba, Cuyla, Bibi, Mariamaria, Zanculo, che sono molto potenti in acque, oltra di altri senza nome, che lo fanno quasi un mare navigabile di molte vele, nel quale vi è l'isola che fa da sé piú di trentamila uomini, che vengono a far guerra con quelli della terra ferma.

R. passa de *Cuilu* para *Cuyla*: ambos os topónimos são hápax nas respectivas obras e é portanto difícil explicar esta mudança; os outros topónimos, se exceptuarmos a fusão num único signo gráfico do rio Maria Maria, ficam inalterados.

[3] E destes três notáveis rios, que ao presente sabemos procederem deste lago, os quais vem sair ao mar tam remotos um do outro, o que corre per mais terra, é o Nilo, a que os abexis da terra do Preste João chamam Tacuí, no qual se metem outros dous notáveis a que Ptolomeu chama Astabora e Astapus, e os naturais Tacazi e Abanhi.

E di questi tre notabili fiumi che al presente sapemo proceder di questo lago, li quali vengono ad uscire nel mare tanto distanti l'uno dall'altro, quel che corre per piú terre è il Nilo, il quale li Abissini della terra del Prete Ianni chiamano Tacuii, nel quale si mettono altri duoi notabili, che Ptolomeo chiama Astabora e Astapus, e li naturali Taccazii e Abanhi.

Como aludimos no per. 1 do capítulo precedente, R. utiliza às vezes a desinência latinizante *-emo* para a quarta pessoa do presente do indicativo dos verbos da segunda conjugação: trata-se de qualquer forma duma escolha minoritária e anti-bembiana também; vemo-lá em *sapemo*.

[4] E posto que este Abanhi (que acerca deles quere dizer Pai das águas, polas muitas que leva) proceda de outro grande lago, chamado Barcená, e per Ptolomeu Coloa, e também tenha ilhas dentro, em que há alguns mosteiros de religiosos (como se verá em a nossa Geografia), não vem a conto deste nosso grande lago, ca, segundo a informação que temos per via de Congo e de Sofala, será de comprido mais de cem léguas.

E ancora che questo Abanhi (che appresso loro vuol dire padre dell'acque, per l'abondanzia che ha) procede da un altro grande lago chiamato Barcena, e da Ptolomeo Coloa, ed etiam abbia isole dentro dove sono alcuni monasterii di religiosi, come si vedrà nella nostra geografia, non possono compararsi a questo nostro grande lago, perciöché, secondo la informazione che abbiamo per via di Manicongo e di Cefala, averà di lunghezza piú di cento leghe.

R. mantém-se aqui bastante fiel ao texto de origem.

[5] O rio que vem contra Sofala, depois que sai deste lago e corre per muita distância, se reparte em dous braços: um vai sair aquém do Cabo das Correntes, e é aquele a

Il fiume che vien contra Cefala, dappoi che esce di questo lago e corre per molta distanza, si divide in due braccia: l'uno va a uscir di qua del capo delle Correnti, ed è quello

que os nossos antigamente chamam Rio da Lagoa, e ora do Espírito Santo, novamente posto per Lourenço Marques, que o foi descobrir o ano de quorenta e cinco; e o outro braço sai abaixo de Sofala vinte cinco léguas, chamado Cuama, posto que dentro pelo sertão outros povos lhe chamam Zembere.

che li nostri anticamente chiamano Fiume del Lago, e al presente dello Spirito Santo, novamente posto per Lorenzo Marquez, che andò a discoprirlo l'anno del millecinquecentoquarantacinque; e l'altro braccio esce a basso di Cefala venticinque leghe, chiamato Cuama, ancora che dentro per la terra ferma li popoli lo chiamano Zambere.

R. acrescenta o desnecessário pormenor da menção do século: substitui de facto *quorenta e cinco* por *millecinquecentoquarantacinque*.

[6] O qual braço é muito mais poderoso em águas que o outro do Espírito Santo, por ser navegável mais de duzentas e cinquenta léguas, e nele se meterem estes seis notáveis rios: Panhames, Luanguoa, Arruia, Manjovo, Inadire, Ruenia, que todos regam a terra de Benomotapa, e a maior parte deles levam muito ouro que nasce nela.

Il qual braccio è molto piú potente in acque che l'altro dello Spirito Santo, per esser navigabile piú di ducentocinquanta leghe, e perché in lui si mettono questi sei notabili fiumi, cioè Panhames, Luangoa, Arruya, Maniovo, Inadire, Ruenia, che tutti bagnano la terra di Benomotapa: in la maggior parte di loro si trova assai oro.

R. aqui cumpre mais uma alteração livre de consequências: resume a mais detalhada construção *levam muito ouro que nasce nela* com a indicação de presença fornecida por *si trova assai oro*.

[7] Assi que, com estes dous braços e o mar per outra parte, fica este grã reino de Sofala em ua ilha, que terá de circuito mais de setecentas e cinquenta léguas.

Adunque, con queste due braccia e il mare dall'altra banda, rimane questo regno di Cefala in una isola, che potrà aver di circuito piú di settecentocinquanta leghe,

Neste breve período, R. mantém-se bastante fiel ao texto de origem.

[8] Toda ela, no sítio, mantimentos, animais e moradores, é quási como a terra chamada Zanguebar, de que atrás escrevemos, por ser ua parte dela; porém como se vai afastando da linha equinocial, tirando o marítimo dela, deste rio Cuama té o Cabo das Correntes, per dentro do sertão é terra excelente, temperada, sadia, fresca, fértil de totalas cousas que se nela produzem.

la qual isola nel sito, vettovaglie, animali e abitazioni è quasi come è la terra Zanguebar, della qual abbiamo scritto, per essere una parte di lei; nondimeno, come si va allontanando dalla linea equinoziale, eccetto la parte maritima di esso, di questo fiume Cuama fin al capo delle Correnti per dentro della terra ferma tutto è paese eccellente, temperato, salutare, verde e fertile di tutte le cose che lbi si possono desiderare.

Como no per. 43 do cap. VIII.4, aqui também R. traduz *sadiocom salutifero*, e interessantemente propõe *verde* em lugar de *fresco*.

[9] Somente aquela parte do Cabo das Correntes, té a boca do rio Espírito Santo, apartando-se um pouco da fralda do mar, tudo são campinas de grandes criações de todo género de gado; e tam pobre de arvoredos, que com a bosta deste se aquece a gente e se veste das peles, por ser mui fria com os ventos que cursam daquelle mar gelado do Sul.

Solamente quella parte dal capo delle Correnti fino alla bocca del fiume Spirito Santo, discostandosi un poco dal lito maritimo, tutta è campagna di grandi pascoli di ogni sorte d'armenti, ma è cosí povera di arbori che con lo sterco degli animali si scaldan le genti, e si veston delle pelli di quelli, per esser freddissima, per cagion delli venti che vengono da quel mar gelato di sotto il polo antartico.

R. acrescenta mais um pormenor: passa-se de *Sul* a *sotto il polo antartico*.

[10] A outra terra que vai ao longo do Rio de Cuama e do interior daquela ilha, pela maior parte é montuosa,

L'altra terra, che va al lungo del fiume di Zuama della parte interiore di tutta l'isola, per il piú è montuosa,

118v

coberta de arvoredos, regada de rios, graciosa em sua situação e por isso mais povoada, e o mais do tempo está nela Benomotapa; e por razão de ser tam povoada, fogem dela os elefantes e vão andar na outra campina, que dissemos, quási em manadas, como fatos de vacas.

coperta di arbori, bagnata da fiumi, graziosa nella sua situazione: e però è piú abitata, e la maggior parte del tempo vi fa residenza il re Benomotapa. E per esser cosí frequentata fuggono di là gli elefanti e vanno a stanziar per l'altra campagna, mettendosi insieme a modo di mandrie di vacche:

Neste caso R. não sabe concretizar as suas apirações normalizadoras, e então vemos aqui *Zuama*, que aparece só desta vez neste capítulo, a breve distância de duas ocorrências da variante *Cuama*, que aliás é menos frequente na obra.

[11] E não pode ser menos, porque geralmente se diz entre aqueles cafres que cada ano morrem quatro, cinco mil cabeças; e isto autoriza a grande quantidade de marfim que se dali leva pera a Índia.

e non può esser di manco, perciocché generalmente si dice fra quelli Cafri che ogni anno muoiono quattro over cinquemila teste di elefanti, e questo si può credere vedendo la grande quantità di avorio che di là si porta all'India.

R. acrescenta um detalhe que dá clareza ao texto: trata-se da especificação *di elefanti*, colocada ao lado do substantivo genérico *cabeças*, inevitavelmente realizado com *teste*.

[12] As minas desta terra onde se tira o ouro, as mais chegadas a Sofala, são aquelas a que eles chamam

Le mine di questa terra dove si cava l'oro, le piú propinque a Cefala sono quelle che loro chiamano

Manica, as quais estão em campo cercadas de montanhas, que terão em circuito trinta léguas; e geralmente conhecem o lugar onde se cria o ouro por verem a terra seca e pobre de erva. [13] E chama-se toda esta comarca Matuca, e os povos que as cavam botongas.

Manica, le quali sono in un campo circondato di montagne, che hanno in circuito trenta leghe; e generalmente conoscono il luogo dove nasce l'oro perché veggono la terra secca e povera di erbe. E chiamasi tutta questa comarca Matuca, e li popoli che cavano le mine Botongas,

Nestes dois períodos, aliás fortemente interconexos, R. mantém-se fidelíssimo ao texto de origem.

[14] Os quais, ainda que estão entre a linha e o trópico de capricórnio, é tanta a neve naquelas serras, que, no tempo do inverno, se alguns ficam no alto, morrem regelados; no cume das quais em tempo do verão é o ar tam puro e sereno, que alguns dos nossos que neste tempo se acharam ali, viram a Lua Nova, no de dia que se espedia da conjunção.

li quali ancora che siano fra la linea dell'equinoziale e il tropico di Capricorno, è tanta la neve in quelle montagne che nel tempo del verno, se alcuno resta nelle sommità di quelle, muore agghiacciato. Ma nel tempo della estate in cima di quelle l'aere è così puro e sereno, che alcuni delli nostri, che in quella stagion vi si trovarono, hanno veduto la luna nuova nel dí medesimo della congiunzione.

Mais uma adição finalizada a uma maior compreensibilidade: R. substitui *no alto* por *nelle sommità di quelle*; substitui o verbo *espedir-se* por uma construção nominal.

[15] Nestas minas de Manica, que serão de Sofala contra o Ponente até cinquenta léguas, por ser terra seca, tem os cafres algum trabalho, ca todo o ouro que se ali acha é em pó e convém que levem a terra que cavam a lugar onde achem água, pera o que fazem alguns cavoucos em que no inverno se recolhe água; e geralmente nenhum cava mais de seis, sete palmos de alto, e se chegam a vinte acham por lastro de toda aquela terra lájea.

In queste mine di Manica, che sono di Cefala verso il ponente da cinquanta leghe, per esser terra secca, tengono li Cafri alcun travaglio, percioché tutto l'oro che vi si trova è in polvere, e li bisogna portar la terra che cavano in qualche luogo dove trovino acqua: per il che fanno alcune fosse dove nell'inverno si raccoglie l'acqua, e generalmente niuno cava piú che sei o sette palmi d'alto, e se giungono a venti, trovano per tutta quella terra il fondo pieno di pietre.

R. utiliza aqui o numeral cardinal *vinti*, que, embora não seja invulgar nas *Navigazioni*, não deixa de ser menos frequente da variante fonética *venti*: aqui talvez possa tratar-se de interferência interlinguística ao nível gráfico-fonético.

[16] As outras minas que são mais longe de Sofala distarão de cento até duzentas léguas, e são nestas comarcas Boro, Quiticui, e nelas e nos rios que acima nomeámos que regam esta terra se acha ouro mais grosso, e dele em as veas de pedra e outro já depurado

Le altre mine, che sono piú lontane da Cefala, sono distanti da cento fino a ducento leghe. E sono in questi contorni Boro, Quiticuy, nelli quali, e nelli fiumi che sopra nominammo che bagnano questo paese, si trova l'oro piú grosso, e alcun nelle vene delle pietre, e altro già netto e

dos enxurros do inverno; e porisso em alguns remansos dos rios, como é no verão, costumam mergulhar, e na lama que trazem acham muito ouro.

purificato dalle molte acque dell'inverno: e perciò in alcuni luoghi di detti fiumi, come vien il tempo della estate, costumano notare e sommergersi in quelli, e nel fango che portano di sopra ritrovano molto oro.

Com um mecanismo que já evidenciámos, R. traduz *depurado* com uma ditologia sinonímica na qual o segundo elemento retoma o étimo do signo do SL (purus > depurar (> depurado); purus > purificare (> purificato)); o mesmo mecanismo se vê também em *mergulhar*, que é realizado pela dupla *notare e sommergersi*, onde o latim *mergere* é o étimo comum.

[18] Em outras partes onde há alguas alagoas, juntam-se duzentos homens e põem-se a esgotar a metade delas, e na lama que apanham também acham ouro; e segundo a terra é rica dele, se a gente fosse cobiçosa, haver-se-ia grande quantidade, mas é a gente preguiçosa nesta parte de o buscar ou, por melhor dizer, tam pouco cobiçosa, que muita fome há-de ter um daqueles negros quando o for cavar.

In altre bande dove sono alcune lagune si mettono insieme ducento uomini a evacuar la metà dell'acqua, e nel fango che cavano trovano l'oro, secondo che la terra è abbondante di esso. E se la gente fosse desiderosa e cupida se ne averebbe grande quantità, ma la gente in questa parte di cavarlo è tanto pigra e ignava, o per dirla meglio così poco desiderosa, che una gran fame bisogna che sia quella che facci che uno di quelli negri lo vada a cavare.

Achamos interessante evidenciar a maneira com a qual R. fica constante nas suas escolhas lexicais: se no per. 23 do cap. VIII.4 tinha traduzido *cobiça* com *desiderio e cupidità*, aqui (e no per. seguinte) temos os correspondentes adjectivos na mesma ordem, quer dizer R. traduz *cobiçosa* com *desiderosa e cupida*. *Preguiçosa* é também traduzida por uma das suas habituais ditologias: lat. piger > pigru(m) > it. pigro; lat. piger > pigritia > pt. preguiça(/-oso).

[19] Pera o haver dos quais, os mouros que andam entre eles neste trato ainda tem artefício de os fazer cobiçosos, porque cobrem a eles e a suas mulheres de panos, contas e brincos com que eles folgam, e, depois que os tem contentes, fiam-lhe tudo, dizendo que vão cavar o ouro e, quando vier pera tal tempo, que lhe pagarão aquelas peças.

E per aver l'oro da detti negri, gli altri Mori che sono fra queste genti in questo traffico usano un artificio per farli desiderosi e cupidi, perciòché vestono quelli con le moglieri di panni, e li danno paternostri di vetro di diversi colori e altre bagattelle delle quali loro si diletano, e dappoi che gli hanno contentati li dicono darli tutto in credenza, e che vadano a cavar l'oro, e che dappoi fra un certo termine li pagheranno quelle robbe che hanno avuto,

R. demonstra um grande conhecimento do SL, pois traduz correctamente o polissémico *conta* com *paternostri di vetro*. R. (ou a mão-de-obra da tipografia) parece cometer um erro de distracção onde traduz

cobrem a eles e a suas mulheres de panos com vestono quelli con le moglieri di panni: a preposição con teria que ser substituída com a cópula e.

[20] De maneira que per este modo de lhe dar fiado os obrigam cavar, e são tam verdadeiros que cumprem com sua palavra.

di maniera che con questa arte di darli in credenza li fanno cavar l'oro, e sono cosí fideli che mantengono sempre la sua parola.

R. acrescenta, para ser mais claro, o complemento directo *l'oro*, e substitui *verdadeiros* por *fedeli*.

[21] Tem outras minas em ua comarca chamada Toroa, que per outro nome se chama o reino de Butua, de que é senhor um príncipe per nome Burró, vassalo de Benomotapa, a qual terra é vezinha a outra que dissemos ser de grandes capitánias; e estas minas são as mais antigas que se sabem naquela terra, todas em campo. [22] No meio do qual está ua fortaleza quadrada, toda de cantaria de dentro e de fora, mui bem lavrada, de pedras de maravilhosa grandeza, sem aparecer cal nas juntas dela, cuja parede é de mais de vinte cinco palmos de largo, e a altura não é tam grande em respeito da largura.

Hanno altre mine in un paese che chiamano Toroa, che per altro nome si chiama il regno di Butua, del quale è signor un principe chiamato Buro, vassallo di Benomotapa, il qual paese è vicino a quello che abbiamo detto esser di campagne grandi, e queste mine sono le piú antiche che si sappiano in quel paese, tutte in campagna, nel mezzo del quale è una fortezza quadra tutta di pietra dura per dentro e di fuori molto ben lavorata, di pietre di meravigliosa grandeza, senza che si possa veder fra l'una e l'altra calcina. E il muro di essa è piú di venticinque palmi in larghezza, e l'altezza non è cosí grande al rispetto della larghezza.

R. mantém-se nestes dois periodos fidelíssimo ao ST.

[23] E sobre a porta do qual edefício está um letreiro que alguns mouros mercadores que ali foram ter, homens doutos, não souberam ler nem dizer que letra era; e quási em torno deste edifício, em alguns outeiros, estão outros à maneira dele no lavramento de pedraria e sem cal, em que há ua torre de mais de doze braças.

Sopra la porta di quello edificio vi è una scrittura a modo di epitafio, che alcuni di quelli detti Mori né altri hanno saputo mai leggere, né dir che lettera fussi quella. E quasi intorno di questo edificio, in alcuni luoghi eminenti, sono altri alla similitudine di quello nel lavoro delle pietre e senza calcina, dove è una torre alta piú di dodici braccia.

R. modifica ligeiramente a primeira parte do período: suprime as duas aposições *mercadores* e *homens doutos*, e acrescenta o fático *detti. Eminentí*, aqui como em outros *loci* do texto, tem valor denotativo e portanto unicamente mensural (elevado, alto) e não o valor, hoje habitual, de conotação respeitosa (importante, prezado).

[24] A todos estes edificios os da terra lhe chamam Simbaoé, que acerca deles quere dizer corte, porque a todo lugar onde está Benomotapa chamam assi; e, segundo eles dizem, deste por ser cousa real tiveram todas as outras moradas del-Rei tal nome. [25] Tem um homem nobre que está em guarda dele, ao modo de alcaide-mor, e a este tal officio chamam Simbacaio como se dissessemos guarde de simbaoé; e sempre nele estão algumas das mulheres de Benomotapa, que este Simbacaio tem cuidado.[26] Quando ou per quem estes edificios foram feitos, como a gente da terra não tem letras, não há entre eles memória disso, somente dizerem que é obra do Diabo, porque, comparada ao poder e saber deles, não lhe parece que a podiam fazer homens, e alguns mouros que a viram, mostrando-lhe Vicente Pegado, capitão que foi de Sofala, a obra daquela nossa fortaleza, assi o lavramento das janelas e arcos, pera comparação da cantaria lavrada daquela obra, diziam não

119r

ser cousa pera comparar, segundo era limpa e perfeita.

R. mantém-se nestes períodos fidelíssimo ao texto de origem.

[27] A qual distará de Sofala, pera o Ponente, per linha direita, pouco mais ou menos cento e setenta léguas, em altura entre vinte e um graus da parte do Sul, sem per aquelas partes haver edificio antiguo nem moderno; por que a gente é mui bárbara e todas suas casas são de madeira, e per juízo dos mouros que a viram, parece ser cousa mui antiga e que foi ali feita pera ter posse daquelas minas, que são mui antigas, em as quais se não tira ouro há anos, por causa de guerras.

Tutti questi edifici da quelli della terra sono chiamati symbaoe, che appresso loro vuol dir corte, percioché ogni luogo dove è Benomotapa chiamano cosí. E secondo che loro dicono, da questo edificio, per esser cosa reale, hanno avute tutte l'altre abitazioni del re questo nome. Vi sta uno uomo nobile alla custodia di quello a modo di castellano, e questo tal officio chiamano symbacayo, quasi se volessimo dire custode di symbaoe, e sempre in esso stanziano alcune moglie di Benomotapa, delle quali questo symbacayo ne ha la cura. Quando o da chi questi tali edifici siano stati fatti, non avendo la gente della terra lettere, non vi è tra loro memoria alcuna; solamente dicono essere opera del diavolo, perché, comparando il poter e saper loro, non li pare che potriano uomini averla fatta. E alcuni Mori che gli hanno veduti, mostrandoli Vicente Pegado capitano che fu di Cefala l'opera di quella nostra fortaleza, cosí il lavoro delle finestre e degli archi, per paragonare con le pietre lavorate di detta opera, dicevano non esser da comparare, tanto quella era netta e perfetta.

La qual è distante da Cefala verso ponente per linea diritta poco piú o manco di centosettanta leghe, in latitudine fra gradi venti e ventiuono dalla parte dell'ostro, senza che per quelle bande si trovi alcun edificio antico né moderno, percioché la gente, essendo molto barbara, fanno per tutto le sue case di legnami. E per giudizio delli Mori che gli hanno veduti par esser cosa antichissima, e che sia stata fatta lbi per aver possessione di quelle mine, che sono molto antiche, delle quali non si cava oro molti anni fa per causa delle guerre.

R., em vez de *suas casas são de madeira*, atribui à gente o papel de sujeito, e portanto propõe a construção sinonímica *fanno [...] le sue case di legnami*. *Molti anni fa* parece ser interferência do SL, uma vez que a tradução italiana necessitaria da preposição *da*.

[28] E olhando a situação e a maneira do edificio, metido tanto no coração da terra, e que os mouros confessam não ser obra deles, por sua antiguidade, e mais por não

E riguardando il sito e il modo dell'edificio posto tanto nel cuore della terra, e che li Mori confessano non esser opera loro per la sua antichità, e piú perché non

conhecerem os caracteres do leteiro que está na porta, bem podemos conjecturar ser aquela a região que Ptolomeu chama Agsimba, onde faz sua computação meridional, porque o nome dela, e assi do capitão que a guarda, em alguma maneira se conformam e algum deles se corrompeu do outro.

conoscono li caratteri dell'epitafio che è sopra la porta, potremmo ben congetturar quella esser la regione chiamata da Ptolomeo Agsymba, dove fa sua computazione meridionale, perché il nome di essa e così del capitano della guardia in alcun modo s'assimigliano, e l'uno di loro è stato corrotto dall'altro.

Potressimo é voz verbal do condicional analógico⁴⁶, que nas *Navigazioni* está várias vezes presente; R. substitui a relativa *que a guarda* pela especificação *della guardia*, modificando desta vez profundamente o sentido: talvez se trate duma distracção.

[29] E pondo nisso nosso juízo, parece que esta obra mandou fazer algum príncipe que naquele tempo foi senhor destas minas, como posse delas, a qual perdeu com o tempo, e também por serem mui remotas de seu estado; ca, por a semelhança dos edificios, parecem muitos a outros que estão na terra do Preste João, em um lugar chamado Acaxumo, que foi ua cidade câmara da Rainha Sabá, a que Ptolomeu chama Axumá, e que o príncipe, senhor deste estado, o foi destas minas, e por razão delas mandou fazer estes edificios, ao modo que nós ora temos a fortaleza da Mina e esta mesma de Sofala.

E ponendo in questo il nostro giudicio, penso che questa tal opera facesse far alcun principe che in quel tempo era patrone di queste mine, come possessioni di esse, la qual perse poi col tempo e ancora per essere molto lontane dal suo stato, perciòché per la similitudine degli edificiii si assomigliano molto ad altri che sono nella terra del Prete Ianni, in un luogo chiamato Caxumo, che dicono esser stata una città camera della regina Saba, che Ptolomeo chiama Axuma, e che 'l principe di questo stato fossi signor di queste mine, e per causa di quelle ordinasse di far questi edificiii, nel modo che noi al presente abbiamo fatto in la fortezza della Mina e questa medesima di Cefala.

R. propõe uma leve alteração: sem querer utilizar outro verbo mais elegante, substitui *temos* por *abbiamo fatto*, e então repete o verbo *fazer* a breve distância da precedente ocorrência.

[30] E como naquele tempo de Ptolomeu, per via dos moradores desta terra Abássia, do Preste, a qual ele chama Etiópia-sobre-Egipto, esta terra de que falamos em alguma maneira era nota por razão deste ouro e o lugar teria nome, fez ele, Ptolomeu, aqui termo, e sua conta da distância austral.

E conciosiacosaché nel tempo di Ptolomeo, per via degli abitatori della terra di Abissini, quale lui chiama Etiopia sopra Egitto, questo paese di che parliamo in alcun modo non era noto per ragione di questo oro, perché il luogo averia nome, però fece esso Ptolomeo qui termine, e il suo computo della distanza australe.

R. suprime a menção do Preste (João), talvez por estar já mencionado no per. precedente.

⁴⁶ Cfr. Rohlf's 1966-69, vol. I, p. 598.

[31] Toda a gente desta região, em geral é negra, de cabelo retorcido, e porém de mais entendimento que a outra, que corre contra Moçambique, Quíloa, Melinde; entre a qual há muita que come carne humana e que sangra o gado *vacum*, por lhe beber o sangue com que se mantém.

Tutta la gente di questa regione generalmente è negra, delli capelli ritorti; nondimeno ha piú intelletto che l'altra che corre verso Moçambique, Quíloa, Melinde, fra la quale è assai che mangiano carne umana, e che salassano li buoi e vacche per beberli il sangue.

R. suprime o desnecessário pormenor contido na relativa *com que se mantém*; o aqui presente *bevere* é na sua antologia menos frequente, mas igual e abundantemente presente, da variante sincopada *bere*. R. traduz *gado vacum*, em vez dum eventual tecnicismo como *bovino*, presente uma única vez no *Itinerario di Lodovico Bartheta*, com a enumeração dos animais da dita espécie nos dois géneros (*buoi e vacche*).

[32] Esta do estado de Benomotapa é mui disposta pera converter a nossa fé, porque crem em um só Deus, a que eles chamam Mozino, e não tem ídolo nem cousa que adorem; e sendo geralmente todos os negros das outras partes mui dados a idolatria e a feitiços, nenhua cousa é mais punida entre estes que um feitiçeiro, não por causa de religião, mas polo haverem por mui prejudicial pera a vida e bem dos homens, e nenhum escapa de morte.

La gente del stato di Benomotapa è molto piú disposta per convertirsi alla nostra fede, percioché credono in un solo Dio, che loro chiamano Mozimo, e non hanno idolo né cosa che adorino. Ed essendo generalmente tutti li negri dell'altre bande molto dati alla idolatria, a stregherie e fatture, niuna cosa è piú punita fra costoro che un di questi tali, non per causa di religione, ma perché gli hanno per cosa molto pregiudiciale alla vita e ben degli uomini, e niuno può scapolar dalla morte.

Como no per. 20 do cap. VIII.4, R. traduz *feitiços* com *stregherie*, mas aqui acrescenta-lhe o signo *fatture*, que repropõe o étimo do verbo latim *facio*. *Pregiudiciale* é fruto duma clara interferência do SL, sendo este termo um *hápx*.

[33] Tem outros dous crimes iguais a este - adultério e furto - e basta pera um homem ser julgado por adúltero, se o viram estar assentado na esteira em que se assenta a mulher dalguém, e ambos padecem por justiça.

Hanno duoi altri peccati uguali a questo, cioè adulterio e latrocinio, e basta assai per condannar un uomo per adulterio averlo veduto seder nella stuora dove siede la moglie d'un altro: e ambidui muoiono per giustizia.

R. opera algumas pequenas alterações: evita *crimes*, que teria tido como solução mais óbvia no TL o erudito e latinizante *crimini*, e utiliza *peccati* numa conotação extensiva (e então extra-devocional); pelo contrário, eleva *furto*, que não é aliás nada invulgar nas *Navigazioni*, ao nível do culto *latrocinio*. *Stuora* é bastante frequente na obra, em que a variante toscana *stuoia* tem somente duas ocorrências.

[34] E cada um pode ter as mulheres que se atrever a manter, porém a primeira é a principal e a ela servem todas as outras e os filhos dela são os herdeiros, à maneira

E ciascuno può aver tante mogli quante li basta l'animo di sostenere, però la prima è la principale e a lei servono tutte l'altre, e li figliuoli di quella sono gli eredi, secondo

de morgados.

che sono li primigeniti di Spagna.

R. faz-se aqui mediador cultural traduzindo *morgados* com *primigeniti di Spagna*.

[35] Não pode algum casar com mulher, senão depois que a ela vem seu mês; porque então está autá pera poder conceber, e neste dia costumam fazer grandes festas.

Non può alcuno tor moglie se non dapoi che li vengono i suoi mesi, perché allora è atta di poter ingravidarsi: e quando vien questo dí, costumano di far gran festa.

R. mantém-se aqui fiel ao texto de origem.

[36] Em duas cousas tem modo de religião: em guardar dias, e acerca de seus defuntos.

In due cose hanno modo di religione, in osservar alcuni giorni in li suoi morti,

R. funde as duas informações (*em guardar dias, e acerca de seus defuntos*) do B. numa única hendiádis: *osservar alcuni giorni in li suoi morti*: assim a referência as prácticas funerárias são simplesmente descritas no seguinte período sem introdução.

[37] Porque dos dias guardam o primeiro da lua, o sexto, o sétimo, onzemo, décimo-sexto, décimo-sétimo, vigésimo-primo, vigésimo-sexto, vigésimo-sétimo, e o vigésimo-oitavo, porque neste nasceu o seu Rei, e daqui tornam fazer outra conta; e a religião está no primeiro, sexto e sétimo, e todolos outros é repetição deles sobre as dezenas.

percioché delli giorni osservano il primo della luna, il 6°, 7°, 11°, 16°, 17°, 21°, 26°, 27° e il 28°, conciosiaché in questo nacque il suo re; e di qui ritornano a far un'altra computazione, e la religione consiste nel primo, sesto e settimo, e tutti gli altri è repetizione loro sopra le decine.

R. substitui a lista de vocábulos numerais ordinais pelos mais imediatos algarismos correspondentes.

[38] Quanto aos defuntos, depois que algum corpo é comido, tomam a sua ossada do ascendente ou descendente, ou da mulher de que houveram muitos filhos e guarda estes ossos com sinais pera conhecerem de que pessoa é; e de sete em sete dias, no lugar onde os tem, a maneira de quintal, estendem panos em que põem mesas com pão e carne cozida, como que oferecem aquele comer aos seus defuntos, aos quais

Quanto alli defunti, dapoi che alcun corpo è consumato prendono le sue ossa dell'ascendente over descendente, o della moglie da che ebbero molti figliuoli, e salvano queste ossa con segni per conoscere di che persona sian stati; e di sette in sette giorni nel luogo dove gli hanno, che è a maniera di corte discoperta, stendono panni sopra tavole con pane e carne cotta, quasi offerendo quel cibo alli suoi defunti, alli quali fanno preghiere.

fazer preces.

R. opera uma interessante alteração temporal: substitui *de que pessoa é por di che persona sian stati*, segundo uma lógica pela qual um defunto já não é uma pessoa.

[39] E a principal cousa que lhe pedem, é favor pera as cousas do seu Rei; e passadas estas orações, que são feitas estando todos com vesteduras brancas, o senhor da casa com sua família se põe a comer aquela oferta.

E la principal cosa che li domandano è favor per le cose del suo re. E passate queste orazioni, che si fanno stando tutti vestiti di bianco, il patrone della casa con la sua famiglia si mette a mangiar quella offerta.

R. expressa a ideia de passiva, evidente na escolha da apropriada diátese em *são feitas*, mediante o pronome passivizante *si*, e portanto grafa *si fanno*.

[40] O geral vestido de todos são panos de algodão que fazem na terra e outros que lhe vem da Índia, em que há muitos de seda com vivos de ouro, que valem até vinte cruzados cada um; e porém os tais veste a gente nobre e as mulheres.

Le generali vesti di tutti sono di panni bambagini che si fanno nel paese, e di altri che vengono dall'India; e ne sono molte vesti tessute con fili d'oro, che vagliono fino a venti ducati d'oro l'una, ma di queste non si vestono se non gli uomini e donne nobili.

R. traduz *algodão* com o adjectivo *bambagini*: *ba(/o)mbagia* alterna-se nas *Navigazioni* com a mesma frequência com *cottone*. Não se compreende por que razão o R. suprimiu o complemento de matéria *de seda*, que é substituído por um genérico *vesti*; no fim do período, também, reorganiza a expressão *gente nobre e as mulheres* em *uomini e donne nobili*.

[41] E Benomotapa, Rei da terra, posto que seja senhor de tudo e suas mulheres andem vestidas deles, em sua pessoa não há de pôr pano estrangeiro, senão feito na terra: temendo-se, por vir da mão de estrangeiros, que pode ser inficionado dalgua má cousa que lhe faça dano.

E Benomotapa re della terra, ancora che sia patrone di tutte e le sue mogli vadano vestite di quelle vesti piú ricche, la sua persona non ha da vestir panno forestiero, ma fatto nel paese, perché ha paura che, venendo da mano de forestieri, non fosse avenenato con qualche mala cosa che li faccia danno.

R. torna o período mais claro mediante a substituição do pronome *deles* pelo elemento referido, quer dizer as *vesti ricche*.

[42] Este príncipe a que chamamos Benomotapa

Questo principe che chiamiamo Benomotapa

ou Monomotapa, é como entre nós emperador, porque isto significa o seu nome acerca deles; o estado do qual não consiste em muitos aparatos, paramentos ou móvel do serviço de a sua pessoa, ca o maior ornamento que tem na casa são uns panos de algodão que se fazem na terra, de muitos labores, cada um dos quais será do tamanho de um dos nossos reposteiros e valerão de vinte até cinquenta cruzados.

o Monomotapa è come fra noi imperator, percioché questo significa il suo nome appresso di loro; lo stato del quale non consiste in molti apparati, tapezzaria o supellettile per servizio della sua persona, perché il maggior ornamento che abbi nella sua casa sono alcuni panni bombagini che si fanno nel paese con molti lavorieri, ciascuno delli quali sono da quattro braccia per quadro, e vagliono da venti fino a cinquanta ducati.

R. aqui quer garantir ao leitor uma compreensão imediata, e portanto substitui *do tamanho de um dos nossos reposteiros* com a arbitrária quantificação de *quattro braccia per quadro*.

[43] Serve-se em gijolhos e com salva, tomada não ante do que lhe dão, senão do resto que lhe fica.

Servesi inginocchioni e con farli la credenza, la qual si piglia non avanti di quello che gli danno a mangiare, ma dipoi di quello che resta.

Neste breve período R. não altera nada.

[44] E ao tempo que bebe e tosse, todolos que estão diante hão-de dar um brado com palavra de bem e louvor del-Rei, e onde quer que é ouvida corre de uns em outros, de maneira que todo o lugar sabe quando el-Rei bebe e tosse.

E al tempo che lui beve o tosse, tutti quanti che sono presenti danno un grido con qualche parola buona in laude del re, donde adviene che 'l grido corre da un luogo all'altro, di maniera che tutta la città sa quando il re beve o tosse.

R. modifica a perspectiva visual na descrição do *banquete*, onde segundo B. *a palavra corre de uns em outros*, e na tradução italiana fala-se dum grito que se propaga *da un luogo all'altro*.

[45] E por acatamento seu, diante dele ninguém escarra, e todos hão-de estar assentados, e, se alguma pessoa lhe fala em pé, são portugueses e os mouros e alguns seus a que ele dá isto por honra, e é a primeira; a segunda, que em sua casa se possa assentar a tal pessoa sobre um pano; e a terceira que tenha portas nos portais de sua casa que é já dinidade de grandes senhores.

E per reverenzia, essendo avanti di lui, nessuno si chiarisce la voce, e tutti sono obligati di star a sedere: e se alcuno li parla stando in piedi, sono Portoghesi e Mori, e alcuni suoi alli quali lui concede questo per onorificenzia. E il primo over il secondo di dignità che sia in casa sua può sedere sopra un panno, e il terzo che possi aver porte nell'uscio di casa: e questa è dignità di gran signori,

R. parece não ter bem compreendido o significado desta passagem, na qual B. argumenta como a máxima honra na corte é falar ao rei em pé, a segunda é sentar-se sobre um pano, a terceira maior honra é constituída pela autorização a ter portas nas suas habitações. R., pelo contrário, afirma que *il primo over il secondo di dignità che sia in casa sua può sedere sopra un panno*.

[46] Porque toda a outra gente não tem portas; e diz ele que as portas por temor dos malfeitores, e, pois ele é justiça, que os pequenos não tem que temer, e se as dá aos grandes, é por reverência de suas pessoas.

percioché tutti gli altri non hanno porte. E dice lui che le porte sono fatte per la paura di malfattori, e poscia che lui è giustizia, che li piccioli non deono aver paura d'alcuna cosa, e se lui concede porte alli grandi è per riverenza delle loro persone.

R. substitui a dupla negação *não se fizeram senão* pela oração afirmativa aspectual *sono fatte*.

[47] As casas, geralmente, são de madeira, da feição de coruchéus, muitos paus arrimados a um esteo, como pião de tenda, e per cima cobertos de sebe, barro e colmo ou cousa que espeça água per cima; e há ai casa destas, feita de paus tam grossos e compridos como um grande masto; e quanto maiores, maior honra.

Le case generalmente sono di legname, fatte a guisa di campanili, cioè molti legni posti appresso ad un pilone come un padiglione, e di sopra son coperte di sebe o terra o qualche altra cosa che sostegna l'acqua disopra. E vi è qualche casa di queste fatta di legni tanto grossi e lunghi come un grande arbore di nave, e quanto piú grandi sono, tanto è maggior onore.

R. traduz perfeitamente *coruchéus* em *campanili*, que embora tenha um sentido ligeiramente diferente, é palavra comum do vocabulário italiano e então facilmente compreensível.

[48] Tem este Benomotapa por estado música a seu modo, onde quer que está, até no campo, debaixo de ua árvore; e chocarreiros mais de quinhentos, com capitão deles, e estes a quartos vegiam por fora a casa onde ele dorme, falando e cantando graças, e no tempo da guerra também pelejam e fazem qualquer outro serviço.

Ha questo Benomotapa per grandezza una musica a suo modo, cioè che in ogni luogo dove lui sta, fin nella campagna sotto di un arbore, vi son buffoni piú di cinquecento col capitano loro, e questi vegghiano tutta la notte fuora della casa dove lui dorme, parlando e cantando cose da ridere, e nel tempo della guerra anco questi combattono e fanno qualche altro servizio.

R. utiliza aqui o verbo marcadamente florentino *vegghiare*, que tem várias outras ocorrências, e ao mesmo tempo nas *Navigazioni* preocupa-se com recuperar a raiz filológica *vegliare* nas vozes compostas, como *(ri)svegliare*. Pouco original é a maneira na qual traduz *grças*, ou seja com um claro mas um pouco ascético *cose da ridere*.

[49] As insígnias de seu estado real é ua enxada mui pequena com um cabo de marfim que traz sempre na cinta; per a qual denota paz e que todos cavem e aproveitem a terra, e outra insígnia é ua ou duas azagaias, per que denota justiça e defensão de seu povo.

Le insegne del suo stato reale è una zappa molto picciola con un manico d'avorio, che porta sempre alla cintura: per questa dinota pace, cioè che tutti zappino e acconcino la terra; e l'altra è uno o duoi dardi (cioè arme d'asta sottile), per li quali dinota giustizia e defensione del suo popolo.

Como revela Romanini⁴⁷, R. lembra-se constantemente de grafar toscanamente, em caso de prefixos, o -i-, mesmo em condições de atonia; *defensione* é repetida várias vezes, e é obviamente variante culta de *difesa*.

[50] Debaixo de seu senhorio tem grandes príncipes, alguns dos quais que comarcam com reinos alheos, às vezes se levantam contra ele; e por isso costuma ele trazer consigo os herdeiros dos tais.

Sotto del suo dominio vi son grandi principi, alcuni delli quali che avvicinando con regni alieni alle fiate ribellano contra lui, e perciò lui costuma menar seco gli eredi di costoro.

R. utiliza aqui a preposição pronominal sintética *seco*, que é comuníssima nas *Navigazioni*, como dr resto na prosa da época, e hoje já não existe.

[51] A terra é livre, sem lhe pagar mais tributo que levar-lhe presentes quando lhe vão falar; porque ninguém há-de ir diante doutro maior, que não leve alguma cousa na mão pera lhe oferecer, por sinal de obediência a cortesia.

La terra è libera, e non li pagano altro tributo che portarli qualche presente quando vanno a parlarli, percioché niuno va mai avanti di alcun altro che sia piú grande di lui che non porti qualche cosa in mano per offerirli, in segno di ubidienza e cortesia.

R. utiliza aqui *ubidienza*, que aparece várias vezes nas *Navigazioni* mas é também menos frequente do que a variante *geminada*.

[52] Tem ua maneira de serviço em lugar de tributo, que todolos continos de sua corte e os capitães da gente da guerra, cada um com todolos seus, em trinta dias lhe há-de dar sete de serviço em suas sementeiras ou em qualquer outra cousa; e os senhores a que dá alguma terra que comam com vassalos, tem deles o mesmo serviço.

Ha una maniera di servizio in vece di tributo, che tutti li gentiluomini continovi di sua corte e li capitani della gente di guerra, ciascuno con tutti li suoi, sono obligati ogni trenta giorni di donarli sette dí di servizio nel seminar e raccogliere over in qualche altra cosa; e li signori a chi lui dona qualche terra con vasalli per suo vivere sono obligati di farli il medesimo servizio.

⁴⁷ Romanini 2007, p. 262.

Não encontrámos aqui alterações interessantes.

[53] Alguas vezes, quando quere algum serviço, manda às minas onde se cava o ouro repartir ua ou duas vacas, segundo o número da gente, em sinal de amor, e por retribuição daquela visitação cada um deles dá um pequeno de ouro até quinhentos reais.

Alcuna volta, quando egli vuol qualche servizio, manda alle mine dove si cava l'oro a partir una o due vacche, secondo il numero delle genti che vi sono, in segno d'amore: e per retribuzione di quella visitazione ciascuno di loro gli dà un poco d'oro, di valuta fin a dieci lire di piccioli.

R. permuta a cifra em reais, quer dizer na moeda portuguesa, para uma indicação de peso, tratando-se duma informação mais estável.

[54] Também nas feiras, das mercadorias os mercadores lhe ordenam um tanto de serviço, mas não que contra algum se execute pena senão paga; somente não poder ir diante dele, Benomotapa, que entre eles é grande mal.

Ancora nelle fiere che si fanno i mercanti gli fanno certo presente, però se non lo pagano non si fa contra loro esecuzione; ma il mercante che non lo dà non può andar davanti di esso Benomotapa, il che fra loro è riputato gran male.

R. acrescenta *riputato* à relativa final, tornando-a numa oração passiva.

[55] Todolos casos da justiça, posto que haja oficiais dela, ele per sua própria pessoa há-de confirmar a sentença ou absolver a parte, se lhe parece o contrario; e não tem cadea, porque os casos logo são determinados naquele dia pelo alegar das partes e com testemunhas que cada um apresenta.

Tutti li casi della giustizia, ancora che vi siano altri giudici e ufficiali di quello, lui per la sua propria bocca ha da confirmar la sentenza, condannando over assolvendo la parte secondo che li pare. E non hanno prigioni, percioché li casi subito sono determinati in quel medesimo giorno che si fa la lite, per quello che le parti allegano e con li testimonii che ciascuno presenta.

R. aqui também adopta a ditologia sinonímica parecida com as que temos ilustrado, e em vez de *oficiais* propõe *giudici e ufficiali*: neste caso, o segundo elemento não retoma o étimo, mas sim se trata do seu imediato correspondente no TL.

[56] Quando não há testemunhas, se o réu quere que fique em seu juramento, é per este modo: pisam a casa de um certo pau, a qual moída lançam o pó dela na água que bebe; e se não arevessa, é salvo o réu, e arevessando, é condenado.

Quando non sono testimonii, se 'l reo vuol che si stia al suo sacramento, si fa in questo modo: tritano minutamente la scorza d'un certo legno, la qual cosí sminuzzata gettano in un vaso d'acqua, e il reo la bee, e se non vomita è assolto, e vomitando è condannato.

Como nota Romanini, “l’elisione è [...] molto frequente nella prosa ramusiana, ed è sempre segnalata dall’apostrofo”;⁴⁸ aqui temo-la entre a conjunção subordinativa *se* e o substantivo seguinte. R. decide acrescentar a referência ao *vaso* para tornar a sequência mais compreensível; similarmente ao caso da voz verbal de *dovere* ilustrada por Romanini,⁴⁹ e visível aqui no per. 62, aqui também em *bee* temos a queda do -v- radical intervocálico na terceira pessoa.

[57] E se o autor, quando o réu não arevessa, quere tomar a mesma beberagem e também não arevessa, ficam custas por custas e não se procede mais na demanda. E se l'attor, quando il reo non vomita, vuol pigliar il medesimo beberaggio e anco egli non vomita, restano spese per spese e non si procede piú nella lite.

R. passa da gíria sectorial judiciária de *demanda* a uma mais genérica e colorida referência às *zangas*.

[58] Se alguma pessoa lhe pede mercê, despacha per terceira pessoa, e este tal oficial serve como de apreçador do que há-de dar por a tal cousa; e às vezes se pede tanto por ela que não lhe aceitam a mercê, e não basta o que dá ao príncipe, mas ainda o terceiro leva sua parte. Se alcuna persona li domanda qualche grazia o mercede, l'espedisce per terza persona, la qual è come estimator del prezzo che gli ha da donar per la tal cosa; e alcuna volta si domanda tanto per essa che non accettano la grazia o mercede, e non basta quello che si dona al principe, ma ancora il terzo vuol la sua porzione.

Como no per. 55, *mercê* é traduzida mediante uma ditologia sinonímica onde o segundo elemento é o imediato correspondente do termo do SL no TL.

[59] Entre eles não há cavalos e por isso a guerra que Benomotapa faz é a pé, com estas armas: arcos de frechas, azagaias de arremesso, adagas, machadinhas de ferro que cortam mui bem. Fra loro non sono cavalli, e perciò la guerra che fa Benomotapa è a piede, con queste armi, cioè archi, frecce, dardi, daghette, securi di ferro che tagliano benissimo;

R. suprime o desnecessário elemento adnominal *de arremesso*; este período apresenta a única ocorrência de *secure*, apresentando senão o termo sempre a queda da vogal átona: aqui como em outros casos, a versão latinizante coincide com a véneta, pois este sistema de dialectos preservou as vogais átonas⁵⁰: temos portanto dificuldades em compreender qual das duas línguas foi a causa desta escolha minoritária.

⁴⁸ Ibidem, p. 265.

⁴⁹ Ibidem, p. 263.

⁵⁰ Tagliavini 1972, p. 405.

[60] E a gente que traz mais junto de si são mais de duzentos cães, ca diz ele que estes são mui leais servidores, assi na caça como na guerra.

e la gente ch'egli tiene piú appresso di sé sono da ducento cani, percioché dice che questi sono fidelissimi servitori, cosí nella caccia come nella guerra.

Não encontrámos aqui modificações dignas de interesse.

[61] Todo o esbulho que se toma nela se reparte pela gente, pelos capitães e per el-Rei; e cada um leva de sua casa o que há-de comer, ainda que o príncipe sempre lhe manda dar o gado que traz no seu arraial.

Tutto il bottino che si piglia nella guerra si divide fra la gente, li capitani e il re, e ciascuno porta seco di casa sua quello che ha da mangiar, ancora che il principe sempre li manda delle pecore o buoi che mena nello esercito.

R. traduz *gado* com a menção das duas espécies mais representativas (*pecore o buoi*); *arraial* è traduzido com *esercito*, e não com o mais fiel *acampamento*: tratando-se de duas ideias muito próximas, talvez o R. não conhecesse a diferença exacta, ou se achasse livre de cumprir esta leve mudança, que pode ser considerada uma metonímia.

[62] Quando caminha, onde houver de pousar lhe hão-de fazer de madeira ua casa nova, e nela há-de haver fogo sem ser apagado, ca dizem que na cinza lhe podem fazer alguns feitiços em dano de sua pessoa.

Quando cammina, dove dee alloggiar li fanno una casa nuova di legnami, e in quella vi debbe esser di continuo fuoco acceso, senza che sia estinto, perché dicono che nella cenere si possono fare alcuni maleficii in danno della sua persona.

R., seguindo o princípio retórico da *variatio*, alterna no mesmo período os dois alomorfos *dee* e *debbe*; se B. utiliza duas vezes a perífrase *haver de*, R., para evitar uma desnecessária repetição, não considera a primeira ocorrência.

[63] E enquanto anda na guerra, não lavam mãos nem rosto por maneira de dó, té não haverem vitória de seus imigos.

Nel tempo che vanno in guerra non si lavano mai le mani né il volto, per mostrar dolor, fin che non abbino vittoria contra li suoi nimici,

Não encontrámos aqui modificações dignas de interesse.

[64] Nem menos levam lá as mulheres, sendo elas tam queridas e veneradas deles, que qualquer mulher que for

né manco conducono le sue mogli alla guerra, ancor che siano cosí ben volute e onorate da loro che, se una

per um caminho, se com ela topar o filho do Rei, há-lhe de dar lugar por onde passe e ele estar quedo.

moglie di uno va per una strada, e per la medesima passa il figliuolo del re, egli è obligato di darli luogo dove la passa, e lui di fermarsi.

R., antes do pronome *lá*, recupera o sintagma subentendido; em vez do adjectivo *quedo*, escolhe uma estrutura puramente verbal (*fermarsí*).

[65] Benomotapa das portas a dentro tem mais de mil mulheres, filhas de senhores, porém a primeira é senhora de todas, posto que seja a mais baixa em linhagem, e o filho primeiro desta é herdeiro do reino.

Benomotapa dentro delle porte della sua casa tiene piú di mille donne, figliuole di signori, ma vuole che la prima sia signora di tutte l'altre, ancora ch'ella sia piú bassa di generazione, e il primo figliuolo di questa è erede del regno.

R. opera pequenas alterações: acrescenta a menção, implícita em B., à *sua casa*, e substitui o descritivo *é* pelo modal *vuole*.

[66] E quando vem no tempo das sementeiras e recolher as novidades, a Rainha vai ao campo com elas, aproveitar sua fazenda, e tem isto por grande honra.

E quando vien il tempo del seminare overo del raccogliere le biade, la regina va al campo con l'altre donne a proveder a tutte le faccende, e hanno questo per grande onore.

R. traduz erradamente *fazenda* com *faccende*, pois este signo indica aqui as extensões agrícolas e não os afazeres da Rainha.

[67] Muitos outros costumes estranhos a nós tem esta gente, os quais em alguma maneira parecem que seguem razão de boa polícia, segundo a barbaria deles; os quais leixamos, porque já nestes estendemos a pena fora dos limites da história.

Molti altri costumi ha questa gente diversi da' nostri, li quali in alcun modo non pare che si convenghino con la ragione della civiltà, secondo la loro barbarie. E vogliamo lassarli, perché in questi ci siamo tanto dilatati che abbiamo passato i termini della istoria.

R. modifica também a mensagem (mas não a ideia de fundo) do período; B. de facto afirma que estes povos, embora bárbaros, têm maneiras que podem ser consideradas educadas. R., pelo contrario, relata como os seus costumes não se encaixam com o ínfimo nível de complexidade cívico-social, sendo eles simplesmente bárbaros. Achamos interessante notar como R. não omite a relativa final, mesmo tratando-se duma típica alocação barrosiana: R. decide mantê-la, atribuindo-lhe nesta maneira

a função de conclusão; nesta relativa cumpre algumas pequenas alterações, como a adição do modal *vogliamo* e do predicado *abbiamo passato*, o qual substitui uma construção nominal.

[68] Portanto entraremos na relação do modo que os mouros tiveram de vir povoar naquela parte, e o mais que Pero de Anhaia fez e passou.

A presente antecipação foi obviamente suprimida: este é de facto o último capítulo da *Ásia* inserido nas *Navigazioni*.

NOTA BIBLIOGRÁFICA

FONTES

1. J. de Barros, *Décadas da Ásia*

Enumeramos todas as edições da *Ásia* de que tivemos conhecimento; precisamos que nos baseámos na edição crítica de Cidade (1945-46) para o nosso trabalho de análise, e que, como afirmamos na nota prévia, tiramos o texto do ficheiro eletrónico (1998), que repropõe o texto por ele estabelecido. Na primeira parte do nosso trabalho citamos exclusivamente a edição do século XVIII, por esta incluir o interessante prefácio de Faria. Todas as outras edições não foram por nós consultadas; porém, consideramos útil mencioná-las.

Editiones Principes

Década I da Ásia • *Asia de Joam de Barros, dos factos que os Portugueses fizeram no descobrimento e conquista dos mares e terras do Oriente*, Lyxboa: por Germão Galharde, 1552.

Década II da Ásia • *Segunda Decada da Asia de João de Barros, dos feytos que os Portugueses fizeram no descobrimento e conquista dos mares e terras do Oriente*, Lyxboa: por Germão Galharde, 1553.

Década III da Ásia • *Terceira Decada da Asia de loam de Barros: Dos feytos que os Portugueses fizeram no descobrimento e conquista dos mares e terras do Oriente*, Lisboa: por loam de Barreira, 1563.

Edições sucessivas

1628 • *Primeira [sed etiam Segunda e Terceira] Decada da Asia de João de Barros, dos feitos que os Portugueses fezerão no descobrimento e conquista dos mares e terras do Oriente*, Lisboa:

per Jorge Rodriguez aa custa de Antonio Gonçalvez mercador de livros, 1628 [Inclui também a *Década IV* de Diogo do Couto e João Baptista Lavanha].

1777 - 1788 • *Da Asia de João de Barros, dos feitos que os Portuguezes fizeram no descobrimento, e conquista dos mares, e terras do Oriente*, Lisboa: Regia Officina Typografica, 1777-88 [Inclui também a *Década IV* de Diogo do Couto e João Baptista Lavanha].

Edições modernas

1945 • *Décadas. Selecção, prefácio e notas por António Baião*, Lisboa: Livraria Sá da Costa, 1945.

1945 - 1946 • *Ásia de João de Barros: dos feitos que os portugueses fizeram no descobrimento e conquista dos mares e terras do Oriente*, 6ª edição, actualizada na ortografia e anotada por Hernâni Cidade e com notas históricas finais por Manuel Múrias, Lisboa: Agência Geral das Colónias, 1945-1946 [Inclui também a *Década IV* de Diogo do Couto e João Baptista Lavanha].

1998 • *Décadas da Ásia*, edição por Anabela Mourato, Nuno Camarinhas e Rita Garnel, Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses, 1998.

Facsimiles

1973 • *Da Asia de João de Barros, dos feitos que os Portuguezes fizeram no descobrimento, e conquista dos mares, e terras do Oriente*, Lisboa: Livraria Sam Carlos, 1973 [facsimile da edição Lisboa: Regia Officina Typografica, 1777-88].

1988 - 2001 • *Ásia de João de Barros: dos feitos que os portugueses fizeram no descobrimento e conquista dos mares e terras do Oriente*, Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1988 - 2001 [facsimile das *editiones principes*].

2. G.B. Ramusio, *Navigazioni e Viaggi*

No âmbito das edições antigas, mencionamos unicamente as *editiones principes* dos três volumes, a excepção da segunda edição do volume I, a edição que mais nos interessa por publicar pela

primeira vez o capítulo *Dall'Asia del signor Giovan de Barros*. Não negamos de estar profundamente devidores à única edição crítica moderna, e sobretudo ao seu rico aparato crítico, da autoria de Marica Milanesi.

Editiones Principes

Editio princeps do volume I: *Primo volume delle nauigationi et viaggi nel qual si contiene la descrittione dell'Africa, et del paese del Prete Ianni, con uarii uiaggi, ... Li nomi de gli auttori, et le nauigationi, et i viaggi piu particolarmente si mostrano nel foglio seguente*, In Venetia: appresso gli heredi di Lucantonio Giunti, 1550.

Segunda edição do volume I: *Primo volume, & seconda editione delle Nauigationi et viaggi in molti luoghi corretta, et ampliata, nella quale si contengono la Descrittione dell'Africa, & del paese del Prete Ianni ... Aggiuntoui di nuouo la Relation dell'isola Giapan et alcuni capitoli ... estratti dell'Historia del s. Giouan di Barros portoghese ... Tre tauole di geographia in disegno ... Un'indice molto copioso*, In Venetia: nella stamperia de Giunti, 1554.

Editio princeps do volume II: *Secondo volume delle navigationi et viaggi nel quale si contengono l'istoria delle cose de Tartari, & diuersi fatti de loro imperatori, descritta da m. Marco Polo gentilhuomo venetiano, & da Hayton Armeno. Varie descrittioni di diuersi, dell'Indie Orientali, della Tartaria ... Con l'indice diligentemente ordinato, delle cose piu notabili*, In Venetia: nella stamperia de Giunti, 1559.

Editio princeps do volume III: *Terzo volume delle nauigationi et viaggi nel quale si contengono le nauigationi al mondo nuouo ... Si come dimostrano le diuerse relationi, tradotte di lingua spagnuola & francese nella nostra, & raccolte in questo volume. con tauole di geographia ... Et figure diuerse ... Et con l'Indice*, In Venetia: nella stamperia de Giunti, 1556.

Edição moderna

1978 - 1988 • *Navigazioni e viaggi*, edição por Marica Milanesi, Torino: Einaudi, 1978-88.

Facsimile

1967-1970 • *Navigazioni et viaggi: Venice 1563-1606. With an introduction by R. A. Skelton and an analysis of the contents by George B. Parks*, Amsterdam: Theatrum orbis terrarum, 1967-1970.

3. J. de Barros (autor) e A. de Ulloa (tradutor), *L' Asia*

1562 • *L' Asia del s. Giouanni di Barros, consigliere del christianissimo Re di Portogallo: de' fatti de' Portoghesi nello scoprimento, & conquista de' mari & terre di Oriente. Nella quale oltre le cose appartenenti alla militia, si ha piena cognitione di tutte le citta, monti e fiumi delle parti orientali, con la descrizione de' paesi et costumi di quei popoli. Nuovamente in lingua portoghese tradotta dal S. Alfonso Ulloa*, Venetia: Appresso Vincenzo Valgrisio, 1562.

ABREVIACÕES UTILIZADAS

1. Dicionários

DLPC • Academia das Ciências de Lisboa, *Dicionário da lingua portuguesa contemporânea*, Lisboa, 2001.

GDLI • BATTAGLIA, Salvatore et BÁRBERI SQUAROTTI, Giorgio, *Grande dizionario della lingua italiana*, Torino, 1961-2002.

2. Obras

Crónica • BARROS, João de, *Chronica do Emperador Clarimundo, donde os Reys de Portugal descendem, tirada de linguagem ungara por João de Barros: e agora novamente accrescentada com a vida deste Escritor por Manuel Severim de Faria*, Lisboa: Na Officina de

Francisco da Sylva, 1742. Reprodução fotográfica disponível no web ao endereço <http://purl.pt/6277/4>.

Décadas • BARROS, João de, *Da Asia de João de Barros, dos feitos que os Portuguezes fizeram no descobrimento, e conquista dos mares, e terras do Oriente*, Lisboa: Regia Officina Typografica, 1777-88 [Inclui também a *Década IV* de Diogo do Couto e João Baptista Lavanha].

No apêndice, pelo contrário,

Décadas • Idem, *Ásia de João de Barros: dos feitos que os portugueses fizeram no descobrimento e conquista dos mares e terras do Oriente; actualizada na ortografia e anotada por Hernâni Cidade e com notas históricas finais por Manuel Múrias*, 6ª edição, Lisboa: Agência Geral das Colónias, 1945-1946 [Inclui também a *Década IV* de Diogo do Couto e João Baptista Lavanha].

Diálogo • BARROS, João de, *Diálogo em louvor da nossa linguagem. Lettura critica dell'edizione del 1540 con una introduzione sulla questione della lingua in Portogallo di Luciana Stegagno Picchio*, Modena, 1959.

Navigazioni • RAMUSIO, Giovanni Battista, *Navigazioni e viaggi*, edição por Marica Milanese, Torino, 1978-88.

Nócias • FARIA, Manuel Severim de, *Noticias de Portugal : offerecidas a El Rey N.S. Dom João o IV. Por Manoel Severim de Faria : declaase as grandes commodidades que tem para crescer em gente, industria, comercio, riquezas, & forças militares por már, 6 terra : as origens de todos os appellidos, & as armas das familias nobres do Reyno : as Moedas que corrẽão nesta Provincia do tempo dos Romanos atè o presente : e se referem varios Elogios de Principes, & Varoens Illustres Portugueses*, Lisboa: na Officina Craesbeeckiana, 1655.

Panegíricos • BARROS, João de, *Panegíricos: panegírico de D. João III e da Infanta D. Maria*. Com prefácio e notas de Manuel Rodrigues Lapa, Lisboa, 1943.

Ropicapnefma • BARROS, João de, *Ropica Pnefma*. Leitura modernizada, notas e estudo de I. S. Révah, Lisboa, 1952-55.

BIBLIOGRAFIA

- Andrade 1980 • BANHA DE ANDRADE, António Alberto, *João de Barros: historiador do pensamento humanista português de Quinhentos*, Lisboa, 1980.
- Arróniz 1968 • ARRÓNIZ, Othón, “Alfonso de Ulloa, servidor de don Juan Hurtado de Mendoza” in *Bulletin hispanique*, LXX (1968), pp. 437-457.
- Baião 1917 • BAIÃO, António, *Documentos inéditos sobre João de Barros: Sobre o escritor seu homónimo contemporâneo, sobre a família do historiador e sobre os continuadores das suas Décadas*, Coimbra, 1917.
- Baião 1945 • BAIÃO, António, “Prefácio” in BARROS, João de, *Décadas. Selecção prefácio e notas de António Baião*, volume I, Lisboa, 1945, pp. IX - LXXV
- Bastos et Casagrande 2006 • BARBOSA BASTOS, Neusa et DOS SANTOS CASAGRANDE, Nancy, “Gramática da Língua portuguesa: no caminho da Lusofonia” in *Língua portuguesa: reflexões lusófonas*, São Paulo, 2006 (actas do Congresso internacional de lusofonia organizado por Neusa Barbosa Bastos).
- Biscetti 1985 • BISCETTI, Rita, “Portogallo e Portoghesi nelle Due Lettere di Andrea Corsali a Giuliano a a Lorenzo de' Medici incluse nelle 'Navigazioni' di G. B. Ramusio” in *Revista da Universidade de Coimbra*, XXXII (1985), pp. 79 - 87. Consultado no web ao endereço <http://actd.iict.pt/eserv/actd:SEPV157/n157.pdf>.
- Coelho 1992 • BORGES COELHO, António, *Tudo e mercadoria : sobre o percurso e a obra de João de Barros*, Lisboa, 1992.
- Del Piero 1902 • DEL PIERO, Antonio, *Della vita e degli studi di Gio. Battista Ramusio*, Venezia, 1902.
- Eco 2003 • ECO, Umberto, *Dire quasi la stessa cosa. Esperienze di traduzione*, Milano, 2003.

- Gallina 1955 • GALLINA, Anna Maria, "Un intermediario fra la cultura italiana e spagnola nel secolo XVI: Alfonso de Ulloa" in *Quaderni ibero-america*, XVII (Junho 1955), pp. 4-12.
- Lanciani 2006 • LANCIANI, Giulia, "Lusismi nelle traduzioni italiane di cronache portoghesi di viaggio" in *Morfologie del viaggio. L'avventura marittima portoghese*, Milano, 2006, pp. 183 - 195.
- Marques dos Santos 1996 • MARQUES DOS SANTOS, Eugénia Maria, *Da história à épica na Ásia de João de Barros*, dissertação de mestrado sob a orientação do Sr. Prof. Doutor Aníbal Pinto de Castro, edição policopiada, Coimbra, 1996.
- Milanesi 1984 • MILANESI, Marica, *Tolomeo sostituito. Studi di storia delle conoscenze geografiche nel XVI secolo*, Milano, 1984.
- Milanesi 1994 • MILANESI, Marica, "Giovanni Battista Ramusio e le 'Navigazioni e viaggi' " in ZORZI, Renzo (ed.), *L'epopea delle scoperte*, Firenze, 1994.
- Newmark 1981 • NEWMARK, Peter, *La traduzione: problemi e metodi*, Milano, 1988. Tradução por Flavia Frangini de *Approaches to translation*, Oxford, 1981.
- Osimo 2004 • OSIMO, Bruno, *Manuale del traduttore*, Milano, 2004.
- Parks 1955a • PARKS, George Bruner, "The Contents and Sources of Ramusio's *Navigazioni*", in *Bulletin of the New York Public Library*, LIX (1955), pp. 279-313.
- Parks 1955b • PARKS, George Bruner, "Ramusio's Literary History" in *Studies in Philology*, LII (1955), pp. 127-148.
- Peloso 1985 • PELOSO, Silvano, "Giovanni Battista Ramusio e as cartas do pseudo-Vespúcio: os descobrimentos portugueses entre mito e realidade" in *Revista da Universidade de Coimbra*, XXXII (1985), pp. 89 - 96. Consultado no web ao endereço <http://actd.iict.pt/eserv/actd:SEPV158/n158.pdf>.
- Révah 1952 • RÉVAH, Israël S., "Le colloque Ropicapnefma de João de Barros," in *Bulletin hispanique*, LIV (1952), pp. 572-92.

- Romanini 2007 • ROMANINI, Fabio, «*Se fussero più ordinate, e meglio scritte...*». *Giovanni Battista Ramusio correttore ed editore delle Navigazioni e viaggi*, Roma, 2007.
- Rumeu 1973 • RUMEU DE ARMAS, Antonio, *Alfonso de Ulloa, introductor de la cultura española en Italia*, Madrid, 1973.
- Saraiva et Lopes 1986 • SARAIVA, António José et LOPES, Óscar, *História da literatura portuguesa*, 5ª edição, Lisboa, 1986.
- Serrão 1962 • SERRÃO, Joaquim Veríssimo, *História breve da historiografia portuguesa*, Lisboa, 1962.
- Serrão 1979-1980 • SERRÃO, Joaquim Veríssimo, *História de Portugal*, Lisboa, 1979-1980.
- Silva 2003 • PALMINHA SILVA, Joaquim, *Manuel Severim de Faria*, Évora, 2003.
- Sousa et alii 2007 • SOUSA, Jorge Pedro (Coord.); PINTO, Mário; SILVA, Gabriel; SILVA, Nair; DELICATO, Mônica, *As Relações de Manuel Severim de Faria e a Génese do Jornalismo Lusófono*, Porto, 2007.
- Rohlf s 1966-69 • ROHLFS, Gerhard, *Grammatica storica della lingua italiana e dei suoi dialetti*, Torino, 1966-69.
- Stegagno Picchio 1985 • STEGAGNO PICCHIO, Luciana, “Portugal e Portugueses no livro das ‘Navigazioni’ de G.B. Ramusio”, in *Revista da Universidade de Coimbra*, vol. XXXII (1985), pp. 9 - 25. Consultado no web ao endereço <http://actd.iict.pt/eserv/actd:SEPV152/n152.pdf>.
- Stegagno Picchio 1993 • STEGAGNO PICCHIO, Luciana, “*Navigazioni e Viaggi* di Giovanni Battista Ramusio” in ASOR ROSA, Alberto (ed.), *Letteratura italiana Einaudi. Le Opere. II. Dal Cinquecento al Settecento*, Torino, 1993, pp. 479-515.
- Tagliavini 1972 • TAGLIAVINI, Carlo, *Le origini delle lingue neolatine: introduzione alla filologia romanza*, 6ª edição, Bologna, 1972.

Talmage 1981 • TALMAGE, Frank “To Sabbatize in Peace: Jews and New Christians in Sixteenth-Century Portuguese Polemics” in *The Harvard Theological Review*, LXXIV (Julho 1981), pp. 265-285.

Veneri *no prelo* • VENERI, Toni, “Giovanni Battista Ramusio, molto più di uno spettatore. Le quinte delle *Navigazioni et viaggi*” in *Italica*, no prelo. Citado sob autorização do autor.

Os documentos disponíveis na web foram consultados pela última vez no dia 18 de Setembro de 2011.